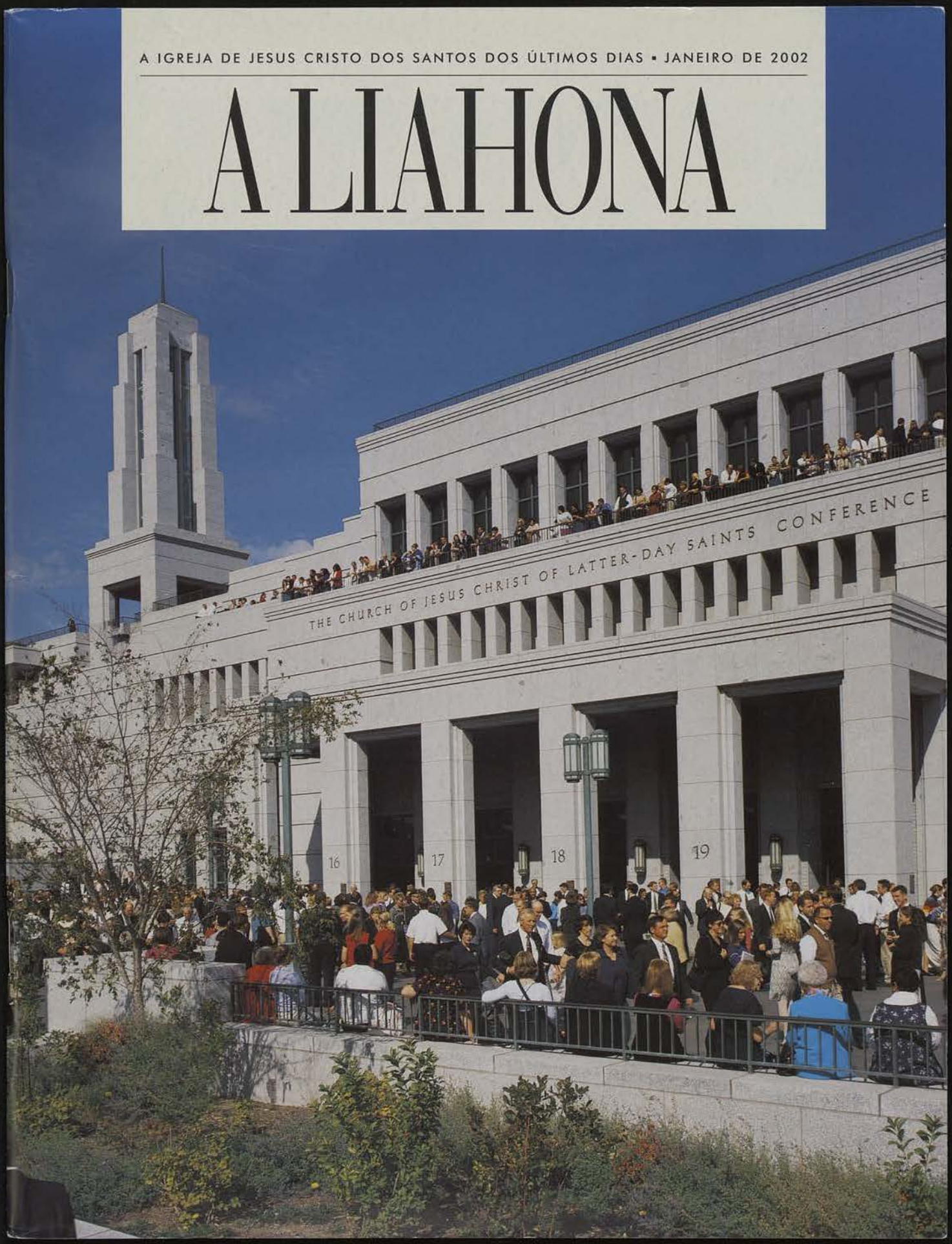
A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • JANEIRO DE 2002

A LIAHONA



***Jerusalém Vista do Monte das Oliveiras*, de Max Gestal**

A cidade de Jerusalém na antiguidade, vista do Monte das Oliveiras através do vale de Kidron, espera pacificamente os viajantes fatigados.

Relatório da 171ª Conferência Geral Semestral de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

Sermões e trâmites dos dias 6 e 7 de outubro de 2001 no Centro de Conferências em Salt Lake City, Utah

"Não preciso lembrá-los de que vivemos em tempos perigosos", disse o Presidente Gordon B. Hinckley na manhã de domingo, 7 de outubro de 2001. "Mas não quero ser alarmista. Não quero ser um mensageiro de desgraças. Estou otimista. Não creio que tenhamos chegado ao dia das calamidades finais que um dia assolarão a Terra. Oro sinceramente para que não seja assim. Há muito ainda a ser feito na obra do Senhor. Nós, assim como nossos filhos que nos sucederão, precisamos realizá-la."

Ele acrescentou: "Mas não há razão para temer. Podemos ter paz em nosso coração e paz em nosso lar. Podemos ser uma influência para o bem neste mundo, cada um de nós pode".

Em seu discurso da tarde de domingo, o Presidente Hinckley disse: "Hoje, neste momento, defrontamo-nos com problemas especiais, graves e destruidores, difíceis e de grande preocupação para todos nós. Certamente precisamos do Senhor". (...) "Nossa segurança repousa na virtude de nossa vida. Nossa força reside em nossa retidão. Deus deixou bem claro que se não O abandonarmos, Ele não nos abandonará."

Ao encerrar a conferência, o Presidente Hinckley orou para que o Senhor "abençoasse a causa da paz e a trouxesse rapidamente de volta para nós".

Uma inscrição no Templo de Salt Lake identifica-o como a Casa do Senhor.

As sessões da conferência geral foram dirigidas pelo Presidente Gordon B. Hinckley, pelo Presidente Thomas S. Monson, Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência, e pelo Presidente James E. Faust, Segundo Conselheiro.

As medidas administrativas tomadas durante a sessão da tarde de sábado diziam respeito aos Quóruns dos Setenta e à presidência da Escola Dominical e a dos Rapazes; cinco membros do Primeiro Quórum dos Setenta foram desobrigados e receberam o título de membros eméritos; quatro membros do Segundo Quórum dos Setenta foram desobrigados; 24 Setentas-Autoridades de Área foram desobrigados e 3 novos Setentas-Autoridades de Área foram chamados; e a presidência da Escola Dominical e a dos Rapazes foi reorganizada. (Ver nesta mesma edição, página 126.)

As sessões da conferência foram transmitidas via satélite para diversas sedes de estaca nos Estados Unidos e Canadá, Caribe, México e América Central, 10 países da América do Sul, Reino Unido e Irlanda, 19 outros países europeus e para a África do Sul. As sessões gerais foram transmitidas via satélite para cerca de 1.500 sistemas de televisão a cabo e para estações de televisão e rádio nos Estados Unidos e Canadá em canais abertos. A conferência também foi levada ao ar pelo canal de televisão da BYU (BYUTV) na *Dish Network*. As sessões gerais da conferência foram transmitidas ao vivo pela Internet, no **www.lds.org/broadcast**, em 38 idiomas. As fitas de vídeo das sessões da conferência foram colocadas à disposição nas áreas da Igreja onde não houve transmissão. — **Os Editores**

Janeiro de 2002, Vol. 55, Nº 1
A LIAHONA, 22981 059
Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.
A Primeira Presidência: Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson, James E. Faust
Quórum dos Doze: Boyd K. Packer, L. Tom Perry, David B. Haight, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott, Robert D. Hales, Jeffrey R. Holland, Henry B. Eyring
Editor: Marlin K. Jensen
Consultores: F. Enzio Busche, John M. Madsen, Alexander B. Morrison
Administradores do Departamento de Currículo:
Diretor Gerente: Ronald L. Knighton
Diretor de Planejamento e Editorial: Richard M. Romney
Diretor Gráfico: Allan R. Loyborg
Equipe Editorial:
Editor Gerente: Marvin K. Gardner
Editor Gerente Assistente: R. Val Johnson
Editor Adjunto: Roger Terry
Editor Assistente: Jenifer Greenwood
Coordenadora Editorial e de Produção: Beth Dayley
Assistente de Publicações: Konnie Shakespear
Equipe de Diagramação:
Gerente Gráfico da Revista: M. M. Kawasaki
Diretor de Arte: Scott Van Kampen
Diagramador Sênior: Sharri Cook
Diagramador: Thomas S. Child, Todd R. Peterson
Gerente de Produção: Jane Ann Peters
Produção: Reginald J. Christensen, Kari A. Couch, Denise Kirby, Deena L. Sorenson, Claudia E. Warner
Pré-Impressão Digital: Jeff Martin
Equipe de Assinaturas:
Diretor: Kay W. Briggs
Gerente de Circulação: Kris Christensen
Gerente: Joyce Hansen
A Liahona:
Diretor Responsável e Produção Gráfica: Dario Mingorance
Editor: Luiz Alberto A. Silva (Reg. 17.605)
Tradução e Notícias Locais: Wilson R. Gomes
Assinaturas: Cezare Malaspina Jr.
© 2001 por Intellectual Reserve, Inc. Todos os direitos reservados. Impressa no Brasil.
REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.
"A Liahona"—© 1977 de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº4857, de 9-11-1930.
Impressa no Brasil por ULTRAPRINT Impressora Ltda. - Rua Achilles Orlando Curtolo, 597/617 - Barra Funda - São Paulo - SP - 01144-000.
ASSINATURAS: Toda correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada a: Departamento de Assinaturas de A Liahona Caixa Postal 26023, CEP 05599-970 – São Paulo, SP. Preço da assinatura anual para o Brasil: R$ 18,00. Preço do exemplar em nossa agência: R$ 1,80. Para Portugal – Centro de Distribuição Portugal, Rua Ferreira de Castro, 10 – Miratejo, 2800 – Almada. Assinatura Anual: 1.300$00. Para o exterior: Exemplar avulso: US$ 3.00; Assinatura: US$ 30.00. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o endereço antigo e o novo.
Envie manuscritos e perguntas para: International Magazine, 50 East North Temple, Salt Lake City, UT 84150-3223, USA. Ou envie um e-mail para: CUR-Liahona-IMag@ldschurch.org
A "Liahona" (um termo do Livro de Mórmon que significa "bússola" ou "orientador") é publicada em albanês, alemão, armênio, búlgaro, cebuano, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, estoniano, fijiano, finlandês, francês, haitiano, hiligaynon, húngaro, holandês, ilokano, indonésio, inglês, islandês, italiano, japonês, letão, lituano, malaio, malgaxe, mongol, norueguês, polonês, português, quiribati, romeno, russo, samoano, sueco, tagalo, tailandês, taitiano, tcheco, tonganês, ucraniano e vietnamita.
(A periodicidade varia de uma língua para outra.)

ÍNDICE POR ASSUNTO

Adversidade 4, 27, 106
Amor 7, 40, 68, 77, 94, 96, 112, 115
Arrependimento 19
Ativação 57
Autoconfiança 83
Autodomínio 90, 96
Caráter 96
Castidade 90
Compromisso 53
Conhecimento 35
Dever 43, 47, 57
Dízimo 37, 83
Ensino 80
Esperança 4, 19
Espírito Santo 10, 100
Estudo das Escrituras 16, 71, 87
Exemplo 75, 109
Expiação 19, 33
Fé 10, 16, 24, 31, 94, 104, 106
Felicidade 33, 49
Feminilidade 13
Fundo Perpétuo de Educação 60
Gratidão 37, 49
Humildade 16, 53
Inclusão 40, 75
Integração 7
Jesus Cristo 19, 31, 68, 80, 109
Juventude 43, 47, 77
Liderança 77, 112
Livro de Mórmon 71
Morte 68
Murmurar 98
Obediência 31, 83, 98
Oração 16, 87, 100, 104
Pais 77, 80, 106, 109, 112, 115
Paz 83
Perdão 19
Perfeição 27
Perseverança 27
Pioneiros 49
Plano de Salvação 33
Prioridades 35, 106
Profanidade 75
Profetas 24, 98
Próximo 40, 75, 94
Recato 75
Relações Familiares 80, 96, 109
Ressurreição 19, 68
Sacerdócio 13, 51, 57, 60
Sacerdócio Aarônico 43, 47
Serviço 16, 51, 53, 57, 68, 94, 115
Testemunho 100
Trabalho Missionário 7, 87
União 10, 13, 40, 83
Verdade 115

Lista de Oradores em Ordem Alfabética

Ballard, M. Russell 40
Burton, H. David 75
Clayton, L. Whitney 31
Dew, Sheri L. 13, 112
Didier, Charles 10
Eyring, Henry B. 16
Faust, James E. 19, 23, 53
Golden, Christoffel, Jr. 33
González, Walter F. 35
Haight, David B. 24
Hales, Robert D. 43
Hilbig, Keith K. 51
Hinckley, Gordon B. 4, 60, 83, 104
Holland, Jeffrey R. 37
Jensen, Virginia U. 109
Larsen, Sharon G. 77
Maxwell, Neal A. 90
Monson, Thomas S. 57, 68, 115
Nelson, Russell M. 80
Oaks, Dallin H. 7
Orton, Robert F. 94
Packer, Boyd K. 71
Perry, L. Tom 87
Peterson, Wayne S. 96
Samuelson, Cecil O., Jr. 47
Scott, Richard G. 100
Smoot, Mary Ellen W. 106
Snow, Steven E. 49
Wirthlin, Joseph B. 27
Workman, H. Ross 98

Mestres Familiares e Professoras Visitantes: Não há mensagens designadas para o Ensino Familiar ou como Mensagem das Professoras Visitantes nas edições de conferência geral de *A Liahona*. Depois de considerar, em espírito de oração, as necessidades dos membros que visitam, os mestres familiares e as professoras visitantes devem escolher um dos discursos da conferência geral como mensagem.

Capa: Fotografia de John Luke.

Fotografias da Conferência: As fotografias foram tiradas por Craig Dimond, Welden Andersen, John Luke, Jed Clark, Matt Reier, Kelly Larsen, Tamra Ratieta, Ellie Carter, Mark Hedengren e Robert Casey.

Discursos da Conferência na Internet: Para acessar os discursos da conferência geral em diversos idiomas, na Internet, visite o web site oficial da Igreja: **www.lds.org.**

SUMÁRIO

1 RELATÓRIO DA 171ª CONFERÊNCIA GERAL SEMESTRAL DE A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS

SESSÃO DA MANHÃ DE SÁBADO

4 VIVER NA PLENITUDE DOS TEMPOS
PRESIDENTE GORDON B. HINCKLEY

7 COMPARTILHAR O EVANGELHO
ÉLDER DALLIN H. OAKS

10 CONSTRUIR UMA PONTE DE FÉ
ÉLDER CHARLES DIDIER

13 NÃO É BOM QUE O HOMEM OU A MULHER ESTEJA SÓ
SHERI L. DEW

16 A ORAÇÃO
ÉLDER HENRY B. EYRING

19 A EXPIAÇÃO: NOSSA MAIOR ESPERANÇA
PRESIDENTE JAMES E. FAUST

SESSÃO DA TARDE DE SÁBADO

23 APOIO AOS LÍDERES DA IGREJA
PRESIDENTE JAMES E. FAUST

24 A FÉ QUE POSSUEM OS NOSSOS PROFETAS
ÉLDER DAVID B. HAIGHT

27 UM PASSO DE CADA VEZ
ÉLDER JOSEPH B. WIRTHLIN

31 "AJUDA A MINHA INCREDULIDADE"
ÉLDER L. WHITNEY CLAYTON

33 O PLANO DE NOSSO PAI
ÉLDER CHRISTOFFEL GOLDEN JR.

35 GRAVAR OS PRINCÍPIOS DO EVANGELHO EM NOSSO CORAÇÃO ÉLDER WALTER F. GONZÁLEZ

37 "COMO UM JARDIM REGADO"
ÉLDER JEFFREY R. HOLLAND

40 A DOUTRINA DA INCLUSÃO
ÉLDER M. RUSSELL BALLARD

SESSÃO DO SACERDÓCIO

43 CUMPRIR NOSSO DEVER PARA COM DEUS
ÉLDER ROBERT D. HALES

47 NOSSO DEVER PARA COM DEUS
ÉLDER CECIL O. SAMUELSON JR.

49 GRATIDÃO
ÉLDER STEVEN E. SNOW

51 CRIAR OU MANTER OS ELOS DO SACERDÓCIO
ÉLDER KEITH K. HILBIG

53 "ALGUMA GRANDE COISA"
PRESIDENTE JAMES E. FAUST

57 O DEVER CHAMA
PRESIDENTE THOMAS S. MONSON

60 ESTENDER A MÃO PARA ERGUER OUTRA PESSOA
PRESIDENTE GORDON B. HINCKLEY

SESSÃO DA MANHÃ DE DOMINGO

68 AGORA É O TEMPO
PRESIDENTE THOMAS S. MONSON

71 O LIVRO DE MÓRMON: OUTRO TESTAMENTO DE JESUS CRISTO PRESIDENTE BOYD K. PACKER

75 SEJA GRANDE
BISPO H. DAVID BURTON

77 "NÃO TEMAS; PORQUE MAIS SÃO OS QUE ESTÃO CONOSCO" SHARON G. LARSEN

80 "PONHA EM ORDEM SUA CASA"
ÉLDER RUSSELL M. NELSON

83 OS TEMPOS EM QUE VIVEMOS
PRESIDENTE GORDON B. HINCKLEY

SESSÃO DA TARDE DE DOMINGO

87 O EX-MISSIONÁRIO
ÉLDER L. TOM PERRY

90 O SÉTIMO MANDAMENTO: UM ESCUDO
ÉLDER NEAL A. MAXWELL

94 "O PRIMEIRO E GRANDE MANDAMENTO"
ÉLDER ROBERT F. ORTON

96 NOSSAS AÇÕES DETERMINAM NOSSO CARÁTER
ÉLDER WAYNE S. PETERSON

98 ACAUTELEM-SE DOS MURMÚRIOS
ÉLDER H. ROSS WORKMAN

100 O PODER DE UM FORTE TESTEMUNHO
ÉLDER RICHARD G. SCOTT

104 ATÉ QUE NOS ENCONTREMOS NOVAMENTE
PRESIDENTE GORDON B. HINCKLEY

REUNIÃO GERAL DA SOCIEDADE DE SOCORRO

106 CONSTANTE E IMUTÁVEL
MARY ELLEN W. SMOOT

109 PERMANEÇAM FIRMES
VIRGINIA U. JENSEN

112 NÃO SOMOS TODAS MÃES?
SHERI L. DEW

115 "SÊ O EXEMPLO"
PRESIDENTE THOMAS S. MONSON

64 AUTORIDADES GERAIS DE A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS

119 ELES FALARAM PARA NÓS

120 GUIA DE RECURSOS

126 PRESIDÊNCIA GERAL DAS AUXILIARES

126 NOTÍCIAS DA IGREJA

Sessão da Manhã de Sábado
6 de outubro de 2001

Viver na Plenitude dos Tempos

Presidente Gordon B. Hinckley

"A despeito das aflições à nossa volta, a despeito das coisas sórdidas que vemos em quase toda a parte, a despeito dos conflitos que assolam todo o mundo, podemos ser melhores."

Meus amados irmãos e irmãs, onde quer que estejam, sejam bem-vindos a esta grande conferência mundial de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Estamos reunidos em nosso maravilhoso e novo Centro de Conferências, em Salt Lake City. O edifício está lotado ou ficará dentro em breve. Sinto-me muito feliz por termos este edifício. Sinto-me grato pela inspiração de construí-lo. Que estrutura notável é esta. Gostaria que todos pudéssemos reunir-nos num mesmo edifício, mas isso não é possível. Sinto-me profundamente grato pelo prodígio da televisão, rádio, TV a cabo, transmissão via satélite e a Internet. Tornamo-nos uma grande Igreja mundial, e hoje é possível para a grande maioria de nossos membros participar destas reuniões como uma grande família, falando muitas línguas, estando em muitas terras, mas todos com uma só fé, uma só doutrina e um só batismo.

Nesta manhã, mal consigo conter minha emoção ao pensar no que o Senhor fez por nós.

Não sei o que fizemos na pré-existência para merecer as maravilhosas bênçãos que desfrutamos. Viemos para a Terra nesta época grandiosa da longa história da humanidade. É uma época maravilhosa, a melhor de todas. Ao pensarmos no longo e árduo desenvolvimento da humanidade, desde a época de nossos primeiros pais, não podemos deixar de sentir-nos gratos.

A era em que vivemos é a plenitude dos tempos mencionada nas escrituras, quando Deus reuniu todos os elementos das dispensações anteriores. Desde o dia em que Ele e Seu Filho Amado Se manifestaram ao menino Joseph, grandiosos conhecimentos inundaram o mundo. O coração dos homens voltou-se para seus pais, em cumprimento às palavras de Malaquias. Cumpriu-se a visão de Joel, na qual ele declara:

"E há de ser que, depois derramarei o meu Espírito sobre toda a carne, e vossos filhos e vossas filhas profetizarão, os vossos velhos terão sonhos, os vossos jovens terão visões.

E também sobre os servos e sobre as servas naqueles dias derramarei o meu Espírito.

E mostrarei prodígios no céu, e na terra, sangue e fogo, e colunas de fumaça.

O sol se converterá em trevas, e a lua em sangue, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor.

E há de ser que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo; porque no monte Sião e em Jerusalém haverá livramento, assim como disse o Senhor, e entre os sobreviventes,

Os membros lotam o Centro de Conferências durante uma das sessões da conferência geral.

aqueles que o Senhor chamar." (Joel 2:28-32)

Houve mais descobertas científicas nestes anos do que durante toda a história da humanidade. Os transportes, a comunicação, a medicina, a saúde pública, a descoberta do átomo, o milagre do computador, com todas as suas ramificações, floresceram particularmente em nossa própria era. Durante minha própria vida, tenho testemunhado a realização de um milagre após o outro. Não damos o valor devido a todas essas coisas.

E além de tudo isso, o Senhor restaurou Seu antigo sacerdócio. Ele organizou Sua Igreja e reino no último século e meio. Ele conduziu Seu povo que foi refinado e fortalecido por terríveis perseguições. Ele produziu esta época assombrosa em que vivemos atualmente.

Tivemos apenas um vislumbre da poderosa força para o bem em que esta Igreja irá se transformar. Ainda assim, maravilho-me com o que já foi realizado.

O número de nossos membros aumentou. Creio que crescemos também em fidelidade. Perdemos muitos, mas os fiéis são inabaláveis. Os que nos observam dizem que estamos nos tornando semelhantes à maioria das religiões. Não estamos mudando. A percepção que o mundo tem sobre nós é que está mudando. Ensinamos a mesma doutrina. Temos a mesma organização. Esforçamo-nos por realizar as mesmas boas obras. Mas o antigo ódio está desaparecendo e a antiga perseguição está-se extinguindo. As pessoas estão mais bem informadas. Estão passando a reconhecer o que os nossos valores e crenças representam e o que fazemos.

Mas por mais maravilhosa que seja esta época, ela está repleta de perigos. O mal está à nossa volta. Ele é atraente e tentador e, em muitos casos, bem-sucedido. Paulo declarou:

"Sabe, porém, isto: que nos últimos

dias sobrevirão tempos trabalhosos.

Porque haverá homens amantes de si mesmos, avarentos, presunçosos, soberbos, blasfemos, desobedientes a pais e mães, ingratos, profanos,

Sem afeto natural, irreconciliáveis, caluniadores, incontinentes, cruéis, sem amor para com os bons,

Traidores, obstinados, orgulhosos, mais amigos dos deleites do que amigos de Deus;

Tendo aparência de piedade, mas negando a eficácia dela. Destes afasta-te." (II Timóteo 3:1–5)

Vemos hoje todos esses males, da maneira mais comum e geral de que jamais se viu antes, como fomos relembrados recentemente pelo que ocorreu em Nova York, Washington e na Pensilvânia a respeito do que falarei amanhã. Vivemos em uma época em que homens cruéis fazem coisas terríveis e desprezíveis. Vivemos em uma época de guerra. Vivemos numa época de arrogância. Vivemos numa época de iniqüidade, pornografia e imoralidade. Todos os pecados de Sodoma e Gomorra rondam nossa sociedade. Nossos jovens jamais tiveram que enfrentar tamanho desafio. Nunca vimos tão claramente a face devassa do mal.

Assim sendo, meus irmãos e irmãs, estamos reunidos nesta grande conferência para fortificar e fortalecer uns aos outros, para ajudar a erguer uns aos outros, para incentivar e edificar a fé, para refletir sobre as coisas maravilhosas que o Senhor colocou a nosso alcance e para reforçar nossa resolução de opor-nos ao mal, em qualquer de suas formas.

Tornamo-nos um grande exército. Somos hoje um povo que tem influência na sociedade. Nossa voz é ouvida quando falamos. Demonstramos nossa força ao enfrentarmos a adversidade. Nossa força é a fé que temos no Todo-Poderoso. Nenhuma causa sob os céus pode interromper o progresso da obra de Deus. A adversidade pode mostrar-nos seu rosto vil, o mundo pode ser assolado por guerras e rumores de guerra, mas, ainda assim, esta causa seguirá em frente.

Vocês conhecem estas grandiosas palavras escritas pelo Profeta Joseph: "(. . .) ímpio algum poderá obstar o progresso da obra; a perseguição poderá ser violenta, os populachos podem conspirar, exércitos reunir-se, a calúnia difamar, mas a verdade de Deus avançará com arrojo, nobreza e independência, até que tenha penetrado cada continente, visitado cada clima, varrido cada país e soado em cada ouvido, até que os propósitos de Deus sejam cumpridos e o grande Jeová diga que o trabalho está terminado." (*History of the Church*, 4:540)

O Senhor deu-nos um objetivo pelo qual estamos trabalhando. O objetivo é edificar Seu reino, que é uma causa vigorosa em que grande número de homens e mulheres de fé, integridade, amor e preocupação para com a humanidade seguem em frente para criar uma sociedade melhor, trazendo bênçãos sobre nós mesmos e sobre outras pessoas.

Ao reconhecermos nosso lugar e nossa meta, não podemos tornar-nos arrogantes. Não podemos ficar convencidos de nossas qualidades. Não podemos ser egocêntricos ou egoístas. Precisamos estender a mão para toda a humanidade. Todos são filhos e filhas de Deus, nosso Pai Eterno, e Ele nos considerará responsáveis pelo que fizermos em relação a eles. Que o Senhor nos abençoe. Que Ele nos torne fortes e vigorosos em boas obras. Que nossa fé brilhe como a luz do sol da manhã. Obedeçamos a Seus mandamentos divinos. Que Ele sorria em nosso favor. E ao prosseguirmos, que abençoemos a humanidade estendendo a mão para todos, erguendo os que estão abatidos e oprimidos, vestindo e alimentando o necessitado e o faminto, expressando amor e companheirismo para aqueles à nossa volta que porventura não façam parte desta Igreja. O Senhor mostrou-nos o caminho. Deu-nos Sua palavra, Seu conselho, Sua orientação, sim, Seus mandamentos. Estamos nos saindo bem. Temos muito pelo que ser gratos e muito do que nos orgulhar. Mas podemos ser melhores, muito melhores.

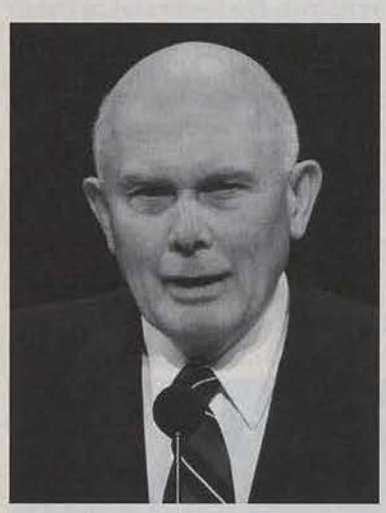
Como eu os amo, irmãos e irmãs desta grande causa. Amo vocês pelo que se tornaram e pelo que podem vir a tornar-se. A despeito das aflições à nossa volta, a despeito das coisas sórdidas que vemos em quase toda a parte, a despeito dos conflitos que assolam todo o mundo, podemos ser melhores.

Invoco as bênçãos do céu sobre vocês ao expressar-lhes meu amor, recomendando que prestem atenção às grandiosas mensagens que ouvirão deste púlpito nos próximos dois dias, e faço isso no sagrado nome de Jesus Cristo. Amém. □

Compartilhar o Evangelho

Élder Dallin H. Oaks
Do Quórum dos Doze Apóstolos

"Os missionários mais eficazes, tanto membros quanto de tempo integral, sempre agem por amor. (. . .) Se não sentimos amor pelas pessoas, devemos orar pedindo esse amor."



Obrigado, Presidente Hinckley, por sua excelente mensagem. Estamos todos profundamente gratos por sua liderança vigorosa e inspirada nestes tempos difíceis. Sob essa liderança, levaremos adiante a obra do Senhor, que é de uma necessidade premente neste mundo conturbado.

Proclamar as boas novas do evangelho de Jesus Cristo é um princípio fundamental da fé cristã. Três dos autores dos evangelhos relatam esse mandamento dado pelo Salvador.

No livro de Marcos, lemos: "E disse-lhes: Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura.

Quem crer e for batizado será salvo; mas quem não crer será condenado". (Marcos 16:15–16)

Mateus cita o mandamento do Salvador: "Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo". (Mat. 28:19)

Lucas declara: "Assim está escrito (. . .) [que] em seu nome se pregasse o arrependimento e a remissão dos pecados, em todas as nações". (Lucas 24:46–47)

Aplicando as instruções do Salvador a nossos dias, os profetas modernos desafiaram todos nós a compartilharmos o evangelho.

O Presidente Gordon B. Hinckley soou o toque de clarim para os nossos dias. Em um discurso transmitido via satélite para os missionários e líderes locais de todo o mundo, ele pediu "uma infusão de entusiasmo" pelo trabalho missionário "em todos os níveis da Igreja". ("Encontrem as Ovelhas e Apascentem-nas", *A Liahona*, julho de 1999, p. 121.) Embora os missionários precisem continuar a fazer o melhor que puderem para encontrar pessoas para ensinar, ele declarou que uma "maneira bem melhor (. . .) é por intermédio dos membros da Igreja". Ele pediu que cada um de nós fizéssemos o melhor possível para ajudar os missionários a encontrarem pessoas para ensinar. Também pediu que cada presidente de estaca e cada bispo "assuma plena responsabilidade pelo trabalho de encontrar e integrar os pesquisadores" de suas respectivas unidades. O Presidente Hinckley também invocou as bênçãos do Senhor sobre todos "ao cumprirem esse imenso desafio que nos foi dado".

Embora tenham-se passado dois anos e meio desde que nosso presidente fez esse pedido, a maioria de nós ainda não fez efetivamente nada em relação a esse desafio.

Ao estudar fervorosamente as palavras do Presidente Hinckley e refletir sobre como podemos compartilhar o evangelho, cheguei à conclusão de que precisamos de três coisas para atender ao desafio de nosso Profeta. Primeiro, precisamos de um sincero *desejo* de compartilhar o evangelho. Segundo, necessitamos de *auxílio divino*. Terceiro, precisamos *saber o que fazer*.

I. DESEJO

Assim como acontece com muitas outras coisas, compartilhar o evangelho começa com o *desejo*. Se quisermos ser instrumentos mais eficazes nas mãos do Senhor para compartilhar Seu evangelho, precisamos sinceramente *desejar* fazê-lo. Creio que adquirimos esse desejo em dois passos.

Primeiro, precisamos ter um firme testemunho da veracidade e da importância do evangelho restaurado de Jesus Cristo. Isso inclui um firme testemunho do supremo valor do plano de Deus para Seus filhos, da posição essencial da Expiação de Jesus Cristo nele e do papel da Igreja de Jesus Cristo na implementação desse plano na mortalidade.

Segundo, precisamos ter amor a Deus e a todos os Seus filhos. Na revelação moderna lemos que o "amor, com os olhos fitos na glória de Deus, qualificam-[nos] para o trabalho". (D&C 4:5) Foi dito aos primeiros Apóstolos desta dispensação que seu amor devia "[sobejar] (. . .) por todos os homens". (D&C 112:11)

Graças ao nosso testemunho da veracidade e da importância do evangelho restaurado, compreendemos o

valor daquilo que nos foi dado. Devido ao nosso amor a Deus e ao nosso próximo, adquirimos o desejo de compartilhar essa grande dádiva com todos. A intensidade de nosso desejo de compartilhar o evangelho é um grande indicador do grau de nossa conversão pessoal.

O Livro de Mórmon contém alguns exemplos maravilhosos do efeito do testemunho e do amor. Quando os filhos de Mosias, que tinham sido "os mais vis pecadores", adquiriram seu testemunho, "[desejaram] que a salvação fosse declarada a toda criatura, porque não podiam suportar que qualquer alma humana se perdesse". (Mosias 28:3–4) Num relato posterior, seu companheiro, Alma, exclamou: "Oh! Eu quisera ser um anjo, (. . .) e falar com a trombeta de Deus, com uma voz que estremecesse a terra" e declarar "plano de redenção" a toda alma, "a fim de não haver mais tristeza em toda a face da Terra". (Alma 29:1–2)

Gosto de chamar o trabalho missionário de "compartilhar o evangelho". A palavra *compartilhar* afirma que temos algo extremamente valioso e desejamos dá-lo a outras pessoas para seu benefício e bênção.

Os missionários mais eficazes, tanto membros quanto de tempo integral, sempre agem por amor. Aprendi essa lição quando jovem. Fui designado a visitar um membro menos ativo, um profissional bem-sucedido muitos anos mais velho do que eu. Relembrando minhas ações, percebo que sentia bem pouco amor pelo homem que visitava. Eu agia no cumprimento de um dever, com o desejo de poder relatar 100 por cento de visitas de ensino familiar. Certa noite, quase no final do mês, telefonei para perguntar se meu companheiro e eu poderíamos ir até sua casa fazer-lhe uma visita. A repreensão que ele me deu ensinou-me uma lição inesquecível.

"Não, não creio que deseje recebê-lo em minha casa esta noite", disse ele. "Estou cansado. Já estou pronto para dormir. Estou lendo, e simplesmente não estou disposto a ser interrompido apenas para que você possa relatar que fez 100 por cento das suas visitas de mestre familiar neste mês." Essa resposta me atormenta ainda hoje, porque me fez ver que ele tinha percebido minha motivação egoísta.

Espero que nenhuma pessoa que venhamos a convidar para ouvir a mensagem do evangelho restaurado, sinta que estamos agindo por qualquer outro motivo que não seja o genuíno amor por ela e o desejo altruísta de compartilhar algo que sabemos ser precioso.

Se não sentimos amor pelas pessoas, devemos orar pedindo esse amor. Os escritos do profeta Mórmon sobre "o puro amor de Cristo" nos ensinam a "[rogar] ao Pai, com toda a energia de [nosso] coração, que [sejamos] cheios desse amor que ele concedeu a todos os que são verdadeiros seguidores de seu Filho, Jesus Cristo". (Morôni 7:47–48)

II. AUXÍLIO DIVINO/AGIR NO MOMENTO CERTO

Também precisamos do auxílio divino para guiar-nos ao compartilhar o evangelho. Da mesma forma que nossos desejos precisam ser puros e baseados no testemunho e amor, nossas ações precisam ser dirigidas pelo Senhor. Esta é a Sua obra, não a nossa, e precisa ser feita à Sua maneira e a Seu próprio tempo e não do nosso modo, caso contrário, nossos esforços estarão fadados à frustração e ao fracasso.

Todos temos parentes ou amigos que precisam do evangelho, mas não estão interessados no momento. Para sermos eficazes, nosso empenho em relação a eles precisa ser dirigido pelo Senhor, para que ajamos da maneira e no momento em que estejam mais receptivos. Precisamos orar pedindo a ajuda e orientação do Senhor, para que possamos ser instrumentos em Suas mãos em relação a alguém que já esteja pronto agora — alguém que Ele deseja que ajudemos hoje. Daí, precisamos estar alertas para ouvir e seguir os sussurros de Seu Espírito sobre como agir.

Essa inspiração virá. Sabemos, por

A fonte, no piso térreo do interior do Centro de Conferências, é um ponto de encontro muito popular.

incontáveis testemunhos pessoais, que à Sua própria maneira e a Seu próprio tempo, o Senhor está preparando pessoas para aceitarem Seu evangelho. Essas pessoas estão buscando e, se procurarmos identificá-las, o Senhor atenderá as suas orações ao atender as nossas. Ele irá inspirar e guiar aqueles que têm o desejo e sinceramente buscam orientação sobre como, onde, quando e com quem compartilhar o Seu evangelho. Desse modo, Deus nos concederá de acordo com nossos desejos. (Ver Alma 29:4; D&C 6:8.)

Na revelação moderna, o Senhor nos disse que "existe muita gente na Terra, em todas as seitas, partidos e denominações, que é cegada (. . .) e que só está afastada da verdade por não saber onde encontrá-la". (D&C 123:12) Se formos "testemunhas de Deus em todos os momentos e em todas as coisas" (Mosias 18:9), o Senhor abrirá caminhos para que encontremos e conversemos de modo adequado com aqueles que estejam procurando. Isso acontece quando buscamos orientação e agimos motivados por um amor sincero e cristão pelo nosso próximo.

O Senhor ama todos os Seus filhos. Ele deseja que todos tenham a plenitude de Sua verdade e uma profusão de Suas bênçãos. Sabe quando eles estão prontos e deseja que ouçamos e atendamos Suas orientações ao compartilharmos Seu evangelho. Se assim o fizermos, aqueles que estão preparados atenderão à mensagem Daquele que disse: "As minhas ovelhas ouvem a minha voz (. . .) e elas me seguem". (João 10:27)

III. COMO FAZÊ-LO

Assim que tivermos o sincero desejo de compartilhar o evangelho com outras pessoas e depois de buscarmos a ajuda divina para nosso trabalho, o que devemos fazer? Como devemos agir? Devemos começar pelo princípio. Não temos que esperar um convite dos Céus. A revelação chega mais freqüentemente quando estamos fazendo algo.

O Senhor nos deixou esta instrução sobre *quem* e *como* ensinar: "E que vossa pregação seja (. . .) de cada homem a seu próximo, com brandura e mansidão". (D&C 38:41) "Próximo", evidentemente, não significa apenas aqueles que vivem a nosso lado e outros amigos e colegas. Quando Lhe perguntaram: "Quem é meu próximo?" o Salvador contou sobre um samaritano que reconheceu "um de seus próximos" na estrada para Jericó. (Ver Lucas 10:25–37) Nosso próximo, portanto, também inclui aqueles que encontramos em nossas atividades diárias.

Devemos orar, como fez Alma no passado, para que o Senhor nos dê "poder e sabedoria para trazermos" as pessoas ao nosso redor ao Senhor. (Alma 31:35) Também devemos orar pelo bem-estar da alma deles. (Ver Alma 6:6.)

Precisamos ter a certeza de que agimos por amor e não procurando obter reconhecimento pessoal ou vantagem. A admoestação contra aqueles que usam seu cargo na Igreja para satisfazer seu orgulho ou vã ambição (ver D&C 121:37) sem dúvida se aplica a nosso empenho em compartilhar o evangelho.

A necessidade de agirmos por amor também nos adverte contra a manipulação, real ou aparente. As pessoas que não compartilham nossa crença podem se sentir ofendidas quando ouvem algo ser chamado de "ferramenta missionária". Uma "ferramenta" é algo usado para manipular um objeto inanimado. Se chamarmos algo de "ferramenta missionária", podemos dar a impressão de que queremos manipular as pessoas. Essa impressão é totalmente contrária ao espírito altruísta e abnegado de nosso trabalho missionário.

Em sua grande mensagem, o Presidente Hinckley declara que "as oportunidades para compartilhar o evangelho estão em toda parte". (*Liahona*, julho de 1999, p. 119) Ele menciona muitas coisas que podemos fazer. Devemos viver de modo que aquilo a que ele chamou de "o extraordinário poder do exemplo de um membro da Igreja" possa influenciar as pessoas à nossa volta. "A nossa ferramenta mais eficaz", disse ele, "serão as boas qualidades de nossa própria vida e exemplo". Precisamos ser sinceramente cordiais com todos.

O Presidente Hinckley lembrou-nos que podemos "[entregar] algum material da Igreja" para as pessoas que encontramos. Podemos oferecer nossa casa "para apoiar o trabalho missionário". "É certo que os missionários peçam referências aos membros" e, quando o fizerem, devemos atender a seu pedido.

Em resumo, o Presidente Hinckley disse que todo membro da Igreja pode "trabalhar constantemente na tarefa de encontrar e incentivar pesquisadores".

Existem outras coisas que podemos fazer, particularmente se colocarmos em prática a grande declaração do profeta Mórmon: "Não temo o que o homem possa fazer, porque o perfeito amor lança fora todo o medo". (Morôni 8:16; ver também I João 4:18.) Podemos convidar nossos amigos para as reuniões ou outras atividades da Igreja. Podemos fazer comentários positivos sobre nossa Igreja e sobre os efeitos de seus ensinamentos, e então perguntar às pessoas se gostariam de conhecer mais.

Mais fácil ainda, podemos ter conosco um pacote desses bonitos cartões com mensagens e entregá-los às pessoas — mesmo àquelas que encontramos por acaso — em nossas atividades diárias. Esses cartões são uma forma ideal de convidar as pessoas a pesquisarem as verdades adicionais que temos para compartilhar. Sem serem importunos, eles oferecem algo precioso, mas o presente depende da escolha e da iniciativa da pessoa que queira recebê-lo. Por experiência própria, um número significativo daqueles que telefonam pedindo o presente oferecido, escolhem recebê-lo pelas mãos de quem pode contar-lhes mais.

A Primeira Presidência acabou de

anunciar outra maneira de se compartilhar o evangelho, no mundo inteiro, pela Internet. Por seu potencial, esse novo recurso é tão empolgante quanto a publicação de folhetos no século XIX ou o uso do rádio, televisão e filmes no século XX. A Igreja inaugurou um novo site na Internet que pode ser acessado pelas pessoas que desejam informações sobre a Igreja e sua doutrina e sobre como encontrar um local para adorar conosco. Seu endereço é **www.mormon.org**. Para os missionários, o valor e a utilização desse novo recurso virá com a experiência. Para os membros da Igreja, ele ajudará a responder as perguntas dos amigos, diretamente ou indicando-lhes o site. Também permitirá que enviemos cartões eletrônicos para amigos, incluindo mensagens do evangelho e convites.

IV. CONCLUSÃO

Foi-nos pedido que redobrássemos nossos esforços e nossa eficácia em compartilhar o evangelho, de modo a cumprirmos os propósitos do Senhor nesta grande obra. Até que o façamos, esses maravilhosos missionários de tempo integral — nossos filhos e filhas e nossos nobres companheiros na obra do Senhor — continuarão a trabalhar aquém de seu potencial em sua designação de ensinar o Evangelho Restaurado de Jesus Cristo.

Falamos sobre um desejo motivado pelo amor, a orientação divina e as maneiras que podemos agir em relação do mandamento divino de compartilhar o evangelho com nosso semelhante. O Evangelho de Jesus Cristo é a luz mais brilhante e a única esperança neste mundo tenebroso. Ensinou Néfi: "Deveis, pois, prosseguir com firmeza em Cristo, tendo um perfeito esplendor de esperança e amor a Deus e a todos os homens. (2 Néfi 31:20)

Presto testemunho de Jesus Cristo, nosso Salvador, e de Seu desejo de que nos unamos de todo o coração nesta que é a Sua obra. Em nome de Jesus Cristo. Amém. □

Construir uma Ponte de Fé

Élder Charles Didier
Da Presidência dos Setenta

"Nossa vida mortal é o tempo para os homens encontrarem Deus, erguerem uma ponte de fé, abrirem as portas para a imortalidade e a vida eterna."

Na entrada do escritório de uma grande firma de publicidade, um quadro na parede traz o seguinte pensamento: "Os homens estão construindo um número excessivo de muros e um número insuficiente de pontes". (De JCDecaux, empresa da França.)

De fato, os homens tendem a erguer muros para separar duas ou mais entidades física, mental ou mesmo espiritualmente e para criar obstáculos. Eles são construídos porque representam a idéia de defesa, proteção ou separação. Alguns muros ganharam fama devido a essa natureza: os muros de Jerusalém, a Grande Muralha da China, o Muro de Berlim. Os muros ou as paredes, de maneira figurativa, também são usados na linguagem corrente para transmitir essa idéia de separação: falamos de um "muro de incompreensão", um "muro de intolerância" ou às vezes dizemos que falar com determinada pessoa "é como falar para as paredes"!

As pontes são o contrário dos muros. Elas são construídas para ligar, unir duas ou mais entidades e para criar unidade. São erguidas para superar obstáculos. Algumas pontes também se tornaram famosas, como a Ponte dos Suspiros, a Ponte Rei Hussein e tantas outras. Há também analogias em nossa língua para expressar a idéia de reunião ou unidade usando a simbologia da ponte, como ao falarmos de uma ponte para desfazer as diferenças.

Ao refletirmos sobre nossa existência mortal nesta Terra e sobre o propósito da vida mencionado por Alma ao dizer que "(. . .) esta vida é o tempo para os homens prepararem-se para encontrar Deus (. . .)" (Alma 34:32), qual é a maneira do Senhor ajudar-nos a atingir esse propósito? É simplesmente, usando essa metáfora, para ajudar-nos a construir uma ponte de fé em nossa vida que atravesse e transponha os muros da descrença, indiferença, medo ou pecado. Nossa vida mortal é o tempo para os homens encontrarem Deus, erguerem uma ponte de fé, abrirem as portas para a imortalidade e a vida eterna.

Os membros da Primeira Presidência conversam antes de uma das sessões da conferência: o Presidente Gordon B. Hinckley (ao centro); o Presidente Thomas S. Monson, Primeiro Conselheiro (à esquerda); e o Presidente James E. Faust, Segundo Conselheiro (à direita).

Como podemos construir essa ponte de fé?

Quando eu era jovem e morava numa cidade chamada Namur na Bélgica, havia um grande rio que a separava da cidade vizinha que ficava do outro lado do rio. Naquela época, uma ponte era a única ligação entre as duas cidades. Ela havia sido construída e reconstruída sobre o que restara de uma ponte erguida séculos antes pelos conquistadores romanos. Ela havia-se tornado estreita demais para o trânsito e tinha um número excessivo de arcos pequenos, o que impedia a passagem de barcos e navios maiores. Fazia-se necessária a construção de uma nova ponte, mais larga e com apenas um arco. A fixação dos alicerces logo começou em ambos os lados do rio. Dentro de pouco tempo, dois enormes braços metálicos começaram a estender-se de uma margem à outra, com o objetivo de encontrar-se no meio do rio. Aquela obra de engenharia exercia grande fascínio sobre mim e eu ia até lá de bicicleta quase todos os dias para acompanhar de perto o andamento da construção. Por fim, chegou o dia em que a peça central, a pedra fundamental — feita de aço — iria unir os dois braços. Multidões assistiram comigo à delicada operação, o passo final que iria unir as duas extremidades da ponte e permitir a travessia pela primeira vez. Quando isso aconteceu, as pessoas aplaudiram e os operários abraçaram-se; o obstáculo do rio havia sido conquistado e sobrepujado.

Mencionei essa experiência devido ao simbolismo que ela contém. A ponte é mais do que uma estrutura de metal. Representa a ponte de fé que permite a nós, filhos de nosso Pai Celestial, voltar a encontrar-nos com Ele. A pedra fundamental da ponte representa a Expiação de Jesus Cristo, o Mediador, o elo entre a mortalidade e a imortalidade, a ligação entre o homem natural e o espiritual, a mudança da vida mortal para a vida eterna. É por causa Dele que a humanidade pode reconciliar-se com o Pai Celestial e que podemos transpor os muros do pecado e da mortalidade, esses obstáculos que são representados pela morte espiritual e a morte física. A Expiação de Jesus Cristo é a essência do plano de salvação, a reunião prometida com nosso Pai Celestial, conforme lemos no livro de Moisés: "(. . .) Este é o plano de salvação para todos os homens, por meio do sangue de meu Unigênito, que virá no meridiano dos tempos". (Moisés 6:62)

O amor de Deus, a outra extremidade da ponte, é a recompensa de nossa fé em Seu Filho, Jesus o Cristo. "Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito (. . .)." (João 3:16) O maior de todos os dons de Deus é o sacrifício supremo de Seu Filho, Sua Expiação, que proporciona não só a imortalidade, mas também a vida eterna caso guardemos Seus mandamentos e perseveremos até o fim. (Ver D&C 14:7.)

E assim, ao procurarmos construir uma ponte de fé, precisamos nutrir em nossa vida um firme testemunho do Pai e do Filho e de Sua Expiação. Essa ponte de fé fará a diferença entre a realidade da reunião eterna com nosso Pai Celestial ou a separação eterna

Dele caso ergamos paredes de pecado que nos afastem de Seu amor e misericórdia.

O dom do Espírito Santo é o alicerce da ponte de fé. A salvação só se alcança por meio de Jesus Cristo e por nosso exercício diligente da fé Nele, o que nos permite arrependernos de nossos pecados e receber as ordenanças de salvação, que constituem as vigas da ponte. Os sentimentos e sussurros mais profundos que nos ajudarão a superar os obstáculos da vida e fazer escolhas justas nos advirão ao darmos ouvidos à voz do Espírito Santo. A travessia da ponte da fé pode não ser tão fácil quanto imaginamos. Uma ponte só resistirá às tempestades por causa da força das colunas de seu alicerce. As tormentas da vida, as crises da fé — como a morte, doenças graves, a perda do emprego ou a insegurança financeira — fazem parte de nossa existência mortal. Por vezes, essas crises podem exacerbar-se a ponto de levar-nos até a questionar a existência de Deus e de um Salvador. Ao clamarmos por mais fé num momento desses sempre receberemos como resposta a presença do Consolador, que é o Espírito Santo, um "companheiro constante, (. . .) [um] cetro imutável de retidão e verdade". (D&C 121:46)

Sim, as soluções para nossos problemas diários podem ser sempre encontradas se buscarmos diariamente, pela nossa fé, a influência do Espírito Santo, que nos faz lembrar de todas as coisas. (Ver João 14:26.) Permitam-me ilustrar esse princípio citando uma carta escrita muitos anos atrás por um recém-converso ao Presidente Harold B. Lee depois de ele ter discursado numa conferência de estaca: "Ao ouvir seu discurso, uma idéia vinha-me repetidas vezes à mente: como a vida de um membro de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é parecida com a travessia de uma ponte pênsil, suspensa entre os pontos do nascimento pelo batismo e da morte, que segue em direção à vida eterna, em meio às correntes turbulentas das coisas do mundo e do pecado. Quando uma pessoa inicia a travessia da ponte, a proximidade do batismo confere segurança e fé, mas quando ela vê a correnteza logo abaixo e a vasta distância a ser percorrida, a sensação de segurança dá lugar a pontadas ocasionais de dúvida e temor, levando-a a perder o hábito da oração, do amor e do trabalho, que são as coisas que contribuem para o progresso. As névoas da dúvida e da apatia levantam-se e corroem o coração e a mente da pessoa, impedindo seu progresso e restringindo sua resposta à força magnética do amor que se estende de uma extremidade à outra da ponte. É aí que ela interrompe a jornada, cai de joelhos e fica assim até vencer as dúvidas e temores e ver a força do amor restaurar a fé e a direção necessárias à travessia". (Conference Report, abril de 1965, p. 15)

Por fim, a ponte de fé não estaria completa sem o selamento dos pais e filhos, unidos para virem a tornar-se uma família eterna. O propósito de construir essa ponte de fé entre as gerações é para que elas se tornem uma só, assim como o Pai e o Filho são um — um em propósito para que se alcance a vida eterna. Para que isso aconteça, recebemos mandamentos. Primeiro, os filhos devem honrar o pai e a mãe; depois, os pais devem ensinar os filhos a andarem "em retidão perante o Senhor". (D&C 68:28) Permitam-me fazer uma ilustração:

Quando eu era criança durante a II Guerra Mundial, meu país foi invadido, e havia perigo por toda parte. Minha mãe ensinou-me uma grande lição de confiança e unidade que jamais esqueci. Ela fez-me um alerta sobre os perigos da guerra e disse simplesmente: "Confie em minha palavra e siga-me; se você fizer isso, vou protegê-lo da melhor maneira que eu conseguir". Eu simplesmente ouvi minha mãe, pois a amava e confiava nela.

Pouco depois, comecei a freqüentar a escola e para mim tratava-se de uma nova ponte a atravessar. A fim de preparar-me para essa nova experiência em minha vida — sair de casa — minha mãe orientou-me a ouvir a professora e ser obediente. Mais uma vez, confiei nos conselhos de minha mãe. Decidi ser obediente a minha professora e a um novo código de regras. A escola tornou-se assim uma ponte de conhecimento, em vez de um muro de ignorância.

Essa lição de confiança e unidade foi vital para que eu me tornasse uno com meus pais, demais familiares e com os professores. Posteriormente, permitiu-me tornar-me uno com meu Salvador sendo batizado em Sua Igreja. Ajudou-me a lembrar-me de, como marido, pai e avô, continuar a edificar a confiança e a unidade entre nossos familiares por meio da obediência aos convênios do templo. Como o Presidente Hinckley declarou: "O templo está relacionado às coisas da imortalidade. É uma ponte entre esta vida e a próxima". (*Stand a Little Taller* [2001], p. 6)

Em nossos dias, é muito fácil isolar-nos, pois tendemos a erguer muros temporais, espirituais e mesmo familiares ou religiosos. Procuremos, contudo, construir pontes de fé, de reconciliação e empenhemo-nos por viver pela paz que é dada não "como o mundo a dá" (João 14:27), mas tal como é concedida por Jesus Cristo, o Filho de Deus. Ele é a ponte de fé para a eternidade.

Testifico que Jesus é o Cristo; deposito minha confiança Nele e em Seu evangelho da salvação para sermos reunidos um dia. Em nome de Jesus Cristo. Amém. □

Não É Bom que o Homem ou a Mulher Esteja Só

Sheri L. Dew
Segunda Conselheira na Presidência Geral da Sociedade de Socorro

"É provável que nenhum casamento ou família, nenhuma ala ou estaca consiga atingir todo o seu potencial, a menos que maridos e esposas, mães e pais, homens e mulheres trabalhem juntos com o mesmo propósito, respeitando e confiando na força um do outro."

Há quase cinco anos, tenho sido abençoada com a oportunidade de servir com as irmãs da Sociedade de Socorro e os líderes do sacerdócio da África à Amazônia. Essas experiências que tive com vocês reforçaram em mim a importância de um princípio fundamental do evangelho. Gostaria de fazer alguns comentários sobre esse princípio e de dirigi-los especialmente aos jovens adultos da Igreja, que estão entrando numa fase de sua vida que exigirá muito deles.

Neste verão, machuquei o ombro e perdi a mobilidade de um braço por várias semanas. Nunca havia notado como um braço depende do outro para haver equilíbrio, como consigo erguer bem menos objetos com um braço do que com os dois, ou como é impossível fazer certas coisas. Essa incapacidade não só renovou meu respeito para com as pessoas que lidam extremamente bem com uma deficiência física, mas ajudou-me a perceber como dois braços juntos podem trabalhar muito mais.

Dois geralmente é melhor do que um[1], como confirmou nosso Pai ao declarar que "não é bom que o homem esteja só"[2] e fez para Adão uma ajudadora idônea, alguém com dons distintos que lhe desse equilíbrio, que o ajudasse a carregar os fardos da mortalidade e que lhe desse condições de fazer coisas que ele não conseguiria fazer sozinho. Pois "nem o homem é sem a mulher, nem a mulher sem o homem, no Senhor".[3]

Satanás compreende o poder que os homens e as mulheres têm quando estão unidos em retidão. Ele ainda se ressente por ter sido banido para um exílio eterno depois que Miguel liderou as hostes do céu, compostas de homens e mulheres valentes, unidos pela causa de Cristo, contra ele. Usando as temíveis palavras de Pedro, "o diabo (. . .) anda em derredor, bramando como leão, buscando a quem possa tragar".[4] Lúcifer está ansioso para devorar casamentos e famílias, porque a extinção deles ameaça a salvação de todos os envolvidos e a própria vitalidade do reino do Senhor. Assim, Satanás procura confundir-nos a respeito de nossas mordomias e natureza distinta como homens e mulheres. Ele nos bombardeia com mensagens bizarras acerca de identidade sexual, do casamento, da família e de todos os relacionamentos entre homem e mulher. Ele quer que acreditemos que os homens e as mulheres são tão semelhantes que nossos dons únicos não são necessários, ou que são tão diferentes que jamais poderíamos esperar compreender um ao outro. Nada disso é verdade.

Nosso Pai Celestial sabia exatamente o que estava fazendo quando nos criou. Ele nos fez semelhantes o suficiente para amarmos uns aos outros, mas diferentes o bastante para termos necessidade de unir nossas forças e mordomias para nos aperfeiçoar. Assim, é provável que nenhum casamento ou família, nenhuma ala ou estaca consiga atingir todo o seu potencial, a menos que maridos e esposas, mães e pais, homens e mulheres trabalhem juntos com o mesmo propósito, respeitando e confiando na força um do outro.

Essas verdades a respeito das mordomias destinadas por Deus aos homens e às mulheres estão praticamente perdidas no mundo de hoje. Vocês não as encontrarão em seriados cômicos na TV, ou mesmo, infelizmente, em alguns lares ou alas. Mas elas não estão perdidas para o Senhor, que nos deu "um modelo em todas as coisas, para que não [sejamos] enganados".[5] O modelo do Senhor para os casais e para a maioria dos homens e mulheres que servem juntos em Seu reino foi estabelecido por nossos primeiros pais. Juntos, Adão e

Eva trabalharam[6], lamentaram-se[7], foram obedientes, tiveram filhos[8], ensinaram o evangelho a sua posteridade[9], "ouviram a voz do Senhor"[10], abençoaram o nome de Deus[11], e dedicaram-se a Deus. Nas escrituras referentes a Adão e Eva, o pronome usado repetidamente é *eles*.

Nem Adão com seu sacerdócio, tampouco Eva com a maternidade poderiam causar sozinhos a Queda. Seus papéis distintos estavam interligados. Eles se aconselharam um com o outro, carregaram fardos que nenhum nem outro poderia carregar sozinho e depois encararam juntos o deserto com toda a sua incerteza. Esse é o padrão do Senhor para os homens e mulheres justos.

Alguns de nós enfrentam situações na vida que estão longe do ideal. Sei disso. Eu mesma tenho que lidar com isso. Contudo, queridos jovens, em cujas mãos repousam o futuro da Igreja e suas famílias, devo dizer-lhes que sua compreensão desse modelo divino afetará seu casamento, sua família, sua capacidade de ajudar na edificação do reino e sua vida eterna.

Jovens irmãs, algumas pessoas tentarão persuadi-las, dizendo que por não serem ordenadas ao sacerdócio vocês foram enganadas. Elas estão simplesmente erradas e não entendem o evangelho de Jesus Cristo. As bênçãos do sacerdócio estão ao alcance de todo homem e mulher justos. Todos nós podemos receber o Espírito Santo, ter revelação pessoal e receber nossa investidura no templo, de onde saímos "armados" de poder.[12] O poder do sacerdócio cura, protege e torna todas as pessoas justas imunes aos poderes das trevas. O mais importante de tudo isso é que a plenitude do sacerdócio, presente nas mais sublimes ordenanças da casa do Senhor, só podem ser recebidas pelo homem e pela mulher juntos.[13] O Presidente Harold B. Lee disse: "A pura condição de mulher combinada ao sacerdócio significa exaltação. Mas a mulher sem o sacerdócio, ou o sacerdócio sem a mulher não equivale à exaltação".[14]

Irmãs, nós, como mulheres, não fomos diminuídas pelo poder do sacerdócio; fomos magnificadas por ele. Sei disso porque tive diversas experiências a esse respeito.

Seu futuro marido e os homens com quem servem precisarão do apoio que só vocês podem dar. Vocês possuem uma força espiritual interior que o Presidente James E. Faust disse igualar-se "ou mesmo [sobrepujar a dos] homens".[15] Não abdiquem de sua responsabilidade espiritual. Sua fé transmitirá mensagens marcantes. Nenhum tempo gasto em frente ao espelho fará com que sejam mais atraentes do que se tiverem o Espírito Santo com vocês. Abençoem sua família e a Igreja como só uma mulher de Deus pode abençoar — com virtude, fé, integridade e constante compaixão.

Rapazes, sua ordenação ao sacerdócio é um grandioso privilégio e responsabilidade, não uma autorização para dominarem. Sejam sempre dignos de exercer esse poder divino, que lhes foi dado para que sirvam. Em nenhum momento um homem é mais grandioso do que quando guiado pelo Espírito para honrar o sacerdócio que possui.

Se vocês se casarem com uma mulher virtuosa que ouve a voz do Senhor, ela abençoará sua vida todos os seus dias. Pensem em Eva. Ela foi a primeira a ver que o fruto da árvore era bom; e depois de comê-lo, "deu também a seu marido e ele comeu".[16] Não fosse por Eva, nosso progresso teria cessado. O Élder Dallin H. Oaks afirmou que seu ato foi "uma necessidade gloriosa [que] abriu as portas da vida eterna. Adão mostrou sua sabedoria ao fazer o mesmo".[17]

Rapazes, vocês presidirão em casa e na Igreja, mas sejam humildes o suficiente para darem ouvidos e aprenderem com sua esposa. Ela lhes dará equilíbrio, inspiração e incomparável sabedoria. Quando surgirem dificuldades, vocês verão como uma mulher devotada a Cristo é capaz de se adaptar a todas as circunstâncias.

Esse modelo divino para homens e mulheres fortalece casamentos e famílias e também fortifica a Igreja. A Igreja não pode atingir a medida plena de sua criação a menos que ambos, homens fiéis que portam o sacerdócio

e mulheres justas que se regozijam em servir sob a direção do sacerdócio, trabalhem juntos. Muitas vezes, senti essa alegria.

Lembro-me de uma reunião no Brasil na qual uma tradutora não se sentia muito segura de sua capacidade de traduzir meu inglês para o português. Mas, no final, nós duas conseguimos nos comunicar com bastante facilidade. Depois da reunião, descobri a razão disso. Fiquei sabendo que não somente a Autoridade Geral que estava presidindo ficou bem perto de sua cadeira, logo atrás de nós, a reunião inteira, ajudando a tradutora quando ela não conseguia encontrar a palavra certa, mas que também designara um outro líder do sacerdócio para orar por nós duas durante toda a reunião.

Aquela Autoridade Geral criou um sistema de segurança para nos apoiar, de maneira que consegui cumprir a designação que ele me dera. Esse círculo de apoio não tem fim, porque não há fim para as boas obras de mulheres e homens justos que respeitam um ao outro e que lançaram sua foice para ceifar, lado a lado, na vinha do Senhor. Se quisermos edificar o reino de Deus, nós, como homens e mulheres de Deus devemos edificar uns aos outros. Não existe dificuldade — em relação à ativação, à família ou a qualquer outra coisa — que não possamos resolver quando nos reunimos em conselho e ajudamos um ao outro a executar sua tarefa.

Queridos jovens e amigos, aprendam agora o modelo do Senhor para os homens e as mulheres. Reflitam nos relatos escriturísticos sobre Adão e Eva e vejam o que o Senhor lhes ensinará para que fortaleçam seu casamento, sua família e seu serviço na Igreja. Os acontecimentos devastadores que ocorreram recentemente nos Estados Unidos parecem indicar que teremos dias difíceis pela frente. Mas eles serão cheios de confiança e coragem se os homens e mulheres de sua geração estiverem unidos em retidão como nunca antes estiveram. Não há limite para o que podemos realizar se trabalharmos juntos sob a direção do sacerdócio.

A vista a partir do púlpito, atrás do Quórum dos Setenta, mostra o Centro de Conferências completamente lotado.

Os padrões do Pai Celestial ajudam-nos para que não sejamos enganados. Olhem para o Senhor e não para o mundo no que diz respeito às idéias e ideais dos homens e das mulheres. Meus jovens amigos, vocês são as mães, os pais e os líderes que foram reservados para esta época sem precedentes porque o Pai conhece vocês e sabe que possuem a capacidade de enfrentar o mundo e construir sem medo o reino. Façam-no juntos, pois não é bom que o homem esteja só. Incentivem um ao outro, e juntos vocês conseguirão aliviar os fardos da mortalidade e terão um acréscimo de glória sobre sua cabeça para todo o sempre.[18] O Senhor precisa de homens e mulheres justos para edificar Seu reino. Sei que isso é verdade. Deus é nosso Pai. Seu Filho Unigênito é o Cristo. Esta é Sua obra e Sua glória. Em nome de Jesus Cristo. Amém. □

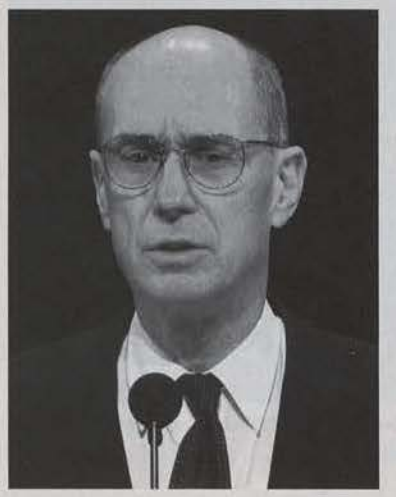
NOTAS

1. Ver Eclesiastes 4:9.
2. Moisés 3:18; ver também Abraão 5:14.
3. I Coríntios 11:11.
4. I Pedro 5:8.
5. D&C 52:14.
6. Ver Moisés 5:1.
7. Ver Moisés 5:27.
8. Ver 2 Néfi 2:20
9. Ver Moisés 5:12.
10. Moisés 5:4.
11. Ver Moisés 5:12.
12. Ver D&C 109:22.
13. Ver D&C 131:1–4; D&C 132:19–20.
14. *The Teachings of Harold B. Lee* (1996), p. 292.
15. James E. Faust, "O Que Significa Ser Uma Filha de Deus", *A Liahona*, janeiro de 2000, p. 123.
16. Moisés 4:12.
17. "O Grande Plano de Felicidade", *A Liahona*, janeiro de 1994, p. 79.
18. Ver Abraão 3:26.

A Oração

Élder Henry B. Eyring
Do Quórum dos Doze Apóstolos

"Tendo (. . .) fé, seremos capazes de orar pelo que desejamos e de apreciar as coisas que recebemos."



O mundo aparenta estar em choque. Há guerras e rumores de guerra. A economia se enfraquece em todos os continentes. Colheitas são prejudicadas por falta de chuva em todas as partes do mundo. E os céus recebem uma avalanche de orações daqueles que estão em perigo. Em público, ou em particular, eles imploram a Deus que lhes dê ajuda, consolo e orientação.

É provável que vocês tenham observado nos dias de hoje, assim como eu, que as orações não só se têm tornado mais freqüentes como também mais sinceras. Nas reuniões de que participo, meu lugar ao púlpito fica, com freqüência, ao lado da pessoa que é convidada para proferir a oração. Fico maravilhado com o que ouço. As palavras proferidas são claramente inspiradas por Deus, tanto em eloqüência quanto em sabedoria. E o tom empregado é o de um terno filho em busca de ajuda, não a que certamente viria de um pai terreno, mas a de um Pai Celestial Todo-Poderoso que conhece nossas necessidades antes mesmo de as manifestarmos.

Essa retomada do fervor na oração, em um momento em que o mundo parece tão fora de controle, é tão antiga quanto o próprio ser humano. Em tempos de tragédia e perigo, as pessoas voltam-se a Deus em oração. Até o rei Davi reconheceria o que está acontecendo. Vocês se lembram das palavras dele, registradas no livro de Salmos:

"O Senhor será também um alto refúgio para o oprimido; um alto refúgio em tempos de angústia.

Em ti confiarão os que conhecem o teu nome; porque tu, Senhor, nunca desamparaste os que te buscam".[1]

O grande aumento na quantidade de orações sinceras e sua aceitação pública é, para mim, tanto quanto para outros, algo notável. Nos últimos tempos, mais de uma pessoa disse-me, energicamente e com um tom de preocupação na voz, "Vamos esperar que essa mudança perdure."

Essa preocupação é justificável. Nossa experiência pessoal e o registro das escrituras sobre o relacionamento de Deus com Seus filhos ensinam-nos isso. A dependência que temos de Deus pode enfraquecer rapidamente quando as orações são atendidas. E, quando os problemas diminuem, o mesmo acontece com as orações. O Livro de Mórmon repete essa triste história muitas e muitas vezes.

Lemos no livro de Helamã: "Oh! Como pudestes vos esquecer de vosso Deus, no próprio dia em que ele vos libertou?"[2] E mais adiante, no mesmo livro, quando Deus responde às orações com bondade infinita, esse terrível padrão é descrito novamente:

"E assim podemos ver quão falso e também quão inconstante é o coração dos filhos dos homens; sim, podemos ver como o Senhor, na grandeza de sua infinita bondade, abençoa e faz prosperar os que colocam nele a sua confiança.

Sim, e vemos que é justamente quando ele faz prosperar seu povo, sim, aumentando seus campos, seu gado e seus rebanhos e ouro e prata e toda sorte de coisas preciosas de todo tipo e de todo estilo, preservando-lhes a vida e livrando-os das mãos de seus inimigos, abrandando o coração dos inimigos para que não lhes façam guerra; sim, e, em resumo, fazendo tudo para o bem e a felicidade de seu povo; sim, então é quando endurecem o coração, esquecendo-se do Senhor seu Deus e pisando o Santíssimo — sim, e isto em virtude de seu conforto e de sua enorme prosperidade.

E assim vemos que se o Senhor não castiga seu povo com numerosas aflições, sim, se não o fere com morte e com terror e com fome e com toda sorte de pestilências, dele não se lembram."[3]

E, ainda nas palavras da escritura, vemos o motivo pelo qual nos esquecemos tão facilmente da fonte de nossas bênçãos e paramos de sentir necessidade de orar com fé:

"Oh! Quão insensatos e quão presunçosos e quão malignos e diabólicos e quão rápidos em cometer iniqüidades e quão lentos em praticar o bem são os filhos dos homens! Sim, quão apressados são em dar ouvidos às palavras do maligno e em colocar o coração nas coisas vãs do mundo!

Sim, quão rápidos em se ensoberbecerem; sim, quão rápidos em se vangloriarem e em praticarem toda sorte de iniqüidades; e quão lentos são em se recordarem do Senhor seu Deus e em dar ouvidos a seus conselhos; sim, quão lentos em trilhar os

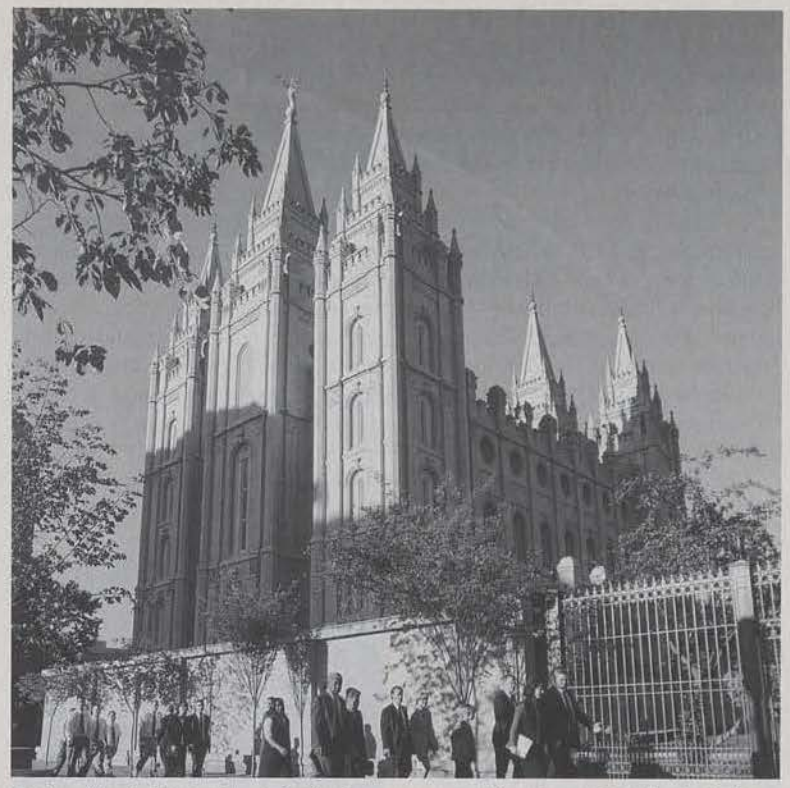
caminhos da sabedoria.

Eis que não desejam que o Senhor seu Deus, que os criou, os governe e reine sobre eles; apesar de sua grande bondade e misericórdia para com eles, desprezam seus conselhos e não o desejam como guia."[4]

Desses três curtos versículos de escritura, vemos três causas para o triste distanciamento da humilde oração. Primeiro: embora Deus implore que façamos nossas orações, o inimigo de nossa alma as menospreza e ridiculariza. A admoestação presente em 2 Néfi é verdadeira: "E agora, meus amados irmãos, percebo que ainda meditais em vosso coração; e é-me doloroso falar-vos sobre isso. Porque, se désseis ouvidos ao espírito que ensina o homem a orar, saberíeis que deveis orar; porque o espírito mau não ensina o homem a orar, mas ensina-lhe que não deve orar".[5]

Segundo: Esquecemo-nos de Deus por causa da vaidade. Um pouco de prosperidade e paz, ou uma leve tendência para isso, leva-nos a uma sensação de auto-suficiência. Rapidamente, sentimos que estamos no controle de nossa vida e que as mudanças para melhor são resultado do nosso próprio esforço, e não algo proveniente de Deus, que Se comunica conosco por meio da voz mansa e delicada do Espírito. O orgulho cria um ruído dentro de nós que torna a voz suave do Espírito difícil de ser ouvida. E logo, imersos em nossa vaidade, não mais damos ouvidos a ela. Rapidamente chegamos à conclusão de que não precisamos mais dela.

A terceira causa encontra-se enraizada profundamente em nós. É inerente à nossa natureza. Somos filhos espirituais de um Pai Celestial de amor que nos mandou para esta vida mortal para ver se optaríamos — optaríamos livremente — por obedecer Seus mandamentos e seguir Seu Filho Amado. Eles não nos compeliram a isso. Nem poderiam, pois seria como interferir no plano de felicidade que traçaram para nós. Portanto, existe em nós um desejo, uma dádiva de Deus, de sermos responsáveis por nossas próprias escolhas.



Os freqüentadores da conferência passam em frente ao Templo de Salt Lake quando se dirigem ao Centro de Conferências.

O desejo de fazermos as nossas próprias escolhas faz parte da força que nos impulsiona em direção à vida eterna. Mas ele também pode, se somente enxergarmos a vida com uma perspectiva mortal, dificultar ou mesmo tornar impossível a nossa dependência de Deus, quando sentimos a força desse desejo de ser independentes. Esta verdadeira doutrina a seguir, pode parecer cruel:

"Porque o homem natural é inimigo de Deus e tem-no sido desde a queda de Adão e sê-lo-á para sempre; a não ser que ceda ao influxo do Santo Espírito e despoje-se do homem natural e torne-se santo pela expiação de Cristo, o Senhor; e torne-se como uma criança, submisso, manso, humilde, paciente, cheio de amor, disposto a submeter-se a tudo quanto o Senhor achar que lhe deva infligir, assim como uma criança se submete a seu pai."[6]

Aqueles que se submetem como uma criança fazem-no porque sabem que o Pai deseja somente a felicidade para Seus filhos e porque somente Ele conhece o caminho. Esse é o testemunho que precisamos preservar, orando como uma criança submissa, tanto nos tempos felizes quanto nos difíceis.

Tendo essa fé, seremos capazes de orar pelo que desejamos e de apreciar as coisas que recebemos. Somente tendo essa fé, faremos nossas orações com o cuidado ordenado por Deus. Quando Deus nos ordenou que orássemos, utilizou termos como "orai incessantemente", "orai sempre" e "orações fervorosas".

Essas ordens não exigem que utilizemos muitas palavras. Na verdade, o Salvador nos disse que não precisamos multiplicar as palavras quando oramos. O cuidado na oração exigido por Deus não se refere a um palavreado rebuscado nem a longas horas de solidão. Isso é ensinado com

clareza em Alma, no Livro de Mórmon:

"Sim, e quando não clamardes ao Senhor, deixai que se encha o vosso coração, voltado continuamente para ele em oração pelo vosso bem-estar, assim como pelo bem-estar de todos os que vos rodeiam".[7]

O nosso coração só pode aproximar-se de Deus quando estiver cheio de amor por Ele e confiança em Sua bondade. Joseph Smith, ainda menino, deu-nos um exemplo de como podemos orar tendo o coração cheio de amor por Deus e passar a orar incessantemente em meio a uma vida repleta de provações e bênçãos.

Começa com Joseph indo orar no bosque, tendo fé que um Deus de amor responderia à sua oração e o tiraria da confusão em que se encontrava. Sua certeza baseava-se na leitura da palavra de Deus e no testemunho assim recebido de que isso era verdade. Disse que havia lido em Tiago: "Peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente, e o não lança em rosto, e ser-lhe-á dada".[8] Sua fé em perguntar a Deus, em oração, veio-lhe depois de ponderar sobre a escritura que lhe garantira a natureza amorosa de Deus. Ele orou da maneira que devemos orar, com fé em um Deus de amor.

Ele orou com o intento não só de ouvir, mas também com o de obedecer. Não pediu somente para saber a verdade, mas comprometeu-se a agir segundo aquilo que Deus iria dizer-lhe. Seu relato deixa claro que ele orou com real intenção, determinado a submeter-se à resposta, qualquer que ela fosse. Ele escreveu:

"Jamais uma passagem de escritura penetrou com mais poder no coração de um homem do que essa, naquele momento, no meu. Pareceu entrar com grande força em cada fibra de meu coração. Refleti repetidamente sobre ela, tendo consciência de que se alguém necessitava da sabedoria de Deus, era eu, pois eu não sabia como agir e, a menos que conseguisse obter mais sabedoria do que a que tinha então, nunca saberia; pois os religiosos das diferentes seitas interpretavam as mesmas passagens de escritura de maneira tão diferente que destruíam toda a confiança na solução do problema por meio de uma consulta à Bíblia."[9]

O Pai e Seu Filho amado apareceram a ele em resposta à sua oração. E foi-lhe dito o que fazer, conforme desejara. Ele obedeceu como uma criança. Foi-lhe respondido que não se unisse a nenhuma daquelas igrejas. Ele fez o que lhe disseram. E graças à sua fidelidade, nos dias, meses e anos que se seguiram, suas orações foram respondidas com uma abundância de luz e verdade. A plenitude do evangelho de Jesus Cristo e as chaves do reino de Deus foram restauradas sobre a Terra. Sua humilde dependência de Deus levou à Restauração do evangelho, com autoridade e ordenanças sagradas. Devido à essa Restauração, temos a oportunidade de optar pela independência mais valiosa: a de sermos livres do jugo do pecado pelo poder purificador da Expiação de Jesus Cristo.

A missão de Joseph Smith foi singular, e sua humilde oração pode ser um modelo de grande utilidade para nós. Ele começou como devemos iniciá-la, tendo fé em um Deus de amor que pode e quer comunicar-Se conosco e ajudar-nos. Essa fé estava enraizada nas impressões que lhe ocorreram depois que ponderou sobre as palavras dos servos de Deus registradas nas escrituras. Precisamos e devemos buscar constante e diligentemente a palavra de Deus. Se descuidarmos do estudo das palavras dos servos de Deus, também descuidaremos das nossas orações.

Se negligenciarmos as palavras de vida que nos foram dadas pelos profetas, pode ser que não deixemos de orar, mas nossas orações se tornarão mais repetitivas, mais mecânicas, sem real intenção. Nosso coração não pode voltar-se para um Deus a quem não conhecemos e as escrituras e as palavras dos profetas vivos nos ajudam a conhecê-Lo. Ao conhecê-Lo melhor, nós O amaremos mais.

Devemos também servi-Lo para amá-Lo. Joseph Smith fez isso, chegando mesmo a entregar a própria vida, servindo-O. Joseph orava com o intento de obedecer. Essa obediência sempre inclui o serviço ao próximo. Nosso serviço na obra de Deus permite que sintamos parte do que Ele sente e que O conheçamos melhor.

"Pois como conhece um homem o mestre a quem não serviu e que lhe é estranho e que está longe dos pensamentos e desígnios de seu coração."[10] Ao aumentarmos nosso amor por Ele, o mesmo acontecerá com nosso desejo de nos aproximar do Pai em oração.

As palavras e a música desta conferência levarão vocês a fazer aquilo que os fortalecerá contra o perigo

de um distanciamento da sincera oração. De tudo o que ouvirem, sentirão inspiração para buscar as escrituras. Sigam essa inspiração. Vocês serão lembrados, durante esta conferência, acerca do serviço que se comprometeram a prestar quando entraram nas águas do batismo. Optem por obedecer.

Se ponderarem sobre as escrituras e passarem a cumprir os convênios que fizeram com Deus, posso prometer que amarão a Deus e sentirão muito mais o Seu amor por vocês. E, com isso, suas orações virão do fundo do coração, cheias de gratidão e de súplicas. Sentirão maior dependência de Deus. Encontrarão a coragem e a determinação para agir no Seu serviço, sem medo e com paz no coração. Irão orar sempre. E nunca irão esquecê-Lo, a despeito do que aconteça depois.

Presto-lhes meu testemunho de que Deus, o Pai, vive. Ele nos ama. Ouve nossas orações e as responde com o que há de melhor para nós. À medida que O conhecermos melhor, por meio de Suas palavras e no Seu serviço, nós O amaremos mais. Sei que isso é verdade.

A plenitude do Evangelho de Jesus Cristo e a verdadeira Igreja de Jesus Cristo foram restauradas por intermédio do Profeta Joseph Smith. As chaves do sacerdócio existem somente nesta Igreja. Sei, tão certo como vivo, que o Presidente Gordon B. Hinckley possui e usa essas chaves na Terra. Jesus Cristo vive — eu sei — e dirige Sua Igreja nos dias de hoje. Ele os ensinará por meio de Seus servos, durante esta conferência.

No nome sagrado de Jesus Cristo. Amém. □

NOTAS

1. Salmos 9:9–10.
2. Helamã 7:20.
3. Helamã 12:1–3.
4. Helamã 12:4–6.
5. 2 Néfi 32:8.
6. Mosias 3:19.
7. Alma 34:27.
8. Tiago 1:5, Joseph Smith — História 1:11.
9. JS — H 1:12.
10. Mosias 5:13.

A Expiação: Nossa Maior Esperança

Presidente James E. Faust
Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

"Nossa salvação depende de acreditarmos na Expiação e a aceitarmos. Essa aceitação exige um esforço contínuo para que a compreendamos mais plenamente."

Queridos irmãos, irmãs e amigos, venho humildemente a este púlpito na manhã de hoje porque desejo falar a respeito do maior evento de toda a história. Esse acontecimento extraordinário foi a incomparável Expiação de nosso Senhor e Salvador, Jesus o Cristo. Foi o mais importante ato que já ocorreu, mas também o mais difícil de se compreender. O motivo por que desejo aprender tudo que posso sobre a Expiação é, em parte, egoísta: Nossa salvação depende de acreditarmos na Expiação e a aceitarmos.[1] Essa aceitação exige um esforço contínuo para que a compreendamos mais plenamente. A Expiação ajuda-nos a progredir no curso mortal do aprendizado, possibilitando-nos tornar perfeita a nossa natureza.[2] Todos pecamos e precisamos arrepender-nos para pagar *nossa* parte da dívida. Se nos arrependermos sinceramente, a grandiosa Expiação do Salvador cobrirá o *restante* da dívida.[3]

Paulo deu uma explicação simples para a necessidade da Expiação. "Porque, assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo."[4] Jesus Cristo foi designado e preordenado para ser nosso Redentor antes da criação do mundo. Por Sua divina condição de Filho de Deus, Sua vida sem pecados, o derramamento de Seu sangue no Jardim do Getsêmani, Sua dolorosa morte na cruz e subseqüente ressurreição física do sepulcro, Ele tornou-Se o autor de nossa salvação e realizou uma Expiação perfeita por toda a humanidade.[5]

Ao compreendermos o máximo que pudermos sobre a Expiação e a Ressurreição de Cristo, adquiriremos um conhecimento Dele e de Sua missão.[6] Ao aumentarmos nosso entendimento de Seu sacrifício expiatório, nos aproximaremos Dele. A Expiação significa literalmente tornar-nos "um" com Ele. A natureza da Expiação e seus efeitos são tão infinitos, tão incomensuráveis e tão profundos que transcendem em muito o conhecimento e compreensão do

homem mortal. Sou profundamente grato pelo princípio da salvação pela graça. Muitas pessoas acham que precisam apenas confessar que Jesus é o Cristo e, então, serão salvas apenas pela graça. Não podemos ser salvos pela graça somente, pois "sabemos que somos salvos, *depois* de tudo o que pudermos fazer".[7]

Há alguns anos, o Presidente Gordon B. Hinckley contou uma "espécie de parábola" sobre "uma escola de uma só sala de aula nas montanhas da Virgínia, na qual os meninos eram tão rebeldes que nenhum professor conseguia lidar com eles.

Então, certo dia, um professor jovem e inexperiente candidatou-se ao emprego. Disseram-lhe que todos os professores anteriores tinham sido agredidos fisicamente, mas ele aceitou os riscos. No primeiro dia de aula, o professor pediu aos meninos que estabelecessem suas próprias regras e as punições referentes a sua violação. Os alunos elaboraram dez regras, que foram escritas no quadro-negro. Então, o professor perguntou: 'O que faremos com quem quebrar as regras?'

"'Dez chibatadas nas costas, sem o casaco', foi a resposta.

Alguns dias depois, (. . .) o lanche de um aluno muito grande, chamado Tom, foi roubado. 'O ladrão foi encontrado: era um rapaz franzino e faminto, de dez anos de idade.'

Quando o pequeno Jim foi receber seu castigo, implorou para não ter que tirar o casaco. 'Tire o casaco', disse o professor. 'Foram vocês que criaram as regras!'

O menino tirou o casaco. Estava sem camisa e tinha um corpo esquálido e raquítico. Quando o professor hesitou em aplicar o castigo, o grande Tom ergueu-se de um salto e ofereceu-se para receber a punição no lugar do menino.

"'Muito bem, há uma lei que determina que uma pessoa pode substituir a outra. Todos concordam?' indagou o professor.

Depois de cinco chicotadas nas costas de Tom, a vara quebrou-se. Todos na classe estavam soluçando. 'O pequeno Jim aproximou-se e deu um abraço apertado em Tom. "Tom, sinto muito por ter roubado seu lanche, mas eu estava com muita fome. Tom, vou amá-lo até morrer por você ter recebido o castigo em meu lugar! Sim, vou amá-lo para sempre!"'[8]

O Presidente Hinckley então citou Isaías:

"Verdadeiramente ele tomou sobre si as nossas enfermidades, e as nossas dores levou sobre si;

(. . .) Ele foi ferido por causa das nossas transgressões, e moído por causa das nossas iniqüidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados."[9]

Ninguém sabe quão dolorosas foram as dores sofridas por nosso Salvador, mas pelo poder do Espírito Santo podemos ter algum conhecimento da dádiva sublime que Ele nos concedeu.[10] Na letra de um de nossos hinos sacramentais, lemos:

Quem pode perceber
De Sua dor a extensão?
Mas cremos que sofreu
Pra conceder-nos salvação.[11]

Ele sofreu dores imensas, uma "agonia indescritível" e uma "tortura avassaladora"[12] por nós. Seu profundo padecimento no Jardim do Getsêmani, onde tomou sobre Si todos os pecados de todos os mortais, fez com que "tremesse de dor e sangrasse por todos os poros; e sofresse, tanto no corpo como no espírito".[13] "E, posto em agonia, orava mais intensamente"[14], dizendo: "Pai Meu, se este cálice não pode passar de mim sem eu o beber, faça-se a tua vontade".[15] Ele foi traído por Judas Iscariotes e negado por Pedro. Os principais dos sacerdotes e os oficiais zombaram dele. Tiraram-Lhe as roupas, golpearam-No, cuspiram Nele e açoitaram-No na sala de julgamento.[16]

Foi levado ao Gólgota, onde traspassaram Suas mãos e pés com cravos. Pendeu em agonia por horas numa cruz de madeira, com esta inscrição escrita por Pilatos: "JESUS NAZARENO, O REI DOS JUDEUS".[17] Trevas encobriram a Terra, e "perto da hora nona exclamou Jesus em alta voz, dizendo: Eli, Eli, lamá sabactâni; isto é, Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?"[18] Ninguém podia ajudá-Lo; estava pisando no lagar sozinho.[19] Então "Jesus, clamando outra vez com grande voz, rendeu o espírito".[20] E "um dos soldados lhe furou o lado com uma lança, e logo saiu sangue e água".[21] "Tremeu a terra", e "o centurião e os que com ele guardavam a Jesus, vendo o terremoto, e as coisas que haviam sucedido, tiveram grande temor, e disseram: Verdadeiramente este era Filho de Deus".[22] Na letra do hino, lemos: "Não permitas que esqueçamos que morreste tu por nós".[23] Fico a perguntar-me quantas gotas foram vertidas por mim.

O que Ele fez somente um Deus poderia ter realizado. Como o Filho Unigênito do Pai na carne, Jesus herdou atributos divinos. Ele era a única pessoa nascida na mortalidade que poderia realizar esse ato extremamente importante e sublime. Como o único Homem sem pecado que já viveu na Terra, Ele não estava sujeito à morte espiritual. Devido à Sua divindade, Ele também tinha poder sobre a morte. Assim, Ele fez por nós o que não poderíamos fazer por nós mesmos. Ele rompeu as frias correntes da morte. Também possibilitou que tivéssemos o sereno e sublime consolo do dom do Espírito Santo.[24]

A Expiação e a Ressurreição efetuaram muitas coisas. A Expiação purifica-nos do pecado, contanto que nos arrependamos. O arrependimento é a condição que determina a aplicação da misericórdia.[25] Depois de tudo o que pudermos fazer para pagar até o último vintém e reparar nossos erros, a graça do Salvador será aplicada em nossa vida, por meio da Expiação que nos purifica e nos aperfeiçoa.[26] A Ressurreição de Cristo sobrepujou a morte e deu-nos a certeza da vida após a morte. Ele disse: "Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá".[27] A Ressurreição é

O Presidente Gordon B. Hinckley acena para a congregação reunida no Centro de Conferências. Atrás dele estão (a partir da esquerda): Élder Jeffrey R. Holland, Élder Robert D. Hales e o Élder Richard G. Scott, do Quórum dos Doze Apóstolos, e o Presidente Thomas S. Monson e o Presidente James E. Faust, conselheiros na Primeira Presidência.

incondicional e aplica-se a todos os que viveram e que viverão.[28] É um dom gratuito. O Presidente John Taylor descreveu-a muito bem, ao dizer: "As sepulturas se abrirão e os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus e se erguerão: aqueles que fizeram o bem para ressurreição dos justos, e aqueles que fizeram o mal para a ressurreição dos injustos".[29]

Com respeito a nossos atos mortais e a Expiação, o Presidente J. Reuben Clark Jr. deu-nos esta valiosa explicação:

"Sinto que [o Salvador] nos dará a menor punição possível que merecermos por nossas transgressões. Creio que em Sua justiça Ele aplicará todo o infinito amor, bênção, misericórdia, bondade e compreensão que possui.(. . .)

Mas por outro lado, creio que no tocante às recompensas por nossa boa conduta, Ele nos dará o máximo que for possível conceder-nos, tendo em vista as ofensas que cometemos."[30]

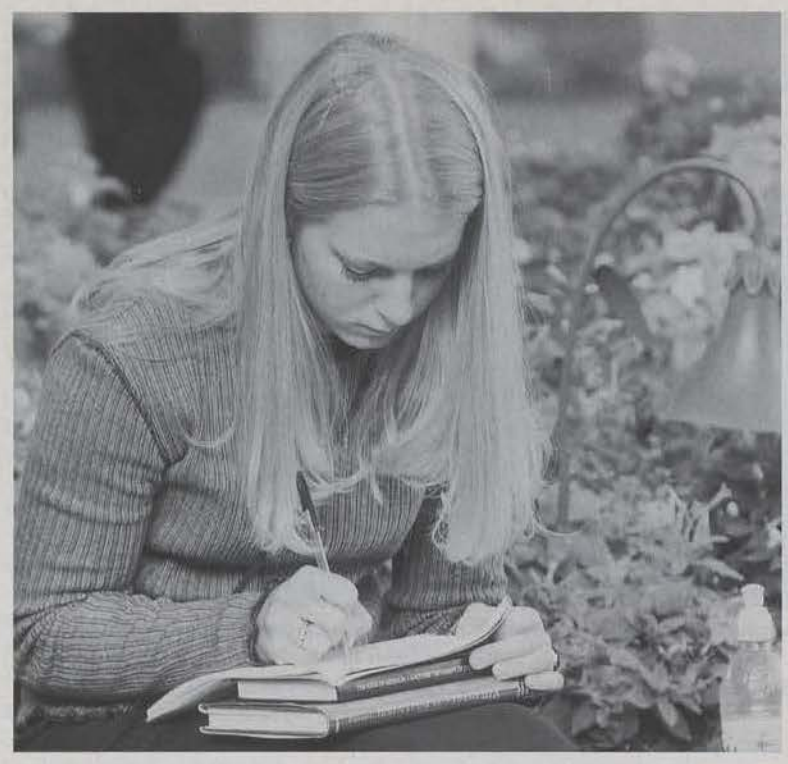
Como escreveu Isaías, se nos voltarmos para o Senhor, Ele "grandioso é em perdoar".[31]

Recebemos o mandamento de recordar os importantes eventos da mediação, Crucificação e Expiação ao tomar o sacramento todas as semanas. No espírito das orações sacramentais, partilhamos o pão e a água em lembrança do corpo e do sangue sacrificados por nós, e devemos lembrar-nos Dele e guardar Seus mandamentos para que sempre tenhamos conosco o Seu Espírito.

Nosso Redentor tomou sobre Si todos os pecados, dores, enfermidades e doenças de todos aqueles que já viveram e ainda viverão nesta Terra.[32] Ninguém jamais sofreu algo semelhante ao que Ele sofreu. Ele conhece nossas provações mortais por experiência própria. É como se tentássemos subir o Monte Everest e só chegássemos até os primeiros metros. Mas Ele escalou todos os 8.640 metros, até o topo da montanha. Ele sofreu mais do que qualquer outro mortal poderia sofrer.

A Expiação não apenas beneficia o pecador mas também aqueles contra quem foram cometidos os pecados, ou seja, as vítimas. Ao perdoar àqueles que "pecaram contra nós" (JST, Mat. 6:13), a Expiação proporciona paz e consolo aos que foram vítimas inocentes de pecados alheios. A fonte básica para a cura de nossa alma é a Expiação de Jesus Cristo. Isso se aplica tanto à dor de uma tragédia pessoal ou a uma terrível calamidade nacional, como a que presenciamos recentemente em Nova York, Washington, D. C., e perto de Pittsburgh.

Uma irmã que enfrentou um divórcio doloroso escreveu o seguinte a respeito da força que recebeu da Expiação. Ela disse: "Nosso divórcio (. . .) não me liberou da obrigação de perdoar. Eu realmente queria fazê-lo, mas foi como se tivesse recebido um mandamento que me parecia simplesmente impossível de cumprir". Seu bispo deu-lhe um bom conselho: "Reserve um lugar para o perdão em seu coração, e quando ele chegar, acolha-o de bom grado". Muitos meses se passaram enquanto ela continuava debatendo-se para conseguir perdoar. Ela relembra: "Naqueles longos e fervorosos momentos, (. . .) encontrei a fonte de vida e consolo proporcionados por meu amado Pai Celestial. Senti que Ele não me olhava com ar de censura por eu não ter conseguido perdoar, mas sim que sofria comigo enquanto eu chorava. (. . .)



No final das contas, o que aconteceu em meu coração foi para mim uma assombrosa e milagrosa evidência da Expiação de Cristo. Eu sempre encarara a Expiação como um meio de tornar o arrependimento efetivo para o pecador. Não me dera conta de que ela também possibilita que a pessoa ofendida sinta no coração a doce paz do perdão".[33]

A pessoa ofendida deve fazer tudo a seu alcance para enfrentar suas provações, e o Salvador irá "socorrer seu povo, de acordo com suas enfermidades".[34] Ele nos ajudará a carregar nossos fardos. Algumas ofensas são tão dolorosas e profundas que não podem ser curadas sem a ajuda de um poder superior e a esperança de perfeita justiça e restituição na vida futura. Como o Salvador sofreu tudo o que poderíamos sentir ou vivenciar,[35] Ele pode ajudar o fraco a tornar-se mais forte. Ele passou pessoalmente por todas as coisas. Ele compreende nossas dores e caminhará a nosso lado, mesmo em nossos momentos mais tenebrosos.

Ansiamos pela bênção final da Expiação: tornar-nos um com Ele, estar em Sua divina presença, ser chamados individualmente pelo nome quando Ele calorosamente nos receber de volta ao lar com um sorriso radiante, abrindo-nos os braços para envolver-nos em Seu infinito amor.[36] Quão glorioso e sublime será esse momento, se formos dignos o bastante para estar em Sua presença! A dádiva gratuita de Seu grande sacrifício expiatório dada a cada um de nós é a única maneira pela qual poderemos ser suficientemente exaltados para colocar-nos diante Dele e vê-Lo face a face. A maravilhosa mensagem da Expiação é o amor perfeito que o Salvador tem por todos nós. É um amor cheio de misericórdia, paciência, graça, eqüidade, longanimidade e, acima de tudo, perdão.

A influência maligna de Satanás deseja destruir toda esperança que temos de superar nossos erros. Ele deseja que nos sintamos perdidos e acreditemos que não existe esperança. Por outro lado, Jesus estende-nos a mão para elevar-nos. Por meio de nosso arrependimento e da dádiva da Expiação, podemos preparar-nos para ser dignos de estar em Sua presença. Disso testifico em nome de Jesus Cristo. Amém. □

NOTAS

1. Ver Mosias 4:6–7.
2. Ver Morôni 10:32.
3. Ver 2 Néfi 25:23.
4. I Coríntios 15:22.
5. Ver Bible Dictionary, "Atonement", p. 617.
6. Ver Jacó 4:12.
7. 2 Néfi 25:23; grifo do autor.
8. "Pres. Hinckley: Christmas a Result of Redeeming Christ", *Church News*, 10 de dezembro de 1994, p. 4.
9. Isaías 53:4–5.
10. Ver I Coríntios 12:3.
11. "No Monte do Calvário", *Hinos*, 113.
12. John Taylor, *The Mediation and Atonement* (1882), p. 150.
13. D&C 19:18.
14. Lucas 22:44.
15. Mateus 26:42.
16. Ver Mateus 26:47–75; 27:28–31.
17. João 19:19.
18. Mateus 27:46.
19. Ver D&C 133:50.
20. Mateus 27:50.
21. João 19:34.
22. Mateus 27:51, 54.
23. "Nossa Humilde Prece Atende", *Hinos*, 102.
24. Ver João 15:26.
25. Ver Alma 42:22–25.
26. Ver 2 Néfi 25:23; Alma 34:15–16; 42:22–24; Morôni 10:32–33.
27. João 11:25.
28. Ver Atos 24:15.
29. *The Gospel Kingdom*, sel. G. Homer Durham (1943), p. 118. Ver também João 5:28–29.
30. *"As Ye Sow (. . .)"*, Brigham Young University Speeches of the Year (3 de maio de 1955), p. 7.
31. Isaías 55:7.
32. Ver Alma 7:11–12.
33. Nome Omitido, "My Journey to Forgiving", *Ensign*, fevereiro de 1997, pp. 42–43.
34. Alma 7:12.
35. Ver Alma 7:11.
36. Ver Alma 26:15; Mórmon 5:11; 6:17; Moisés 7:63.

Sessão da Tarde de Sábado
6 de outubro de 2001

Apoio aos Líderes da Igreja

Presidente James E. Faust
Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

Meus irmãos e irmãs, o Presidente Hinckley solicitou-me que apresentasse agora a vocês as Autoridades Gerais, Setentas-Autoridades de Área e Presidências Gerais das Auxiliares da Igreja para seu voto de apoio.

É proposto que apoiemos Gordon Bitner Hinckley como profeta, vidente e revelador e Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias; Thomas Spencer Monson como Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência e James Esdras Faust como Segundo Conselheiro na Primeira Presidência. Todos a favor, manifestem-se. Os que se opuserem, se houver, manifestem-se.

É proposto que apoiemos Thomas Spencer Monson como Presidente do Quórum dos Doze Apóstolos; Boyd Kenneth Packer como Presidente Interino do Quórum dos Doze Apóstolos; e os seguintes como membros desse quórum: Boyd K. Packer, L. Tom Perry, David B. Haight, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott, Robert D. Hales, Jeffrey R. Holland e Henry B. Eyring. Todos a favor, manifestem-se. Quem se opuser, manifeste-se.

É proposto que apoiemos os conselheiros na Primeira Presidência e os Doze Apóstolos como profetas, videntes e reveladores. Todos a favor, podem manifestar-se. Os que se opõem, se houver, manifestem-se pelo mesmo sinal.

É proposto que desobriguemos os Élderes L. Aldin Porter e Marlin K. Jensen como membros da Presidência dos Setenta. É também proposto que desobriguemos os Élderes L. Aldin Porter, Vaughn J. Featherstone, Rex D. Pinegar, John K. Carmack e L. Lionel Kendrick como membros do Primeiro Quórum dos Setenta e que os designemos membros eméritos do Primeiro Quórum dos Setenta. Todos o que quiserem juntar-se a nós em voto de apoio, manifestem-se.

Em agradecimento pelo serviço prestado como membros do Segundo Quórum dos Setenta, estendemos a desobrigação honrosa aos Élderes Richard B. Wirthlin, Richard E. Cook, Wayne M. Hancock e Ray H. Wood e aos seguintes Setentas-Autoridades de Área: Norman C. Boehm, Jess L. Christensen, Dale L. Dransfield, David W. Eka, James E. Griffin, Esteban Guevara, Ronald J. Hammond, Thomas A. Holt, Ernst Husz, Julio H. Jaramillo, Lloyd W.

A estátua situada ao centro da Praça do Templo relembra o sacrifício dos pioneiros com seus carrinhos de mão.

Jones, Seiji Katanuma, J. Grey Larkin, Haruyoshi Nakamura, Karl E. Nelson, Jesús Nieves, Rodrigo Obeso, James S. Olson, Glen A. Overton, William W. Parmley, Steven H. Pond, Michael T. Robinson, Jorge W. Ventura e Craig T. Vincent.

Todos os que desejarem juntar-se a nós em voto de agradecimento, por favor, manifestem-se com a mão direita levantada.

É proposto que desobriguemos com um voto de agradecimento os Élderes Marlin K. Jensen, Neil L. Andersen e John H. Groberg da Presidência Geral da Escola Dominical; e os Élderes Robert K. Dellenback, F. Melvin Hammond e John M. Madsen da Presidência Geral dos Rapazes. Todos a favor, manifestem-se com a mão direita levantada.

É proposto que apoiemos os Élderes Charles Didier e Cecil O. Samuelson como membros da Presidência dos Setenta. Todos a favor, manifestem-se. Os que se opuserem, manifestem-se pelo mesmo sinal.

É proposto que apoiemos Carlos J. Garcia, R. Randall Huff e John W. Yardley como Setentas-Autoridades de Área. Todos a favor, manifestem-se. Os que se opuserem, manifestem-se.

É proposto que apoiemos os Élderes Cecil O. Samuelson, John H. Groberg e Richard J. Maynes como membros da Presidência Geral da Escola Dominical e os Élderes F. Melvin Hammond, Glenn L. Pace e Spencer J. Condie como membros da Presidência Geral dos Rapazes. Todos a favor, manifestem-se. Os que se opuserem, manifestem-se.

É proposto que apoiemos as demais Autoridades Gerais, Setentas-Autoridades de Área e presidências gerais das auxiliares como constituídas atualmente. Todos a favor, manifestem-se. Os que se opuserem, manifestem-se.

Parece-me que os apoios foram todos unânimes e afirmativos.

Agradecemos a vocês, irmãos e irmãs, por sua fé e orações. □

A Fé que Possuem os Nossos Profetas

Élder David B. Haight
Do Quórum dos Doze Apóstolos

"Precisamos ter uma fé como a que Brigham Young possuía, que Gordon B. Hinckley possui e que nossos profetas e líderes possuem."

Espero que tenham sentido um ardor no peito, como eu senti, quando ergui minha mão para apoiar o Presidente Hinckley como Presidente da Igreja e como profeta, vidente e revelador, além dos outros líderes que nos foram apresentados. Que maravilhoso e grandioso privilégio temos hoje, aqui sentados, de poder apoiar nosso profeta vivo na Terra, não apenas erguendo despreocupadamente a mão, mas também sentindo no coração e alma que não só o apoiamos como também endossamos tudo o que ele vem fazendo e o que fez por nós ao representar-nos perante o mundo. Somos gratos pela forma maravilhosa e inspirada com que ele tem-se comunicado com o mundo, particularmente nos últimos dias e semanas.

Há alguns anos, quando Arturo Toscanini era o maestro da Orquestra Filarmônica de Nova York, na cidade de Nova York, ele tinha um programa de rádio que era transmitido na tarde de sábado. Certo dia, ele recebeu em meio à sua correspondência um pequeno bilhete amarrotado, escrito num papel velho, que dizia:

"Caro Sr. Toscanini, sou um solitário pastor de ovelhas que vive nas montanhas do Wyoming. Possuo duas coisas que considero muito preciosas: Um velho violino e um rádio de pilha. As pilhas estão ficando fracas e meu rádio está falhando. E meu violino está tão desafinado que nem consigo tocar mais. Será que o senhor poderia, por favor, tocar um Lá no seu programa do próximo sábado?"

No programa da semana seguinte, Arturo Toscanini anunciou: "Para um novo amigo que tenho nas montanhas do Wyoming, a Orquestra Filarmônica de Nova York irá agora, todos juntos, em uníssono, tocar um perfeito Lá". Eles então tocaram um Lá perfeito. Desse modo, aquele homem solitário conseguiu afinar a corda Lá de seu violino, depois a corda Mi, a corda Ré e a corda Sol, a partir daquele Lá.

Não é interessante refletir em

nossa própria vida e na de muitas pessoas que hoje me ouvem — cujo violino, ou vida, talvez esteja um pouco fora do tom — e saber que podem vir para a conferência geral da Igreja e ouvir as maravilhosas mensagens que nela são proferidas? Aqueles que têm a oportunidade de falar aqui oram fervorosamente – tal como eu, já no final de minha vida — para que tenhamos energia, força e vitalidade para erguer-nos e prestar testemunho da veracidade deste trabalho, porque sou testemunha disso.

Tive o privilégio — como muitos de vocês tiveram e como muitos gostariam de ter tido — de ter sido criado num lar mórmon e de ser fruto da Igreja, e de ter tido a oportunidade de sair e viver no mundo, ao lado de pessoas de muitos lugares, tanto no governo quanto no meio empresarial, onde quer que seja, e poder fazer amizade com essas pessoas e compartilhar com elas os sentimentos que temos no coração.

O Presidente Hinckley nos disse muitas vezes, em algumas de nossas reuniões, e creio que também em público, que atrás de sua escrivaninha há um retrato de Brigham Young. Às vezes, quando o Presidente Hinckley enfrenta um dia atarefado e árduo, em que precisa tomar muitas decisões difíceis, ele se vira na cadeira, olha para o retrato de Brigham Young, atrás dele, e pergunta, em voz alta ou em pensamentos: "Irmão Brigham, o que você teria feito?" ou "Que conselho tem para mim?"

Pensem no que aconteceu nestes anos recentes. Todos vocês conhecem muito bem a inspiração e orientação que o Presidente Hinckley teve na expansão da Igreja: A construção de templos, a reforma do antigo Hotel Utah, transformando-o naquele maravilhoso edifício, que hoje se chama Edifício Memorial Joseph Smith, e a construção deste local ímpar, o Centro de Conferências, onde estamos hoje, um prédio provavelmente sem igual em todo o mundo. Para nós que já trabalhamos alguns anos ao lado do Presidente Hinckley e o ouvimos e convivemos com ele, tem sido uma experiência maravilhosa e uma grande bênção em nossa vida poder sentir e participar da inspirada expansão deste trabalho, que já vinha progredindo anteriormente.

Ao ponderarmos a respeito da vida de Brigham Young e refletirmos na inspiração e orientação que aquele homem extraordinário recebeu, relembramos como ele foi capaz de preencher o trágico vazio deixado com a morte do Profeta Joseph Smith, e como ele se ergueu e foi capaz de guiar e dirigir, por inspiração e revelação, a saída de Nauvoo e planejar a viagem para o Oeste. Lembramos o trabalho contínuo efetuado naquela época no templo de Nauvoo, e o modo como foi organizada a jornada, com comboios de carroções em direção ao Oeste, até o vale do Lago Salgado, para o local que se tornaria Sião, onde eles poderiam adorar, ensinar, pregar e construir capelas e todo o necessário para a sociedade e cultura que temos, de modo a podermos expandir-nos e crescer aqui.

Pensem na inspiração recebida pelo profeta Brigham Young em relação àquelas pessoas que não apenas edificaram uma grande cidade em Salt Lake, mas que também se mudaram para as outras cidades ao redor de Utah. Ele teve a extraordinária visão e capacidade de enviar pessoas para investigar e explorar vales e regiões distantes de Salt Lake City, procurando locais onde os pioneiros que chegariam em

O Presidente Gordon B. Hinckley conduz sua esposa, Marjorie, para fora do Centro de Conferências, depois de uma sessão da conferência. Seguem-nos o Presidente Thomas S. Monson e o Presidente James E. Faust, conselheiros na Primeira Presidência, e o Presidente Boyd K. Packer, Presidente Interino do Quórum dos Doze Apóstolos.

grande número a este vale poderiam se estabelecer e construir seus lares e edificar cidades e comunidades e formar sua personalidade e seu caráter, e desenvolver seus próprios talentos. Desse modo, em vez de criar uma imensa cidade em Salt Lake City, cerca de 360 comunidades foram desenvolvidas sob sua liderança em áreas tão distantes quanto o Wyoming, Nevada, Arizona, o sul de Idaho, bem como em Utah.

À medida que as pessoas se mudavam e se estabeleciam nessas pequenas comunidades, elas desenvolviam seus talentos e capacidades servindo em juntas escolares e conselhos municipais, ou tornando-se líderes em pequenas cidades. Tornaram-se cidadãos locais e começaram a construir escolas e a expandir suas comunidades. Vemos o que aconteceu nas regiões que Brigham Young visualizou e que ele ajudou a estabelecer. Pensem no que elas se tornaram, no estabelecimento de uma pequena comunidade, por exemplo, em Las Vegas, Nevada, para que as pessoas pudessem ir até San Bernardino, Califórnia. As pessoas podiam chegar de navio a San Pedro, Califórnia, ir a San Bernardino para comprar suprimentos, e serem ajudadas com o equipamento necessário para chegarem até este vale, seguindo então para as comunidades circunvizinhas, até o condado de Sanpete, ou para Idaho, ou outro lugar.

Sou fruto disso, porque quando a família de minha mãe chegou a Salt Lake City, eles foram enviados para colonizar Tooele. Mais tarde, foram enviados para Idaho, onde uma serraria e um moinho de cereais precisavam ser construídos. A família de meu pai se estabeleceu em Farmington, Utah, como parte desse trabalho de colonização que mencionei: A colonização que tornou as pessoas mais fortes e lhes deu muitas oportunidades. Em vez de ficarem perdidos numa cidade grande, foi-lhes pedido que se mudassem para uma comunidade menor, onde poderiam desenvolver suas capacidades e onde existiriam mais escolas, havendo necessidade de mais professores, e onde as pessoas com seu talento poderiam desenvolver suas aptidões. Depois de tudo isso, foi pedido à minha família que partisse de Farmington e Tooele, que vendesse suas terras férteis e fosse para o sul de Idaho, onde não havia nada na época a não ser arbustos de artemísia.

Numa dessas pequenas comunidades, meu pai e minha mãe se apaixonaram um pelo outro. Quando completaram 20 anos de idade e estavam prontos para se casarem, onde quiseram casar-se? No Templo de Logan Utah. Como chegaram até lá? De charrete. Quanto tempo isso levou? Bem, cinco ou seis ou sete dias. Havia rodovias e boas estradas? É claro que não. Eles seguiram por estradas abertas por carroções que cruzavam os campos de artemísias, atravessando arbustos e passando por cima das pedras. Onde eles quiseram se casar? Onde quiseram ser selados? Num único lugar: o templo. E foram para lá de charrete.

Isso tornou-se parte de meu legado. E tantas pessoas cresceram nessas cidadezinhas. Então, a Igreja decidiu abrir algumas escolas particulares, e umas trinta delas foram criadas nesses lugares remotos. Uma dessas escolas foi aberta em nossa cidade que se tornou um lugar para o qual muitas pessoas das áreas vizinhas se mudavam, para estudarem em nossa cidade. Evidentemente, essas escolas só iam até o curso secundário, mas eram chamadas de academias.

Estou-me referindo à inspiração recebida pelo profeta Brigham Young, há muitos anos, no estabelecimento e desenvolvimento dessa região em meio às montanhas que rodeiam Salt Lake City. E pensem em quem somos atualmente e como isso cresceu e a bênção que recebemos em nossa vida por termos o Presidente Hinckley como nosso profeta, vidente e revelador e líder, e visualizem o que está acontecendo e o que acontecerá no futuro, se simplesmente tivermos fé suficiente para continuarmos a fazer o que foi iniciado. Pensem no que está em andamento e o que já foi efetuado.

A fila de pessoas aguardando para entrar no Centro de Conferências ziguezagueia no exterior do edifício.

O Presidente Hinckley freqüentemente nos fala sobre a necessidade de desenvolvermos mais fé em nosso povo. Essa fé é fruto da aplicação prática dos princípios do evangelho, de vivermos do modo como devemos, e criarmos nossos filhos da maneira certa, e os vermos crescer e desenvolver seu caráter e personalidade de modo que possam tornar-se um exemplo daquilo em que acreditamos e do que temos esperança de realizar e alcançar.

Todos vocês se lembram do homem que tinha um filho lunático. O homem procurou o Salvador e pediu-Lhe que abençoasse o menino para afastar aquele mau espírito de seu filho. E o homem disse ao Salvador: "Trouxe-o a teus discípulos e não puderam curá-lo". O Salvador abençoou o menino. O mau espírito imediatamente o deixou, e os discípulos foram até o Salvador e perguntaram: "Por que não pudemos nós expulsá-lo? Por que não conseguimos fazê-lo?" (Ver Mateus 17:14–21). O Salvador disse:

"Homens de pouca fé". (Mateus 16:8)

Se tivessem fé como uma pequena — estou tentando lembrar o nome daquela arvorezinha. [O Presidente Hinckley diz: "Mostarda".] Mostarda! Obrigado, Presidente. (Eu sempre tenho o Presidente por perto para me ajudar.) Se vocês tivessem fé como um grão de mostarda. Provavelmente não deve haver muitos de vocês que já viram um grão de mostarda. Há alguns anos, em Jerusalém, estávamos num carro com motorista, e ele disse: "Olhem, lá está um pé de mostarda". E eu disse: "Quero ver". Saímos do carro para ver aquele pé de mostarda, e havia uma pequena vagem nele, e eu abri a vagem, que era parecida com a de uma alfarrobeira, e vi aquelas minúsculas sementinhas, não muito maiores que um grão de pimenta.

Imaginem a analogia que o Salvador estava ensinando às pessoas. Se tivessem fé como um grão de mostarda — eu o segurei na mão e mal consegui enxergá-lo — se tivessem uma fé assim, diriam para a montanha: "Passa daqui para acolá", e ela passaria. Se tivessem esse tanto de fé. (Ver Mateus 17:20.) "Homens de pouca fé", disse-nos Ele.

Por isso, precisamos ter uma fé como a que Brigham Young possuía, que Gordon B. Hinckley possui e que nossos profetas e líderes possuem.

Deus vive. Sei que Ele é real, que é nosso Pai, e sei que Ele nos ama. Sei disso. E sei que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus. Senti o Espírito testificar-me isso. Sou testemunha disso. Sei que o Profeta Joseph Smith e todos os relatos históricos que temos sobre o que ele fez como o instrumento da Restauração são verdadeiros e que os profetas que o sucederam ao longo dos anos, inclusive o Presidente Hinckley, foram chamados por Deus. Este trabalho é verdadeiro. Deixo com vocês o meu amor e o testemunho que arde em meu coração. Espero ser capaz, todos os dias de minha vida, de dizer a alguém e ajudar alguém a compreender que este trabalho é verdadeiro, em nome de Jesus Cristo. Amém. □

Um Passo de Cada Vez

Élder Joseph B. Wirthlin
Do Quórum dos Doze Apóstolos

"Não temos que ser perfeitos hoje. Não temos de ser melhores do que outra pessoa. Tudo o que precisamos fazer é ser o melhor que pudermos."

Meus amados irmãos e irmãs, é um grande privilégio para mim estar aqui hoje e prestar meu testemunho das verdades do evangelho restaurado. Acabamos de ouvir o Élder David B. Haight — 95 anos de idade. Só espero que a minha memória seja tão boa quando a dele quando tiver sua idade — se eu viver até lá.

Alegro-me muito quando os santos se reúnem. Quer seja em família em lares humildes ou aos milhares em grandes recintos, os céus regozijam-se quando os que amam e honram o nome de Jesus Cristo reúnem-se para adorar em Seu nome.

Todos passamos por diferentes experiências na vida. Enquanto algumas pessoas vivem com alegria hoje, outras passam por enormes sofrimentos. Alguns acham que o mundo é sua ostra, enquanto que outros sentem-se como a própria ostra que é retirada do oceano que é aberta e de quem roubam o que tinha de mais precioso.

A despeito de sua posição na vida e de seu estado emocional ou espiritual, gostaria de oferecer-lhes conselhos que podem ser úteis, independente do ponto que se encontrem em sua jornada pela vida mortal.

Temos, certamente, muito por que sermos gratos. E acredito que, se analisarmos as bênçãos que temos, esqueceremos algumas de nossas preocupações. A serenidade e a alegria com certeza chegarão a vocês se perceberem as bênçãos que recebemos sob a liderança de nosso Presidente maravilhoso, o Presidente Gordon B. Hinckley. Isso nos ajudará imensamente.

Li recentemente a respeito de Erik Weihenemayer, um homem de 33 anos que sonhava em escalar o Monte Evereste, façanha que desafia muitos dos melhores alpinistas do mundo. Na verdade, quase 90 por cento dos que tentam a escalada nunca chegam ao topo. As temperaturas caem abaixo de 50 graus Celsius negativos. Além do frio intenso, do vento de mais de 160 quilômetros por hora, dos

desfiladeiros mortais e das avalanches, o alpinista tem de vencer as dificuldades das elevadas altitudes, da falta de oxigênio e, talvez, as dificuldades com alimentos e água potável. Desde 1953, pelo menos 165 alpinistas morreram na tentativa de escalar até o pico de quase 9.000 metros de altura.

Apesar dos riscos, centenas de alpinistas tentam anualmente fazer a escalada, e Erik está entre eles. Há, porém, uma importante diferença entre Erik e todos os outros alpinistas que tentaram a escalada anteriormente: Erik é totalmente cego.

Quando tinha 13 anos, Erik perdeu a visão devido a uma doença hereditária da retina. Apesar de não conseguir fazer muitas das coisas que desejava, tinha a determinação de não desperdiçar a vida deprimido e inútil. Ele começou, então, a ir além de seus limites.

Aos 16 anos descobriu o alpinismo. Tateando a superfície da rocha, ele encontrou pontos de apoio para as mãos e para os pés, que lhe permitiram escalar. Dezesseis anos depois, ele começou sua escalada ao Monte Evereste. A história de sua escalada, como se pode imaginar, foi cheia de muitos desafios assustadores e risco de vida. Mas Erik acabou chegando ao pico pela face sul e passou a fazer parte da lista dos poucos que conseguiram chegar ao topo da montanha mais alta da Terra.

Quando lhe perguntaram como conseguira fazê-lo, Erik disse: "Simplesmente pensava com firmeza (. . .) concentre-se. Não permita que as dúvidas e temores fiquem em seu caminho". Mais importante ainda, ele disse: "Enfrente o dia dando um passo de cada vez".[1]

Sim, Erik conquistou o Evereste simplesmente colocando um pé na frente do outro. E continuou a fazer isso até chegar ao topo.

Como Erik, podemos ter obstáculos que nos detêm. Podemos até encontrar desculpas explicando por que não podemos fazer o que queremos. Talvez, quando nos sentirmos tentados a justificar o que não conseguimos fazer, possamos lembrar de Erik, que a despeito de sua perda de visão, conseguiu realizar o que muitos achavam ser impossível, simplesmente continuando a colocar um pé à frente do outro.

Um antigo provérbio diz que uma jornada de mil milhas começa com um simples passo.

Às vezes, tornamos as coisas mais complicadas do que é necessário. Nunca chegaremos ao final da jornada de mil milhas, se ficarmos preocupados com o tempo que ela irá durar ou com a dificuldade de realizá-la. Faremos a jornada enfrentando cada dia passo a passo e então repetindo tudo mais uma vez e outra mais, até chegarmos ao nosso destino.

O mesmo princípio aplica-se ao modo pelo qual você e eu podemos crescer espiritualmente.

Nosso Pai Celestial sabe que devemos começar nossa subida a partir do ponto em que nos encontramos. "Quando se sobe uma escada", ensinou o Profeta Joseph Smith, "é preciso começar embaixo e subir degrau por degrau até chegar ao topo. O mesmo acontece em relação aos princípios do evangelho — é preciso começar pelo primeiro e prosseguir até ter aprendido os princípios da exaltação. Só muito tempo após terem passado pelo véu é que os terá aprendido."[2]

Nosso Pai Celestial ama cada um de nós e compreende que esse processo de subir mais e mais alto exige preparação, tempo e comprometimento. Ele entende que cometeremos erros ocasionalmente, que podemos tropeçar, que ficaremos desanimados e, talvez, até desejemos desistir e dizer a nós mesmos que as dificuldades não valem a pena.

Sabemos que o esforço vale a pena, pois o prêmio — a vida eterna — é o "maior de todos os dons de Deus".[3] E para nos qualificarmos para esse dom, devemos dar um passo após o outro e continuar até atingir o ápice espiritual que almejamos.

As santas escrituras revelam um princípio eterno: "Não se exige que o homem corra mais rapidamente do que suas forças o permitam. E, novamente, é necessário que ele seja diligente, para que assim possa ganhar o galardão".[4]

Não temos que ser rápidos, temos que simplesmente ser constantes e seguir na direção certa. Temos que fazer o melhor possível, um passo de cada vez.

Quando eu era mais jovem, gostava muito de correr. Talvez pareça difícil de acreditar, mas eu corria. E até venci algumas corridas. Não sou mais tão rápido hoje em dia. De fato, não estou certo de que me sairia bem numa corrida, mesmo que meus únicos competidores fossem os membros do Quórum dos Doze.

Minha destreza em corridas não é mais lá essas coisas. Apesar de aguardar ansiosamente pelo momento futuro em que, com um corpo ressurreto poderei, mais uma vez, correr velozmente pelo campo e sentir o vento soprando por entre meus cabelos. Não me concentro no fato de que não posso fazer isso agora.

Isso não seria sábio. Em vez disso, dou os passos que posso. Mesmo com as limitações da idade, ainda posso dar um passo de cada vez. Tudo o que meu Pai Celestial exige de mim é que eu faça o que posso. E isso é tudo o que Ele exige de vocês, a despeito de

As Autoridades Gerais e os membros do coro apóiam os líderes da Igreja durante a sessão da tarde de sábado.

suas dificuldades, limitações e inseguranças.

John Wooden foi, talvez, o maior treinador de basquete universitário da história. Ele atravessou quatro temporadas sem uma única derrota. Suas equipes ganharam dez campeonatos nacionais. Em certa época, ele chegou a 88 vitórias consecutivas.[5]

Uma das primeiras coisas que o treinador Wooden instruía os jogadores era algo que seu pai havia lhe ensinado quando ainda era pequeno e morava em uma fazenda. "Não se preocupe muito em ser melhor do que outra pessoa", disse-lhe o pai. "Aprenda com os outros, mas não tente ser melhor do que eles. Isso está fora de seu controle. Em vez disso, tente, e tente arduamente ser o melhor que puder. Isso sim, está dentro do seu controle."[6]

Cito agora um exemplo hipotético de uma irmã de uma ala qualquer: aquela cujos filhos são perfeitos e nunca incomodam ninguém na igreja. Ela está trabalhando na vigésima geração de sua história da família, mantém a casa muito limpa e arrumada, decorou todo o livro de Marcos e confecciona casacos de lã para as crianças órfãs da Romênia. Não há qualquer intenção de desrespeitar nenhuma dessas metas dignas. Mas quando tiverem vontade de jogar tudo pelos ares e desistirem por não poderem igualar-se a essa querida irmã, lembrem-se que não estão competindo com ela, assim como eu não estou competindo com os membros do Quórum dos Doze para vencer uma corrida de 50 metros.

Sua única preocupação deve ser a de esforçarem-se para serem o melhor que puderem. E como fazer isso? Mantenham os olhos nas metas mais importantes da vida e sigam em sua direção passo a passo.

Sei que muitos acham que o caminho é difícil e escuro. Mas como Erik, o corajoso alpinista, não fomos abandonados sem um guia.

Temos as escrituras que revelam a palavra de Deus à humanidade em todas as épocas. Ao banquetearmo-nos com as palavras de Deus, abrimos a mente para as verdades eternas e o coração aos serenos sussurros do Santo Espírito. As palavras de Deus por meio das escrituras e dos profetas atuais são, verdadeiramente, "lâmpada para [nossos] pés e luz para o [nosso] caminho".[7]

Ao lermos a respeito das grandiosas almas que nos precederam, aprendemos que elas também tiveram momentos de desânimo e tristeza. Aprendemos que perseveraram apesar das dificuldades, apesar das adversidades e, algumas vezes, apesar de suas próprias fraquezas. Aprendemos que elas prosseguiram, dando um passo de cada vez. Podemos ser como essas almas justas de quem Leí falou, que "conseguiram segurar a extremidade da barra de ferro; e empurraram-se através da névoa da escuridão, (. . .) até que chegaram e comeram do fruto da árvore".[8]

Temos também um profeta vivo, o Presidente Gordon B. Hinckley. Ele dá-nos conselhos e orientação profética em nossos dias.

Por meio de seus conselhos e de nossas orações, podemos alcançar o céu e comungar pessoalmente com o Infinito. Por meio da fé, o próprio céu agirá em nosso benefício. As portas se abrirão e receberemos as respostas.

Pensem em Joseph Smith que, ainda menino e cercado de vozes confusas e contraditórias, esforçava-se por saber qual, dentre todas as igrejas, era correta e verdadeira. Ele, também, sentiu-se como se estivesse cego — cercado pela escuridão de sua época. Após ler o livro de Tiago no Novo Testamento, ele acreditou nas palavras do antigo Apóstolo que disse: "E, se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente , e o não lança em rosto, e ser-lhe-á dada".[9] Joseph acreditou nessas palavras e, numa manhã de primavera em 1820,

retirou-se para um bosque para elevar sua alma em oração e pedir sabedoria a seu Pai Celestial.

A resposta à sua oração deu-lhe luz e orientação. Nosso Pai Celestial e Seu Filho amado apareceram a ele. Sua orientação dispersou a densa escuridão que se havia apoderado dele e ameaçado destruí-lo. Suas dúvidas foram dirimidas para todo o sempre.

Desde aquele momento até o seu martírio, quase um quarto de século depois, Joseph Smith dedicou-se ao caminho que lhe fora indicado pelo Pai e pelo Filho. Imaginem como foram difíceis os dias que se seguiram. Imaginem quanto sofrimento e perseguição ele teve de suportar. Ainda assim, prosseguiu passo a passo, sem nunca desistir, sem nunca duvidar que, caso fizesse o que lhe era possível, seu Pai Celestial faria o resto.

Meus irmãos e irmãs, o tempo que passamos aqui é tão precioso e tão curto. Compreendo bem o profeta Jacó, quando diz: "nossa vida (. . .) passou como se fosse um sonho".[10]

Nosso tempo passa rápido demais. Enquanto pudermos — enquanto tivermos tempo para completar nosso trabalho — caminhemos na direção certa, dando um passo de cada vez.

Isso é bem fácil. Não temos que ser perfeitos hoje. Não temos de ser melhores do que outra pessoa. Tudo o que precisamos fazer é ser o melhor que pudermos.

Quando se sentirem fatigados, quando não lhes for possível enxergar o caminho, saibam que seu Pai Celestial jamais abandonará Seus seguidores justos. Ele não os abandonará sem consolo. Ele estará ao seu lado, sim, guiando-os a cada passo do caminho.

Ouçam as belas palavras escritas pelo Presidente Joseph Fielding Smith, que descrevem esta vida.

Parece longa a jornada,
A estrada é íngreme e acidentada?
Está ela permeada de abrolhos e espinhos?
Pedras ferem-te os pés
No esforço da escalada
Sob o calor do sol abrasador?

Está desalentado e triste teu coração,
E tua alma fatigada,
Do teu fardo carregar?
A carga que ora ergues
É por demais pesada para se levar?
Ninguém pode dela partilhar?
Não te desanime o coração,
Agora que a jornada começou;
Pois há Alguém ainda a te acenar.
Ergue com alegria o olhar
E segura-Lhe a mão;
A novas alturas Ele te conduzirá —

Uma terra pura e santa,
Onde todo problema findará,
E de todo pecado tua vida se livrará,
Onde lágrimas não mais verterás,
Pois já não haverá aflição.
Toma Sua mão e vai com Ele habitar.[11]

Que tenhamos a coragem para começar a escalar o nosso próprio Monte Evereste; que possamos progredir na jornada da vida, passo a passo, até que consigamos atingir o que de melhor existe em nós.

Nosso Pai Celestial vive, conhece e ama cada um de nós. Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, o Salvador e Redentor de todos e sim, o Príncipe da Paz. Joseph Smith é o profeta da Restauração e o Presidente Gordon B. Hinckley é nosso profeta, vidente e revelador sobre a Terra hoje. Presto este testemunho e ele é o meu testemunho a vocês de que sentirão felicidade e satisfação se simplesmente derem o melhor de si. Esta é minha oração, em nome de Jesus Cristo. Amém. □

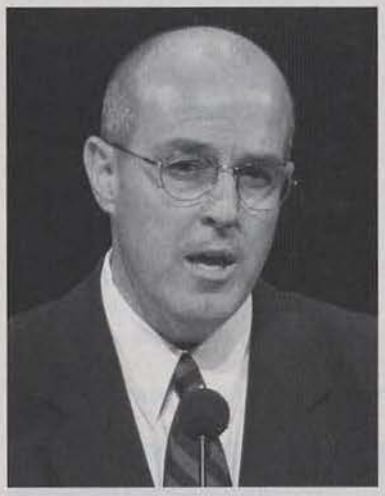
NOTAS

1. "Everest Grueling for Blind Man", *Deseret News*, 5 de junho de 2001, A12; ver também Karl Taro Greenfeld, "Blind to Failure", *Time*, 18 de junho de 2001, p. 51.
2. *The Teachings of Joseph Smith*, ed. por Larry E. Dahl e Donald Q. Cannon (1997), p. 519.
3. D&C 14:7.
4. Mosias 4:27.
5. http://www.coachwooden.com/bio.shtml
6. http://www.coachwooden.com/bodysuccess.shtml
7. Salm. 119:105.
8. 1 Néfi 8:24.
9. Tiago 1:5.
10. Jacó 7:26.
11. "Does the Journey Seem Long?" *Hymns*, no. 127.

"Ajuda a Minha Incredulidade"

Élder L. Whitney Clayton
Dos Setenta

"Incentivamos o processo de fortalecimento de nossa fé quando fazemos o que é certo — a fé mais forte sempre será a conseqüência natural."



Em certa ocasião, o Salvador encontrou uma grande multidão, que ouvia uma discussão entre Seus discípulos e os escribas. Então, Ele perguntou aos escribas: "Que é que discutis com eles?"

Certo homem, pondo-se de joelhos diante Dele, respondeu que pedira aos discípulos que expulsassem um espírito imundo de seu filho, mas eles "não puderam curá-lo". O pai implorou a Ele, dizendo: "Mas, se tu podes fazer alguma coisa, tem compaixão de nós, e ajuda-nos.

E Jesus disse-lhe: Se tu podes crer, tudo é possível ao que crê.

E logo o pai do menino, clamando, com lágrimas disse: Eu creio, Senhor! Ajuda a minha incredulidade".

O Salvador então repreendeu o espírito imundo e ordenou-lhe: "Sai dele, e não entres mais nele. E ele, clamando e agitando-o com violência, saiu".[1]

Todos nós já nos deparamos com momentos de dificuldade e até mesmo de desespero em que, com lágrimas nos olhos, caímos de joelhos e imploramos como fez esse pai: "Eu creio, Senhor! Ajuda a minha incredulidade".

Assim como o Senhor estava pronto para ajudar esse pai, cujo filho "[sofria] muito",[2] Ele também está pronto para ajudar nossa incredulidade nos dias de hoje, para que com fé sejamos capazes de sobreviver a nossas dificuldades da vida mortal e sejamos vencedores.[3]

A fé no Senhor Jesus Cristo é o primeiro princípio do evangelho e é mais do que uma mera crença.[4] A fé é uma "esperança nas coisas que se não vêem e que são verdadeiras".[5] "A fé sempre leva o que a possui a realizar uma ação física ou mental."[6] "Ter fé no Senhor Jesus Cristo significa ter tanta confiança Nele que obedeceremos a qualquer coisa que Ele ordenar. Não existe fé sem obediência."[7]

"A fé [vem] pelo ouvir" a palavra de Deus, é um dom espiritual.[8] A fé aumenta quando além de ouvirmos, agimos de acordo com a palavra de Deus, obedecendo às verdades que nos foram ensinadas.[9]

A resposta de Maria ao anúncio do anjo constitui um exemplo excelente. O anjo Gabriel disse a Maria: "E eis que em teu ventre conceberás e darás à luz um filho, e pôr-lhe-ás o nome de JESUS. Este será grande, e será chamado filho do Altíssimo; (. . .)" Maria então disse, obediente, a Gabriel: "Eis aqui a serva do Senhor; cumpra-se em mim segundo a tua palavra".[10]

Em outra ocasião, "(. . .) Jesus, andando junto ao mar da Galiléia, viu a dois irmãos, Simão, chamado Pedro, e André, os quais lançavam as redes ao mar, porque eram pescadores;

E disse-lhes: Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens.

Então eles, deixando logo as redes, seguiram-no".[11]

Após a ressurreição do Salvador, Pedro e outros discípulos foram pescar. No entanto "naquela noite nada apanharam. E, sendo já manhã, Jesus se apresentou na praia, mas os discípulos não conheceram que era Jesus". Ele disse-lhes: "Lançai a rede para o lado direito do barco, e achareis. Lançaram-na, pois, e já não a podiam tirar, pela multidão de peixes".[12]

Encontramos semelhante obediência, que desenvolve fé, na vida do Profeta Joseph Smith. Após as visitas do anjo Morôni, que duraram toda a noite de 21 de setembro de 1823, Joseph foi trabalhar com seu pai pela manhã. Depois de ficar acordado quase toda a noite, ele, "ao tentar trabalhar como normalmente fazia, [sentiu-se] tão exausto que não [conseguiu]". Seu pai mandou-o de volta para casa, e ele "[saiu] com essa intenção, mas (. . .) faltaram-[lhe] as forças por completo e [caiu] inerte ao solo, ficando completamente inconsciente durante algum tempo". Ao despertar, olhou "para cima e [viu] o mesmo mensageiro acima de [sua] cabeça, cercado de luz como antes". Joseph foi orientado a "contar a [seu] pai a visão e os mandamentos que havia recebido". Apesar de estar obviamente exausto, ele obedientemente "[voltou] para onde estava [seu] pai, no campo, e [relatou-lhe] todo o ocorrido". Seu pai

respondeu-lhe que "aquilo era obra de Deus, e disse-[lhe] que fizesse o que o mensageiro ordenara". A seguir, exausto mas obediente, Joseph "[deixou] o campo e [foi] até o local onde o mensageiro dissera estarem depositadas as placas"[13], uma jornada de vários quilômetros.

Todos os dias decidimos o que faremos e o que não faremos, entre inúmeras alternativas. Quando nossa escolha é obedecer aos mandamentos com alegria como nossa prioridade, sem reclamar nem julgar as coisas que Ele ordena, tornamo-nos "[os servos] do Senhor" e pescadores de homens e lançamos nossas redes para o lado direito de nossos próprios barcos. Devemos simplesmente fazer as coisas que o Senhor nos ordenou, mesmo se estivermos exaustos, tendo a confiança de que Ele nos ajudará a fazer exatamente o que Ele pede.[14] Ao assim agirmos, o Senhor ajuda a nossa incredulidade, e nossa fé torna-se vigorosa, vibrante e inquebrantável. O Profeta Joseph escreveu na Cadeia de Liberty: "Portanto, amados irmãos, façamos alegremente todas as coisas que estiverem a nosso alcance; e depois aguardemos, com extrema segurança, para ver a salvação de Deus e a revelação de seu braço".[15]

A despeito de quem sejamos ou onde moremos, há muito em nossa vida diária que consiste em rotina e repetição. Ao fazermos as coisas de nosso cotidiano, temos de ter discernimento e fazer as coisas que sejam mais importantes. Entre essas coisas vitais, devemos incluir em primeiro lugar as exigências mínimas do comportamento fiel: a verdadeira obediência, a oração humilde, o estudo sério das escrituras e o serviço abnegado prestado ao próximo. Não existe nenhuma vitamina diária que fortaleça os músculos da nossa fé com tanta rapidez quanto essas atividades. Devemos também recordar que o jejum verdadeiro propicia o fortalecimento da fé. Isso é de especial importância ao buscarmos diligentemente corrigir as falhas de caráter profundamente impregnadas que "não se expulsa[m] senão pela oração e jejum".[16]

O desenvolvimento da fé em Jesus Cristo é um processo a ser realizado passo a passo, linha sobre linha, preceito sobre preceito. Incentivamos o processo de fortalecimento de nossa fé quando fazemos o que é certo — a fé mais forte sempre será a conseqüência natural.[17] Se exercitarmos nossa fé diariamente por meio de oração, estudo e obediência, o Salvador ajudará nossa incredulidade e nossa fé se tornará um escudo que apagará "todos os dardos inflamados dos iníquos".[18] Alma ensinou que podemos suportar todas as tentações do inimigo com nossa fé em Jesus Cristo.[19] No entanto, não podemos ignorar nem rejeitar os ingredientes essenciais da fé e, ainda assim, esperar ter uma boa colheita.

Vemos incontáveis exemplos de fé desenvolvendo-se nos membros da Igreja hoje em dia. Quando os rapazes, moças e casais maduros aceitam chamados para servir como missionários, quando os casais se preparam virtuosamente para casarem-se no santo templo, quando os pais educam os filhos no caminho em que devem andar,[20] eles estão, por meio dessas demonstrações de retidão, fortalecendo a fé no Senhor Jesus Cristo. Ao guardarmos o Dia do Senhor, magnificarmos os chamados, pagarmos os dízimos e ofertas, acolhermos membros novos nos

Telões colocados à direita e à esquerda do púlpito do Centro de Conferências proporcionam à congregação uma visão melhor dos oradores.

círculos da Igreja e convidarmos amigos e vizinhos para aprenderem as verdades do evangelho, fortaleceremos nossa fé. Quando decidimos abandonar nossos pecados e arrepender-nos de todo o coração e quando nos ajoelhamos em oração nos bons momentos e nos de tribulações, desenvolvemos uma fé vigorosa.

Então, descobriremos que estão ocorrendo em nossa vida as mesmas experiências descritas no Livro de Mórmon: "Não obstante, jejuavam e oravam freqüentemente e tornavam-se cada vez mais fortes em sua humildade e cada vez mais firmes na fé em Cristo, enchendo a alma de alegria e consolo, sim, purificando e santificando o coração, santificação essa resultante da entrega de seu coração a Deus".[21]

Sei que o Salvador vive e que Ele ajuda nossa incredulidade. Em nome de Jesus Cristo. Amém. □

NOTAS

1. Ver Marcos 9:14–29; ver também Mateus 17:14–21.
2. Mateus 17:15.
3. Ver D&C 10:5.
4. Ver Regras de Fé 1:4; Guia para Estudo das Escrituras, "Fé", pp. 85–86.
5. Alma 32:21; ver também Hebreus 11:1; Éter 12:6.
6. Guia para Estudo das Escrituras, p. 86.
7. *Princípios do Evangelho*, p. 118.
8. Romanos 10:17; Morôni 10:11; Guia para Estudo das Escrituras, p. 85.
9. Ver Guia para Estudo das Escrituras, pp. 85–86.
10. Lucas 1:31–32, 38.
11. Mateus 4:18–20.
12. João 21:2–4, 6.
13. Joseph Smith — História 1:47–50.
14. Ver 1 Néfi 3:7.
15. D&C 123:17.
16. Mateus 17:21; ver também Marcos 9:29.
17. Guia para Estudo das Escrituras, p. 85.
18. Ver D&C 27:17.
19. Alma 37:33.
20. Ver Provérbios 22:6.
21. Helamã 3:35.

O Plano de Nosso Pai

Élder Christoffel Golden Jr.
Dos Setenta

"O desejo de nosso Pai Celestial é proporcionar-nos a oportunidade de receber a plenitude da alegria, sim a plenitude que Ele possui."

Certo dia de junho de 1830, em uma revelação dada ao Profeta Joseph Smith, o propósito do Pai Celestial foi-nos declarado: "Pois eis que esta é minha obra e minha glória: Levar a efeito a imortalidade e vida eterna do homem."[1] De acordo com essa declaração, o desejo do Pai é proporcionar-nos a oportunidade de receber a plenitude da alegria, sim a plenitude que Ele possui em Seu estado aperfeiçoado e glorificado.[2]

Durante estes notáveis últimos dias, conforme predito pelo Senhor e Seus profetas, que Deus, nosso Pai Eterno, vive. Testificamos que vivíamos em Sua presença antes desta vida como Seus filhos espirituais. Durante nossa existência pré-mortal, fomos instruídos nos requisitos que nos permitiram desenvolver nossos talentos e habilidades. Quando vivíamos nesse abençoado mundo pré-mortal, éramos livres para "escolher o bem ou o mal". Alma declara que escolhemos o bem, exercendo "uma fé muito grande" e realizando "boas obras". Assim, guardamos nosso primeiro estado e nosso Pai, por Sua vez, preordenou-nos a receber certos privilégios nesta vida.[3]

Da mesma forma, as revelações dos últimos dias mostram que nosso Pai Celestial preparou um grande plano de felicidade para todos os Seus filhos espirituais que guardaram seu primeiro estado.[4] Esse plano incluía a possibilidade de um dia tornarmo-nos como nosso Pai Celestial e possuir todos os atributos e direitos de que Ele agora usufrui. O Apóstolo Pedro lembrou aos santos que "o (. . .) divino poder [do Senhor] nos deu tudo o que diz respeito à vida e piedade", para que "por elas [ficássemos] participantes da natureza divina (. . .)".[5] A declaração de Pedro talvez possa ser considerada audaz e admitimos que levaria uma vida inteira e, mais, para ser consumada; entretanto, seus pensamentos são repetidos no mandamento do Salvador: "Sede vós pois perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus".[6]

O plano do Pai também exigia que todos que tivessem guardado seu primeiro estado fossem tentados e testados em um estado mortal, o segundo estado. Nessas condições, é-nos exigido que façamos as coisas por nós mesmos e provemos a nós mesmos e a Deus que guardaremos todos os Seus mandamentos e sobrepujaremos os pecados e a oposição.[7]

Os participantes passeiam ao lado do Tabernáculo, na Praça do Templo.

Desde a Queda de Adão, e por causa da natureza mortal da humanidade, o homem desenvolveu uma predisposição para violar as leis de Deus e assim satisfazer os requisitos da justiça. Entretanto, devido à presciência de Deus e por meio do grande plano de felicidade, Ele concebeu um plano de misericórdia. Esse plano proveu um meio de satisfazer os requisitos específicos da justiça por intermédio de uma Expiação infinita.[8]

Jesus Cristo, como o escolhido do Pai desde o princípio,[9] possuía todas as qualificações e atributos necessários para harmonizar as leis da justiça e misericórdia por meio de Sua Expiação.[10]

A Expiação, conforme ensinou o rei Benjamim, permite ao homem despojar-se do homem natural à medida que cede aos influxos do Espírito Santo.[11] Assim, testificamos que todos os que vierem a Cristo pela obediência às leis e ordenanças do evangelho estarão aptos a exercer a fé que lhes trará "salvação sem fim e vida eterna".[12]

Testificamos também que a obediência a todas as condições do grande plano de felicidade não seria possível se nosso Pai Celestial e Seu Filho, Jesus Cristo, não restabelecessem o evangelho por meio do Profeta Joseph Smith.[13]

Nosso amado profeta, o Presidente Gordon B. Hinckley, declarou: "O relato do Profeta Joseph sobre esses acontecimentos é verdadeiro, que o Pai prestou testemunho da divindade de Seu Filho, que o Filho instruiu o menino profeta e que houve uma série de acontecimentos que levaram à organização da "única igreja verdadeira e viva na face de toda a Terra".[14]

É o desejo sincero de todos os fiéis guardar seu segundo estado. Temos que retornar ao nosso lar, mas não fomos abandonados. O Senhor estabeleceu Seu reino na Terra e por isso os eleitos de Deus podem ser reunidos.

No Seu amor, o Senhor providenciou-nos todos os recursos essenciais para trilharmos nosso caminho em meio às muitas dificuldades ou tentações que Satanás criou para nós.[15]

Esses recursos indispensáveis incluem as ordenanças e convênios do evangelho, nos quais se manifesta o poder da Expiação.[16] Temos também as escrituras sagradas que nos fornecem um padrão para discernir o certo do errado.[17]

É importante ressaltar que vivemos em uma época abençoada na qual o Senhor colocou em nosso meio Seus atalaias, que são Seus apóstolos e profetas vivos. Eles possuem todas as chaves necessárias e autoridade essenciais para administrar as ordenanças de salvação e exaltação.[18]

Acima de tudo, como membros batizados da Igreja de Jesus Cristo, temos o incomparável dom do Espírito

Santo. O Salvador, na véspera de Seu sofrimento por nossos pecados, disse a Seus discípulos que o "Espírito (. . .) [os guiaria] em toda a verdade".[19]

João, o Revelador, numa visão celestial, viu o cumprimento do plano do Pai e registrou a condição daqueles que vieram da grande tribulação e lavaram suas vestes e as branquearam no sangue do Cordeiro. Ele viu como aqueles que venceram o mundo estavam diante do trono de Deus e serviam-No em Seu templo. O Senhor estava no meio deles, e os fiéis não tiveram mais sede nem fome, e Deus limpou de seus olhos toda a lágrima.[20]

Não devemos temer, mas com fé, seguir o grande plano de felicidade de nosso Pai Celestial. Conclamamos todos a virem e receberem da graça e misericórdia do Senhor, pois Ele tem poder para salvar e nunca nos desamparará![21]

Que o Senhor nos abençoe neste grande esforço. É minha oração. Em nome de Jesus Cristo. Amém. □

NOTAS

1. Moisés 1:39.
2. Ver Moisés 7:67; D&C 76:69–70.
3. Ver Alma 13:3–13; I Pedro 1:20.
4. Alma 42:8.
5. II Pedro 1:3–4.
6. Mateus 5:48; ver também 3 Néfi 12:48.
7. Mateus 7:21; Apocalipse 3:21; D&C 98:14–15.
8. Ver Alma 42:15.
9. Ver Moisés 4:2.
10. *Doutrinas do Evangelho, Manual do tal Aluno* (1986), p. 22.
11. Ver Mosias 3:19.
12. Mosias 5:15; ver também Morôni 10:32.
13. Ver 1 Néfi 11:13–36; 2 Néfi 3:5–11.
14. D&C 1:30 "Testemunhas Especiais de Cristo", *A Liahona*, abril de 2001, p. 24.
15. Ver Moisés 4:3–4; D&C 93:39.
16. Ver João 3:5; Mosias 5:1–2; D&C 76:50–54.
17. Ver Alma 4:19; 31:5.
18. Ver Mateus 10:1–15; D&C 1:14–15; 21:1–8.
19. João 16:13.
20. Apocalipse 7:14–17.
21. Ver Deuteronômio 7:7–18.

Gravar os Princípios do Evangelho em Nosso Coração

Élder Walter F. González
Dos Setenta

"Sozinho, o conhecimento não basta. Precisamos reservar tempo para aplicar os princípios em nossa vida."

O inglês é o idioma da Restauração e, nesta sessão da conferência, o inglês falado com sotaque simboliza o crescimento da Igreja em todo o mundo. Sou da América do Sul, onde a Igreja tem crescido extraordinariamente. Quando fui batizado na Igreja há 30 anos, tínhamos 108.000 membros e seis estacas. Naquela época, não contávamos com um templo em nosso continente. Hoje, temos 2.600.000 membros e 557 estacas. Onze templos estão em funcionamento e dois em construção. Néfi, o filho de Leí, disse: "Mas eu, Néfi, escrevi o que escrevi e considero-o de grande valor, especialmente para o meu povo. Porque oro por eles continuamente durante o dia e meus olhos molham meu travesseiro durante a noite por causa deles". (2 Néfi 33:3) Essa súplica sincera está sendo respondida em nossos dias por meio do Livro de Mórmon. Néfi orou para que as palavras que ele escrevera em fraqueza se tornassem fortes para nós, "porque [nos] persuadem a fazer o bem; fazem com que [saibamos] a respeito de [nossos] pais; e falam de Jesus, persuadindo-[nos] a acreditar nele e a perseverar até o fim, que é vida eterna". (2 Néfi 33:4)

Tenho visto como a doutrina e os princípios do evangelho estão guiando cada vez mais membros na América do Sul. Nossa tarefa tanto na América do Sul como em qualquer lugar continua sendo buscar os princípios encontrados nas escrituras e nos ensinamentos dos profetas e escrevê-los "não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo, não em tábuas de pedra, mas nas tábuas de carne do coração". (II Coríntios 3:3) Estabelecer os princípios do evangelho dessa forma requer tempo. É necessário tempo tanto para aprendermos as verdades do evangelho como para aplicá-las em nossa vida.

Para a maioria dos membros

sul-americanos, a apresentação do evangelho a nós começou quando dedicamos de nosso tempo para ouvir as palestras e os testemunhos dos missionários. Reservamos tempo para escutar e agora é impossível não sentirmos uma enorme gratidão pelos missionários que serviram em nosso país. Nossa gratidão mais profunda é não apenas pelos missionários, mas também pela família da qual vieram. (Hoje, milhares de sul-americanos estão mandando seus próprios filhos para servirem como missionários e proclamarem as boas novas do evangelho restaurado.) Aqueles dentre nós que são a primeira geração de membros da Igreja também se sentem gratos pelos pais não-membros que usaram de seu tempo para ensinar-nos princípios corretos que nos prepararam para reconhecer e aceitar a mensagem do evangelho.

Os missionários iniciaram-nos no aprendizado da doutrina e dos princípios do evangelho; entretanto, manter o evangelho em nosso coração é uma tarefa contínua que requer tempo. Sozinho, o conhecimento não basta. Precisamos reservar tempo para aplicar os princípios em nossa vida. Por exemplo, Néfi sabia que o Senhor responde às nossas orações. Ele aplicou esse conhecimento há séculos e, conseqüentemente, trouxe-nos bênçãos eternas hoje. Se lermos com atenção, veremos que Néfi orou com grande fé a Deus porque ele sabia que Deus ouviria seu "clamor". (Ver 2 Néfi 33:3) Quanta gratidão devemos a Néfi por ele ter despendido tempo para aplicar seu conhecimento. Quão gratos somos por Néfi ter escrito esse conhecimento em seu coração, não com "tinta, mas com o Espírito do Deus vivo".

Assim como a cultura, o discipulado também requer tempo. Às vezes, reconhecemos que um princípio é verdadeiro, mas não mudamos nossas prioridades para reservar tempo para viver o princípio. Agindo assim, perdemos valiosas oportunidades de passar por uma mudança de coração ao sermos orientados pelo Espírito Santo. Reflitamos por um instante sobre o exemplo de Enos, que retardou a aplicação do conhecimento que recebera de seu pai. Ele finalmente reservou tempo para viver à altura daquele conhecimento, e recebemos inúmeras bênçãos por causa disso. Enos conta-nos que foi quando saiu para caçar animais na floresta que os ensinamentos de seu pai sobre a vida eterna e a alegria dos santos penetraram-lhe profundamente o coração; então, ele decidiu reservar tempo para orar. (Ver Enos 1:3–4.) Ao responder à sua oração, o Senhor fez convênio com Enos de que Ele revelaria aos lamanitas os registros em Seu próprio e devido tempo. (Ver Enos 1:16.) Deus responde a nossas orações. Enos tirou esse princípio das tábuas de pedra e registrou-o nas tábuas de carne do coração, alcançando assim um nível de conhecimento mais elevado. Isso trouxe bênçãos tanto a ele quanto a nós nesta dispensação.

Um grande número de coisas impede-nos de dedicar nosso tempo e boas intenções ao aprendizado e, principalmente, à prática de um princípio do evangelho. Por exemplo, a grande quantidade de informações sobre qualquer assunto específico, transmitida por vários meios de comunicação pode sobrecarregar-nos. Tal abundância de informações pode levar algumas pessoas a "[aprenderem] sempre, e nunca [poderem] chegar ao conhecimento da verdade". (II Timóteo 3:7)

Todos nós podemos fazer uma auto-avaliação, determinar o que nos está impedindo de viver o evangelho e de nos arrepender, efetuando as mudanças necessárias para que tenhamos tempo para aplicar os princípios do evangelho em nossa vida. Se assim procedermos, o Senhor prometeu que teremos um aumento do entendimento das Suas verdades, conforme aconteceu com Enos. O Salvador declarou: "Se alguém quiser fazer a vontade dele, pela mesma doutrina conhecerá se ela é de Deus, ou se eu falo de mim mesmo". (João 7:17)

Dispor de tempo para aprender, ponderar e, principalmente, praticar os princípios do evangelho nos trará a alegria e a paz que provêm do Espírito. A Igreja continuará a florescer na América do Sul e em outras partes do mundo porque um número cada vez maior de membros continuará a escrever os princípios do evangelho não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo; não em tábuas de pedra, mas nas tábuas de carne do coração. Testifico que podemos passar de uma mera apreciação intelectual pelas verdades das escrituras para um estágio superior, o de tornarmo-nos mais semelhantes a Cristo à medida que despendermos tempo para incorporar essas verdades em nossa vida. Sei que o Salvador é o Cristo Vivo. Dessas coisas testifico em nome de Jesus Cristo. Amém. □

"Como um Jardim Regado"

Élder Jeffrey R. Holland
Do Quórum dos Doze Apóstolos

"Devemos pagar [os dízimos e ofertas] como expressão pessoal de amor por um Pai Celestial generoso e misericordioso."

Com segurança e constância A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias se espalha profeticamente pela Terra. Nas palavras de Daniel é "(. . .) [a pedra cortada do monte], sem auxílio de mãos"[1]. Isaías descreveu o que anteviu como "uma obra maravilhosa e um assombro"[2]. É um assombro! A Restauração do evangelho de Jesus Cristo é pontilhado de milagres, revelações e manifestações espirituais de todo tipo. Muitas delas vêm ocorrendo na época em que vivemos.

Eu havia completado 17 anos de idade antes que houvesse uma estaca de Sião, em qualquer lugar que não fosse a América do Norte. Existem, atualmente, bem mais que 1.000 estacas em outros continentes e ilhas do mar. Temos agora 125 templos em operação ou anunciados, mais da metade deles (64) localizam-se fora dos Estados Unidos. Estava com quase 16 anos de idade antes que houvesse, ao menos, um templo fora dos estados e das províncias dos Estados Unidos e Canadá.

Vivemos para ver a revelação que concedeu o sacerdócio a todos os membros dignos do sexo masculino na idade adequada, uma bênção que acelerou o trabalho em muitas partes do mundo. Vivemos para ver a publicação de nossas escrituras, completas ou em parte, em quase 100 línguas. Vivemos para ver a tão esperada criação dos Quóruns dos Setenta com grandes homens, provenientes de muitos países e, por sua vez, enviados para servir em muitos outros países. Mais recentemente o Presidente Hinckley anunciou um Fundo Perpétuo de Educação que tem o potencial de abençoar muitas pessoas mesmo nos lugares mais longínquos da Terra, prosseguindo assim com a internacionalização da Igreja.

Estou fazendo esse rápido resumo para destacar um outro milagre, uma outra revelação, se preferirem, que talvez tenha passado despercebida pelos membros da Igreja em geral. De certa forma, a intenção era a de que não fosse notada pelo público. Falo da decisão tomada pela Primeira Presidência e pelo Quórum dos Doze, há pouco mais de uma década, de parar de coletar dinheiro adicional para projetos específicos ou outras obrigações de levantamento de fundos que estavam sobre os ombros dos membros da Igreja aqui e em outros países.

Visto que essa decisão foi tomada em meio ao mesmo crescimento internacional que acabei de descrever, como isso poderia ser feito em termos financeiros? Como poderíamos auxiliar locais ainda mais remotos, no momento exato em que estávamos cancelando todo tipo de levantamento de fundos adicionais dos membros? A lógica da situação seria exatamente sugerir um curso de ação inverso.

Como isso ocorreu? Vou contar a vocês — com a crença sincera por parte dos quóruns presidentes de que o princípio do dízimo e das ofertas voluntárias ensinado pelo Senhor seria seguido até mesmo pelo membro recém-batizado da Igreja e que a lealdade a esse princípio divino proveria os fundos necessários.

Eu não pertencia ao Quórum dos Doze quando essa importante decisão foi tomada, mas posso imaginar as discussões que tiveram e o ato de fé requerido dos conselhos presidentes da igreja. O que aconteceria se a Igreja parasse com o levantamento de fundos e os santos *não* pagassem seus dízimos e ofertas? Como ficaria? Pelo que sei, esse pensamento jamais foi levado a sério. A Primeira Presidência e o Quórum dos Doze foram avante com fé — fé em Deus, fé no princípio revelado, fé em nós. Eles nunca olharam para trás. Foi um momento magnificente (e muito pouco notado) no crescimento de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias como instituição.

Mas para honrar essa decisão, precisamos também crescer individualmente como membros da Igreja. Então gostaria de sugerir cinco razões por que todos nós, ricos ou pobres, membros antigos ou recém-conversos, devemos pagar fielmente nossos dízimos e ofertas.

Os edifícios da Igreja e os prédios de escritórios, no centro de Salt Lake City, podem ser vistos a partir do lado noroeste do Centro de Conferências.

Primeiro, façam-no para o bem de seus filhos e netos, a nova geração, que pode, caso não sejamos cuidadosos, crescer sem qualquer compreensão de como templos, capelas, seminários e atividades são providos. Permitam que seus filhos saibam que muitas das bênçãos da Igreja estão disponíveis porque vocês e eles pagam os dízimos e as ofertas à Igreja e que essas bênçãos não poderiam existir de outro modo.

Então, levem seus filhos ao acerto anual de dízimo, da mesma forma que o neto do Presidente Howard W. Hunter acompanhou o pai há vários anos. Naquela ocasião o bispo indicou sua satisfação na vontade do jovem irmão Hunter de pagar um dízimo integral. Enquanto recebia as moedas, o bispo perguntou ao menino se ele achava que o evangelho era verdadeiro. Enquanto entregava seu dízimo integral de 14 centavos, esse garoto de sete anos de idade disse achar que o evangelho era verdadeiro, mas "ele custa um bocado de dinheiro"[3]. Bem, os edifícios, programas e materiais que mencionei têm um custo e, essa não é uma lição sem importância para nossos filhos aprenderem enquanto são pequenos.

Segundo, paguem o dízimo para poderem, por direito, reivindicar as bênçãos prometidas por aqueles que o fazem. "Fazei prova de mim nisto, diz o Senhor dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu, e não derramar sobre vós uma bênção tal até que não haja lugar suficiente para a recolherdes."[4] Depois de ter perdido seu marido no martírio em Nauvoo e ter-se mudado para o oeste com cinco filhos órfãos de pai, Mary Fielding Smith continuou a pagar o dízimo apesar da pobreza. Quando alguém do escritório de dízimo sugeriu inadequadamente que ela não deveria contribuir com um décimo das únicas batatas que conseguira colher, ela protestou: "William, deveria envergonhar-se. Vai negar-me a bênção? Se eu não pagar meu dízimo, tenho certeza de que o Senhor retirará Suas bênçãos de mim. Eu pago o meu dízimo não apenas por ser uma lei de Deus, mas porque espero ser abençoada por isso. [Eu *preciso* de uma bênção.] Obedecendo essa e outras leis, espero (. . .) ser capaz de prover para minha família".[5]

Não posso fazer uma relação de *todas* as formas sob as quais as bênçãos decorrentes da obediência a esse princípio virão, mas testifico que *muitas* delas ocorrerão de formas espirituais que vão muito além da situação econômica. Por exemplo, em minha vida, já vi a promessa de Deus que "por [minha] causa [Ele repreenderia] o devorador"[6]. Essa bênção de proteção foi derramada sobre mim e sobre meus entes queridos além da capacidade que tenho para recebê-la ou reconhecê-la da forma merecida. Acredito que recebemos essa proteção divina, pelo menos em parte, devido à nossa determinação, individual e como família, de pagar o dízimo.

Terceiro, paguem seu dízimo como uma declaração de que a posse de bens

materiais e o acúmulo de riquezas terrenas *não* são as metas mais importantes de sua existência. Como um jovem marido e pai, que sustentava a família com um orçamento mínimo na época em que cursava a faculdade, comentou comigo recentemente: "Talvez nossos momentos mais importantes como santos dos últimos dias sejam aqueles em que nadamos diretamente contra a correnteza da cultura em que vivemos. O dízimo é um desses momentos. Vivemos em um mundo que enfatiza o consumismo material e incentiva a desconfiança de qualquer pessoa ou coisa que queira usar nosso dinheiro, mas nós nos despojamos do egoísmo para contribuirmos livremente, com confiança e generosidade. Devido a esse ato, dizemos — de fato — que somos diferentes, que somos o próprio povo de Deus. Em uma sociedade que nos diz que o dinheiro é o nosso bem mais importante, declaramos enfaticamente que ele não o é".[7]

O Presidente Spencer W. Kimball falou, certa vez, a respeito de um homem que se orgulhava da grande extensão de terras que possuía e de suas numerosas propriedades — bosques e vinhas, rebanhos e pastagens, lagos e casas e posses de todo o tipo. Ele se orgulhava delas, mas até o final da vida, foi incapaz de pagar o dízimo sobre o que possuía e de sequer admitir que tudo era dádiva de Deus. O Presidente Kimball falou no funeral desse homem, observando que esse rico latifundiário estava sendo sepultado em um terreno alongado, ínfimo, que media "a estatura de um homem alto e a largura de alguém robusto".[8] Em resposta à clássica pergunta: "Quanto ele deixou?" Estejam certos de que a resposta sempre será "Tudo". Então seria melhor que ele ajuntasse tesouros no céu, onde não são os impostos, mas sim as doutrinas que dão significado a palavras como *herança, legado, convênio* e *testamento*.[9]

Quarto, paguem seus dízimos e ofertas com honestidade e integridade, porque pertencem a Deus por direito. Certamente uma das linhas mais penetrantes de todas as escrituras é a indagação de extraordinário efeito: "Roubará o homem a Deus? [Perguntamos], (. . .) Em que te roubamos?" E Ele responde: "Nos dízimos e nas ofertas".[10]

Pagar o dízimo *não* é uma oferta simbólica que é, de algum modo, dada a Deus. Pagar o dízimo é quitar uma dívida. O Élder James E. Talmage certa vez descreveu isso como sendo um contrato entre nós e o Senhor. Ele imaginou o Senhor dizendo: "'Você precisa de muitas coisas neste mundo — alimento, roupa, abrigo para a família e para si próprio e dos confortos comuns da vida. (. . .) Você terá os meios de adquirir essas coisas, mas lembre-se de que elas são minhas e eu exijo pagamento do que coloquei em suas mãos. Contudo, sua vida não terá um aumento constante (. . .) [então] em lugar de fazer como os locadores terrenos — que exigem (. . .) pagamento antecipado, seja qual for sua fortuna ou (. . .) probabilidade de êxito — você me pagará [somente] quando tiver recebido; e pagará de acordo com o que receber. Se acontecer que sua renda seja alta durante um ano, então (. . .) [seus 10 por cento serão um] pouco mais; se o ano seguinte for difícil e sua renda não for o que costumava ser, então (. . .) [seus 10 por cento serão] menos. (. . .) [Seja qual for sua situação, o dízimo será justo]'".

"Alguma vez encontrou um proprietário na Terra que estivesse disposto a fazer esse tipo de contrato [justo] com você?" Pergunta o Élder Talmage. "Quando penso na generosidade disso tudo", diz ele, "(. . .) sinto, em meu coração, que mal poderia elevar meu rosto para o Céu (. . .) se tentasse defraudar [a Deus] daquilo que [Lhe pertence por direito]".[11]

Isso nos leva à quinta razão por que devemos pagar nossos dízimos e ofertas. Devemos pagá-los como expressão pessoal de amor por um Pai Celestial generoso e misericordioso. Por meio de Sua graça, Deus reparte o pão com o faminto e veste o pobre. Isso incluirá todos nós, quer temporal quanto espiritualmente, diversas vezes durante nossa vida. Para cada um de nós, o evangelho e suas bênçãos são como o amanhecer que afasta a escuridão da ignorância e do pesar, do medo e do desespero. Por todas as nações, Seus filhos O chamam e o Senhor responde. Ao espalhar Seu evangelho pelo mundo, Deus desfaz as ataduras do jugo e deixa livres os oprimidos. Seu amor generoso torna a vida de nossos membros, ricos ou pobres, próximos ou distantes, "como um jardim regado [por] um manancial, cujas águas nunca faltam".[12]

Expresso minha profunda gratidão por todas as bênçãos do evangelho, especialmente pelo maior de todos os dons, o dom da Expiação do Filho Unigênito de Deus. Sei que jamais poderei restituir ao céu toda sua benevolência, mas existem muitas formas por meio das quais posso *tentar* demonstrar minha gratidão. Uma dessas formas é o pagamento dos dízimos e das ofertas voluntárias. *Quero* dar algo como restituição, mas não quero jamais que seja (citando as palavras do rei Davi) "[algo] que não me [custe] nada".[13]

Testifico que o princípio do dízimo vem de Deus e nos é ensinado com uma simplicidade escriturística que revela sua própria divindade. Que possamos reivindicar suas bênçãos para sempre, oro, em nome de Jesus Cristo. Amém. □

NOTAS

1. Daniel 2:45.
2. Isaías 29:14.
3. Citado por David B. Haight no Conference Report, abril de 1981, p. 57; ou *Ensign*, maio de 1981, p. 42.
4. Malaquias 3:10.
5. Conference Report, abril de 1900, p. 48.
6. Malaquias 3:11.
7. Correspondência pessoal.
8. Conference Report, abril de 1968, p. 74.
9. Ver Mateus 6:19–21.
10. Malaquias 3:8.
11. *The Lord's Tenth* (folheto, 1968), pp. 10–11.
12. Ver Isaías 58:11; ver também Isa. 58:6–10.
13. II Samuel 24:24.

A Doutrina da Inclusão

Élder M. Russell Ballard
Do Quórum dos Doze Apóstolos

"Se somos verdadeiramente discípulos do Senhor Jesus Cristo, estenderemos a mão com amor e compreensão para o nosso próximo em todas as circunstâncias."

Pode muito bem ter sido em um dia lindo e revigorante de outono como este. O Salvador estava sentado, ensinando alguns de Seus discípulos, quando um homem, identificado apenas como "um certo doutor da lei", levantou-se e perguntou-Lhe: "Mestre, que farei para herdar a vida eterna?"

Jesus conhecia o coração do homem e entendeu que a pergunta era uma tentativa mal disfarçada de fazer com que Ele dissesse algo contrário à lei de Moisés.

O Salvador respondeu a pergunta com duas outras perguntas: "Que está escrito na lei? Como lês?"

Como era de se esperar, o doutor da lei foi capaz de enunciar a lei: "Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças, e de todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo".

"Respondeste bem", disse o Salvador. "Faze isso, e viverás."

O advogado, porém, não ficou satisfeito com isso. Sabendo que existiam regras e crenças rígidas entre os judeus, no que se referia ao relacionamento com os que não eram de sua religião, ele procurou obter, com insistência, mais informações do Senhor, tentando apanhá-Lo em contradição: "E quem é o meu próximo?" perguntou.

Mais uma vez era hora de ensinar. Jesus utilizou uma de Suas técnicas de ensino favoritas e eficazes: uma parábola, talvez uma das parábolas mais amadas e conhecidas de toda a cristandade.

Vocês conhecem a parábola de um homem de Jerusalém que, a caminho de Jericó, caiu nas mãos de salteadores que o deixaram meio morto. Um certo sacerdote passou de largo e nem um levita parou para ajudá-lo. Então Jesus ensinou:

"Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou ao pé dele e, vendo-o, moveu-se de íntima compaixão;

E, aproximando-se atou-lhe as feridas, deitando-lhes azeite e vinho; e, pondo-o sobre sua cavalgadura, levou-o para uma estalagem, e cuidou dele."

Jesus fez, então, mais uma pergunta ao doutor da lei: "Qual, pois, destes três te parece que foi o próximo daquele que caiu nas mãos dos salteadores?"

E o doutor da lei replicou: "O que usou de misericórdia para com ele".

Então Jesus deu Sua instrução final ao doutor da lei — e a todos os que lêem a parábola do Bom Samaritano: "Vai, e faze da mesma maneira". (Lucas 10:25–37)

Todas as vezes que leio essa parábola fico impressionado com seu poder e simplicidade. Mas alguma vez já se perguntaram por que o Salvador escolheu um samaritano como herói dessa história? Havia uma antipatia considerável entre judeus e samaritanos na época de Cristo. Sob circunstâncias normais, estes dois grupos evitavam qualquer relacionamento entre si. Seria ainda uma boa parábola e também instrutiva, se o homem que tivesse caído nas mãos dos salteadores fosse salvo por um judeu.

Seu uso deliberado de judeus e samaritanos ensina claramente que todo indivíduo é nosso próximo e que devemos amá-los, estimá-los, respeitá-los e servi-los a despeito de nossas diferenças mais profundas — incluindo diferenças religiosas, políticas e culturais.

Essa instrução prossegue até nossos dias como parte dos ensinamentos de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Ao relacionarmos as doutrinas-chave da Igreja restaurada, Joseph Smith disse que embora "[pretendamos] o privilégio de adorar a Deus Todo-Poderoso de acordo com os ditames de nossa própria consciência", nós também "concedemos a todos os homens o mesmo privilégio, deixando-os adorar como, onde ou o que desejarem". (11ª Regra de Fé)

Felizmente, muitos de nossos membros entendem essa doutrina e vivem-na durante sua vida diária. Li, recentemente, a notícia de uma morte trágica em uma comunidade

aqui em Utah. As palavras de uma viúva jovem e aflita foram citadas: "Ficamos assombrados pelo apoio. Não somos mórmons, mas a ala local tem cuidado de nós de todas as maneiras, trazendo refeições, ajuda e palavras de apoio. É uma demonstração imensa de amor e somos gratos por isso." (citado em Dick Harmon, "Former Ute's Death Leaves Wife Coping, Wondering," *Daily Herald* [Provo, Utah], 11 de agosto de 2001, p. A3).

É assim que deve ser. Se somos verdadeiramente discípulos do Senhor Jesus Cristo, estenderemos a mão com amor e compreensão para o nosso próximo em todas as circunstâncias, especialmente nos momentos de necessidade. O jornal *Church News* publicou recentemente a história de duas mulheres que são ótimas amigas, uma "médica judia, de Nova York e [uma] mãe, de Utah, que não trabalha fora e cria seis filhos, ambas residindo bem distantes de seu lar de infância em Dallas, [Texas]".

A mãe, que é membro da Igreja, disse: "Se nossa amizade tivesse que passar pela seleção de um programa de computador que reúne pessoas compatíveis, duvido que passássemos da primeira avaliação. (. . .)

Duvido que uma médica ocupada tivesse vontade de discutir a cor dos guardanapos usados na Associação de Pais e Mestres.

Há algo engraçado nas suposições—elas podem cortar as raízes de algo que poderia brotar e crescer se tivesse a oportunidade. Serei eternamente grata porque as suposições foram colocadas de lado". (Shauna Erickson, "Unlikely Friends Sharing a Lifetime", *Church News*, 18 de agosto de 2001, p. 10)

Deduções e suposições podem ser perigosas e injustas. Há alguns de nossos membros que não estendem a mão com sorrisos amigáveis, apertos de mão e serviço amoroso a todos os vizinhos. Ao mesmo tempo talvez haja aqueles que se mudam para nossa vizinhança com conceitos negativos preconcebidos a respeito da Igreja e de seus membros. Certamente bons vizinhos deveriam fazer todo o possível para se entenderem e serem gentis uns com os outros a despeito da religião, nacionalidade, raça ou cultura.

Ocasionalmente ouço falar de membros que ofendem pessoas de outras religiões ao ignorá-las ou deixá-las de lado. Isso pode ocorrer especialmente em comunidades onde nossos membros são a maioria. Já ouvi falar a respeito de pais que proibem os filhos de brincar com uma criança da vizinhança em particular, porque a família dela não pertence à nossa Igreja. Esse tipo de comportamento não está de acordo com os ensinamentos do Senhor Jesus Cristo. Não posso entender por que algum membro de nossa Igreja permite que coisas desse tipo ocorram. Sou membro desta Igreja desde que nasci. Fui missionário de tempo integral, duas vezes bispo, presidente de missão, Setenta e agora sou um Apóstolo. Jamais ensinei — nem ouvi ninguém ensinar — a doutrina da exclusão. Jamais ouvi os membros desta Igreja serem exortados a fazer qualquer coisa que não fosse amorosa, bondosa, tolerante e benevolente a nossos amigos e ao nosso próximo de outras religiões.

O Senhor espera muito de nós. Pais, pedimos que pratiquem e ensinem a seus filhos o princípio da inclusão de outros e não da exclusão devido a diferenças religiosas, políticas ou culturais.

Apesar de ser verdade que declaramos ao mundo que a plenitude do Evangelho de Jesus Cristo foi restaurada à Terra por intermédio do Profeta Joseph Smith e que exortamos nossos membros a compartilharem sua fé e testemunho com outros, jamais foi norma da Igreja que aqueles que preferem não ouvir nem aceitar nossa mensagem devam ser evitados ou ignorados. De fato, o oposto é verdadeiro. O Presidente Gordon B. Hinckley tem-nos relembrado continuamente a respeito de nossa obrigação especial como seguidores do Senhor Jesus Cristo. Citarei apenas uma delas.

"Cada um de nós é um indivíduo. Cada um é diferente. Deve haver respeito pelas diferenças. (. . .)

(. . .) Precisamos trabalhar arduamente para induzir respeito mútuo, ter atitudes pacientes e tolerantes um pelo outro independente das doutrinas e filosofias que possamos adotar. Você e eu podemos discordar com relação a

isso, mas podemos fazê-lo com respeito e civilidade." (*Ensinamentos de Gordon B. Hinckley*, pp. 549, 555)

Como membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, entendemos que somos vistos , às vezes como "um povo [estranho]". (Ver I Pedro 2:9.) Nossas doutrinas e crenças são importantes para nós. Nós as seguimos e temos por elas grande respeito e amor. Não estou sugerindo nem por um momento que não deveríamos sentir isso. Pelo contrário, nossa peculiaridade e a mensagem incomparável do evangelho restaurado de Jesus Cristo são elementos indispensáveis para dar uma escolha clara aos povos do mundo. Tampouco estou sugerindo que nos envolvamos em qualquer relacionamento que coloque a nós ou nossa família em risco espiritual. Precisamos entender, contudo, que nem todos vão aceitar nossa doutrina da Restauração do Evangelho de Jesus Cristo. A maior parte dos vizinhos que não pertencem à nossa religião são pessoas boas e honradas — exatamente tão boas e honradas quanto nos esforçamos para ser. Eles se preocupam com a família, da mesma forma que nós. Querem fazer do mundo um lugar melhor, assim como nós. São bondosos, amorosos, generosos e fiéis — da forma que procuramos ser. Há quase 25 anos, a Primeira Presidência declarou: "Nossa mensagem (. . .) é de amor e atenção especiais pelo bem-estar eterno de todos os homens e mulheres independente de sua crença religiosa, raça ou nacionalidade, sabendo que somos verdadeiramente irmãos porque somos filhos do mesmo Pai Eterno". (Declaração da Primeira Presidência, 15 de fevereiro de 1978)

Essa é nossa doutrina—uma doutrina de inclusão. É nisso que acreditamos. É o que aprendemos. De todos os povos desta Terra, deveríamos ser o mais amoroso, o mais bondoso e o mais tolerante devido a doutrina.

Posso sugerir três coisas simples que podemos fazer para evitar que outras pessoas em nossa vizinhança sintam-se excluídas?

Em primeiro lugar, procurem conhecer seus vizinhos. Aprendam a respeito de sua família, trabalho e pontos de vista. Encontrem-se com eles caso aceitem, mas façam-no sem serem desagradáveis e sem ter qualquer segunda intenção escondida por trás do convite. A amizade jamais deve ser oferecida como meio para um propósito; ela pode e deve ser o propósito em si própria. Recebi a carta de uma mulher que se mudou para Utah recentemente. Gostaria de citar um pequeno trecho: "Preciso dizer-lhe, Élder Ballard, que quando cumprimento meus vizinhos ou aceno para eles, eles ignoram meu gesto. Ou se passo por eles quando caminho pela manhã ou à noite, minha saudação não tem retorno. Outras pessoas de cor expressam, constantemente, reações negativas semelhantes a gestos amigáveis". Se houver membros da Igreja entre os vizinhos dela, eles certamente precisam saber que isso não deve acontecer. Cultivemos relacionamentos de confiança mútua e de compreensão significativos com pessoas de outras origens e crenças.

Em segundo lugar, acredito que seria bom eliminarmos um par de frases de nosso vocabulário: "não-membro" e "não-mórmon". Tais frases podem ser degradantes ou depreciativas. Pessoalmente não me considero um "não-católico" ou um "não-judeu". Sou cristão. Sou um membro de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. É dessa forma que eu prefiro ser identificado — por quem e pelo que sou e não pelo que não sou. Vamos estender essa mesma cortesia àqueles que vivem ao nosso meio. Se houver a necessidade de uma generalização, então o termo "amigos" parece ser adequado para uso na maioria dos casos.

E terceiro, se os vizinhos ficarem irritados ou frustrados devido a algum tipo de desacordo com A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias ou com alguma lei que apoiemos devido a razões morais, por favor, não sugiram a eles — nem por brincadeira — que deveriam pensar em se mudar para algum outro lugar. Não consigo compreender como algum membro de nossa Igreja consiga sequer pensar em algo assim! Nossos antepassados pioneiros foram expulsos de um lugar para outro por vizinhos mal informados e intolerantes. Eles experimentaram extraordinária opressão e perseguição porque pensavam, agiam e acreditavam de forma diferente dos demais. Mesmo que nossa história não nos ensinasse mais nada, ela deveria ensinar-nos a respeitar os direitos de todas as pessoas para coexistirmos pacificamente uns com os outros.

Dirijo-me agora àqueles que não pertencem à nossa religião. Se houver assuntos que os preocupem, conversemos a respeito deles.

Queremos ser úteis. Pedimos que entendam, contudo, que nossas doutrinas e ensinamentos foram estabelecidos pelo Senhor, então algumas vezes teremos que concordar em discordar de vocês, mas podemos fazê-lo sem sermos desagradáveis. Em nossa comunidade, podemos e devemos trabalhar juntos em uma atmosfera de cortesia, respeito e civilidade. Aqui em Utah, um grupo de cidadãos interessados, formaram a "Aliança para a Unidade". Esse trabalho foi endossado por nossa Igreja assim como por outras igrejas e organizações. Um de seus propósitos é o de "procurar edificar uma comunidade onde pontos de vista divergentes sejam reconhecidos e apreciados". Talvez jamais tenha existido um momento mais importante para que os vizinhos de todo o mundo se unam para o bem comum uns dos outros.

Apenas poucas horas antes de iniciar o doloroso processo físico e espiritual da Expiação, o Salvador reuniu-Se com Seus apóstolos para participar da cerimônia da Páscoa dos judeus — Sua Última Ceia — e para as instruções finais que lhes daria na mortalidade. Entre esses ensinamentos, está a comovente declaração que pode mudar a vida das pessoas: "Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis.

Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros". (João 13:34–35)

É isso que Jesus ensinou a Seus discípulos—inclusive a "um certo doutor da lei"—por meio da parábola do bom Samaritano. E é o que Ele nos está ensinando hoje por intermédio de profetas e apóstolos vivos. Amem-se uns aos outros. Sejam gentis uns com os outros a despeito de nossas mais profundas diferenças. Tratem-se com respeito e civilidade. Eu sei e testifico que Jesus é o Cristo, nosso Salvador e Redentor, e sei que Ele espera que todos nós sigamos Sua admoestação de que sejamos melhores vizinhos. Em nome de Jesus Cristo. Amém. □

Sessão do Sacerdócio
6 de outubro de 2001

Cumprir Nosso Dever para com Deus

Élder Robert D. Hales
Do Quórum dos Doze Apóstolos

"Prometo-lhes que, se receberem o Reconhecimento Dever para com Deus, ganharão um testemunho vivo que lhes servirá de apoio por toda a vida."

Que alegria estar diante do sacerdócio e falar a esse magnífico exército de Deus! É importante que saibamos quem somos — filhos de Deus que possuem o Sacerdócio Aarônico e o Sacerdócio de Melquisedeque restaurados nesta dispensação. É importante também que saibamos o que estamos tentando alcançar na vida, ou seja, voltar à presença do Pai Celestial com a nossa família. Por sermos tão abençoados, é muito importante também que aprendamos e cumpramos nosso dever para com Deus.

A Primeira Presidência e o Quórum dos Doze Apóstolos têm, há muitos anos, uma grande preocupação com o bem-estar de nossos jovens nesta época atribulada. No dia 28 de setembro de 2001, a Primeira Presidência enviou uma carta aos líderes do sacerdócio nos Estados Unidos e Canadá dizendo:

"Em janeiro de 2000, apresentamos um programa de Realização do Sacerdócio Aarônico para as áreas, fora dos Estados Unidos e Canadá, que não tivessem o programa de escotismo. O propósito (. . .) é o de ajudar os rapazes a se preparar para receber o Sacerdócio de Melquisedeque e a investidura no templo; realizar uma missão de tempo integral, casar-se e exercer a paternidade. (. . .) [Esse programa internacional continua em vigor e] foi agora adaptado para uso nos Estados Unidos e Canadá para que inclua o importante papel do Escotismo no desenvolvimento dos rapazes [e será conhecido como] *Sacerdócio Aarônico: Cumprir Nosso Dever para com Deus.*

Os três manuais — *Sacerdócio Aarônico: Cumprir Nosso Dever para com Deus* para diáconos, mestres e sacerdotes — explicam o programa. Os rapazes que cumprirem os requisitos delineados em todos esses manuais receberão o Reconhecimento Dever para com Deus.

Anunciamos também um novo manual de *Progresso Pessoal das Moças* simplificado e o folheto *Para o Vigor da Juventude* revisado. Esses materiais foram atualizados para ajudar a juventude a desenvolver mais fé e coragem no mundo de hoje. Além disso, anunciamos o *Guia para Pais e Líderes de Jovens* para auxiliar pais e líderes a fortalecerem a nossa juventude. Esse guia esboça, também, o importante papel de apoio prestado pela Mutual.

Queremos que todos os rapazes se esforcem para receber o Distintivo de Escoteiro da Pátria e o Reconhecimento Dever para com Deus. Queremos que todas as jovens se esforcem para receber o Certificado das Moças. Ao se dedicarem a essas metas, os jovens desenvolverão habilidades e atributos que os levarão ao templo e que irão prepará-los para uma vida de serviço prestado à família e ao Senhor.

Exemplares desses materiais serão enviados a todas as estacas para distribuição nas alas em dezembro de 2001, e implementação em janeiro de 2002." (Carta da Primeira Presidência, 28 de setembro de 2001)

Vivemos numa época muito difícil da história do mundo, em que Satanás ronda a Terra e transita por ela entre os filhos de Deus, praticando toda sorte de males para frustrar os desejos de um Deus justo. As escrituras ensinam que os desígnios maléficos de Satanás sobre os povos da Terra serão intensificados com a proximidade da Segunda Vinda do Senhor e Salvador Jesus Cristo. (Ver II Tessalonicenses 2:1–10; D&C 10:33; 52:14; 86:3–10.)

Em nenhuma época, a mensagem foi proclamada com tanta veemência pela Primeira Presidência e o Quórum dos Doze Apóstolos como o é hoje, para que os pais, bem como os bispos e líderes do sacerdócio e das auxiliares, se certifiquem de que vocês rapazes compreendam quem são e no que podem tornar-se, não apenas aqui na vida mortal, mas também na eternidade.

O Reconhecimento Dever para com Deus ajudará os rapazes a enfrentar os futuros obstáculos da vida e a atingir os propósitos do Sacerdócio Aarônico.

A Primeira Presidência e o Quórum dos Doze Apóstolos explicaram: "Esperamos que vocês recebam o Reconhecimento Dever para com Deus e que ele se torne um símbolo de sua preparação para receberem o Sacerdócio de Melquisedeque." (*Aaronic Priesthood: Fulfilling Our Duty to God, Deacon [2001]*, p. 4)

Quando receberem o Reconhecimento Dever para com Deus, vocês terão atingido as metas de:

- Ser fiéis aos deveres e padrões do sacerdócio
- Participar de atividades familiares
- Participar de atividades do quórum
- Realizar um projeto de serviço

Nosso Dever para com Deus

- Atingir metas pessoais em cada uma das quatro categorias que compreendem os deveres essenciais do sacerdócio: desenvolvimento espiritual; desenvolvimento físico; desenvolvimento educacional, pessoal e profissional; desenvolvimento social e de cidadania

Se vocês preencherem os requisitos desses deveres do sacerdócio e desenvolverem qualidades pessoais, estarão preparando-se para as responsabilidades do Sacerdócio de Melquisedeque e para os futuros desafios em sua vida. Prometo-lhes que, se receberem o Reconhecimento Dever para com Deus, ganharão um testemunho vivo que lhes servirá de apoio por toda a vida.

O escotismo, onde estiver implementado, poderá ajudá-los nesse trabalho. Participem do escotismo. Muitas das metas do escotismo poderão preencher os requisitos para receber o Certificado Dever para com Deus.

O escotismo faz parte do programa de atividades do Sacerdócio Aarônico. O Reconhecimento Dever para com Deus, que é do sacerdócio, contém os requisitos que os ajudarão a desenvolver a espiritualidade e a cumprir seus deveres no sacerdócio.

Algumas das grandes bênçãos desses programas já desenvolvidos são as de que, como jovens da Igreja, vocês terão uma compreensão clara de quem são. Serão responsáveis por suas ações, assumirão a responsabilidade por sua conduta e serão capazes de estabelecer metas que lhes permitirão atingir o objetivo para o qual foram enviados à Terra. Nosso apelo é o de que lutem para dar o melhor de si.

Rapazes, ajoelhem-se todos os dias e externem a Deus os desejos de seu coração. Ele é a fonte de toda a sabedoria e responderá às suas orações. Sejam humildes e estejam dispostos a ouvir os sussurros do Espírito. Leiam as escrituras diariamente. Fortaleçam seu testemunho. Paguem o dízimo e as ofertas. Lembrem-se de guardar os convênios que fizeram quando foram batizados e renovem-nos todas as semanas ao partilhar do sacramento. Se guardarem seus convênios batismais agora, eles os ajudarão a estarem preparados para os convênios do templo que farão no futuro.

Essa é a essência de seu dever para com Deus. Ao cumprir esse dever, vocês trarão bênçãos não somente para a própria vida, mas também para a vida de outras pessoas.

Um dos propósitos do Sacerdócio Aarônico é prestar serviço. Um dos requisitos para o Reconhecimento Dever para com Deus é o de, pelo menos uma vez por ano, participar de um projeto de serviço que lhes dará a oportunidade de servir, de maneira significativa, sua família, a Igreja ou a comunidade. À medida que ajudarem e servirem às pessoas, vocês verão que a escritura a seguir é uma parte essencial do evangelho: "Porque quando o fazeis ao menor destes, a mim o fazeis". (D&C 42:38)

Espero que os pais e os bispos — que são os presidentes do Sacerdócio Aarônico — entendam que os rapazes e as moças, por quem são responsáveis, foram preparados para vir à Terra, especialmente nesta época, para um propósito sagrado e glorioso. É uma grande bênção ser capaz de qualificar-se para receber o Sacerdócio

de Melquisedeque. Vocês, rapazes, têm um nobre chamado a cumprir: tornar-se homens justos, crescer em força e influenciar positivamente outras pessoas. Vocês, rapazes, são o futuro da Igreja.

Todos nós progredimos desde que chegamos à Terra, vindos da presença do Pai Celestial. Os primeiros dez anos de nossa vida foram uma grande experiência de aprendizado. Recebemos cuidados e alimentação. Aprendemos a andar, a falar e a controlar este corpo mortal. Aprendemos acerca do livre-arbítrio; ou seja, que nossas escolhas têm conseqüências. Muitos foram batizados com oito anos e esta é, segundo as escrituras, a idade da responsabilidade, quando temos a capacidade de distinguir o certo do errado, de saber quem somos — filhos de Deus — por que estamos aqui e o que estamos tentando realizar. (Ver D&C 68:25, 27.)

Do batismo à idade de 12 anos, nossa família, os líderes do sacerdócio e das auxiliares e os professores ensinaram-nos os princípios e padrões do evangelho que nos preparam para receber o sacerdócio. O Sacerdócio Aarônico é chamado de sacerdócio preparatório. A segunda década de nossa vida é um período de preparação. É uma época em que nos preparamos para tomar grandes decisões futuras. Preparamo-nos para receber o Sacerdócio de Melquisedeque, para fazer os convênios do templo e cumprir todas as responsabilidades do sacerdócio, de maneira tal que também cumpramos nosso dever para com Deus.

As escolhas que vocês fazem hoje irão influenciar diretamente o número e o tipo de oportunidades que terão no futuro. Cada decisão diária limitará ou ampliará suas oportunidades. Tomando decisões corretas neste período preparatório, vocês estarão prontos para tomar decisões corretas no futuro.

Pensem agora na próxima década de sua vida, a dos 20 anos, e nas decisões que deverão tomar em relação à dignidade para entrar no templo, trabalho missionário, educação, carreira profissional, uma companheira eterna e uma família. Essa década de decisões não é uma época de medo. É uma época em que poderão desfrutar das bênçãos para as quais vocês se prepararam. "Se estiverdes preparados, não temereis." (D&C 38:30)

Uma das grandes bênçãos que recebemos no batismo é o dom do Espírito Santo. Com esse dom, vocês podem ter inspiração divina para tomar essas decisões importantes.

Durante o período preparatório de sua vida, é extremamente importante que vocês cultivem a espiritualidade, se desenvolvam fisicamente, estudem, trabalhem por seu desenvolvimento pessoal, se preparem profissionalmente, sejam bons cidadãos e aprendam a lidar com as pessoas. Todas essas qualidades fazem parte dos deveres do sacerdócio e irão ajudá-los nas decisões que terão de tomar no futuro, na próxima década de sua vida.

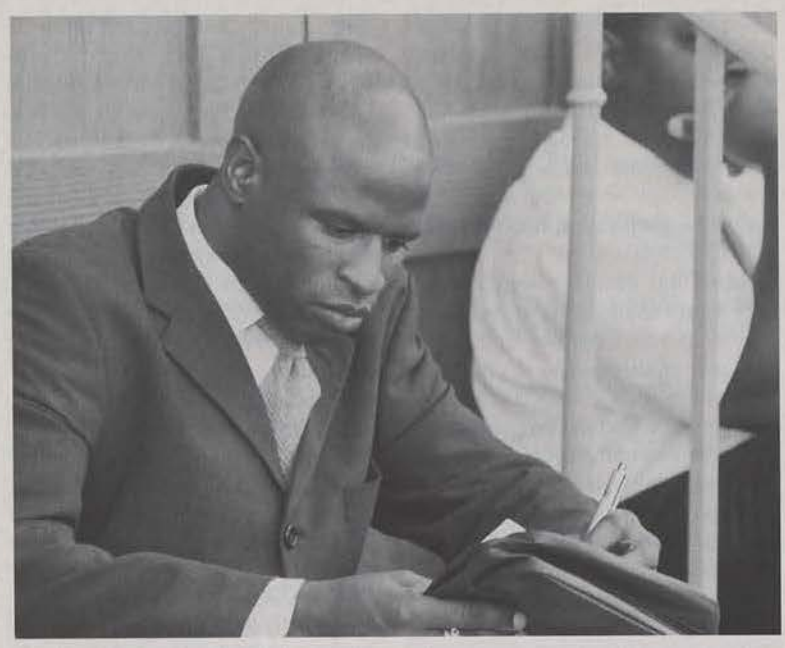
Uma parte importante no cumprimento de nosso dever para com Deus, em qualquer idade, é tornarmo-nos discípulos de Jesus Cristo; ou seja, aceitar Seu convite para segui-Lo. (Ver Lucas 18:22.) Para seguirmos o Salvador, é necessário que saibamos quem Ele é — o Filho de Deus —, que tomemos sobre nós o Seu nome, que nos lembremos de Seu sacrifício expiatório e guardemos Seus mandamentos. Fizemos esses convênios no batismo e renovamos nossos convênios batismais toda vez que tomamos o sacramento.

Aprendemos com o Salvador, por meio de Suas orações ao Pai Celestial, grandes lições sobre o discipulado e o nosso dever para com Deus. Em Sua oração intercessória, Ele ensina: "*Eu glorifiquei-te* na terra, *tendo consumado a obra que me deste a fazer*". (João 17:4; grifo do autor)

Quando Jesus agonizou, no Jardim do Getsêmani, pelos pecados de toda a humanidade, Ele orou, dizendo: "Meu Pai, se é possível, passe de mim este cálice; todavia, *não seja como eu quero, mas como tu queres*". (Mateus 26:39; grifo do autor)

Podemos ver, nas escrituras,

Um momento de reflexão no Centro de Conferências.



exemplos do discipulado e do dever para com Deus por meio da vida dos profetas. As lições que aprendemos com esses profetas podem ser aplicadas em nossa vida.

O jovem Joseph Smith disse: "*Obedeci*, voltando para onde estava meu pai, no campo, e relatei-lhe todo o ocorrido". (JS—H 1:50)

Elias "*foi, pois, e fez* conforme a palavra do Senhor". (I Reis 17:5)

"Assim fez Noé; *conforme a tudo o que Deus lhe mandou, assim o fez.*" (Gênesis 6:22)

Josué ensinou a seu povo: "*Porém eu e a minha casa serviremos ao Senhor.* (. . .) E disse o povo a Josué: *Serviremos ao Senhor nosso Deus, e obedeceremos à sua voz*". (Josué 24:15, 24)

Alma disse: "Oh! lembra-te, meu filho, e *aprende sabedoria em tua mocidade*; sim, *aprende em tua mocidade a guardar os mandamentos de Deus!*". (Alma 37:35; grifo do autor)

A Primeira Presidência e o Quórum dos Doze Apóstolos aconselharam cada portador do Sacerdócio Aarônico com as seguintes palavras:

"Vocês vivem em uma época de grandes desafios e oportunidades. Foram chamados para fazer a diferença no mundo. Por serem filhos de Deus, com o poder do Sacerdócio Aarônico, vocês podem exercer uma força extraordinária para o bem.

Podem prestar serviço, doar seu tempo, talentos e energias sem pensar em recompensa. Podem cumprir os deveres do sacerdócio, tais como [preparação, distribuição e bênção] do sacramento, [recolhimento de ofertas de jejum, ajuda a outras pessoas] e participação no trabalho dos mestres familiares. Vocês podem elevar os outros por meio do seu exemplo. Podem fortalecer a si mesmos, edificar a fé e o testemunho e viver o evangelho enquanto o aprendem e compartilham.

Vocês têm a responsabilidade de aprender o que o Pai Celestial quer que façam e depois dar o melhor de si para fazer Sua vontade. (. . .)

O Senhor acredita em vocês e tem uma missão importante para realizarem. Ele os ajudará se O procurarem em oração. Ouçam os sussurros do Espírito. Obedeçam aos mandamentos. Façam e cumpram os convênios que os prepararão para o templo. Trabalhem com seus pais e líderes ao estabelecerem metas e procurarem atingi-las. Vocês se sentirão realizados ao cumprirem seu dever e se prepararem para os empolgantes desafios do futuro". (*Aaronic Priesthood — Priest: Fulfilling Our Duty to God*, (2001), pp. 4–5)

Irmãos do Sacerdócio Aarônico, estabeleçam suas metas e comecem a trabalhar para receber o Reconhecimento Dever para com Deus e o Distintivo de Escoteiro da Pátria. Vocês serão abençoados em seus esforços.

Quero dizer o quanto amo a juventude da Igreja. Tenho um grande respeito e admiração pelas escolhas corretas que vocês fazem diariamente. Vocês são tão fiéis nesta época atribulada, apesar das inúmeras dificuldades que enfrentam. Vocês estão-se preparando para serem os futuros pais e líderes do sacerdócio na Igreja.

É muito importante que compreendamos que vivemos na última dispensação da plenitude dos tempos, que estamos nos preparando para a Segunda Vinda de Jesus Cristo e que o adversário, nestes últimos dias, será capaz de aumentar os males do mundo. Nossas orações são para que todos os jovens da Igreja tenham força para vencer os dardos inflamados do adversário e que nós, como pais e líderes do sacerdócio — sim, como pastores — ajudemos nossos filhos a permanecerem firmes e fiéis ao evangelho de Jesus Cristo.

Testifico da veracidade deste trabalho e da restauração do sacerdócio nestes últimos dias. Prometo-lhes que serão abençoados por sua fidelidade e declaro, como o profeta Alma: "(. . .) eu vos disse estas coisas a fim de despertar em vós o senso de vosso dever para com Deus, para que andeis irrepreensivelmente perante ele, para que andeis conforme a santa ordem de Deus (. . .)". (Alma 7:22) Que todo portador do Sacerdócio Aarônico cumpra seu dever para com Deus e volte de maneira honrosa ao Pai Celestial é minha oração. Em nome de Jesus Cristo. Amém. □

Nosso Dever para com Deus

Élder Cecil O. Samuelson Jr.
Da Presidência dos Setenta

"Ser portador do sacerdócio e cumprir o dever para com Deus não é somente uma grande responsabilidade como também um grande privilégio."

Quando eu era jovem, fiquei impressionado com a história de Samuel no Velho Testamento. Ana, a mãe de Samuel, cheia de gratidão, dedicou a vida de seu filho a Deus. Ainda menino, ele foi morar e servir no templo. Certa noite, o Senhor o chamou três vezes. Todas as vezes, ele respondeu: "Eis-me aqui",[1] pensando que fosse Eli, o sumo sacerdote. O sábio Eli, sabendo que o pequeno "Samuel ainda não conhecia ao Senhor, e ainda não lhe tinha sido manifestada a palavra do Senhor",[2] percebeu que o Senhor havia chamado o pequeno menino. Ele, então, ensinou a Samuel como responder e, quando o Senhor tornou a chamá-lo, Samuel respondeu: "(. . .) Fala, porque o teu servo ouve."[3]

Ao estudarmos a vida de Samuel, reconhecemos que ele realmente cumpriu o seu dever para com Deus, pois "(. . .) crescia Samuel, e o Senhor era com ele, e nenhuma de todas as suas palavras deixou cair em terra".[4] Como resultado, Samuel tornou-se um grande profeta e líder.

Espero que vocês, jovens do Sacerdócio Aarônico hoje, entendam que, assim como Samuel, vocês têm um dever sagrado para com Deus. Samuel tinha uma mãe boa e justa, Ana, e um grande líder do sacerdócio, Eli. A grande maioria de vocês, jovens, também tem pais maravilhosos e líderes do sacerdócio inspirados, que cuidam de vocês e estão preparados e dispostos a ajudá-los, tanto a vocês quanto a seus pais, ao tentarem cumprir o seu dever para com Deus.

O Presidente Gordon B. Hinckley, ao falar de vocês e dessa geração de jovens, disse: "[Tenho] grande amor pelos rapazes e moças da Igreja. (. . .) Como nós os amamos e oramos constantemente para poder ajudá-los. Sua vida está repleta de decisões difíceis e de sonhos, esperanças e o desejo de encontrar o que lhes trará paz e felicidade.

(. . .) Prometo-lhes que Deus não os abandonará caso andem nos caminhos Dele, guiados por Seus mandamentos".[5]

Com a promessa do Profeta em mente, quero lembrá-los dos recursos que a Igreja está colocando à disposição para ajudá-los no cumprimento de seu dever para com Deus, conforme mencionado pelo Élder Hales e na carta da Primeira Presidência. Os propósitos do Sacerdócio Aarônico ajudam vocês a:

- Converterem-se ao evangelho de Jesus Cristo e viverem de acordo com Seus ensinamentos;
- Magnificarem os chamados do sacerdócio e cumprirem as responsabilidades de seu ofício no sacerdócio;
- Servirem de forma significativa;
- Prepararem-se e viverem dignamente para receber o Sacerdócio de Melquisedeque e as ordenanças do templo;
- Prepararem-se para servir honrosamente em uma missão de tempo integral;
- Estudarem o máximo possível;
- Prepararem-se para tornarem-se pais e maridos dignos;
- Darem o tratamento adequado a mulheres, meninas e crianças.

O programa de Reconhecimento Dever para com Deus irá ajudá-los a alcançar os propósitos do Sacerdócio Aarônico. Para que possam qualificar-se para receber o Reconhecimento Dever para com Deus, vocês terão que alcançar e completar os propósitos do Sacerdócio Aarônico e também participar de atividades familiares, de atividades específicas do quórum e de um projeto de serviço Dever para com Deus. Deverão escrever no diário todos os dias e alcançar metas pessoais em cada uma das quatro categorias:

- Desenvolvimento Espiritual
- Desenvolvimento Físico
- Desenvolvimento Educacional, Pessoal e Profissional
- Desenvolvimento Social

Quando o programa de Escotismo estiver disponível, vocês irão notar que muitos dos requisitos necessários para receber o reconhecimento no Escotismo também aplicam-se ao programa Dever para com Deus. As

atividades do programa Dever para com Deus e Escotismo ensinam-nos a estarmos preparados em "todas as coisas necessárias".[6] O Reconhecimento Dever para com Deus ou o Escoteiro da Pátria [ou prêmios equivalentes] é um complemento do programa e não um prêmio de competição.

A Primeira Presidência e o Quórum dos Doze os amam e desejam fortalecê-los nesses tempos cada vez mais difíceis. Com amor e esperança, eles providenciaram um folheto revisado chamado *Para o Vigor da Juventude: Cumprir Nosso Dever para com Deus* assim como materiais adicionais para as Moças, Rapazes, pais e líderes.

Quando vocês, rapazes do Sacerdócio Aarônico, esforçam-se para conseguir o Reconhecimento Dever para com Deus, e as moças se esforçam para completar o Progresso Pessoal, vocês estão juntos servindo de testemunhas de Deus. Esse testemunho é expresso por meio do que vocês dizem e também pela maneira com que vivem e guardam os mandamentos.

Vocês sabem que conseguir o Reconhecimento Dever para com Deus não é a meta final propriamente dita. O objetivo é incorporar à sua vida atributos que os ajudarão a concentrar-se mais atentamente nos seus deveres para com Deus. Essas características os ajudarão a continuarem na direção certa a fim de manterem-se dignos e capazes de buscar as oportunidades sagradas que se encontram à sua frente. Elas os ajudarão a serem felizes, limpos e fortes e também prepararem-se para os eventos eternamente importantes como o de receber as bênçãos do templo sagrado, servir como missionários e, finalmente, serem selados à uma companheira digna na casa do Senhor.

Enquanto Alma ensinava na terra de Gideão, ele disse, numa linguagem muito clara, palavras que se aplicam a nós hoje: "E agora, meus amados irmãos, eu vos disse estas coisas a fim de despertar em vós o senso de vosso dever para com Deus, para que andeis irrepreensivelmente perante ele, para que andeis conforme a santa ordem de Deus segundo a qual fostes recebidos".[7]

Vocês, que receberam o sacerdócio, terão o desejo de caminhar de acordo com a "santa ordem" para a qual foram chamados e ordenados. Reconhecerão que há uma bênção prometida para cada responsabilidade cumprida. Ao cumprir essas responsabilidades, vocês receberão oportunidades de servir ao próximo e desenvolver-se espiritualmente. Esses passos são essenciais na sua jornada de tornar-se como Jesus.

O Salvador, que sofreu todas as coisas por nós,[8] enfrentou desafios semelhantes aos que enfrentamos durante os anos em que estamos no Sacerdócio Aarônico. Lembram-se da história de Jesus de quando Ele tinha a idade com que a maioria de nós torna-se diácono? Ele tinha ido com a família e alguns amigos ao templo. Na hora de voltar para casa, Ele não estava com Maria e José. Eles devem ter pensado que Jesus estava com outros amigos ou membros da família em quem confiavam. Quando notaram sua demora em aparecer, todos ficaram aflitos. Como pais zelosos que eram, Maria e José fizeram o que os pais de vocês teriam feito em tais circunstâncias — foram a procura Dele. Ao encontrar Jesus no templo, somente os pais e avós seriam capazes de desfrutar plenamente do sentimento de alívio ao ver que Ele estava bem, misturado ao de surpresa ao ver a reação Dele. Alguém de vocês já passou por uma situação semelhante? Todos nós conhecemos o diálogo que se seguiu: "E quando o viram, maravilharam-se, e disse-lhe sua mãe: Filho, por que fizeste assim para conosco? Eis que teu pai e eu ansiosos te procurávamos. E ele lhes disse: Por que é que me procuráveis? Não sabeis que me convém tratar dos negócios de meu Pai?"[9]

Jesus deve ter dito: "Vocês não sabem que estou cumprindo o meu dever para com Deus?

O Presidente Harold B. Lee ensinou que o significado da pergunta de Jesus encontra-se na Seção 64 de Doutrina e Convênios.[10] O Presidente Lee disse: "Quando alguém se torna portador do sacerdócio, torna-se também um agente do Senhor. Ele deve pensar em seu chamado como se estivesse a serviço do Senhor. É isso que significa magnificar o sacerdócio. Imaginem o Mestre dizendo a cada um de vocês a mesma coisa que disse a José e Maria quando menino: Não sabeis que me convém tratar dos

negócios de meu Pai? Tudo o que fazeis de acordo com a vontade do Senhor é negócio do Senhor".[11] Portanto, ser portador do sacerdócio e cumprir o dever para com Deus não é somente uma grande responsabilidade como também um grande privilégio.

Muitas vezes, vocês poderão achar que acontece a seus pais e líderes o mesmo que se passou com Maria e José. Depois de Jesus responder fazendo uma importante pergunta a respeito dos negócios de Seu Pai, Lucas escreveu: "(. . .) eles não compreenderam as palavras que lhes dizia".[12]

No entanto, prestem bastante atenção ao que Jesus fez! É um exemplo do que devemos fazer se quisermos realmente cumprir nosso dever para com Deus. "E desceu com eles, e foi para Nazaré, e era-lhes sujeito. (. . .) E crescia Jesus em sabedoria, e em estatura, e em graça para com Deus e os homens."[13]

Vocês devem-se lembrar de que seu dever para com Deus está estritamente relacionado ao seu dever para com os membros de sua própria família, especialmente os seus pais. Não significa somente estar sujeito ou ser submisso a Deus, mas também aos pais e aos líderes do sacerdócio, para que possam cumprir o seu dever para com Deus. Que sejamos todos como Samuel quando ele disse ao Senhor: "(. . .) Fala, porque o teu servo ouve".[14] Em nome de Jesus Cristo. Amém. □

NOTAS

1. Ver I Samuel 3:4–8.
2. I Samuel 3:7.
3. I Samuel 3:10.
4. I Samuel 3:19.
5. "Conselhos e Oração do Profeta para os Jovens", *A Liahona*, abril de 2001, p. 30.
6. D&C 88:119.
7. Alma 7:22.
8. Ver Alma 7:11; D&C 18:11.
9. Lucas 2:48–49.
10. Ver D&C 64:29.
11. Harold B. Lee, *Stand Ye In Holy Places* (1974) p. 255.
12. Lucas 2:50.
13. Lucas 2:51–52.
14. I Samuel 3:10.

Gratidão

Élder Steven E. Snow
Dos Setenta

"A gratidão pode ser aumentada por meio da reflexão constante a respeito de nossas bênçãos e dando graças por elas em nossas orações diárias."

Tendo sido criados no sul de Utah, alguns de nós procurávamos emprego nos muitos postos de gasolina localizados na Estrada 91, no trecho em que ela atravessava o centro da cidade de St. George. Meu irmão mais novo, Paul, com 18 anos na época, trabalhava no Posto do Tom, que ficava a cerca de três quadras de nossa casa.

Num dia de verão, um carro com placa de Nova York parou no posto e o motorista pediu para encher o tanque. (Para os que têm menos de trinta anos, naquela época, um frentista vinha realmente encher o tanque, lavar os vidros do carro e verificar o óleo.) Enquanto Paul lavava o pára-brisas, o motorista perguntou qual era a distância até o Grand Canyon. Paul respondeu que era cerca de 270 quilômetros.

"Esperei a vida toda para ver o Grand Canyon", o homem exclamou. "Como são as coisas lá?"

"Não sei", respondeu Paul. "Nunca estive lá."

"Você está dizendo que mora a duas horas e meia de uma das sete maravilhas do mundo e nunca esteve lá?", exclamou o homem.

"Isso mesmo", respondeu Paul.

Depois de um momento, o homem comentou: "Bem, dá para entender. Minha esposa e eu moramos em Manhattan há mais de vinte anos e nunca fomos à Estátua da Liberdade".

"Eu já fui lá", disse Paul.

Não é irônico que sempre viajemos muitos quilômetros para ver as maravilhas da natureza ou as criações do homem, mas ainda assim ignoremos a beleza que está em nosso próprio quintal?

Faz parte da natureza humana procurar a felicidade longe de onde estamos. A busca de perspectivas profissionais, de riqueza e de recompensas materiais pode distorcer nossa perspectiva das coisas e freqüentemente nos leva a uma falta de gratidão pelas generosas bênçãos que temos neste momento.

É arriscado concentrarmo-nos nas razões pelas quais não nos foi dado mais. No entanto, é bom e útil concentrarmo-nos no por quê de nos ter sido dado tanto.

Existe um velho provérbio que diz: "A maior riqueza é satisfazer-se um pouco".

Em sua carta aos filipenses, Paulo escreveu: "Não digo isto como por necessidade, porque já aprendi a

Os membros do Quórum dos Setenta ouvem atentamente, durante uma sessão da conferência.

contentar-me com o que tenho". (Filipenses 4:11)

Alma ensinou seu filho, Helamã, dando-lhe um conselho que todos os pais deveriam dar a seus filhos: "Aconselha-te com o Senhor em tudo que fizeres e ele dirigir-te-á para o bem; sim, quando te deitares à noite, repousa no Senhor, para que ele possa velar por ti em teu sono; e quando te levantares pela manhã, tem o teu coração cheio de agradecimento a Deus; e se fizeres essas coisas, serás elevado no último dia". (Alma 37:37)

Alma diz, "(. . .) tem o teu coração cheio de agradecimento a Deus (. . .)". O Senhor deseja que sejamos gratos. Em Tessalonicenses lemos, "Em tudo dai graças, porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco". (I Tessalonicenses 5:18)

Como portadores do sacerdócio, devemos esforçarmo-nos constantemente para sermos mais gratos. A gratidão pode ser aumentada por meio da reflexão constante a respeito de nossas bênçãos e dando graças por elas em nossas orações diárias.

O Presidente David O. McKay disse: "O rapaz que fecha a porta atrás de si, cerra as cortinas e, em silêncio, implora o auxílio de Deus deve primeiro extravasar a alma em gratidão pela saúde, pelos amigos, pelos entes queridos, pelo evangelho, pelas manifestações da existência de Deus. Ele deve primeiro contar as bênçãos e mencioná-las uma a uma". (*Conference Report*, abril de 1961, pp. 7–8)

Devemos expressar gratidão constantemente em nossas orações. Com freqüência, oramos pedindo bênçãos específicas que, em nosso entendimento limitado, acreditamos precisar. Apesar de o Senhor atender às orações de acordo com Sua vontade, Ele certamente deve ficar feliz quando oferecemos humildes orações de gratidão.

Irmãos, na próxima vez que orarmos, em lugar de fazermos pedido após pedido ao Senhor a fim de que nos conceda algo, ofereçamos a Ele nossos profundos agradecimentos por tudo com o que Ele nos abençoa.

O Presidente Joseph F. Smith ensinou: "[O espírito de gratidão] é sempre agradável e satisfatório, porque traz consigo uma sensação de ajuda ao próximo; origina amor e amizade; e traz influência divina. Diz-se que a gratidão é a memória do coração". *Doutrina do Evangelho*, [1975], p. 238.)

Em outubro de 1879, um grupo de 237 santos dos últimos dias que moravam em diversos vilarejos no sudoeste de Utah foram chamados para desbravar uma nova rota e colonizar a região que é conhecida hoje como o Condado de San Juan no sudeste de Utah. A jornada deveria

ter levado seis semanas, mas acabou levando quase seis meses. As dificuldades e os atos heróicos do grupo estão bem documentados, em especial a tarefa aparentemente impossível de cruzar o rio Colorado num local chamado Hole-in-the-Rock [Buraco-na-Rocha]. Todos os que já viram esse lugar ficam admirados de que os carroções e as parelhas tenham sido baixados e passados através daquela abertura estreita na rocha vermelha das paredes do desfiladeiro até chegar ao rio Colorado bem abaixo. Depois de terem atravessado o rio Colorado, porém, muitas outras provas difíceis aguardavam na trilha rumo ao Condado de San Juan. Cansados e esgotados, enfrentaram seu obstáculo final, a Comb Ridge [Serra do Pente] no início de abril de 1880. Trata-se de uma escarpa de arenito sólido, formando um paredão íngreme de cerca de 300 metros de altura.

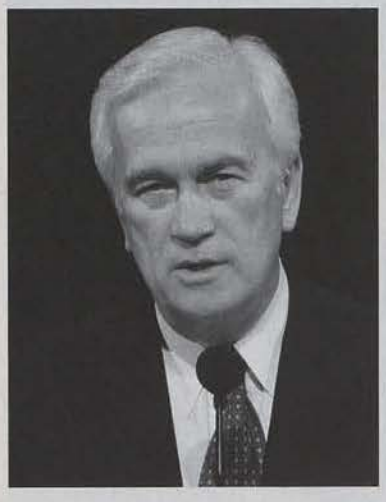
Após cento e vinte anos, nossa família escalou o Comb Ridge num belo dia de primavera. A serra é íngreme e traiçoeira. Foi difícil imaginar que carroções, parelhas, mulheres e crianças tivessem conseguido subir por ali. Mas sob os nossos pés, estavam as marcas das rodas dos carroções, deixadas como prova das dificuldades que enfrentaram tanto tempo atrás. Como será que eles se sentiram depois de enfrentar tantas dificuldades? Será que se sentiam amargurados depois de tantos meses de labuta e privações? Será que criticaram seus líderes por terem-nos enviado a uma jornada tão árdua, pedindo-lhes que deixassem tanto para trás? Nossas perguntas foram respondidas ao chegarmos ao alto da serra. Lá, escritas no arenito vermelho há tanto tempo, estavam as palavras: "Graças damos-te, ó Deus".

Irmãos, oro para que tenhamos o coração repleto de gratidão pelo que temos e para que não nos apeguemos ao que não é nosso. Como portadores do sacerdócio, adotemos uma atitude de gratidão em tudo o que fazemos. Essa é minha oração em nome de Jesus Cristo. Amém. □

Criar ou Manter os Elos do Sacerdócio

Élder Keith K. Hilbig
Dos Setenta

"Quando servimos em retidão (. . .), fortalecemos nosso elo do sacerdócio e o ligamos com mais firmeza aos que nos precederam e aos que virão depois de nós."



Nesta vasta congregação de portadores do sacerdócio, reunidos aqui e em todo o mundo, encontram-se várias gerações — dezenas de milhares de filhos, pais, avôs e netos — todos tendo fé em Cristo, procurando guardar Seus mandamentos e querendo servi-Lo.

Alguns são herdeiros de uma longa tradição de portadores do sacerdócio que se estende pelo tempo. Outros são os primeiros na família a possuírem o sacerdócio de Deus. Mas todos têm a oportunidade — e a responsabilidade — de, ou criar ou continuar a corrente de homens dignos que honram o sacerdócio e prestam serviço no reino, ligando, portanto, a família de geração em geração. É a respeito do *seu* elo individual nessa corrente do sacerdócio que discorrerei hoje.

Em cada dispensação, homens fiéis receberam o sacerdócio para cumprirem os propósitos do Senhor. As escrituras relatam a passagem da autoridade do sacerdócio de profeta para profeta a partir de Adão.

Somos figurativamente parte dessa corrente do sacerdócio que se estende até o início da Terra. Contudo, cada um de nós está agora literalmente engajado na tarefa importantíssima de criar o próprio elo do sacerdócio para que possamos ser ligados a nossos próprios antepassados e à nossa própria posteridade.

Se alguém não receber ou não honrar o Sacerdócio de Melquisedeque, seu elo fará falta e a vida eterna será inatingível. (Ver D&C 76:79; 84:41–42.) Por essa razão, a grande missão da Igreja é ensinar a mensagem da Restauração a todos os que estiverem dispostos a escutar e a preparar todos os que tiverem o desejo para as bênçãos do sacerdócio e do templo.

Nosso privilégio de possuir o sacerdócio de Deus hoje teve seu início em nossa existência pré-mortal. O profeta Alma explicou que os homens ordenados ao Sacerdócio de Melquisedeque na Terra foram "(. . .) chamados e preparados desde a fundação do mundo, segundo a

presciência de Deus, por causa de sua grande fé e suas boas obras, sendo primeiramente livres para escolherem o bem ou o mal; portanto, tendo escolhido o bem e exercendo uma fé muito grande, são chamados com uma santa vocação (. . .)". (Alma 13:3)

O Senhor tinha em mente que cada um de vocês fosse o criador ou continuador da corrente de portadores fiéis em sua família do sacerdócio. Foi sua fé e o uso sábio do livre-arbítrio — na existência pré-mortal e aqui na mortalidade — que lhes permitiu receber o "santo chamado" do sacerdócio.

O Profeta Joseph Smith declarou em 1844: "Todo homem que recebe o chamado para exercer seu ministério a favor dos habitantes do mundo foi ordenado precisamente para esse propósito no grande conselho dos céus, antes que este mundo existisse." (*Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, p. 357.)

Assim, quer sejamos o primeiro da família ou a quinta geração a possuir o sacerdócio, cada um de nós veio à Terra com uma herança pessoal de fidelidade e preordenação. Tal conhecimento gera em nós o sólido compromisso de sempre honrar o sacerdócio e, portanto, criar ou continuar uma família ligada por muitas gerações na Igreja e no reino celestial.

Com freqüência definimos *sacerdócio* como o poder e a autoridade para agir em nome de Deus na Terra. Mas servir nosso Salvador, nossa família e nosso próximo é também parte de nosso sacerdócio. O Salvador quer que utilizemos o sacerdócio primariamente em prol das outras pessoas. Não podemos abençoar a nós mesmos ou nos batizar e nem prover as ordenanças do templo para nós mesmos. Ao contrário, todo portador do sacerdócio precisa confiar em outros que exerçam sua autoridade e poder do sacerdócio com amor para ajudar cada um de nós a progredir espiritualmente.

Pude aprender a importância do serviço do sacerdócio não apenas por observar meu avô, pai e irmão magnificando seus chamados, mas também pelo bom exemplo que os portadores do sacerdócio de minha ala foram para mim.

Logo que fui ordenado mestre no Sacerdócio Aarônico, meu primeiro companheiro de mestre familiar foi Henry Wilkening, um sumo sacerdote quase 60 anos mais velho que eu. Ele era um imigrante alemão, sapateiro por profissão, de estatura baixa, porém um pastor vigoroso e fiel das famílias designadas a nós. Eu precisava fazer um grande esforço para acompanhar o ritmo dele (ele parecia caminhar e subir as escadas muito mais rápido do que eu) durante nossas visitas mensais, que nos envolviam em situações sérias que eu jamais imaginara existirem. Ele esperava que eu desse parte da mensagem e marcasse todas as visitas, mas eu mais

o ouvia e observava enquanto ele auxiliava irmãos e irmãs com várias necessidades espirituais, sociais, econômicas e emocionais até então desconhecidas para um garoto de 14 anos de idade.

Comecei a perceber quanto bem pode ser feito por um único portador do sacerdócio fiel. Vi o irmão Wilkening criar um forte elo do sacerdócio para si mesmo por meio do serviço amoroso àquelas famílias necessitadas — e a mim durante minha juventude.

Os muitos homens do sacerdócio que observei enquanto crescia ensinaram-me que prestar serviço do sacerdócio ao próximo não depende de um título em particular nem de um chamado específico ou posição formal no reino. Ao contrário, a oportunidade surge e é uma parte natural na vida de alguém que tenha recebido o sacerdócio de Deus.

O Presidente J. Reuben Clark Jr. ensinou sabiamente na conferência geral de abril de 1951: "No serviço do Senhor, o que conta não é a posição em que servimos, mas como o fazemos. Na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, assume-se a posição para a qual se foi devidamente chamado, posição essa que nem se busca nem se recusa." (Conference Report, abril de 1951, p. 154)

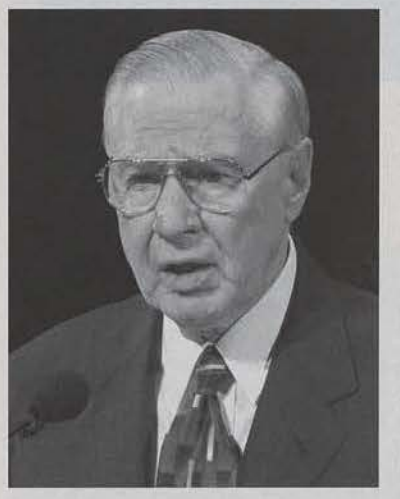
Quando servimos em retidão e de todo o coração, seja qual for a responsabilidade que nos for dada, fortalecemos nosso elo do sacerdócio e o ligamos com mais firmeza aos que nos precederam e aos que virão depois de nós.

Presto solene testemunho da divindade do Salvador, de Seu sacrifício expiatório e da restauração de Seu sacerdócio que temos o privilégio de possuir. E oro para que todos os pais e filhos que estiverem assistindo a esta reunião sirvam ao Senhor honrando fielmente o sacerdócio e ligando seu elo pessoal com firmeza à corrente do sacerdócio que os une a seus antepassados e à sua posteridade por toda a eternidade. Em nome de Jesus Cristo. Amém. □

"Alguma Grande Coisa"

Presidente James E. Faust
Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

"Que sejamos todos fiéis no cumprimento das coisas comuns do dia-a-dia que provam nossa dignidade, pois elas conduzem-nos e qualificam-nos para as grandes coisas."



Queridos irmãos do sacerdócio de todo o mundo, sinto-me feliz por ser contado como um de vocês. Quero hoje deixar com os portadores do sacerdócio da Igreja o desafio de dedicarem-se mais na realização das coisas que edificam a fé, o caráter e a espiritualidade. São as obrigações rotineiras do sacerdócio que devemos realizar diária, semanal e mensalmente, ano após ano. O trabalho da Igreja depende de coisas básicas como o pagamento do dízimo, o cumprimento dos deveres para com a família e o sacerdócio, o cuidado para com os pobres e necessitados, a oração diária, o estudo diário das escrituras e as noites familiares, o ensino familiar, a participação nas atividades do quórum e a freqüência ao templo. Se fôssemos chamados pelo presidente da Igreja, estaríamos prontos, capazes e desejosos de fazer "alguma coisa grande", como trabalhar no templo de Nauvoo; mas há muitos que não estão dispostos a fazer algumas dessas coisas básicas.

Todos conhecemos a história de Naamã, do Velho Testamento, o capitão dos exércitos da Síria que contraíra lepra. Uma jovem serva disse à esposa de Naamã que havia um profeta em Israel que poderia curá-lo. Naamã foi com sua carruagem e cavalos até a casa de Eliseu, que lhe enviou um mensageiro, dizendo: "Vai, e lava-te sete vezes no Jordão, e tua carne será curada e ficarás purificado".[1]

Os rapazes mais jovens sabem o que acontece quando mostram as mãos para a mãe: ela manda-os lavarem-nas! Mas Naamã não era um menino. Era o capitão dos exércitos da Síria e ficou ofendido com a instrução de Eliseu para ir lavar-se no Jordão. Por isso "se foi com indignação".[2] Um dos servos de Naamã, com sabedoria, argumentou, dizendo: "Se o profeta te dissesse alguma grande coisa, porventura não a farias? Quanto mais, dizendo-te ele: Lava-te, e ficarás purificado".[3] Naamã então se arrependeu e seguiu o conselho do profeta. A lepra desapareceu, e "sua carne tornou-se como a carne de um

menino, e ficou purificado".[4] "Alguma grande coisa", nesse caso, era uma coisa extraordinariamente simples e fácil de ser feita.

Na história moderna da Igreja, temos exemplos contrastantes de homens que foram altamente favorecidos pelo Senhor. Um deles, Hyrum Smith, permaneceu inteiramente fiel e dedicado, a ponto de dar a própria vida, enquanto que o outro, Oliver Cowdery, apesar de ter testemunhado "algumas grandes coisas" na história da Restauração, foi cegado por sua ambição pessoal e perdeu seu lugar exaltado na liderança da Igreja.

Oliver Cowdery estava ao lado do Profeta Joseph Smith em muitos dos eventos mais importantes da Restauração, como o batismo sob a autoridade de João Batista, o recebimento do Sacerdócio Aarônico, as maravilhosas aparições no Templo de Kirtland e a oportunidade de escrever com sua própria pena "todo o Livro de Mórmon (com exceção de umas poucas páginas), à medida que eram ditadas pelos lábios do Profeta Joseph Smith".[5] Ninguém, exceto o Profeta Joseph, foi mais honrado com o ministério de anjos do que Oliver Cowdery.

Mas quando o Profeta enfrentou momentos difíceis, Oliver criticou-o e rompeu relações com ele. A despeito das tentativas do Profeta de estender-lhe a mão da amizade, ele tornou-se hostil ao Profeta e à Igreja e foi excomungado em 12 de abril de 1838.[6]

Poucos anos depois da morte do Profeta, Oliver arrependeu-se e expressou interesse em voltar para a Igreja. Em resposta, Brigham Young escreveu-lhe em 22 de novembro de 1847, convidando-o: "Retorna à casa de nosso pai, de onde te afastaste (. . .) e renova teu testemunho da veracidade do Livro de Mórmon".[6] Oliver apresentou-se perante o quórum de sumos sacerdotes e disse: "'Irmãos, fiquei alguns anos separado de seu convívio. Agora desejo voltar. Quero retornar com humildade e ser um de vocês. Não procuro posição. Desejo apenas ser identificado como um de vocês. Estou fora da Igreja, não sou membro dela, e gostaria de tornar-me membro da Igreja novamente. Quero entrar pela porta. Eu a conheço. Não venho buscando uma posição de destaque. Venho com humildade e submeto-me à decisão deste quórum, sabendo, como sei, que suas decisões são justas e devem ser acatadas".[7]

Ele também prestou testemunho, dizendo: "Irmãos e amigos, meu nome é Cowdery, Oliver Cowdery. No início da história desta Igreja fui um de vocês. (. . .) Tive em minhas mãos as placas de ouro das quais [o Livro de Mórmon] foi traduzido. Também vi o Urim e o Tumim. Esse livro é verdadeiro. Não foi Sidney Rigdon que o escreveu. Não foi o Sr. Spaulding que o escreveu. Eu próprio o transcrevi, à medida que era ditado da boca do profeta".[8] Embora Oliver tenha voltado, perdeu sua posição de liderança na Igreja.

Por outro lado, o Presidente Heber J. Grant disse o seguinte sobre Hyrum Smith: "Não há melhor exemplo de amor de irmão mais velho do que o demonstrado na vida de Hyrum Smith em relação ao Profeta Joseph Smith.(. . .) Eles eram tão unidos, carinhosos e amorosos quanto dois homens mortais poderiam ser. (. . .) Jamais houve uma única partícula de (. . .) inveja (. . .) no coração de Hyrum Smith. Nenhum homem mortal poderia ter sido mais leal, mais fiel, mais verdadeiro, em vida ou na morte, do que Hyrum Smith foi para com o Profeta do Deus vivo".[9]

Ele atendeu a todas as necessidades e pedidos de seu irmão mais novo, Joseph, que liderava a Igreja e recebia as revelações que temos hoje. Hyrum foi firme e fiel, dia após dia, mês após mês, ano após ano.

Depois da morte de seu irmão Alvin, Hyrum terminou de construir a casa branca de madeira para seus pais. Depois que Joseph recebeu as placas de ouro, Hyrum providenciou a caixa de madeira para guardá-las e protegê-las. Quando as placas foram traduzidas, Joseph confiou a Hyrum o manuscrito para que o levasse à gráfica. Hyrum, quase sempre acompanhado por Oliver Cowdery, levava as páginas para o tipógrafo e trazia-as de volta todos os dias.[10]

Hyrum trabalhava como fazendeiro e trabalhador braçal para sustentar sua família, mas depois que a Igreja foi organizada, em 1830, aceitou o chamado de presidir o ramo de Colesville. Levou a esposa e a

família, foi morar com a família de Newell Knight e passou grande parte de seu tempo "pregando o evangelho, sempre que encontrava alguém disposto a ouvir".[11] Sempre um bom missionário, não apenas pregava nas proximidades de sua casa, mas foi também até a costa leste e para o sul dos Estados Unidos. Em 1831, foi com John Murdock até Missouri e voltou, pregando pelo caminho.[12]

Quando a construção do Templo de Kirtland foi revelada numa visão, em 1833, Hyrum imediatamente apanhou sua foice e limpou o mato do terreno do templo e começou a cavar os alicerces. Em 1834, quando o Acampamento de Sião foi organizado, Hyrum ajudou Lyman Wight a recrutar os membros do acampamento e liderou um grupo de santos de Michigan até Missouri.

Tendo sido assim provado nas pequenas coisas, Hyrum tornou-se Presidente Assistente da Igreja em dezembro de 1834. Serviu sob a direção de seu irmão mais novo, o Profeta Joseph. Era sempre uma fonte de força e consolo para seu irmão, fosse a serviço da Igreja ou na cadeia de Liberty. Quando as perseguições chegaram, e Joseph fugiu do populacho, em Nauvoo, em 1844, Hyrum foi com ele. Quando estava junto às margens do rio, ponderando se deveria voltar, Joseph virou-se para Hyrum, e disse: "Você é o mais velho, o que devemos fazer?

Vamos voltar e nos entregar, e ver o que acontece", respondeu Hyrum.[13]

Eles voltaram para Nauvoo e depois foram levados para Carthage, onde morreram como mártires, com um intervalo de poucos minutos um do outro. Hyrum tinha sido fiel ao que lhe fora confiado, a ponto de sacrificar a própria vida. Em todos os aspectos, foi um discípulo do Salvador. Mas foi seu empenho diário em ser fiel que o tornou verdadeiramente grande. Oliver Cowdery, por sua vez, foi grande ao manusear as placas e receber a visita de anjos, mas quando teve de suportar fielmente as provações e desafios do dia-a-dia, vacilou e afastou-se da Igreja.

Não provamos nosso amor pelo Salvador apenas fazendo "alguma grande coisa". Se o profeta pessoalmente lhes pedisse que fossem para uma missão num país exótico, vocês iriam? É provável que fizessem todo o possível para irem. Mas e quanto a pagar o dízimo? E o ensino familiar? Mostramos nosso amor pelo Salvador realizando as pequenas e numerosas demonstrações de fé, devoção e bondade para com o próximo que definem nosso caráter. Isso foi muito bem demonstrado na vida do Dr. George R. Hill III, que foi autoridade geral e faleceu há poucos meses.

O Élder Hill era uma autoridade mundial em carvão e um cientista de renome. Recebeu muitos prêmios e homenagens por suas realizações científicas. Foi reitor do College of Mines and Mineral Resources e professor de engenharia da Universidade de Utah. Mas como pessoa, o Élder Hill era humilde, modesto e totalmente dedicado. Serviu como bispo de três alas diferentes e como representante regional antes de ser chamado como autoridade geral. Depois de sua desobrigação como Autoridade Geral, tornou-se conselheiro de bispado. Seus últimos chamados, quando já estava com a saúde debilitada, foram o de diretor da fábrica de enlatados de uma estaca e integrante do coro da ala. Cumpriu esses últimos chamados com a mesma dedicação que demonstrara em todos os outros. Fez tudo o que foi chamado a fazer. Não precisava ser "alguma grande coisa".

Como um amigo meu disse certa vez, "quando sacrificamos nossos talentos, nossas honras terrenas ou acadêmicas, ou nosso tempo cada vez mais limitado no altar de Deus, esse sacrifício une nosso coração a Ele, e sentimos nosso amor por Ele aumentar.

Quando prestamos qualquer

serviço no reino, seja o de dar uma aula ou enlatar alimentos num projeto de bem-estar, isso terá muito menos valor para nós se o considerarmos apenas um mero afazer. (. . .) Mas se nos visualizarmos depondo no altar de Deus nossos talentos ou nosso tempo, como quando temos que assistir a uma reunião da Igreja num horário inconveniente, então nosso sacrifício se torna um ato pessoal de adoração a Deus".[14]

Uma história contada por nosso querido colega, o Élder Henry B. Eyring, pode ilustrar ainda mais esse princípio de dedicação. É uma história sobre seu pai, o grande cientista Henry Eyring, que serviu no sumo conselho da estaca Bonneville. Ele era responsável pela fazenda de bem-estar, que incluía uma plantação de cebolas com ervas daninhas a serem arrancadas. Nessa época, ele estava com quase oitenta anos de idade e padecia de um doloroso câncer ósseo. Designou a si mesmo a tarefa de arrancar o mato, embora as dores que sentia fossem tão cruciantes que o obrigaram a arrastar-se pelo chão, apoiado nos cotovelos. A dor era tão intensa que o impedia de ajoelhar-se. Mas mesmo assim, ele sorria, ria e conversava alegremente com as demais pessoas que estavam trabalhando com ele no campo de cebolas naquele dia. Vou citar as palavras do Élder Eyring sobre esse dia:

"Depois de todo o trabalho estar terminado, e todas as ervas daninhas terem sido arrancadas, alguém lhe disse: 'Henry, pelos céus! Não me diga que você arrancou todas *aquelas* ervas daninhas! Elas foram pulverizadas com herbicida há dois dias e já iam morrer de qualquer forma'.

Meu pai apenas deu uma grande risada. Achou aquilo a coisa mais engraçada do mundo. Achou que tinha sido uma grande piada. Tinha trabalhado o dia inteiro arrancando as ervas erradas. Elas tinham sido pulverizadas com herbicida, e iriam morrer de qualquer forma.

(. . .) Perguntei: 'Pai, como pôde achar isso engraçado?' (. . .)

Ele respondeu algo que jamais esquecerei. (. . .) Ele disse: 'Hal, eu não estava lá por causa das ervas daninhas'".[15]

As pequenas coisas podem ter um grande potencial. A televisão, que é uma grande bênção para a humanidade, foi concebida por um adolescente de Idaho quando estava arando fileiras paralelas no campo de seu pai com um arado de disco. Ele imaginou que poderia transmitir linhas retas a partir de um dissector de imagens para serem reproduzidas em outro.[16] Muitas vezes não vemos o potencial que existe em fazermos coisas aparentemente pequenas. Aquele rapaz de 14 anos estava realizando um trabalho comum do dia-a-dia quando lhe ocorreu essa extraordinária idéia. Conforme disse Néfi: "E assim vemos que, por meio de pequenos recursos, pode o Senhor realizar grandes coisas".[17]

Vocês, rapazes, são uma geração escolhida cujo futuro reserva muitas promessas. O futuro pode exigir que tenham de competir com outros rapazes num mercado de trabalho mundial. Vocês precisam de treinamento especial. Podem ser escolhidos para receber esse treinamento não por causa de alguma realização extraordinária ou por alguma coisa grande que tenham feito, mas por receberem a medalha de Escoteiro da Pátria, por receberem o Reconhecimento Dever para com Deus, por terem-se formado no seminário ou servido como missionários.

Na parábola dos talentos, foi dito àquele que aumentou seus talentos: "Bem está, bom e fiel servo. Sobre o pouco foste fiel; sobre muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor".[18] Que sejamos todos fiéis no cumprimento das coisas comuns do dia-a-dia que provam nossa dignidade, pois elas conduzem-nos e qualificam-nos para as grandes coisas. Presto testemunho disso em nome de Jesus Cristo. Amém. □

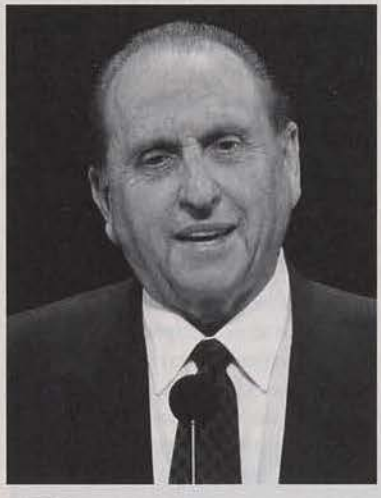
NOTAS

1. II Reis 5:10.
2. II Reis 5:12.
3. II Reis 5:13.
4. II Reis 5:14.
5. Reuben Miller, diário, 1848–1849, Family and Church History Department Archives, 21 de outubro de 1848; pontuação e ortografia modernizadas.
6. Carta de Brigham Young a Oliver Cowdery, 22 de novembro de 1847, conforme citação de Susan Easton Black em *Who's Who in the Doctrine & Covenants* (1997), p. 76.
7. Miller, diário, novembro de 1848.
8. Miller, diário, 21 de outubro de 1848.
9. Heber J. Grant, "Hyrum Smith and His Distinguished Posterity", *Improvement Era*, agosto de 1918, pp. 854–855.
10. Ronald K. Esplin, "Hyrum Smith: The Mildness of a Lamb, the Integrity of Job", *Ensign*, fevereiro de 2000, p. 32.
11. "Newel Knight's Journal", de "Scraps of Biography", em *Classic Experiences and Adventures* (1969), p. 65.
12. Ver D&C 52:8–10.
13. Ver *Hyrum Smith — Patriarch*, citado em *Ensign*, fevereiro de 2000, p. 36.
14. James S. Jardine, "Consecration and Learning", *On Becoming a Disciple-Scholar* (1995), p. 80.
15. Ver Henry B. Eyring, "Waiting upon the Lord", *Brigham Young University 1990–1991 Devotional and Fireside Speeches*, p. 22.
16. História de Philo Farnsworth, "Dr. X's Instant Images", *U.S. News & World Report*, 17 de agosto de 1998, p. 44.
17. 1 Néfi 16:29.
18. Mateus 25:23.

O Dever Chama

Presidente Thomas S. Monson
Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

"Todos nós temos o solene dever de honrar o sacerdócio e trabalhar para levar muitas almas preciosas ao Senhor."



Queridos irmãos, é uma enorme responsabilidade, e também um grande privilégio, cumprir a designação de falar a vocês esta noite. A emoção e a ansiedade de assistir à conferência geral, inclusive a reunião geral do sacerdócio, seja em pessoa, via satélite ou pela televisão — deixam-nos muito alegres.

O Senhor deixou claro quais são as nossas responsabilidades e deu-nos, na seção 107 de Doutrina e Convênios, uma solene incumbência: "Portanto agora todo homem aprenda seu dever e a agir no ofício para o qual for designado com toda diligência".[1]

Às vezes, o cumprimento do dever, a resposta ao chamado divino ou a reação a um sussurro do Espírito não nos abatem. Certas ocasiões, porém, o dever de atender ao chamado é cruciante. Passei por uma situação assim antes da conferência geral de abril de 1966. Isso foi há 35 anos, mas lembro-me perfeitamente.

Recebi uma designação para falar numa das sessões da conferência e havia-me preparado e assumido o compromisso de memorizar uma mensagem intitulada "Enfrentar o Seu Golias", que baseava-se no relato da famosa batalha entre Davi e Golias dos tempos antigos.

Depois recebi um telefonema do Presidente David O. McKay. A conversa foi mais ou menos assim: "Irmão Monson, aqui é o Presidente McKay. Como vai?"

Respirei fundo e respondi: "Vou bem, Presidente. Estou ansioso aguardando a conferência".

"É por isso que estou telefonando, irmão Monson. A sessão da tarde de sábado será retransmitida pelo rádio no domingo como nossa mensagem de Páscoa para o mundo. Vou falar a respeito da Páscoa e gostaria que você também falasse nessa sessão tão importante usando esse tema."

"Claro, Presidente. Fico muito feliz com isso."

Foi aí que me dei conta do grau do compromisso que havia assumido com aquela pequena conversa. De repente, "Enfrentar o Seu Golias" não tinha muito a ver com uma mensagem de Páscoa. Eu sabia que precisava começar tudo de novo. Havia tão pouco tempo! No entanto, meu "Golias" estava bem à minha frente.

Naquela noite, limpei a mesa da cozinha e coloquei minha máquina de escrever sobre ela junto com uma resma de papel e um cesto de lixo bem grande ao meu lado para receber todos aqueles começos infrutíferos, muito comuns na preparação de um discurso. Comecei mais ou menos às 7h da noite e até a 1h da manhã não havia escrito uma linha sequer que julgasse satisfatória. O cesto de lixo estava cheio, mas não a minha mente, com certeza. O que eu deveria fazer? O tempo estava passando, na verdade, voando. Parei para orar.

Logo veio à minha mente a tristeza de meus vizinhos, Mark e Wilma Shumway, devido à perda recente de seu filho mais novo. Pensei comigo: *Talvez eu pudesse falar diretamente para eles e indiretamente para os outros, pois quem já não perdeu alguém querido e já não sentiu pesar?* Meus dedos deslizaram pelo teclado da máquina de escrever e mal conseguiam acompanhar meus pensamentos.

Logo que os primeiros raios da manhã entraram pela janela da cozinha, terminei minha mensagem. A tarefa agora era estudá-la e transmiti-la ao mundo. Poucas vezes na vida lutei tanto para cumprir a designação de um profeta. Contudo, o Pai Celestial ouviu minhas orações. Jamais esquecerei a experiência.

Duas passagens marcantes de escritura tocaram-me o coração ao término da sessão da conferência. Vocês estão familiarizados com as duas, irmãos. Não há data de validade para elas. A primeira é de Néfi: "Eu irei e cumprirei as ordens do Senhor, porque sei que o Senhor nunca dá ordens aos filhos dos homens sem antes preparar um caminho pelo qual suas ordens possam ser cumpridas".[2]

A segunda, é uma promessa do próprio Senhor a vocês e a mim de Doutrina e Convênios: "Irei adiante de vós. Estarei a vossa direita e a vossa esquerda e meu Espírito estará em vosso coração e meus anjos ao vosso redor para vos suster".[3]

Muitos de nós reunidos aqui esta noite somos portadores do Sacerdócio de Melquisedeque, enquanto

A queda d'água, no exterior de uma janela na parte sul do Centro de Conferências, serve de pano de fundo para os participantes da conferência.

outros têm o Sacerdócio Aarônico. Todos nós temos o solene dever de honrar o sacerdócio e trabalhar para levar muitas almas preciosas ao Senhor. Lembramos de Sua declaração: "O valor das almas é grande à vista de Deus".[4] Estamos fazendo tudo o que devemos? Nós nos lembramos das palavras do Presidente John Taylor: "Se não magnificarem seu chamado, Deus os responsabilizará por aqueles que deveriam ter salvo se tivessem cumprido seu dever".[5]

O desejo de ajudar o outro ou a busca da ovelha perdida nem sempre resultam logo em sucesso. Às vezes, o progresso é lento — imperceptível. Essa foi a experiência de um velho amigo, Gill Warner. Ele havia sido chamado recentemente como bispo quando Douglas, um membro de sua ala que servia no campo missionário, transgrediu e foi excomungado da Igreja. O pai ficou muito triste; a mãe ficou arrasada. Douglas logo depois mudou-se do estado. Os anos passaram-se rapidamente, mas o Bispo Warner, agora membro do sumo conselho, nunca deixou de se indagar o que teria acontecido a Douglas.

Em 1975, fui à conferência na estaca do irmão Warner e tomei parte em uma reunião de liderança do sacerdócio no domingo pela manhã. Falei a respeito do sistema disciplinar da Igreja e da necessidade de trabalharmos para resgatar de maneira sincera e amorosa aqueles que se haviam desviado do caminho. Gill Warner levantou a mão e contou a história de Douglas. Concluiu, fazendo-me uma pergunta: "Tenho alguma responsabilidade de trabalhar com o Douglas e de trazê-lo de volta à Igreja?"

Gill lembrou-me depois que minha resposta foi direta, dada sem a menor hesitação eu disse, "Como seu ex-bispo e como alguém que o amava, acho que você gostaria de fazer tudo o que fosse possível para trazê-lo de volta."

Gill Warner não sabia que a mãe de Douglas, na semana anterior, havia jejuado e orado para que um homem resolvesse ajudar seu filho. Gill descobriu isso quando, depois daquela reunião, sentiu que deveria telefonar-lhe para contar sobre sua determinação de ajudar Douglas.

Gill deu início à sua odisséia de redenção. Fez contato com Douglas, lembraram os velhos tempos e os momentos felizes. Gill prestou seu testemunho e transmitiu-lhe amor e instilou-lhe confiança. O ritmo era terrivelmente lento. O desânimo não raras vezes entrava em cena; mas passo a passo, Douglas foi voltando para o caminho. As orações foram atendidas muito tempo depois, os esforços, recompensados e a vitória, alcançada. Douglas foi aprovado para o batismo.

Marcaram a data, os membros da família reuniram-se para o acontecimento, e o ex-bispo Gill Warner pegou um avião para onde Douglas morava e realizou a ordenança.

O Bispo Warner, com seu amor e com a consciência de sua responsabilidade para com um ex-sacerdote do Sacerdócio Aarônico — justamente o quórum que ele presidia — foi ao resgate, para que ninguém se perdessse.

Pode haver outros, mas conheço pessoalmente três bispos que, quando presidiam suas respectivas alas, tinham em seu quórum de sacerdotes cerca de 48 jovens ou mais, ou, em outras palavras, um quórum de sacerdotes totalmente formado de acordo com a orientação das escrituras. Esses três bispos eram: Alvin R. Dyer, Joseph B. Wirthlin e Alfred B. Smith. Eles se abateram com a tarefa? De forma alguma. Por meio do empenho diligente de cada um deles e com a ajuda de pais amorosos e as bênçãos do Senhor, esses bispos guiaram todos os membros de seus respectivos quóruns de sacerdotes, quase sem exceção, até que conseguissem a ordenação do Sacerdócio de Melquisedeque, servirem no campo missionário, casassem e entrassem no templo. Enquanto o irmão Dyer e o irmão Smith partiam para receber sua recompensa eterna, o Élder Joseph B. Wirthlin, membro do Quórum dos Doze Apóstolos, está presente aqui esta noite. Élder Wirthlin, seu serviço e liderança para com esses jovens, agora adultos, jamais será esquecido.

Quando eu tinha doze anos, tive o privilégio de servir como secretário do quórum de diáconos. Lembro-me com alegria das várias designações que nós, membros daquele quórum, tivemos a oportunidade de cumprir. De imediato, lembro-me de distribuir o sagrado sacramento, arrecadar ofertas mensais de jejum e cuidar uns dos outros. A tarefa mais assustadora, porém, ocorreu numa sessão de liderança da nossa conferência de ala. O membro da presidência da nossa estaca que estava presidindo a reunião chamava-se William F.

Perschon. Ele pediu que alguns líderes da ala falassem e depois, sem o menor aviso, levantou-se e disse: "Ouviremos agora Thomas S. Monson, secretário do quórum dos diáconos. Ele nos dará um relato de seu serviço e prestará seu testemunho". Não me lembro de uma só palavra do que disse, mas nunca esqueci a experiência.

Irmãos, lembrem-se da admoestação do Apóstolo Pedro: "(. . .) Estai sempre preparados para responder com mansidão e temor a qualquer que vos pedir a razão da esperança que há em vós".[6]

Durante a Segunda Guerra Mundial, quando eu era adolescente, tive o privilégio de servir como presidente do quórum dos mestres. Pediram-me que aprendesse e depois aplicasse o conselho que se encontra em Doutrina e Convênios, seção 107, versículo 86: "O dever do presidente do ofício de mestre é presidir vinte e quatro mestres e sentar-se em conselho com eles, ensinando-lhes os deveres de seu ofício, como dados nos convênios". Tentei dar o melhor de mim para cumprir com esse dever.

Nesse quórum havia um jovem, Fritz Hoerold. Ele era baixo em estatura, mas tinha muita coragem. Logo que Fritz fez dezessete anos, alistou-se na Marinha dos Estados Unidos e foi mandado para treinamento. Depois, viu-se no meio de uma grande batalha naval em vários daqueles combates sangrentos do Pacífico. Seu navio foi seriamente atingido e muitos marinheiros morreram ou ficaram feridos.

Fritz voltou para casa de licença, após esse combate, e foi ao nosso quórum de mestres. O consultor do quórum pediu que ele falasse aos demais. Ele parecia resplandescente em seu uniforme azul-marinho com as devidas condecorações de guerra. Lembro-me de ter pedido a Fritz que nos transmitisse qualquer coisa que achasse ser benéfico para nós. Com um sorriso amarelo ele respondeu: "Não se ofereçam como voluntários para nada!"

Não voltei a ver Fritz, senão vários anos atrás, quando li um artigo em uma revista a respeito daqueles combates no mar. Fiquei imaginando se Fritz ainda estaria vivo e, se estivesse, se estaria morando em algum lugar em Salt Lake City. Com um telefonema, encontrei-o e enviei-lhe a revista. Ele e a esposa agradeceram-me. Ao saber que Fritz não havia sido ordenado élder e desde aquela época nunca entrara no templo, escrevi-lhe uma carta, incentivando-o a se preparar para receber as bênçãos da Casa do Senhor. Em duas ocasiões, nos encontramos em restaurantes. Sua adorável esposa, Joyce, sempre me pedia com veemência: "Continue trabalhando com o meu marido". Suas filhas corroboraram o apelo da mãe. Continuei então a incentivá-lo.

Há poucas semanas, li no jornal, na coluna de obtuários, que Joyce, mulher de Fritz, havia falecido. Como desejei ter tido mais sucesso em meu

Os homens e mulheres do Coro do Tabernáculo cantaram em três sessões da conferência geral.

projeto pessoal de levar Fritz ao templo! Anotei a data e o local do enterro da irmã Hoerold, reprogramei meus compromissos e fui ao velório. Logo que me viu, Fritz veio direto ao meu encontro. Nós dois choramos um pouco, e ele pediu-me que eu fosse o último orador.

Quando levantei-me para falar, olhei para Fritz e sua família e disse: "Fritz, estou aqui hoje como presidente do quórum de mestres do qual você e eu fizemos parte certa vez". Disse como ele e sua família poderiam tornar-se "uma família eterna" por meio das ordenanças do templo — ordenanças essas que pedi para oficiar quando chegasse a hora.

Terminei minhas palavras, contendo as lágrimas de emoção e dizendo ao Fritz na presença de seus familiares e de todos os que lá estavam: "Fritz, meu querido amigo e colega da marinha, você tem coragem e determinação. Você arriscou a vida para defender seu país numa época de perigo. Agora precisa atender a um chamado do contra-mestre — 'Todos à bordo — Levantar âncora' — para sua viagem rumo à exaltação. Joyce está lá a sua espera. Sei que seus filhos e netos queridos estão orando por você. Fritz, como seu presidente do quórum de mestres de tanto tempo atrás, lutarei de todo o coração e alma para garantir que você não perca o barco que o levará, juntamente com seus entes queridos, à glória celestial".

Fiz-lhe uma continência ao estilo da marinha. Fritz levantou-se e retornou a continência.

Irmãos, que cada um de nós seja obediente a estes versos, tão fáceis de serem lembrados: "Cumpra seu dever sem hesitar. Deixe ao Senhor o que faltar". Por isso eu oro em nome de Jesus Cristo. Amém. □

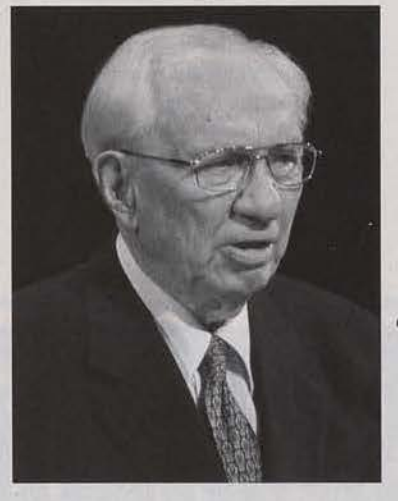
NOTAS

1. D&C 107:99.
2. 1 Néfi 3:7.
3. D&C 84:88.
4. D&C 18:10.
5. *Deseret News Semiweekly*, 6 de agosto de 1878, p. 1.
6. I Pedro 3:15.

Estender a Mão para Erguer Outra Pessoa

Presidente Gordon B. Hinckley

"Abramos o coração, estendamos a mão para erguer outra pessoa, contribuamos financeiramente e demonstremos mais amor por nosso semelhante."



Agora, meus queridos irmãos, ao olhar para este grande grupo de homens aqui reunido, sabendo que há mais dezenas de milhares no mundo inteiro, todos com uma só mente e um só coração, todos possuindo a autoridade do sacerdócio do Deus Vivo, sinto-me extremamente humilde. Peço a orientação do Santo Espírito.

Este grupo de homens é único em todo o mundo. Nada há que se compare a ele. Vocês integram o exército do Senhor, homens prontos para batalhar contra o adversário da verdade, homens dispostos a participar, homens que possuem o testemunho da verdade, homens que sacrificaram e doaram muito por esta grande causa. Que o Senhor os abençoe, sustente e magnifique. "Vós sois a geração eleita, o sacerdócio real." (I Pedro 2:9)

Irmãos, sejamos dignos do sacerdócio que possuímos. Vivamos mais próximos do Senhor. Sejamos bons maridos e pais.

Todo homem que é um tirano em seu próprio lar é indigno do sacerdócio. Ele não pode ser um instrumento adequado nas mãos do Senhor se não mostrar respeito, bondade e amor pela companheira que escolheu.

Da mesma forma, um homem que é um mau exemplo para seus filhos, que não consegue controlar suas emoções ou que se envolve em práticas desonestas ou imorais torna sem efeito o poder de seu sacerdócio.

Quero lembrar a vocês "que os direitos do sacerdócio são inseparavelmente ligados com os poderes do céu e que os poderes do céu não podem ser controlados nem exercidos a não ser de acordo com os princípios da retidão.

Que eles nos podem ser conferidos, é verdade; mas quando nos propomos a encobrir nossos pecados ou satisfazer nosso orgulho, nossa vã ambição ou exercer controle ou domínio ou coação sobre a alma dos filhos dos homens, em qualquer grau de iniqüidade, eis que os céus se afastam; o Espírito do Senhor se magoa e, quando se afasta, amém para o sacerdócio ou a autoridade desse

homem." (D&C 121:36–37)

Irmãos, sejamos bons homens, como convém àqueles que foram favorecidos pelo Senhor com a concessão de Seu divino poder sobre nós.

Agora, passando a um assunto diferente porém relacionado.

Em nossa reunião do sacerdócio de abril, anunciei um novo programa. Falei sobre o grande número de nossos missionários da América do Sul, México, Filipinas e outras áreas. Eles aceitaram seu chamado de servir com seus irmãos e irmãs norte-americanos. Desenvolveram um forte testemunho. Aprenderam um novo modo de vida. São altamente eficazes porque falam sua língua natal e conhecem a cultura de sua terra. Desfrutam uma época maravilhosa de trabalho árduo e dedicado.

Depois, são desobrigados e voltam para casa. Sua família vive na pobreza, e muitos deles voltam para as mesmas condições de que saíram, incapazes de progredir por falta de conhecimento e treinamento, tendo, conseqüentemente, muita dificuldade em encontrar um bom emprego.

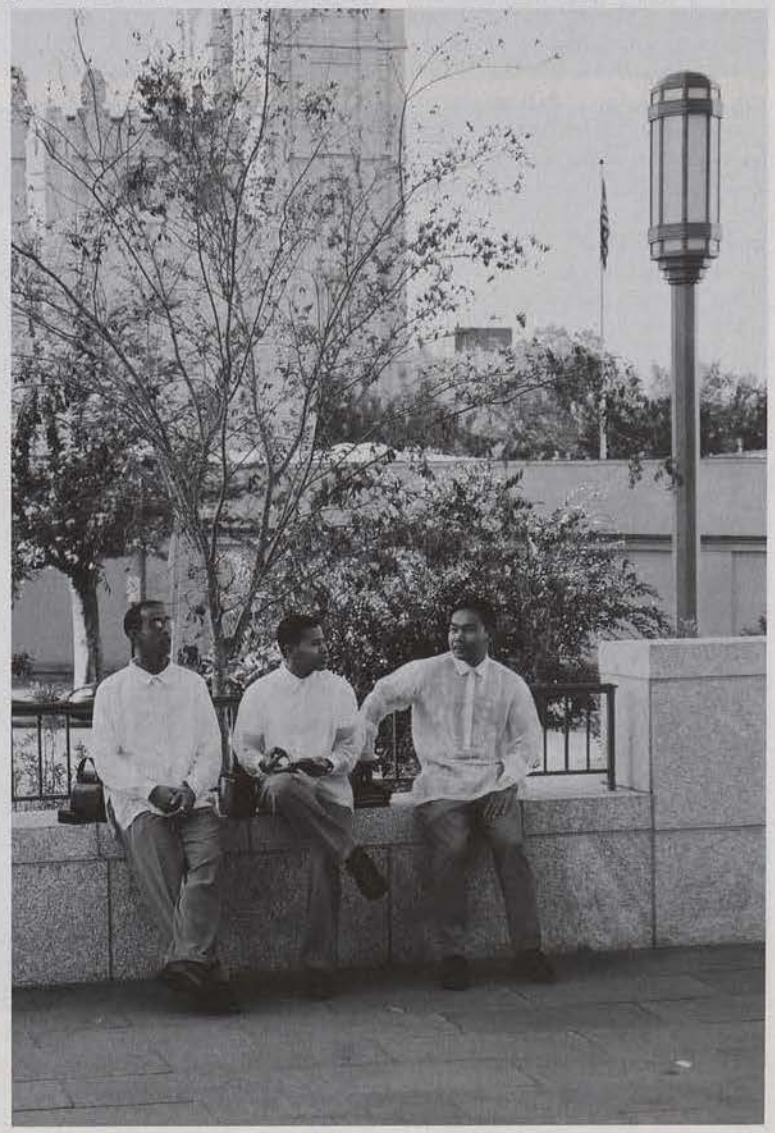
Falei a vocês a respeito do Fundo Perpétuo de Emigração, que fora estabelecido na época dos pioneiros da Igreja, para auxiliar os pobres que chegavam da Inglaterra e da Europa. Um fundo rotativo foi estabelecido a partir do qual eram feitos pequenos empréstimos, possibilitando que 30.000 pessoas emigrassem de sua terra natal para reunirem-se em Sião.

Eu disse a vocês que aplicaríamos esse mesmo princípio para criar o que seria conhecido como o Fundo Perpétuo de Educação. Com as doações feitas por nosso povo, e não com o dinheiro do dízimo, criaríamos um capital para investimento, cujos rendimentos seriam usados para auxiliar nossos jovens irmãos e irmãs a freqüentarem uma escola a fim de qualificarem-se para melhores empregos. Eles poderiam desenvolver suas habilidades de modo a conseguirem ganhar o suficiente para cuidar de sua família e sair da pobreza que eles e seus antepassados conheceram.

Não tínhamos nada no fundo quando ele foi planejado. Mas, seguindo adiante com fé, estabelecemos uma organização, modesta em suas dimensões, para implementar o que achávamos ser necessário. Estou feliz ao anunciar que o dinheiro começou a chegar, dezenas de milhares de dólares, centenas de milhares de dólares, até mesmo milhões. Isso foi doado por membros generosos da Igreja que amam o Senhor e desejam ajudar os menos afortunados de Seu povo a progredir financeiramente. Temos agora uma quantia considerável no fundo. Não é tudo que precisamos. Esperamos que as contribuições continuem a ser feitas. O montante do capital para investimento determinará o número de pessoas que poderão ser ajudadas.

Agora, seis meses depois, quero apresentar-lhes um relatório do que foi realizado. Em primeiro lugar, chamamos o Élder John K. Carmack,

As torres do Templo de Salt Lake apontam para o céu, por trás dos participantes que esperam para entrar no Centro de Conferências.



que serviu extraordinariamente bem no Primeiro Quórum dos Setenta e se tornou Setenta Emérito nesta conferência. Ele é um advogado de grande gabarito, tem bom senso nos negócios e é uma pessoa extremamente capaz. Ele recebeu o cargo de diretor administrativo e, embora esteja aposentado do serviço dos Setenta, irá trabalhar em tempo integral para a realização desse empreendimento.

O Élder Richard E. Cook, dos Setenta, que também se tornou Emérito, trabalhará com ele, cuidando da parte financeira. O Élder Cook foi controlador adjunto da Ford Motor Company, tem muita experiência em questões financeiras internacionais, é um executivo extremamente competente e um homem que ama o Senhor e Seus filhos.

Nós já espremeмos estes irmãos de um lado, agora vamos virá-los e espremê-los do outro.

A eles se uniram o irmão Rex Allen, um especialista em organização e treinamento e o irmão Chad Evans, que tem ampla experiência em programas de educação superior.

Todos eles contribuem com seu tempo e experiência sem qualquer remuneração.

O programa está organizado e funcionando. Esses irmãos foram muito cuidadosos em iniciá-lo adequadamente com diretrizes sólidas. No início do programa restringimos sua área de atuação, mas ela será expandida à medida que tivermos os recursos necessários para isso.

Esses irmãos trabalharam muito para utilizar a já existente organização da Igreja. O programa baseia-se no sacerdócio e é por isso que terá sucesso. Começa com os bispos e presidentes de estaca. Envolve o Sistema Educacional da Igreja, os escritórios de Serviços de Empregos e outras organizações, trabalhando juntos num maravilhoso espírito de cooperação. Ele foi implementado em primeiro lugar no Peru, Chile e México — áreas onde o número de missionários que retornaram da missão é grande e há muita necessidade de auxílio. Os líderes locais têm sido entusiásticos e dedicados. Os beneficiados estão aprendendo os verdadeiros princípios da auto-suficiência. Sua visão do próprio potencial foi enormemente ampliada. Estão escolhendo boas escolas locais para receber treinamento e procurando usar o máximo possível os seus próprios recursos, os de sua família e outros recursos locais. Estão dispostos e profundamente gratos pela oportunidade que receberam. Deixem-me contar-lhes dois ou três exemplos.

O primeiro é de um rapaz que serviu na Missão Bolívia Cochabamba. Ele mora com sua fiel mãe e as sobrinhas em um bairro pobre. A casa pequena tem piso de cimento, uma única lâmpada, um telhado com goteira e uma janela quebrada. Ele foi um missionário bem-sucedido e conta:

"Minha missão foi a melhor coisa que já fiz na vida. Aprendi a ser obediente aos mandamentos e a ser paciente em minhas aflições. Também aprendi um pouco de inglês e a administrar melhor o meu dinheiro, meu tempo e minhas habilidades.

Então, quando terminei a missão, foi difícil voltar para casa. Meus companheiros americanos voltaram para a universidade, mas há muita pobreza em meu país. É muito difícil estudar. Minha mãe faz o melhor que pode, mas não tem como ajudar-nos. Ela sofreu muito na vida e eu sou sua esperança.

Quando fiquei sabendo do Fundo Perpétuo de Educação, fiquei muito feliz. O profeta reconheceu nossos esforços. Senti-me muito feliz (. . .) tinha então a possibilidade de estudar, de tornar-me auto-suficiente, de formar uma família e de ajudar minha mãe.

Estudarei contabilidade numa escola local onde poderei estudar e trabalhar. É um curso curto, de apenas três anos. Terei que continuar trabalhando como zelador, mas isso não tem importância. Assim que me formar e conseguir um emprego como contador, vou esforçar-me para prosseguir os estudos e formar-me em comércio exterior.

Esta é nossa oportunidade, não podemos falhar. O Senhor confia em nós. Li muitas vezes no Livro de Mórmon o Senhor dizer a Seus profetas que, enquanto guardarmos os mandamentos, prosperaremos na terra. Isso está se cumprindo. Sinto-me muito grato a Deus por esta grande oportunidade de receber o que meus irmãos e irmãs não tiveram, de ajudar minha família e de atingir minhas metas. Estou muito entusiasmado em pagar o empréstimo para ver outras pessoas serem igualmente abençoadas. Sei que o Senhor irá abençoar-me se eu assim o fizer."

Isso não é maravilhoso? Outro exemplo. Um jovem da Cidade do México foi aprovado para receber um empréstimo de aproximadamente mil dólares, que lhe permitirá estudar para tornar-se mecânico de motores a diesel. Ele disse: "Minha promessa é dar o melhor de mim até ficar satisfeito com meus esforços. Sei que esse programa é valioso e muito importante. Por causa disso, estou procurando aproveitá-lo ao máximo para o futuro. Poderei servir e auxiliar os pobres e ajudar a aconselhar meus familiares. Agradeço a meu Pai Celestial por esse programa belo e inspirado."

Um empréstimo foi aprovado recentemente para outro rapaz da Cidade do México, que serviu na Missão Nevada Las Vegas. Quer tornar-se auxiliar de dentista. Seu treinamento irá exigir 15 meses de trabalho dedicado. Ele disse:

"Minha promessa ao terminar meus estudos na escola técnica, com a ajuda do Fundo Perpétuo de Educação, é pagar o empréstimo para que outros missionários que retornaram da missão possam desfrutar dessas bênçãos."

E assim demos início a esse trabalho de possibilitar que nossos fiéis e capazes jovens progridam de modo a assegurarem seu sucesso econômico. Tendo muito mais oportunidades, eles

Acima, à esquerda: **O Presidente Hinckley cumprimenta o Élder Henry B. Eyring (à esquerda), o Élder Jeffrey R. Holland e o Élder Robert D. Hales, do Quórum dos Doze Apóstolos.**
Acima, à direita: **O Presidente Hinckley fala, ao púlpito, durante uma sessão da conferência.**
Acima: **O Presidente Hinckley acena para os membros da congregação.**

Autoridades Gerais de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

Outubro de 2001

PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

Presidente Thomas S. Monson
Primeiro Conselheiro

Presidente Gordon B. Hinckley

Presidente James E. Faust
Segundo Conselheiro

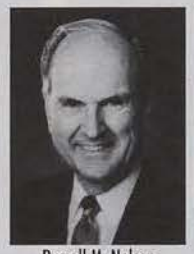
QUÓRUM DOS DOZE

Boyd K. Packer

L. Tom Perry

David B. Haight

Neal A. Maxwell



Russell M. Nelson

Dallin H. Oaks

M. Russell Ballard

Joseph B. Wirthlin

Richard G. Scott

Robert D. Hales

Jeffrey R. Holland

Henry B. Eyring

PRESIDÊNCIA DOS SETENTA

Earl C. Tingey

D. Todd Christofferson

David E. Sorensen

Ben B. Banks

Dennis B. Neuenschwander

Charles Didier

Cecil O. Samuelson Jr.

PRIMEIRO QUÓRUM DOS SETENTA

SEGUNDO QUÓRUM DOS SETENTA

Earl C. Tingey | D. Todd Christofferson | David E. Sorensen | Ben B. Banks | Dennis B. Neuenschwander | Charles Didier | Cecil O. Samuelson Jr.

PRIMEIRO QUÓRUM DOS SETENTA

Angel Abrea | Carlos H. Amado | Neil L. Andersen | Merrill J. Bateman | William R. Bradford | Monte J. Brough | Sheldon F. Child
L. Whitney Clayton | Gary J. Coleman | Spencer J. Condie | Gene R. Cook | Quentin L. Cook | Claudio R. M. Costa | Robert K. Dellenbach
John B. Dickson | Christoffel Golden Jr. | Walter F. González | John H. Groberg | Bruce C. Hafen | Donald L. Hallstrom | F. Melvin Hammond
Harold G. Hillam | F. Burton Howard | Jay E. Jensen | Marlin K. Jensen | Kenneth Johnson | W. Rolfe Kerr | Yoshihiko Kikuchi
Cree-L Kofford | John M. Madsen | Richard J. Maynes | Lynn A. Mickelsen | Glenn L. Pace | Carl B. Pratt | Ronald A. Rasband
Lynn G. Robbins | Steven E. Snow | Dieter F. Uchtdorf | Francisco J. Viñas | Lance B. Wickman | W. Craig Zwick

SEGUNDO QUÓRUM DOS SETENTA

Richard D. Allred | Athos M. de Amorim | E. Ray Bateman | L. Edward Brown | Douglas L. Callister | Val R. Christensen | Darwin B. Christenson
Keith Crockett | Adhemar Damiani | Duane B. Gerrard | H. Aldridge Gillespie | Ronald T. Halverson | Keith K. Hilbig | J. Kent Jolley
Dale E. Miller | Earl M. Monson | Merrill C. Oaks | Robert C. Oaks | Robert F. Orton | Stephen B. Oveson | Wayne S. Peterson
Bruce D. Porter | H. Bryan Richards | Ned B. Roueché | R. Conrad Schultz | Dennis E. Simmons | Donald L. Staheli | Robert R. Steuer
David R. Stone | H. Bruce Stucki | Jerald L. Taylor | D. Lee Tobler | Gordon T. Watts | Stephen A. West | Robert J. Whetten
Richard H. Winkel | Robert S. Wood | H. Ross Workman

BISPADO PRESIDENTE

Richard C. Edgley
Primeiro Conselheiro

H. David Burton
Bispo Presidente

Keith B. McMullin
Segundo Conselheiro

A mulher e o menino contemplam a estátua *O Cristo* no recém-reformado Centro de Visitantes Norte, na Praça do Templo.

conseguirão sair do ciclo de pobreza no qual eles próprios e seus antepassados conviveram por tanto tempo. Eles serviram numa missão e continuarão a servir na Igreja. Tornar-se-ão líderes desse grande trabalho em sua terra natal. Pagarão seus dízimos e ofertas, possibilitando que a Igreja expanda seu trabalho em todo o mundo.

Esperamos que no final deste ano tenhamos cerca de 1.200 pessoas no programa. Daqui a três anos, estima-se que haverá mais de 3.000. As oportunidades estão aí. A necessidade é urgente. Talvez fracassemos em alguns casos. Mas a grande maioria, tanto de rapazes quanto de moças, terá o desempenho esperado.

Nossa única limitação será o montante que teremos no fundo. Convidamos novamente todos aqueles que desejem participar a fazerem sua contribuição, seja ela grande ou pequena. Poderemos então ampliar esse grande trabalho, que permitirá que aqueles que tiverem fé e potencial alcancem a independência econômica como membros fiéis da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Compreendem o significado do grandioso trabalho desta Igreja? Deixem-me dar-lhes uma idéia. Uma dupla de missionários bate à porta de uma casinha, em algum lugar do Peru. Uma mulher abre a porta. Ela não entende muito bem o que os missionários desejam, mas os convida a entrar. Eles combinam de voltar quando o marido e os outros membros da família estiverem em casa.

Os missionários ensinam a família. Tocados pelo poder do Espírito, a família aceita a mensagem de verdade eterna e são batizados.

A família é ativa na Igreja. Pagam um dízimo honesto, mas bem pequeno. Eles têm um filho ou filha na família, que está nos últimos anos da adolescência. No devido tempo, o filho ou a filha é chamado para servir em uma missão. A família faz todo o possível para sustentar o filho ou a filha e o restante é complementado pelo fundo missionário, que vem de contribuições dos santos.

O filho ou a filha trabalha com um companheiro ou companheira dos Estados Unidos ou Canadá. Aprende inglês, ao passo que o espanhol do companheiro melhora muito. A dupla trabalha com amor, gratidão e respeito mútuo, representando duas culturas muito diferentes.

Ao terminar a missão, o norte-americano retorna ao lar e volta para a faculdade. O peruano retorna para casa e, com muita sorte, consegue apenas um emprego de trabalho braçal. O salário é sempre muito baixo. O futuro é desanimador. O rapaz ou a moça não tem as aptidões necessárias para conseguir um emprego melhor. Surge então um raio de esperança. Bem, vocês devem ter compreendido a situação. Não preciso explicar mais. O caminho à frente está bem claro, a necessidade é imensa e o Senhor indicou o rumo.

O Élder Carmack encontrou recentemente um velho livro contábil, que veio me mostrar. Descobrimos que há muito tempo, em 1903, um pequeno fundo foi estabelecido para ajudar futuros professores a qualificarem-se para melhores oportunidades de trabalho por intermédio de pequenos empréstimos que os ajudaria enquanto estudavam.

O fundo continuou a ser utilizado durante 30 anos, até que finalmente foi encerrado durante a Grande Depressão.

Fiquei impressionado com os nomes registrados naquele antigo livro-razão. Dois deles tornaram-se presidentes de universidade. Outros se tornaram educadores muito conhecidos e altamente qualificados. O livro-razão mostrava o pagamento de $10,00 dólares, $25,00 dólares, $3,10 dólares de juros, e coisas assim. Um dos beneficiados desse programa tornou-se bispo, presidente de estaca, depois Apóstolo e, por fim, conselheiro na Primeira Presidência.

Irmãos, precisamos cuidar mais diligentemente uns dos outros. Precisamos fazer um pouco mais para ajudar aqueles que estão em situação financeira menos privilegiada. Precisamos dar incentivo e estender a mão para aqueles homens e mulheres de fé, integridade e capacidade, que irão progredir muito com um pouco de ajuda.

Esse princípio se aplica não apenas ao nosso empreendimento atual, nesse fundo de auxílio à educação, mas de modo mais abrangente. Abramos o coração, estendamos a mão para erguer outra pessoa, contribuamos financeiramente e demonstremos mais amor por nosso semelhante.

O Senhor abençoou-nos muito. Mas as necessidades são imensas. Ele disse: "Quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes". (Mateus 25:40)

Lemos no livro de Atos:

"E era trazido um homem que desde o ventre de sua mãe era coxo, o qual todos os dias punham à porta do templo, chamada Formosa, para pedir esmola aos que entravam.

O qual, vendo a Pedro e a João que iam entrando no templo, pediu que lhe dessem uma esmola.

E Pedro, com João, fitando os olhos nele, disse: Olha para nós.

E olhou para eles, esperando receber deles alguma coisa.

E disse Pedro: Não tenho prata nem ouro; mas o que tenho isso te dou. Em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, levanta-te e anda.

E, tomando-o pela mão direita, o levantou, e logo os seus pés e artelhos se firmaram.

E, saltando ele, pôs-se em pé, e andou, e entrou com eles no templo, andando, e saltando, e louvando a Deus." (Atos 3:2–8)

Observem que Pedro o tomou pela mão direita e o levantou.

Pedro estendeu a mão para erguer o homem coxo. Devemos também estender a mão para erguer a outros.

Deus os abençoe, meus queridos irmãos, tanto jovens quanto idosos. Continuem fiéis. Ministrem com amor. Criem sua família no caminho do Senhor. "Confiem em Deus e vivam." (Ver Alma 37:47.)

É minha oração em nome de Jesus Cristo. Amém. □

Sessão da Manhã de Domingo
7 de outubro de 2001

Agora É o Tempo

Presidente Thomas S. Monson
Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

"Que vivamos de forma que, ao ouvirmos a convocação final, não tenhamos sérios arrependimentos nem algum negócio inacabado."

Ao me colocar diante de vocês nesta manhã, meus pensamentos voltam-se para a minha juventude, quando na Escola Dominical, costumávamos cantar o lindo hino: "Se bem-vindo, dia santo, hoje vamos repousar. Desfrutando todo o encanto deste dia de orar".[1]

Neste Dia do Senhor, oro para ser o alvo de sua fé e orações ao aceitar o convite de lhes dirigir a palavra.

Todos nós fomos atingidos de forma dramática pelos trágicos acontecimentos daquele fatídico dia 11 de setembro de 2001. Repentinamente, sem aviso, uma destruição devastadora trouxe a morte em seu encalço e ceifou a vida de um número enorme de homens, mulheres e crianças. Dissiparam-se todos os planos cuidadosamente preparados para um futuro promissor. Em seu lugar, ficaram as lágrimas de tristeza e o pranto de dor de almas feridas.

Durante as últimas três semanas e meia foram inúmeros os relatórios que ouvimos daqueles que foram afetados de algum modo — direta ou indiretamente — pelos acontecimentos daquele dia. Gostaria de contar-lhes os comentários feitos por um membro da Igreja, Rebecca Sindar, que estava em um vôo de Salt Lake City para Dallas naquela manhã de terça-feira, 11 de setembro. Seu vôo foi interrompido assim como outros vôos que estavam no ar no momento das tragédias, e o avião pousou em Amarillo, no Texas. A irmã Rebeca conta: "Descemos todos do avião e encontramos aparelhos de televisão no aeroporto onde nos aglomeramos para assistir à transmissão do que ocorrera. As pessoas formavam filas para telefonar aos seus entes queridos e certificarem-se de que eles estavam bem. Vou lembrar-me para sempre de cerca de doze missionários que estavam a caminho do campo missionário em nosso vôo. Eles fizeram suas ligações e então vi-os reunirem-se em um canto do aeroporto e, em círculo ajoelharem-se para orar. Como gostaria de ter capturado aquele momento para compartilhar com as mães e os pais daqueles meigos rapazes que sentiram a necessidade de orar imediatamente".

Meus irmãos e irmãs, a morte chegará para toda a humanidade. Ela vem para os idosos que caminham vacilantes. Seu chamado é ouvido por aqueles que mal atingiram a metade da jornada da vida e muitas vezes silencia o riso de criancinhas. A morte é um fato do qual ninguém pode escapar nem negar.

Freqüentemente a morte vem como uma intrusa. É como uma inimiga que aparece de repente no meio da festa da vida, apagando as luzes e acabando com a alegria. A morte pousa sua mão sombria sobre aqueles que nos são caros e, algumas vezes, deixa-nos perplexos e abismados. Em determinadas situações, como as de grande sofrimento e doença, a morte chega como um anjo de misericórdia. Mas na maior parte das vezes, pensamos nela como a inimiga da felicidade humana.

A escuridão da morte poderá ser sempre dissipada pela luz da verdade revelada. "Eu sou a ressurreição e a vida", disse o Mestre. "Quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá. E todo aquele que vive, e crê em mim, nunca morrerá."[2]

Essa certeza — de fato uma confirmação sagrada — da vida além-túmulo poderia bem trazer a paz prometida pelo Salvador quando Ele declarou a Seus discípulos: "Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize"[3].

Da escuridão e do terror do Calvário ouviu-se a voz do Cordeiro, dizendo: "Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito (. . .)".[4] E a escuridão dissipou-se, pois Ele estava com Seu Pai. Ele viera de Deus e para Ele retornara. Então, os que caminham com Deus nesta peregrinação terrena sabem, por experiência sagrada, que Ele não abandonará os filhos que Nele confiam. Na noite da morte, Sua presença será "melhor que a luz e mais segura do que o caminho conhecido".[5]

Na estrada para Damasco, Saulo teve uma visão do Cristo ressurreto e exaltado. Mais tarde, como Paulo,

defensor da verdade e missionário destemido a serviço do Mestre, ele prestou testemunho do Senhor ressurreto ao declarar aos santos de Corinto: "(. . .) Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras,

(. . .) foi sepultado, e (. . .) ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras.

(. . .) foi visto por Cefas, e depois pelos doze.

Depois foi visto, uma vez, por mais de quinhentos irmãos. (. . .)

Depois foi visto por Tiago, depois por todos os apóstolos.

E por derradeiro de todos me apareceu também a mim (. . .)".[6]

Em nossa dispensação, esse mesmo testemunho foi prestado intrepidamente pelo Profeta Joseph Smith, quando ele e Sidney Rigdon testificaram:

"E agora, depois dos muitos testemunhos que se prestaram dele, este é o testemunho, último de todos, que nós damos dele: Que ele vive!

Porque o vimos, sim, à direita de Deus; e ouvimos a voz testificando que ele é o Unigênito do Pai —

Que por ele e por meio dele e dele os mundos são e foram criados; e seus habitantes são filhos e filhas gerados para Deus."[7]

Esse é o conhecimento que sustém. É a verdade que consola. É a certeza que guia, das sombras da escuridão para a luz, aqueles que estão curvados pelo peso da dor. Isso está colocado à disposição de todos.

Quão frágil é a vida, quão certa é a morte. Não sabemos quando será exigido que deixemos esta existência mortal. Então pergunto: "O que estamos fazendo com o nosso hoje?" Se vivermos apenas para o amanhã, teremos hoje, muitos ontens vazios. Somos nós culpados por declarar: "Tenho pensado em fazer algumas mudanças de curso em minha vida. Planejo dar o primeiro passo — amanhã?" Com tal pensamento, o amanhã é eterno. Esses amanhãs dificilmente chegarão, a menos que façamos algo a respeito deles hoje. Como o conhecido hino ensina:

Há muita coisa no mundo para se fazer neste momento,
Muitas oportunidades bem à sua frente
Não as deixe passar dizendo:
"Tentarei qualquer dia"
Mas vá e faça algo hoje.[8]

Façamo-nos a seguinte pergunta: "Neste mundo, acaso, fiz hoje eu a alguém um favor ou bem? Ajudei alguém necessitado?" Que fórmula para a felicidade! Que receita para a satisfação, para a paz interior — inspirar gratidão em outro ser humano.

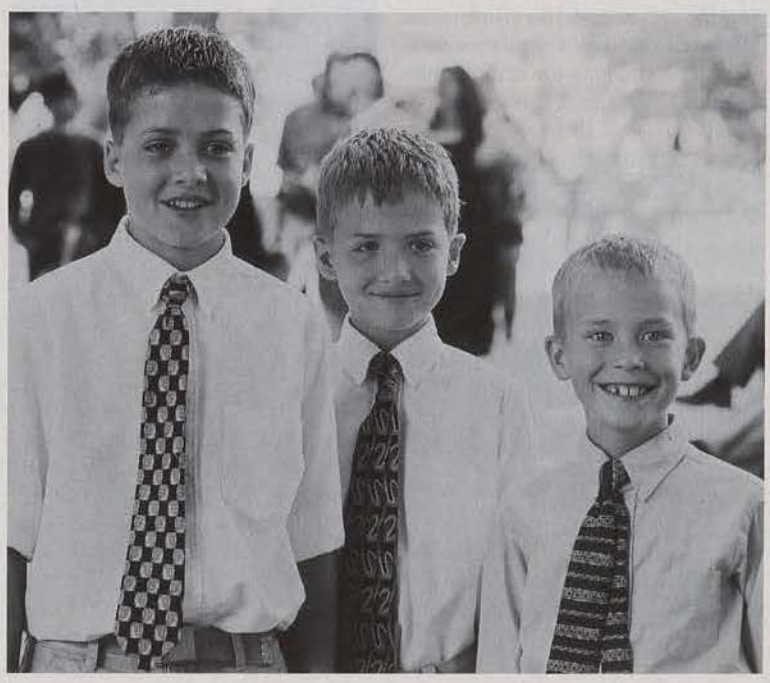
Nossas oportunidades de darmos de nós mesmos são, de fato, ilimitadas, mas elas se desvanecem. Há corações a alegrar. Palavras gentis a se proferir. Presentes a serem dados. Boas ações a serem feitas. Almas a serem salvas.

Ao nos lembrarmos de que "(. . .) quando estais a serviço de vosso próximo estais somente a serviço de vosso Deus"[9], não nos veremos na posição do fantasma de Jacob Marley que falou a Ebenezer Scrooge no clássico imortal de Dickens, *Conto de Natal*. Marley falou com tristeza a respeito das oportunidades perdidas. Disse ele: "Ignorar que para toda alma cristã, por mais humilde que seja a sua trajetória, a vida é demasiadamente curta para todo o bem que poderia fazer. Desconhecer que uma eternidade de lágrimas não pode reparar uma vida de egoísmo! E foi o que fiz! Foi o que fiz!"

Marley acrescentou: "Por que vivi entre os meus irmãos com os olhos baixos, sem tentar erguê-los para o céu, à procura daquela estrela maravilhosa que conduziu os magos à cabana humilde onde nasceu Jesus? Não haveria outras choupanas humildes aonde sua luz pudesse também ter-*me* conduzido?"

Felizmente, como sabemos, Ebenezer Scrooge mudou sua vida para melhor. Adoro sua declaração: "Não sou mais o homem que era!"[10]

Por que a história *Conto de Natal* é tão popular? Por que é sempre atual? Sinto pessoalmente que ela é inspirada por Deus. Ela traz à tona o que há de melhor na natureza humana. Traz esperança. Motiva as pessoas para que mudem. Podemos-nos desviar dos caminhos que nos levam para o fundo e, com uma



canção no coração, seguir uma estrela e caminhar rumo à luz. Podemos apressar nosso passo, reforçar nossa coragem e aquecer-nos ao sol da verdade. Podemos ouvir mais claramente o riso das criancinhas e secar a lágrima do que chora. Podemos consolar o moribundo compartilhando com ele a promessa da vida eterna. Se erguermos as mãos que pendem, se levarmos a paz a uma alma atormentada, se dermos de nós assim como fez o Mestre, poderemos — ao indicar o caminho — nos tornar uma estrela guia para o navegador perdido.

Por ser a vida frágil e a morte inevitável, precisamos tirar o máximo de cada dia.

Há muitas formas de fazer mau uso de nossas oportunidades. Há algum tempo li uma história enternecedora, escrita por Louise Dickinson Rich, que ilustra vividamente essa verdade. Ela escreveu:

"Minha avó tinha uma inimiga chamada sra. Wilcox. A vovó e a sra. Wilcox tornaram-se vizinhas, desde recém-casadas, na rua principal da cidadezinha em que passariam toda a vida. Não sei o que iniciou a guerra entre elas — e não acredito que quando nasci mais de trinta anos depois, elas mesmas se lembrassem do que a causara. Não era uma simples desavença; era guerra constante.

Nada na cidade escapou aos efeitos de sua luta. A igreja de 300 anos, que sobrevivera à Revolução Americana, à Guerra Civil e à Guerra Hispano-Americana quase veio abaixo quando vovó e a sra. Wilcox lutaram a Batalha da Sociedade de Auxílio das Senhoras. Vovó venceu essa luta, mas foi uma vitória sem valor real. A sra. Wilcox, como não pôde ser presidente, renunciou irritada. Que diversão havia em se estar a cargo de alguma coisa quando não se podia obrigar a inimiga a comer em sua mão? A sra. Wilcox venceu a Batalha da Biblioteca Pública, conseguindo que a sobrinha, Gertrude, fosse indicada como bibliotecária em lugar da tia Phyllis. O dia em que Gertrude assumiu seu posto, foi o último dia que a vovó leu um livro da biblioteca. Os livros haviam-se tornado 'um poço de germes imundos' da noite para o dia. A Batalha da Escola Secundária acabou empatada. O diretor da escola conseguiu um emprego melhor e partiu antes que a sra. Wilcox conseguisse que ele fosse demitido ou que a vovó conseguisse que o cargo dele se tornasse vitalício.

Quando éramos crianças e visitávamos a vovó, parte de nossa diversão era a de fazer caretas para os netos da sra. Wilcox. Em um dia inesquecível, colocamos uma cobra no barril que a sra Wilcox usava para armazenar a água da chuva. A vovó nos censurou, mas, na verdade, aprovou tacitamente o que fizéramos.

Não pensem que essa era uma campanha unilateral. A sra. Wilcox também tinha netos. Vovó também era alvo deles. Nunca houve um dia com vento em que ela lavasse roupas e em que o varal não arrebentasse misteriosamente, fazendo com que as roupas caíssem no chão.

Não sei como vovó teria suportado seus problemas por tanto tempo se não fosse pela página feminina do jornal diário de Boston. Essa seção, voltada às prendas domésticas era uma criação maravilhosa. Além das idéias de receitas e conselhos de limpeza, havia um departamento que tratava das cartas dos leitores. A idéia era a de que a mulher mandasse uma carta para o jornal caso tivesse um problema ou precisasse reclamar de algo — usando um nome fantasia como Medronheiro. Esse era o pseudônimo de minha avó. Então, algumas outras senhoras com o mesmo problema respondiam e lhe diziam o que haviam feito a respeito dele, assinando como Aquela Que Sabe, Xantipa ou algo parecido. Com freqüência, depois de resolvido o problema, as mulheres continuavam a escrever umas para as outras por intermédio da coluna do jornal, contando a respeito dos filhos, das conservas ou da nova sala de jantar. Isso foi o que aconteceu com a vovó. Ela e uma mulher chamada Gaivota corresponderam-se durante um quarto de século. Gaivota era a verdadeira amiga da vovó.

Quando eu estava com cerca de dezesseis anos de idade, a sra. Wilcox faleceu. Em uma cidade pequena, não importa o quanto você odeie sua vizinha do lado, é de praxe ir à casa da pessoa falecida e ver se os familiares precisam de ajuda. Vovó, bem arrumada e com um avental de percal para indicar que era sincero o seu desejo de ajudar no trabalho, atravessou o jardim até a casa dos Wilcox, onde as filhas da falecida pediram-lhe que limpasse a já

imaculada sala de visitas para o velório. E, na mesa dessa sala, ocupando o lugar de honra, encontrava-se um enorme livro de recordações. No livro de recordações, coladas em ordem, em colunas paralelas, estavam todas as cartas enviadas pela vovó para a Gaivota durante todos aqueles anos e, também, as cartas da Gaivota para ela. Embora nenhuma das duas soubesse, a maior inimiga da vovó fora sua melhor amiga. Essa foi a única vez que me lembro de ter visto a vovó chorar. Na época não sabia exatamente porque ela estava chorando, mas agora eu sei. Ela chorou por todos os anos desperdiçados e que não poderiam jamais ser recuperados."

Meus irmãos e irmãs, que possamos, deste dia em diante fazer com que nosso coração esteja repleto de amor. Que possamos caminhar a segunda milha e incluir em nossa vida os solitários e deprimidos e os que sofrem por alguma razão. Que "[alegremos] alguém que se encontre triste e que possamos [fazer] alguém mais feliz".[11] Que vivamos de forma que, ao ouvirmos a convocação final, não tenhamos sérios arrependimentos nem algum negócio inacabado, mas que possamos dizer como o Apóstolo Paulo: "Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé".[12] Em nome de Jesus Cristo. Amém. □

NOTAS

1. Robert B. Baird, "Sê Bem-Vindo Dia Santo" *Hinos*, 174.
2. João 11:25–26.
3. João 14:27.
4. Lucas 23:46.
5. Minnie Louise Haskins, "The Gate of the Year", em *Masterpieces of Religious Verse*, ed. por James Dalton Morrison (1948), p. 92.
6. I Coríntios 15:3–8.
7. D&C 76:22–24.
8. Will L. Thompson, "Neste Mundo", *Hinos*, 136 [N.T. Tradução livre].
9. Mosias 2:17.
10. Works of Charles Dickens (1982), pp. 543, 581.
11. *Hinos*, 136.
12. II Timóteo 4:7.

O Livro de Mórmon: Outro Testamento de Jesus Cristo

Presidente Boyd K. Packer
Presidente Interino do Quórum dos Doze Apóstolos

"O Livro de Mórmon: Outro Testamento de Jesus Cristo tem o poder de nutrir e curar os espíritos famintos do mundo."

Tenho em mãos um exemplar da primeira edição do Livro de Mórmon. Ele foi impresso em 1830, numa prensa manual da E. B. Grandin Company, na vila de Palmyra, Nova York.

Em junho de 1829, Joseph Smith, que na época tinha 23 anos, procurou o Sr. Grandin, de 23 anos, na companhia de Martin Harris, um fazendeiro local. Três meses antes, o Sr. Grandin tinha divulgado sua intenção de publicar livros. Joseph Smith entregou-lhe as páginas de um manuscrito.

Se o seu conteúdo não condenasse o livro a permanecer na obscuridade, o relato de sua origem certamente o faria. Imaginem um anjo instruindo um menino adolescente a ir até um bosque, onde ele encontrou uma caixa de pedra e um conjunto de placas de ouro ali enterradas.

Os escritos das placas foram traduzidos com a utilização do Urim e Tumim, que é mencionado várias vezes no Velho Testamento[1] e descrito pelos estudiosos hebreus como um instrumento "pelo qual a revelação era recebida e a verdade, declarada".[2]

Antes de o livro terminar de ser impresso, algumas de suas páginas foram roubadas e publicadas no jornal local, juntamente com artigos que o ridicularizavam. A oposição contra o Livro de Mórmon e a Igreja acabariam levando o populacho a matar o Profeta Joseph Smith e a expulsar para o deserto aqueles que nele acreditavam.

Desse início muito improvável até hoje já foram impressos 108.936.922 exemplares do Livro de Mórmon: Outro Testamento de Jesus Cristo. Ele foi publicado em 62 línguas, há trechos do livro em outras 37 línguas e mais 22 traduções estão em andamento.

Atualmente, 60.000 missionários de tempo integral em 162 países pagam sua própria missão para

dedicar dois anos de sua vida testificando que o Livro de Mórmon é verdadeiro.

Por várias gerações, ele inspirou aqueles que o leram. Herbert Schreiter leu o seguinte na tradução alemã do Livro de Mórmon:

"Quando receberdes estas coisas, eu vos exorto a perguntardes a Deus, o Pai Eterno, em nome de Cristo, se estas coisas não são verdadeiras; e se perguntardes com um coração sincero e com real intenção, tendo fé em Cristo, ele vos manifestará a verdade delas pelo poder do Espírito Santo.

E pelo poder do Espírito Santo podeis saber a verdade de todas as coisas."[3]

Herbert Schreiter colocou a promessa à prova e filiou-se à Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Em 1946, ao ser libertado como prisioneiro de guerra, Herbert voltou para junto de sua esposa e três filhas em Leipzig, Alemanha. Pouco depois, foi como missionário para Bernburg, Alemanha. Sozinho, sem companheiro, sentou-se com frio e com fome num quarto, perguntando-se como iria começar seu trabalho.

Refletiu sobre o que poderia oferecer ao povo de um país devastado pela guerra. Então fez um cartaz à mão, com os dizeres "Existe vida após a morte?" e pregou-o numa parede.

Naquela mesma época, uma família de uma pequena vila da Polônia chegou a Bernburg.

Manfred Schütze tinha quatro anos de idade. Seu pai tinha sido morto na guerra. Sua mãe, seus avós, a irmã de sua mãe, que também era viúva, e suas duas filhas pequenas foram forçados a abandonar a vila onde moravam, com apenas 30 minutos de aviso prévio. Pegaram tudo o que puderam e partiram para o oeste. Manfred e a mãe foram empurrando e puxando um pequeno carrinho. De vez em quando, o enfermo avô ia dentro do carrinho. Um oficial polonês olhou para a triste figura do pequeno Manfred e começou a chorar.

Na fronteira, os soldados pilharam seus pertences e jogaram suas roupas de cama no rio. Manfred e a mãe foram então separados do restante da família. A mãe imaginou que os outros deviam ter ido para Bernburg, onde sua avó tinha nascido, talvez para a casa de parentes. Depois de semanas de inacreditável sofrimento, conseguiram chegar a Bernburg e encontraram a família.

Os sete passaram a morar todos juntos num pequeno quarto. Mas seus problemas ainda não haviam terminado. A mãe das duas meninas morreu. A avó, desolada, procurou um pregador e perguntou: "Verei algum dia a minha família de novo?"

O pregador respondeu: "Minha cara senhora, isso de Ressurreição não existe. Aqueles que morreram estão mortos!"

Eles envolveram o corpo num saco de papel para ser enterrado.

Quando voltavam da sepultura, o avô começou a falar em suicídio, como muitos tinham feito. Foi nesse momento que eles viram o cartaz que o Élder Schreiter tinha pregado no prédio, "Existe vida após a morte?" com um convite de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Numa reunião, eles conheceram o Livro de Mórmon: Outro Testamento de Jesus Cristo.

O livro explica:

- O propósito da vida mortal e da morte,[4]
- A certeza da vida após a morte,[5]
- O que acontece quando o espírito deixa o corpo,[6]
- A descrição da Ressurreição,[7]
- Como recebemos e mantemos a remissão de nossos pecados,[8]
- De que modo a justiça e a misericórdia terão efeito sobre nós,[9]
- Pelo que devemos orar,[10]
- O sacerdócio,[11]
- Os convênios e ordenanças,[12]
- A função e o ministério dos anjos,[13]
- A voz mansa e delicada da revelação pessoal,[14]
- E acima de tudo, a missão de Jesus Cristo,[15]
- E muitas outras coisas preciosas que compõem a plenitude do evangelho de Jesus Cristo.

Eles filiaram-se à Igreja. Em pouco tempo, a vida deles mudou. O avô encontrou trabalho como padeiro e pôde prover pão para a família e também para o Élder Schreiter, que lhes tinha oferecido "o pão da vida".[16]

Chegou então o auxílio da Igreja proveniente dos Estados Unidos. Manfred cresceu comendo cereais acondicionados em pequenos saquinhos com a gravura de uma colmeia e pêssegos da Califórnia. Vestiu roupas dos suprimentos de bem-estar da Igreja.

Pouco tempo depois, dei baixa na Força Aérea e fui trabalhar no moinho do serviço de bem-estar, em Kaysville, Utah, onde ajudava a acondicionar o trigo em saquinhos para serem enviados às pessoas que passavam fome na Europa. Gosto de pensar que um daqueles saquinhos de trigo que enchi pessoalmente foram para Manfred Schütze e sua mãe. Se não foram, com certeza foram utilizados por outros igualmente necessitados.

O Élder Dieter Uchtdorf, que hoje está sentado aqui conosco como um dos Setenta, lembra-se até hoje do aroma do trigo e da sensação de tocá-lo com suas mãos de menino. Talvez um dos saquinhos que eu enchi tenha chegado até sua família.

Quando eu tinha cerca de dez anos de idade, fiz minha primeira tentativa de ler o Livro de Mórmon. A primeira parte era fácil de ler, pois a linguagem é semelhante à do Novo Testamento. Daí cheguei à parte dos escritos do profeta Isaías, do Velho Testamento. Não consegui entender nada e achei a leitura muito difícil. Deixei o livro de lado.

Fiz outras tentativas de ler o Livro de Mórmon. Não o li até estar a bordo de um navio da Marinha com outros tripulantes de bombardeiros, a caminho da guerra no Pacífico. Tomei a firme decisão de ler o Livro de Mórmon e descobrir por mim mesmo se ele era verdadeiro ou não. Li e reli cuidadosamente o livro

inteiro. Coloquei à prova a promessa que ele continha. Foi um acontecimento que mudou minha vida. Depois disso, jamais deixei o livro de lado.

Muitos jovens saíram-se bem melhor do que eu.

Um filho de 15 anos de um presidente de missão tinha bem poucos colegas que eram membros da Igreja na escola secundária.

Certo dia, a classe recebeu um teste para assinalar verdadeiro ou falso. Mathew tinha certeza de que sabia a resposta de todas as perguntas, com exceção da número 15. A pergunta era: "Joseph Smith, o suposto profeta mórmon, escreveu o Livro de Mórmon. Verdadeiro ou falso?"

Ele não podia responder de um modo nem do outro, portanto, sendo um adolescente esperto, reescreveu a questão. Riscou a palavra *suposto* e substituiu a palavra *escreveu* por *traduziu*. A questão ficou então assim: "Joseph Smith, o profeta mórmon, traduziu o Livro de Mórmon". Ele assinalou verdadeiro e entregou a prova.

No dia seguinte, o professor perguntou rispidamente por que ele tinha mudado a questão. Ele sorriu e disse: "Porque Joseph Smith não *escreveu* o Livro de Mórmon, ele o *traduziu*. E não era um *suposto* profeta, ele *era* um profeta".

Ele foi convidado a contar à classe como sabia essas coisas.[17]

Na Inglaterra, minha mulher e eu conhecemos Dorothy James, a viúva de um clérigo que morava nas proximidades da Catedral de Winchester. Ela mostrou-nos uma Bíblia da família que tinha ficado perdida por muitos anos.

Anos antes, os pertences de um membro da família foram vendidos. O novo proprietário encontrou a Bíblia numa pequena escrivaninha que permanecera fechada por mais de vinte anos. Também achou ali algumas cartas escritas por uma criança chamada Beaumont James. Ele conseguiu encontrar a família James e devolveu a Bíblia da família, há tanto tempo perdida.

Na folha de rosto, minha esposa leu o seguinte, escrito à mão: "Esta Bíblia está em nossa família desde a época de Thomas James, em 1683, que era descendente direto de Thomas James, o primeiro bibliotecário da Biblioteca Bodleian, em Oxford, que foi enterrado na New College Chapel, em agosto de 1629. [Assinado] C. T. C. James, 1880".

As margens e as páginas que examinamos estavam completamente cobertas de anotações em inglês, latim, grego e hebraico. Uma anotação, em particular, a tocou muito. No fim da folha de rosto, ela leu: "A melhor impressão da Bíblia é aquela que fica impressa no coração do leitor".

Em seguida, uma citação das escrituras: "Vós sois a nossa carta, escrita em nossos corações, conhecida e lida por todos os homens: Porque já é manifesto que vós sois a carta de Cristo, ministrada por nós, e escrita, não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo, não em tábuas de pedra, mas nas tábuas de carne do coração. II Coríntios 3:2–3".[18]

Meu Livro de Mórmon também tem muitas anotações nas margens e está bastante sublinhado. Estive certa vez na Flórida com o Presidente Hinckley. Ele virou-se do púlpito e pediu que alguém lhe emprestasse as escrituras. Entreguei-lhe as minhas. Ele folheou-as por alguns segundos, virou-se e devolveu-me, dizendo: "Não consigo ler isto. Você riscou tudo!"

Amós profetizou uma "fome sobre a terra; não fome de pão, nem sede de água, mas de ouvir as palavras do Senhor".[19]

Num mundo cada vez mais perigoso que aquele do pequeno Manfred Schütze e de Dieter Uchtdorf, o Livro de Mórmon: Outro Testamento de Jesus Cristo tem o poder de nutrir e curar os espíritos famintos do mundo.

Manfred Schütze é hoje membro do Terceiro Quórum dos Setenta e supervisiona nossos seminários na Europa Oriental. Sua mãe, que hoje está com 88 anos de idade, ainda freqüenta o templo de Freiberg, onde Herbert Schreiter serviu certa vez como conselheiro do presidente.

Com o Élder Walter F. González, do Uruguai, um novo membro dos Setenta, assisti a uma conferência em Morôni, Utah, uma cidade cujo nome foi tirado do Livro de Mórmon. Não há médicos nem dentistas em Morôni. As pessoas precisam sair da cidade para fazer suas compras. Seus estudantes vão de ônibus para uma escola que reúne jovens de várias cidades da região e fica do outro lado do vale.

As missionárias que servem na Praça do Templo estão prontas para cumprimentar os visitantes e falar-lhes sobre o evangelho, em vários idiomas.

Realizamos uma reunião com 236 pessoas. Para que o Élder González não achasse que todos eram fazendeiros, prestei este testemunho: "Sei que o evangelho é verdadeiro e que Jesus é o Cristo". Perguntei se alguém saberia repetir essa frase em espanhol. Várias mãos se ergueram. Alguém seria capaz de repeti-la em outra língua? Ela foi repetida em:

Japonês
Espanhol
Alemão
Português
Russo
Chinês
Tonganês
Italiano
Tagalo
Holandês
Finlandês
Maori
Polonês
Coreano
Francês

---

15 línguas

Repito: Eu sei que o evangelho é verdadeiro e que Jesus é o Cristo.

Amo este Livro de Mórmon: Outro Testamento de Jesus Cristo. Se o estudarmos, compreenderemos tanto o Velho Testamento quanto o Novo Testamento na Bíblia. Sei que ele é verdadeiro.

Nesta edição de 1830 do Livro de Mórmon, impressa por Egbert B. Grandin, de 23 anos, para Joseph Smith Júnior, de 23 anos, leio o seguinte, na página 105: "Falamos de Cristo, regozijamo-nos em Cristo, pregamos a Cristo, profetizamos de Cristo e escrevemos de acordo com nossas profecias, para que nossos filhos saibam em que fonte procurar a remissão de seus pecados".[20]

E posso garantir-lhes que é exatamente isso que fazemos. Em nome de Jesus Cristo. Amém. □

NOTAS

1. Ver Êxodo 28:30; Levítico 8:8; Números 27:21; Deuteronômio 33:8; I Samuel 28:6; Esdras 2:63; Neemias 7:65.

2. John M'Clintock e James Strong, *Encyclopedia of Biblical, Theological, and Ecclesiastical Literature* (1867–1881), "Urim and Thummim".

3. Morôni 10:4–5.

4. Ver 2 Néfi 2:21; 33:9; Alma 12:24; 34:32; 42:4.

5. Ver 2 Néfi 9:3–7; Mosias 16:8; 3 Néfi 11.

6. Ver Alma 34:34; 40:11–14, 21.

7. Ver 2 Néfi 9:12; Alma 40:23; 41:2; 3 Néfi 11:1–16.

8. Ver Mosias 4:1–3, 12, 26; Alma 4:14.

9. Ver Alma 34:15–16; 41:14; 42:15–16, 22–25.

10. Ver 2 Néfi 4:35; 32:8–9; Enos 1:9; Alma 13:28; 34:17–27; 37:36–37; 3 Néfi 18:19–21; Morôni 7:26.

11. Ver 2 Néfi 6:2; Mosias 18:18; Alma 6:1; 13; 3 Néfi 11:21; 18:37; Morôni 2:2; 3:4.

12. Ver 2 Néfi 11:5; Mosias 5:5; 18:13; Alma 13:8, 16.

13. Ver 2 Néfi 32:2–3; Ômni 1:25; Morôni 7:25, 37.

14. Ver 1 Néfi 16:9; 17:44–45; Enos 1:10; Alma 32:23; Helamã 5:30; 3 Néfi 11:3.

15. Ver 1 Néfi 11:13–33; 2 Néfi 2:6–10; Mosias 3:5–12; Alma 7:7–13; 3 Néfi 27:13–16.

16. João 6:35.

17. Ver George D. Durrant, "Helping Your Children Be Missionaries", *Ensign*, outubro de 1977, p. 67.

18. Citado em Donna Smith Packer, *On Footings from the Past: The Packers in England* (1988), p. 329.

19. Amós 8:11.

20. The Book of Mormon (1830), p. 105; ver também 2 Néfi 25:26.

Seja Grande

Bispo H. David Burton
Bispo Presidente

"Jesus Cristo é o nosso exemplo perfeito de alguém que sempre foi valente e permaneceu firme."

Um homem sábio dava, com freqüência, este simples conselho ao filho: "David, seja grande". Meu pai não esperava que eu crescesse em estatura ou que eu me erguesse nas pontas dos pés; o que ele queria dizer era que eu fosse corajoso ao tomar decisões, não comprometendo meus princípios, não violando valores espirituais nem me esquivando de responsabilidades e deveres. Sempre que seguia esse conselho, as coisas iam bem. Quando não defendia meus princípios, passava por situações desagradáveis. Recentemente, perguntei a dois de meus netos que significado teria para eles se o Pai Celestial lhes pedisse que fossem grandes. Notei que um deles, inadivertidamente, levantou-se na ponta dos pés para parecer mais alto ao mesmo tempo que os dois disseram rapidamente em uníssono: "Ele quer que façamos o que é certo".

Em meio à tristeza e ao caos gerado pela tragédia ocorrida no dia 11 de setembro, muitos homens, mulheres e mesmo nações revelaram-se grandiosos. Amigos e inimigos têm-se unido contra um adversário comum. Atos surpreendentes de bravura têm-se tornado corriqueiros. A resposta humanitária a esses eventos parece não conhecer fronteiras. Homens e mulheres, independentemente de raça ou credo, estenderam a mão para ajudar as vítimas e as suas respectivas famílias. Incontáveis orações têm sido oferecidas. As forças do bem estão resistindo às forças do terror e da violência desnecessária.

Diz-se que aquele que está em cima do muro, em algum momento terá que descer de um lado ou do outro. Se estivemos sentados em cima do muro da vida, agora é hora de reunir coragem para defender o que é justo e evitar deliberadamente as correntes do pecado.

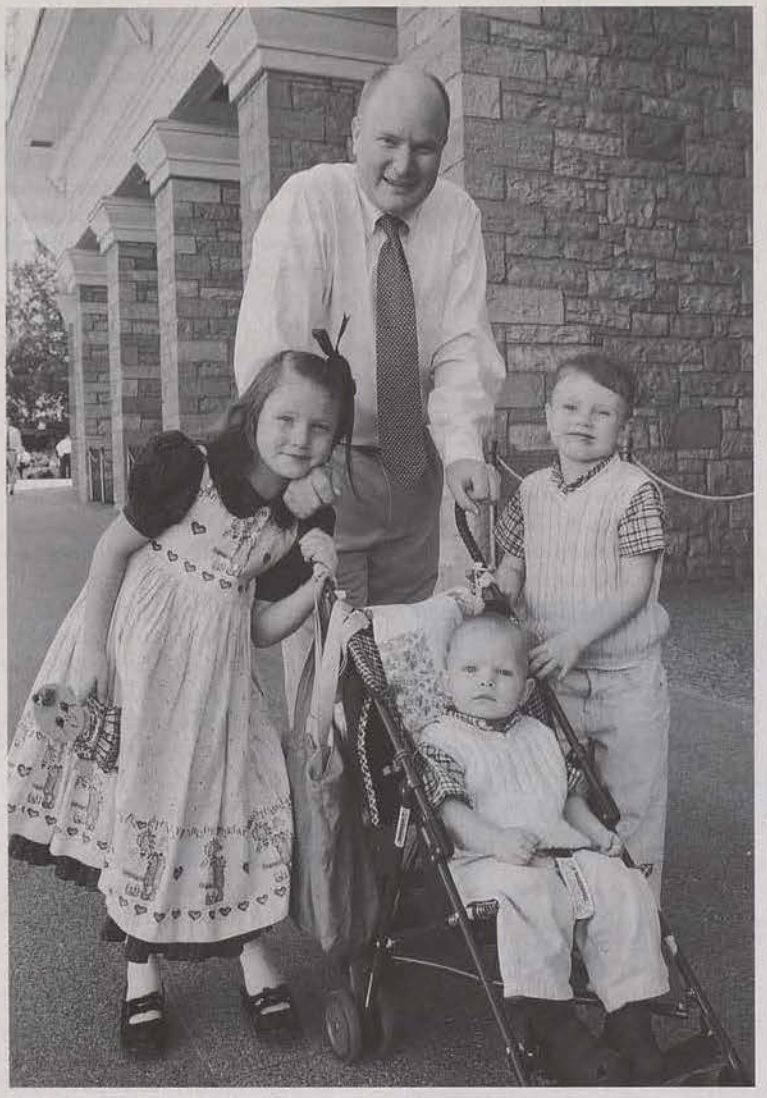
A vida, o ministério e os ensinamentos do nosso Salvador, Jesus Cristo, fornecem um modelo para a auto-avaliação. Jesus Cristo é o nosso exemplo perfeito de alguém que sempre foi valente e permaneceu firme. Ele personifica integridade, força e coragem. Eu gostaria de citar três exemplos referentes ao ministério do Salvador.

Primeiro, após Seu batismo, Jesus foi conduzido ao deserto para comunicar-Se com Seu Pai. Por 40 dias Ele decidiu não comer para que Seu corpo mortal se sujeitasse a Seu espírito divino. Enfraquecido, Ele foi visitado pelo tentador, que sugeriu que o Salvador usasse Seu grande poder para realizar façanhas extraordinárias. Respondendo à solicitação do tentador de transformar as pedras em pão para aliviar a fome, o Salvador permaneceu firme, declarando: (. . .) "Está escrito: Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus". (Mateus 4:4) À sugestão de que Ele Se lançasse de um lugar alto para ser salvo pelas mãos dos anjos, Ele disse triunfalmente: "Não tentarás o Senhor teu Deus". (Mateus 4:7) E à proposta de que o Salvador Se prostrasse e adorasse o diabo em troca de sua riqueza e glória terrena, Ele respondeu com coragem: "Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a ele servirás". (Mateus 4:10)

Os caminhos insidiosos do tentador continuam existindo. O desejo pelas "coisas" levou algumas pessoas a desviarem-se dos princípios. Não distinguir as necessidades das vontades confundiu a mente dos homens. As famílias sofrem carência de afeição, reconhecimento e liderança por parte dos pais. Muitos estão adotando métodos antiéticos, imorais e, eventualmente, ilegais para adquirir mais e mais coisas materiais. Caso se veja envolvido na busca por coisas materiais, agora é a hora de defender corajosamente seus princípios. Se vocês adoram coisas materiais mais do que prezam o amor de Deus, agora é a hora de serem grandes. Se vocês foram abençoados com abundância além de suas necessidades, agora é a hora de viver à altura de seus princípios, compartilhando com aqueles cujas necessidades ainda não foram atendidas.

Segundo exemplo — certa ocasião, o Salvador reuniu Seus seguidores e disse: "(. . .) Ouvi, e entendei: O que contamina o homem não é o que entra na boca, mas o que sai da boca, isso é o que contamina o homem". (Mateus 15:10–11)

Muitas pessoas têm o hábito de tomar o nome de Deus em vão. Entre os jovens, termos vulgares e grosseiros parecem fluir naturalmente ao se expressarem. Meus jovens amigos,



Uma família ao lado do Tabernáculo, na Praça do Templo.

agora é a hora de serem grandes e eliminarem essas palavras de seu vocabulário. Vocês sabem a quais palavras me refiro. Infelizmente, vocês as ouvem com freqüência na escola, nas músicas e nos esportes. É preciso coragem para ser grande? Certamente. Vocês conseguem ter coragem para isso? É claro que sim. Busquem força com o Pai Celestial para sobrepujá-las. O Salvador disse: "Ora sempre e derramarei meu Espírito sobre ti e grande será a tua bênção" (. . .). (D&C 19:38) Foi dito: "Você atinge as maiores alturas enquanto está de joelhos". ("Standing Tall", *New Era*, outubro de 2001, p. 19) A blasfêmia e a grosseria não elevam; elas contaminam. Minha esposa e eu participamos de centenas de eventos esportivos juvenis. Com muita freqüência, ouvimos blasfêmias ditas pelos técnicos e por outros adultos que deveriam servir de exemplo. Os adultos precisam ter coragem para eliminar a linguagem rude e profana.

Vocês já ouviram a frase: "Seus atos falam tão alto, que não consigo ouvir o que está dizendo". Nossos atos, realmente falam muito por nós. Precisamos ser valentes em seguir o conselho dos profetas e vestirmo-nos com recato. "Entre as roupas indiscretas estão saias e 'shorts' muito curtos, roupas apertadas, blusas que não cobrem a barriga e outros trajes reveladores". (*Para o Vigor da Juventude* [2001], p. 12) A roupa discreta e asseada enaltece. A roupa inadequada faz com que se perca o respeito. Se houver dúvida, pergunte-se: "Será que eu me sentiria à vontade vestido dessa maneira se estivesse na presença do Senhor?" (*Para o Vigor da Juventude*, p. 13) Mães, vocês podem ser nossos exemplos e nossa consciência nesse assunto importante, mas lembrem-se de que os jovens detectam a hipocrisia tão facilmente como sentem o cheiro de pão recém saído do forno. Pais, aconselhem seus filhos e filhas e, com eles, permaneçam firmes contra a indiscrição no vestir.

Terceiro, vocês recordarão que, em resposta à pergunta de um doutor da lei sobre quem é o nosso próximo, o Salvador ensinou que certo homem, viajando de Jerusalém para Jericó, caiu nas mãos de salteadores, os quais o despojaram, e espancando-o, se retiraram, deixando-o meio morto. A primeira pessoa a passar por ele no caminho foi um sacerdote, que passou de largo, do outro lado da estrada. Da mesma forma, o segundo a ver sua situação parou para olhar, mas passou sem prestar auxílio. O terceiro, um samaritano, atou-lhe as feridas e providenciou-lhe cuidados. Então, Jesus perguntou qual daqueles era o próximo. O doutor da lei respondeu que o próximo foi o que usou de misericórdia para com ele. Respondendo, disse o Salvador: "Vai, e faze da mesma maneira". (Ver Lucas 10:37; ver vv. 30–37.)

Ao estendermos a mão a nosso próximo, estamos sendo sensíveis apenas a suas necessidades ou também a seus sentimentos? Nossa amabilidade é seletiva e restringe-se aos de nossa fé ou inclui todos, independentemente de fé, cor ou quaisquer outras diferenças perceptíveis? Para o Salvador,

não havia restrições na definição de *próximo*. Às vezes, a linguagem que usamos na Igreja pode ser mal-interpretada e parecer ora intolerante ora condescendente em relação ao nosso próximo. Como o Élder Ballard sugeriu ontem, também sinto-me pouco à vontade com o termo *não-membro*. Quando nos referimos a outras pessoas como não-membros, elas talvez pensem que não as incluímos como membros da comunidade, da cidade ou mesmo da raça humana. Apressamo-nos em dizer que aceitamos e participamos de relacionamentos com pessoas que vivem na vizinhança, mas em relação a algumas pessoas, apenas as toleramos. Só aprendemos a amar ao próximo quando aprendemos a amar a nós mesmos e a Deus. Sejamos grandes ao demonstrarmos amor e respeito irrestritos ao nosso próximo.

Um querido amigo da família morreu há alguns anos. Ele e a esposa gostavam de caminhar nas montanhas. Numa tarde de outono, subiram uma montanha íngreme, por vários quilômetros, para admirarem uma linda cachoeira. Ao descerem a trilha, passaram por várias pessoas fazendo o mesmo percurso de subida e perguntando a mesma coisa: "Vale a pena?" A resposta de nossos amigos era sempre afirmativa. Posteriormente, eles observaram que o esforço valia a pena somente se as pessoas apreciassem o ar fresco, a beleza das montanhas, o exercício e o doce companheirismo.

Ao sentirem a pressão do grupo e a necessidade de serem aceitos, alguns podem-se perguntar: "Vale a pena viver à altura dos nossos princípios?" A esses eu respondo: "Se a vida eterna for importante para vocês e se quiserem experimentar a alegria real nesta vida, então permanecer firme valerá a determinação e o esforço diário incansável que isso requer".

Que possamos todos agir corajosamente em defesa da retidão. Oro no sagrado nome de nosso Senhor e Mestre, Jesus Cristo. Amém. □

"Não Temas; Porque Mais São os Que Estão Conosco"

Sharon G. Larsen
Segunda Conselheira na Presidência Geral das Moças

"Não estamos sozinhos nessa responsabilidade sagrada, que é a de ser pais, amar e liderar. Não há maior alegria. Vale o sacrifício."

Como pais e líderes de jovens, pode ser fácil perdermos a fé e preocuparmo-nos com eles e com o mundo em que eles estão vivendo.

A situação em que vivemos hoje em dia não é nova, nem é sem esperanças. Quando Enoque era o profeta, os céus choraram por causa da iniqüidade do mundo. (Ver Moisés 7:28–37.) Não há dúvidas de que os céus choram hoje.

O profeta Eliseu estava cercado por todo o exército da Síria, pronto para matá-lo. Ele tranqüilizou seu único e preocupado companheiro, que contava os soldados do exército sírio, dizendo-lhe que quando estamos ao lado do Senhor, a despeito de números ou do poder terreno, estamos em maioria. Testifico que as consoladoras palavras de Eliseu a seu jovem amigo ainda são verdadeiras hoje em dia: "(. . .) Mais são os que estão conosco do que os que estão com eles". (II Reis 6:16) O Senhor protegerá nossos jovens com carruagens de fogo, como o fez com Eliseu, na forma de pais, avós, tias, tios, vizinhos, líderes e amigos, que os amarão intensamente e os conduzirão com vigor.

Nos últimos quatro anos, estive imersa no trabalho da Organização das Moças. Ao cruzarmos o mundo para estar com elas, tomamos conhecimento até certo ponto de suas esperanças, sonhos, medos e desapontamentos. Repito aqui as palavras do Presidente Hinckley: "Esta é a melhor geração que a Igreja já teve". (*Church News*, 15 de fevereiro de 1997, p. 3) Esses jovens, como um todo, estão defendendo a bondade e a decência com coragem e determinação.

Apesar de fortes e bons como são os nossos jovens, eles precisam de nossa ajuda. E essa ajuda existe: o programa de Progresso Pessoal das Moças, o Dever para com Deus do Sacerdócio Aarônico, o *Guia de Pais e*

A mulher espera ao lado de uma coluna no Centro de Conferências.

Líderes de Jovens e a versão revisada de folheto *Para o Vigor da Juventude* ajudarão os pais e líderes a envolverem-se de maneira ativa e direta para deterem a crescente onda de imoralidade. Nossos jovens querem mais do que pessoas que lhes ofereçam casa e comida. Querem pessoas que os amem e os guiem. Eles merecem nossa proteção.

Parte vital desse amor está em dar-lhes ouvidos. Sei o que isso significa, pois tive essa grata experiência.

Eu costumava trabalhar na fazenda com meu pai. Eu nem sempre gostava de fazê-lo, mas quando chegava a hora do almoço, sentávamos à sombra de uma árvore para comer e conversar. Meu pai não se aproveitava dessa maravilhosa oportunidade para dar-me regras ou corrigir-me. Simplesmente conversávamos sobre qualquer assunto.

Era nesse momento que eu podia fazer perguntas. Sentia-me tão à vontade que podia fazer até mesmo perguntas que o provocassem. Lembro-me de ter-lhe perguntado: "Por que você me deixou sem jeito diante de minhas amigas na semana passada, quando perdi a hora de voltar para casa e você foi me buscar?"

Sua resposta indica mais um aspecto do amor. Ele não estava sendo arbitrário. Esperava-se que eu me mantivesse dentro de certos padrões de comportamento. Ele disse: "Fiquei preocupado porque já era tarde e você não havia chegado. Acima de tudo, quero sua segurança". Percebi que seu amor era mais forte do que a sua vontade de dormir ou a inconveniência de vestir-se e sair de carro para procurar-me.

Quer seja em um campo de feno ou em outros lugares informais, os momentos que passamos juntos podem encher o reservatório para compensar outros momentos que talvez não sejam tão doces e serenos. Os relacionamentos permanecem intactos com esse tipo de investimento — a despeito das regras rígidas ou das punições — ou por causa delas.

Amar é dar ouvidos quando eles estão dispostos a falar — quer seja meia-noite, seis da manhã a caminho do seminário ou quando você estiver ocupado com seus afazeres. Vocês já viram a vinheta da Igreja na televisão que mostra um quarto escuro? A porta abre-se e uma menininha entra com um livro em baixo do braço. Ela caminha até o pai, que está dormindo profundamente, e pede: "Papai, você quer ler uma história para mim?" O pai, sem nem mesmo abrir os olhos, resmunga: "Ah, filhinha, o papai está muito cansado. Peça para a mamãe". A menininha vai até onde a mãe está dormindo e pergunta: "Mamãe, será que o papai pode ler uma história para mim?" Vê-se, então, os olhos do pai arregalarem-se, e o quadro seguinte mostra os três juntos e o pai lendo uma história.

O amor é algo que vem naturalmente, mas a capacidade de liderar é uma técnica que deve ser desenvolvida e que talvez não levemos muito a sério. O exemplo é a maneira mais forte de liderar do que qualquer outra e é uma carga pesada para os pais e líderes de jovens.

Será que os nossos jovens conseguem dizer, pelo modo em que vivemos, falamos ou oramos, que amamos o Senhor? Será que eles sabem que o seu Pai Celestial é um Deus de amor, pelo modo em que se sentem quando estão conosco? Será que eles têm certeza de que não seremos levados por todo o vento de doutrina, ou pelo engano das pressões sociais e da aceitação pelo mundo? (Ver Efésios 4:14.)

Para que lideremos em retidão, não deve haver dúvidas a respeito de nossa posição. Pequenas dúvidas de nossa parte podem levar a grandes dúvidas em nossos jovens.

Fico pensando, às vezes, se nós como mães não somos as responsáveis por fazer nossos filhos sentirem a pressão de ser populares e bem aceitos. Ao alterarmos nossos desejos de modo que nossos padrões sejam os padrões do Senhor estamos mandando a mensagem exata de que no reino do Senhor não há dois pesos e duas medidas.

Após a mensagem do Presidente Hinckley aos jovens em novembro passado, uma moça disse à sua mãe que uma líder das Moças havia deixado de usar seu segundo par de brincos. As jovens observadoras logo notaram. Elas notam o comprimento de suas bermudas; percebem se vocês têm que prender os garments para poder usar um certo tipo de blusa; elas vêm o que vocês usam (ou não usam) quando estão trabalhando no jardim; elas notam em que fila do cinema vocês estão.

Fizemos convênios com o Senhor e o fato de liderarmos freqüentemente testa o nosso nível de comprometimento com esses convênios.

Disse uma jovem mãe: "É preciso despender muito tempo e energia a fim de sermos bons pais. Seria mais fácil deixar que meus filhos adormecessem diante da televisão enquanto arrumo a casa de noite e depois

colocá-los na cama, em vez de ler as escrituras e as histórias para eles e fazer as orações, para a seguir acomodá-los na cama. Eles, de fato, aguardam ansiosamente esse ritual noturno, e eu sei que esse investimento, mesmo quando estou muito cansada, terá conseqüências eternas". Os princípios constantes de liderança ajudam nossos jovens a fazerem escolhas sábias e, com isso, nossa confiança neles aumenta.

Lembro-me de certa ocasião quando tinha 16 anos e escutei uma conversa entre meus pais. Minha mãe estava preocupada com algumas escolhas que eu havia feito. Não se tratava de nenhum pecado grave, a não ser a imaturidade da juventude, mas minha mãe estava preocupada. O que meu pai disse causou-me forte impressão: "Não se preocupe", disse ele à minha mãe. "Confio em Sharon e sei que ela fará o que é certo." Aquelas horas que passamos juntos no campo renderam seus dividendos. Daquele momento em diante, eu sentia-me comprometida para com aqueles pais amorosos e confiantes.

Um dos grandes testes enfrentados por pais e líderes é amar aqueles que parecem não poder ser amados. Trata-se de uma responsabilidade difícil, que coloca à prova a nossa paciência e nossa habilidade de amar incondicionalmente. Quando os pais desconsolados oram pedindo ajuda, essa ajuda quase sempre surge, como anjos, na forma de tios e tias, avôs e avós, bons amigos e líderes que cercam o nosso ente querido. Essas pessoas reforçam nossa própria mensagem, que pode vir a colocar de volta no caminho nosso filho pelo qual oramos.

Quando amamos com sabedoria e lideramos com um propósito, estamos ajudando a deter a maré de iniqüidade ao prepararmos a próxima geração para os maravilhosos prazeres da paternidade. Nunca esquecemos a alegria de um filho de 12 anos que distribui o sacramento pela primeira vez, nem o dia em que ouvimos a oração sacramental ser proferida pela voz de um filho. Como explicar o que se sente ao ouvir uma filha prestar o testemunho do Salvador ou vê-la receber o medalhão das Moças?

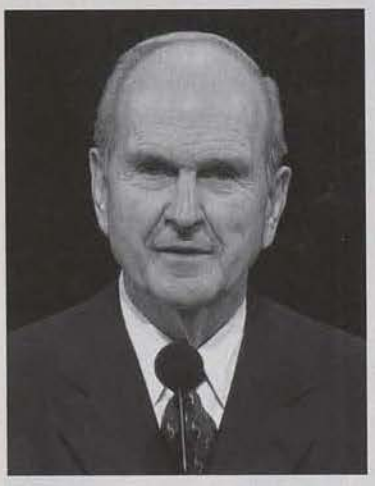
Vislumbramos o que deve ser o céu quando vemos um filho ou filha ajoelhados no altar do templo com um companheiro digno. Estão preparados para juntos iniciarem uma vida de promessas e realizações que ajudamos a nutrir. É esse o momento em que colhemos os frutos.

Encerro com meu testemunho, de que não estamos sozinhos nessa responsabilidade sagrada, que é a de ser pais, amar e liderar. Não há maior alegria. Vale o sacrifício, vale cada minuto de dificuldades, cada grama de paciência, disciplina pessoal e tolerância. "Se Deus é por nós, quem será contra nós?" (Romanos 8:31) Em nome de Jesus Cristo. Amém. □

"Ponha em Ordem Sua Casa"

Élder Russell M. Nelson
Do Quórum dos Doze Apóstolos

"Nossa família é o objetivo de nossa maior obra e alegria nesta vida; assim será ela por toda a eternidade."



Há alguns anos, quando várias de nossas filhas ainda eram adolescentes, a irmã Nelson e eu viajamos de férias com a família, bem longe de telefones e namorados. Planejamos uma viagem em um bote inflável pelo Rio Colorado, atravessando o Grand Canyon. Ao começarmos o passeio, não tínhamos idéia de como ele poderia ser perigoso.

O primeiro dia foi lindo. Mas no segundo, quando nos aproximamos das corredeiras do Horn Creek e vimos a descida extremamente íngreme à frente, fiquei apavorado. Navegando em um bote de borracha, nossa preciosa família estava-se aproximando de uma cascata. Coloquei, instintivamente, um braço em volta de minha mulher e o outro abraçando minha filha mais nova. Para protegê-las, tentei apertá-las contra mim. Mas, ao chegarmos ao precipício, o barco dobrou-se e atirou-me ao ar, como se fosse um enorme estilingue. Caí nas corredeiras agitadas do rio. Foi bem difícil voltar à tona. Cada vez que eu tentava tomar ar, batia com a cabeça na parte de baixo do bote. Minha família não conseguia me ver, mas eu podia ouvi-los gritando: "Pai! Onde está o papai?"

Finalmente achei a lateral do bote e voltei à superfície. A família puxou meu corpo semi afogado para fora da água. Ficamos gratos por estarmos em segurança juntos.

Os dias que se seguiram foram agradáveis e deliciosos. Chegou então o último, quando deveríamos atravessar uma cachoeira denominada Lava Falls, conhecida como o declive mais perigoso da viagem. Quando percebi o que vinha pela frente, imediatamente pedi que puxassem o bote para a margem, para realizarmos uma reunião de emergência do conselho de família. Sabia que se quiséssemos sobreviver àquela experiência, precisaríamos planejar tudo cuidadosamente. Argumentei com a família: "Aconteça o que acontecer, o bote de borracha ficará flutuando. Se nos segurarmos com toda a força às cordas amarradas no bote, conseguiremos. Mesmo que ele vire, ficaremos bem se nos segurarmos firmemente às cordas".

Voltei-me para minha filhinha de sete anos e disse-lhe: "Todos os outros vão agarrar-se firmemente a uma corda. Mas você terá que abraçar o papai. Sente-se atrás de mim e coloque seus braços ao meu redor e segure-se bem apertado, enquanto me agarro à corda".

E assim fizemos. Atravessamos aquelas corredeiras íngremes e agitadas — agarrando-nos à vida — e todos conseguimos fazê-lo em segurança.[1]

A LIÇÃO

Irmãos e irmãs, quase perdi a vida aprendendo uma lição que agora lhes transmito. Ao passarmos pela vida, quando estamos em águas agitadas, o impulso instintivo de um pai de agarrar-se firmemente à mulher ou aos filhos pode não ser a melhor maneira de alcançar seu objetivo. Em vez disso, se ele se agarrar ternamente ao Salvador e à barra de ferro do evangelho, sua família desejará agarrar-se a ele e ao Salvador.

Certamente esta lição não está limitada aos pais. A despeito do sexo, estado civil ou idade, as pessoas podem optar por ligar-se diretamente ao Salvador, agarrar-se à barra de Sua verdade e conduzir-se por meio da luz dessa verdade. Ao fazê-lo, tornam-se exemplos de justiça a quem os outros desejarão seguir de perto.

O MANDAMENTO

Para o Senhor, as famílias são indispensáveis. Ele criou a Terra para que pudéssemos ter um corpo físico e formássemos famílias.[2] Estabeleceu Sua Igreja para exaltar as famílias. Ele provê templos a fim de que as famílias possam ser unidas para sempre.[3]

É claro que Ele deseja que os pais presidam, sustentem e protejam a família.[4] Mas o Mestre pediu muito mais. Gravado nas escrituras sagradas está um mandamento de pôr "em ordem sua casa".[5] Uma vez que nós, como pais, compreendemos o significado e a importância dessa ordem, precisamos aprender a cumpri-la.

Apesar da grande multidão reunida no Centro de Conferências, os participantes ouvem atentamente cada orador.

COMO PÔR SUA CASA EM ORDEM

Para pormos nossa casa em uma ordem agradável ao Senhor, precisamos fazê-lo a Seu modo. Devemos empregar Seus atributos de "justiça, piedade, fé, amor, paciência e mansidão".[6] Cada pai deve lembrar-se de que "nenhum poder ou influência pode ou deve ser mantido em virtude do sacerdócio, a não ser com persuasão, com longanimidade, com brandura e mansidão e com amor não fingido".[7]

Os pais devem ser exemplos vivos de "bondade e conhecimento puro, que grandemente expandirão a alma".[8] Todas as mães e pais devem deixar de lado interesses egoístas e evitar qualquer pensamento de hipocrisia, força física ou murmurações.[9] Os pais aprendem logo que cada filho tem um anseio inato de ser livre. Cada pessoa deseja determinar seu próprio caminho. Ninguém quer ser reprimido, mesmo que seja por um pai ou mãe bem-intencionados. Mas todos nós podemos apegar-nos ao Senhor.

Séculos atrás, Jó ensinou esse conceito, quando disse: "À minha justiça me apegarei e não a largarei (. . .)".[10] Néfi também ensinou que: "(. . .) todos os que dessem ouvidos à palavra de Deus e a ela se apegassem; jamais pereceriam".[11]

Essas doutrinas são eternas como o evangelho e infinitas como a eternidade. Ponderem sobre essas admoestações das escrituras:

Lemos nos Provérbios, do Velho Testamento: "Apega-te à instrução e não a largues; guarda-a, porque ela é a tua vida".[12]

Do Novo Testamento: "(. . .) irmãos, estai firmes e retende as tradições que vos foram ensinadas".[13]

Do Livro de Mórmon, aprendemos a respeito de multidões que "avançavam continuamente agarradas à barra de ferro",[14] assemelhando-a "à palavra de Deus".[15] Alicerçada sobre a verdade, aquela barra de ferro não se altera e é imutável.

OUTRAS ORDENS DIVINAS

Não somente os pais devem agarrar-se à palavra do Senhor, mas têm uma ordem divina para ensiná-la aos filhos. As orientações das escrituras são bem claras: "(. . .) Se em Sião (. . .) houver pais que, tendo filhos *não* os ensinarem a compreender a doutrina do arrependimento, da fé em Cristo, o Filho do Deus vivo, e do batismo e do Dom do Espírito Santo pela imposição das mãos, quando tiverem oito anos, sobre a cabeça dos pais seja o pecado".[16]

Esse mandamento coloca a incumbência e responsabilidade pelo ensino dos filhos como uma obrigação explícita dos pais. A proclamação ao mundo relativa à família adverte que as pessoas "que deixam de cumprir suas responsabilidades familiares, deverão um dia responder perante Deus".[17] Reafirmo hoje, solenemente, essa realidade.

Para cumprir com esses deveres, precisamos tanto da Igreja como da família. Elas trabalham de mãos dadas para fortalecer uma à outra. A Igreja existe para exaltar a família. E a família é a unidade fundamental da Igreja.

Esses inter-relacionamentos são evidentes quando estudamos o início da história da Igreja. Em 1833, o Senhor repreendeu os jovens líderes de Sua Igreja devido a suas deficiências como pais. O Senhor disse: "(. . .) ordenei que criásseis vossos filhos em luz e verdade.

Mas, em verdade (. . .) digo-te (. . .).

Não ensinaste luz e verdade a teus filhos, segundo os mandamentos (. . .).

E agora te dou um mandamento (. . .) terás que pôr em ordem tua própria casa.[17] (. . .) primeiro, ponha em ordem sua casa".[18]

Essa revelação representa uma das muitas poderosas confirmações da integridade do Profeta Joseph Smith. Ele não tirou da escritura as palavras de dura repreensão, muito embora algumas delas fossem dirigidas a ele mesmo.[19]

Em nossos dias, a Primeira Presidência mais uma vez salientou o papel primordial dos pais. Cito, de sua recente carta aos santos: "Exortamos os pais a empenharem-se ao máximo para criarem seus filhos em princípios do evangelho que os mantenham próximos da Igreja. O lar é o alicerce de uma vida reta e nenhum outro recurso pode tomar o seu lugar ou desempenhar suas funções indispensáveis de cumprir esta responsabilidade designada por Deus".[20]

O QUE OS PAIS DEVEM ENSINAR?

Tendo em mente esse encargo sagrado, ponderemos o que devemos ensinar. As escrituras orientam os pais a ensinarem a fé em Jesus Cristo, o arrependimento, o batismo e o dom do Espírito Santo.[21] Os pais devem ensinar o plano de salvação[22] e a importância de viver em total harmonia com os mandamentos de Deus.[23] De outra forma, seus filhos indubitavelmente sofrerão por ignorarem a lei redentora e libertadora de Deus.[24] Os pais também devem ensinar por meio do exemplo como consagrar a vida — usando seu tempo, talentos e meios[25] para estabelecer a Igreja e reino de Deus na Terra.[26] Viver dessa forma abençoará literalmente sua posteridade. Uma escritura declara: "Teu dever será para com a igreja eternamente; e isto por causa de tua família".[27]

A OPOSIÇÃO À FAMÍLIA

Os pais e os filhos devem compreender que sempre haverá uma forte oposição à obra e à vontade do Senhor.[28] Porque a obra (e glória) de Deus é levar a efeito nossa imortalidade e vida eterna como família.[29] Conclui-se, logicamente, que a obra do adversário atacará diretamente o centro do lar — a família. Satanás ataca de modo incansável a santidade da vida e a alegria da paternidade.

Visto que o maligno está permanentemente trabalhando, nossa atenção não pode arrefecer — nem mesmo por um momento. Um pequeno convite, aparentemente inocente, pode transformar-se em uma grande tentação que nos levará a um trágico pecado. Noite e dia, em casa ou fora, precisamos evitar o pecado e "[reter] o bem".[30]

Os males sediciosos da pornografia, do aborto e do vício pernicioso em substâncias prejudiciais servem como cupins que minam as forças morais de um lar feliz e de uma família fiel. Não podemos entregar-nos a nenhuma iniqüidade sem colocarmos em risco nossa família.

Satanás deseja que sejamos tão miseráveis quanto ele.[31] Ele quer incitar nossos apetites carnais, seduzir-nos para viver em escuridão espiritual e duvidar da realidade da vida após a morte. O Apóstolo Paulo observou: "Se esperamos em Cristo só nesta vida, somos os mais miseráveis de todos os homens".[32]

PERPETUAÇÃO DAS BÊNÇÃOS FAMILIARES

No entanto, a compreensão do grande plano de felicidade de Deus fortifica nossa fé no futuro. Seu plano traz respostas a perguntas que atravessam os tempos: Nossa afinidade e amor mútuo serão apenas temporários — que se perdem na morte? Não! A vida familiar pode permanecer além desse período de provação mortal? Sim! Deus revelou a natureza eterna do casamento celestial e a família como a fonte de nossa maior alegria.

Irmãos e irmãs, os bens materiais e as honrarias do mundo não duram. Só nossa união como marido, mulher e família. A única duração da vida familiar que satisfaz aos anseios mais elevados da alma humana é a eterna. Nenhum sacrifício é grande demais para se conseguir as bênçãos de um casamento eterno. Para qualificar-se, a pessoa precisa apenas abster-se da iniqüidade e respeitar as ordenanças do templo. Ao fazer e guardar convênios sagrados do templo, podemos evidenciar nosso amor a Deus, a nosso cônjuge e um interesse verdadeiro por nossa posteridade — até mesmo aos que ainda não nasceram. Nossa família é o objetivo de nossa maior obra e alegria nesta vida; assim será ela por toda a eternidade, quando poderemos herdar "tronos, reinos, principados e poderes, domínios (. . .) exaltação e glória".[33]

Essas bênçãos inestimáveis poderão ser nossas se pusermos nossa casa em ordem agora e nos apegarmos fielmente ao evangelho. Deus vive. Jesus é o Cristo. Esta é Sua Igreja. O Presidente Gordon B. Hinckley é Seu profeta. Disso eu testifico no nome sagrado de Jesus Cristo. Amém. □

NOTAS

1. Ver Russell M. Nelson e Rebecca M. Taylor, "Friend to Friend", *Friend*, março de 1997, pp. 6–7.
2. Ver D&C 2:1–3.
3. Ver D&C 138:47–48.
4. Ver I Timóteo 5:8.
5. D&C 93:44; ver também II Reis 20:1;

Isaías 38:1.
6. I Timóteo 6:11.
7. D&C 121:41.
8. D&C 121:42.
9. Ver I Pedro 2:1.
10. Jó 27:6.
11. 1 Néfi 15:24.
12. Provérbios 4:13.
13. II Tessalonicenses 2:15. Outras escrituras relacionadas incluem "Conserva o modelo das sãs palavras que de mim tens ouvido, na fé e no amor que há em Cristo Jesus" (II Tim. 1:13), e "Retenhamos firmes a confissão da nossa esperança". (Heb. 10:23)
14. 1 Néfi 8:30.
15. 1 Néfi 11:25.
16. D&C 68:25; grifo do autor.
17. "A Família: Proclamação ao Mundo", *A Liahona*, outubro de 1998, p. 24.
18. D&C 93:40–44.
19. Ver D&C 93:47.
20. Nessa carta, datada de 11 de fevereiro de 1999, assinada pelos Presidentes Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson e James E. Faust, eles também descreveram o que os pais podem fazer: "Aconselhamos os pais e os filhos a darem a maior prioridade à oração familiar, reunião familiar, estudo e instruções do evangelho, e atividades familiares salutares. Por mais dignas e adequadas que sejam outras exigências ou atividades, não se deve permitir que elas substituam os deveres divinamente indicados que apenas os pais e as famílias podem desempenhar adequadamente". ("Carta da Primeira Presidência", *A Liahona*, dezembro de 1999, p. 1)
21. Ver Morôni 8:10; D&C 19:31; 68:25–34; 138:33; Regras de Fé 1:4.
22. Ver Moisés 6:58–62.
23. Ver Levítico 10:11; Deuteronômio 6:7; Mosias 4:14.
24. Ver 2 Néfi 2:26; Mosias 1:3; 5:8; D&C 98:8.
25. Ver Mosias 4:21–26; 18:27; Alma 1:27.
26. Ver TJS Mat. 6:38.
27. D&C 23:3.
28. Ver Morôni 7:12–19.
29. Ver Moisés 1:39.
30. I Tessalonicenses 5:21.
31. Ver 2 Né. 2:17–18, 27.
32. I Coríntios 15:19.
33. D&C 132:19.

Os Tempos em que Vivemos

Presidente Gordon B. Hinckley

"Nossa segurança reside no arrependimento. Nossa força provém da obediência aos mandamentos de Deus."

Amados irmãos e irmãs, aceito esta oportunidade com humildade. Oro para ser guiado pelo Espírito do Senhor no que vou falar.

Acabei de receber uma nota informando que os Estados Unidos estão lançando um ataque de mísseis. Não preciso lembrá-los de que vivemos em tempos perigosos. Desejo falar-lhes acerca destes tempos e nossas circunstâncias como membros desta Igreja.

Todos vocês têm conhecimento vívido dos acontecimentos de 11 de setembro, há menos de um mês. Devido a esse ataque perverso e horrendo, entramos em estado de guerra. É a primeira guerra do século 21. O século passado foi descrito como o mais castigado por guerras na história da humanidade. Agora estamos prestes a iniciar outra incursão perigosa, cujos desdobramentos e desfecho desconhecemos. Pela primeira vez desde que nos tornamos uma nação, os Estados Unidos foram atacados seriamente em seu território continental. Mas este ataque não foi apenas contra os Estados Unidos. Foi um ataque contra homens e nações de bem em todo o mundo. Foi planejado com cuidado, executado com audácia e os resultados foram desastrosos. Estima-se que mais de 5.000 pessoas inocentes tenham morrido. Entre elas, havia muitas vítimas de outros países. Foi algo cruel e astuto, um ato de extrema maldade.

Recentemente, ao lado de alguns líderes religiosos nacionais, fui convidado à Casa Branca para reunir-me com o Presidente. Ao conversar conosco, ele foi franco e direto.

Naquela mesma noite, ele fez um pronunciamento ao Congresso Nacional usando palavras inequívocas sobre a determinação dos Estados Unidos e suas nações amigas de localizar os terroristas que foram responsáveis pelo planejamento desse ato terrível e todos os que lhes tenham dado cobertura.

Agora estamos em guerra. Grandes forças estão sendo mobilizadas, e continuarão a ser. Alianças políticas estão-se formando. Não sabemos quanto tempo durará este conflito. Não sabemos quanto custará em vidas humanas e em recursos financeiros.

As pessoas aglomeram-se no Centro de Conferências durante cada sessão, buscando forças nos conselhos dos líderes da Igreja.

Não sabemos de que forma ele se conduzirá. Isso poderá repercutir no trabalho da Igreja de diversas maneiras.

Nossa economia nacional sofreu um forte abalo. Ela já estava em dificuldade, e isso veio a somar-se ao problema. Muitas pessoas estão perdendo o emprego. Entre nosso povo, isso poderá afetar as necessidades de bem-estar e também o dízimo da Igreja. Poderá afetar nosso programa missionário.

Hoje somos uma organização global. Temos membros em mais de 150 países. A administração deste vasto programa mundial poderá tornar-se sensivelmente mais difícil.

Nós, que somos cidadãos norte-americanos, apoiamos firmemente o presidente de nossa nação. As terríveis forças do mal devem ser confrontadas e devem responder por seus atos. Não se trata de um conflito de cristãos contra muçulmanos. Fico feliz ao ver que alimentos estão sendo distribuídos às pessoas famintas de uma nação sob a mira das armas. Prezamos nossos vizinhos muçulmanos em todo o mundo e esperamos que aqueles que pautam a vida pelos padrões de sua fé não sofram. Peço em especial que nosso povo não se mobilize de forma alguma para perseguir inocentes. Muito pelo contrário, sejamos amistosos e prestativos e ofereçamos proteção e apoio. São as organizações terroristas que devem ser combatidas e destruídas.

Nós, membros da Igreja, temos algum conhecimento de tais grupos. O Livro de Mórmon fala a respeito dos ladrões de Gadiânton, uma organização secreta perniciosa e baseada em juramentos, cujo único fito era praticar o mal e a destruição. Em sua época, eles fizeram tudo a seu alcance, lançando mão de quaisquer meios existentes, para destruir a Igreja, iludir as pessoas com sofismas e tomar o poder na sociedade. Vemos as mesmas coisas na situação atual.

Somos um povo de paz. Somos seguidores do Cristo que era e é o Príncipe da Paz. Mas há momentos em que precisamos erguer-nos em defesa do que é certo e decente, da liberdade e da civilização, assim como Morôni arregimentou o povo em sua época para defender as esposas, filhos e a causa da liberdade. (Ver Alma 48:10.)

No programa de televisão de Larry King há alguns dias, perguntaram-me o que eu achava das pessoas que, em nome de sua religião, realizam atos de tal natureza infame. Respondi: "A religião não oferece abrigo à iniqüidade, ao mal e a esse tipo de coisas. O Deus em quem acredito não apóia esse tipo de coisa. Ele é um Deus de misericórdia. Ele é um Deus de amor. É um Deus de paz e serenidade, e busco-O em momentos assim, como consolo e fonte de força".

Os membros da Igreja nesta e em outras nações hoje estão envolvidos com muitos outros num grande esforço internacional. Na televisão, vemos integrantes das forças armadas deixando entes queridos sem saber se voltarão. Isso está afetando o lar de nosso povo. Em união, como Igreja, precisamos ajoelhar-nos e invocar os poderes do Todo-Poderoso em favor daqueles que carregarão o fardo desse conflito.

Ninguém sabe quanto tempo isso vai durar. Ninguém sabe precisamente onde vão ser travados os combates. Ninguém sabe quais serão as conseqüências antes do fim do conflito. Iniciamos uma empreitada cuja magnitude e natureza não conseguimos visualizar neste momento.

Ocasiões como esta levam-nos à percepção dolorosa de que a vida é frágil, a paz é frágil e a própria civilização é frágil. A economia, em especial, é vulnerável. Recebemos tantas e tantas vezes conselhos para sermos auto-suficientes no que tange às dívidas e ao uso parcimonioso de

nossos recursos. Muitos de nosso povo estão enormemente endividados por causa de coisas que não são totalmente necessárias. Quando eu era jovem, meu pai aconselhou-me a construir uma casa modesta, suficiente para atender às necessidades de minha família e a torná-la bela, atraente, agradável e segura. Ele aconselhou-me a pagar a hipoteca o mais rápido possível para que, a despeito do que viesse a acontecer, eu tivesse um teto para abrigar minha esposa e filhos. Fui criado com esse tipo de doutrina. Exorto-os, como membros da Igreja, a livrarem-se das dívidas tão logo seja possível e a terem uma reserva financeira para dias difíceis.

Não podemos fazer frente a todas as contingências, mas podemos enfrentar muitas delas. Espero que a situação atual nos ajude a lembrar que devemos fazer isso.

Conforme nos é aconselhado há mais de 60 anos, armazenemos alimento suficiente para nossa sobrevivência em caso de necessidade. Mas não entremos em pânico nem tomemos atitudes extremas. Sejamos prudentes em todos os aspectos. E, acima de tudo, meus irmãos e irmãs sigamos avante com fé no Deus vivo e em Seu Filho Amado.

Grandes são as promessas relativas a esta terra, a América. É-nos dito de maneira inequívoca que ela é uma "terra escolhida; e qualquer nação que a habitar se verá livre da servidão e do cativeiro e de todas as outras nações debaixo do céu, se apenas servir ao Deus da terra, que é Jesus Cristo". (Éter 2:12) Esse é o ponto crucial da questão — a obediência aos mandamentos de Deus.

A Constituição sob a qual vivemos e que não só nos abençoou, mas também serviu de modelo para outras constituições, é nossa defesa nacional inspirada por Deus que garante a liberdade, justiça e igualdade perante a lei.

Não sei o que o futuro nos reserva. Não quero passar a impressão de negativismo, mas desejo trazer-lhes à memória as advertências das escrituras e os ensinamentos dos

profetas que estão constantemente diante de nós.

Não consigo esquecer a grande lição do sonho do Faraó sobre as vacas magras e vacas gordas e as espigas de milho grandes e as miúdas.

Não consigo tirar da mente as duras advertências do Senhor contidas no capítulo 24 de Mateus.

Tenho conhecimento, assim como vocês, das declarações contidas nas revelações modernas que indicam que tempo virá em que a Terra será purificada e haverá angústia indescritível, com pranto, desolação e lamento. (Ver D&C 112:24.)

Mas não quero ser alarmista. Não quero ser um mensageiro de desgraças. Estou otimista. Não creio que tenhamos chegado ao dia das calamidades finais que um dia assolarão a Terra. Oro sinceramente para que não seja assim. Há muito ainda a ser feito na obra do Senhor. Nós, assim como nossos filhos que nos sucederão, precisamos realizá-la.

Posso garantir-lhes que nós, que somos responsáveis pela administração dos negócios da Igreja, seremos prudentes e cautelosos, assim como procuramos ser no passado. Os dízimos da Igreja são sagrados. Eles são empregados da maneira estabelecida pelo próprio Senhor. Tornamo-nos uma organização muito grande e complexa. Desenvolvemos muitos programas extensos e dispendiosos. Mas posso garantir-lhes que não excederemos nossa renda. Não permitiremos que a Igreja se endivide. Adaptaremos nossas atividades de acordo com os recursos de que dispusermos.

Como sou grato pela lei do dízimo. É a lei financeira do Senhor. Suas bases estão contidas em breves palavras da seção 119 de Doutrina e Convênios. Ela é fruto da sabedoria do Senhor. A todos os homens e mulheres, a todos os rapazes e moças, a todas as crianças desta Igreja que pagam um dízimo honesto, seja grande ou pequeno, expresso gratidão pela fé do seu coração. Lembro a vocês, bem como àqueles que não pagam o dízimo, mas que deveriam, que o Senhor prometeu bênçãos maravilhosas. (Ver Malaquias 3:10–12.) Ele também prometeu que "aquele que paga o dízimo não será queimado na sua vinda". (D&C 64:23)

Externo minha gratidão aos que fazem ofertas de jejum. Isso não custa nada ao doador, apenas que ele se abstenha de duas refeições por mês. Essa é a base do nosso programa de bem-estar, que tem como objetivo auxiliar as pessoas em dificuldades.

Todos nós sabemos que a guerra, as contendas, o ódio e os sofrimentos de toda sorte não são novos. O conflito que vemos hoje, nada mais é que um reflexo do conflito que começou com a guerra no céu. Vou citar o livro de

Apocalipse:

"E houve batalha no céu; Miguel e os seus anjos batalhavam contra o dragão, e batalhavam o dragão e os seus anjos;

Mas não prevaleceram, nem mais o seu lugar se achou nos céus.

E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, chamada o Diabo, e Satanás, que engana todo o mundo; ele foi precipitado na terra, e os seus anjos foram lançados com ele.

E ouvi uma grande voz no céu, que dizia: Agora é chegada a salvação, e a força, e o reino do nosso Deus, e o poder do seu Cristo." (Apocalipse 12:7–10)

Esse deve ter sido um conflito terrível. As forças do mal opuseram-se às forças do bem. O pai de todas as mentiras, o filho da manhã, foi derrotado e banido e levou consigo um terço das hostes celestiais.

O livro de Moisés e o livro de Abraão trazem mais esclarecimentos sobre esse grande conflito. Satanás desejava tirar o arbítrio do homem e tomar para si todos os louros, honra e glória. Em contraposição a isso, havia o plano do Pai, e o Filho disse que o cumpriria. De acordo com esse plano, Ele viria à Terra e daria Sua vida para expiar os pecados da humanidade.

Desde os dias de Caim até o presente, o adversário tem sido o autor intelectual dos terríveis conflitos que produziram grande sofrimento.

A traição e o terrorismo começaram com ele. E continuarão até que o Filho de Deus retorne para governar e reinar com paz e bondade entre os filhos e filhas de Deus.

Ao longo dos séculos, muitos, mas muitos homens e mulheres viveram e morreram. Alguns talvez morram no conflito que está à frente. Para nós, e prestamos testemunho solene disto, a morte não será o fim. Existe vida após a morte, tão certo como há vida aqui. Por meio do grande plano que se tornou a própria essência da Guerra no Céu, os homens continuarão a viver.

Jó perguntou: "Morrendo o homem, porventura tornará a viver?" (Jó 14:14) Então, ele declarou: "Porque eu sei que o meu Redentor vive, e que por fim se levantará sobre a terra.

E depois de consumida a minha pele, contudo ainda em minha carne verei a Deus,

Vê-lo-ei, por mim mesmo, e os meus olhos, e não outros (. . .)". (Jó 19:25–27)

Assim, irmãos e irmãs, precisamos cumprir nosso dever qualquer que seja ele. Talvez a paz nos seja negada durante algum tempo. Talvez algumas de nossas liberdades nos sejam diminuídas. Talvez venhamos a passar por incômodos. Talvez até venhamos a padecer de uma forma ou de outra. Mas Deus, nosso Pai Eterno, velará por esta nação, e todo o mundo civilizado se voltará para Ele. Ele declarou, "Bem-aventurada é a nação cujo Deus é o Senhor". (Salmos 33:12) Nossa segurança reside no arrependimento. Nossa força provém da obediência aos mandamentos de Deus.

Oremos sempre. Oremos pedindo retidão. Oremos pelas forças do bem. Estendamos a mão para ajudar os homens e mulheres de boa vontade, seja qual for sua orientação religiosa e onde quer que eles residam. Permaneçamos firmes contra o mal, tanto em casa como no exterior. Vivamos de modo a merecer as bênçãos do céu, modificando nossa vida no que for necessário e buscando a Ele, o Pai de todos nós. Ele disse: "Aquietai-vos, e sabei que eu sou Deus". (Salmos 46:10)

Estes são tempos perigosos? São. Mas não há razão para temer. Podemos ter paz em nosso coração e paz em nosso lar. Podemos ser uma influência para o bem neste mundo, cada um de nós pode.

Que o Deus do céu, o Todo-Poderoso, nos abençoe e nos ajude ao trilharmos nossos vários caminhos nos dias incertos que estão à frente. Que nos voltemos para Ele com fé inabalável. Que depositemos com dignidade nossa confiança em Seu Filho Amado, que é nosso grande Redentor, seja na vida ou na morte, é minha oração em Seu sagrado nome, sim o nome de Jesus Cristo. Amém. □

Sessão da Tarde de Domingo
7 de outubro de 2001

O Ex-Missionário

Élder L. Tom Perry
Do Quórum dos Doze Apóstolos

"O que precisamos é de um exército de ex-missionários dignos, realistados para servir."

Nesta tarde, quero falar a um grupo específico. Nos últimos anos, milhares de vocês voltaram de uma missão de tempo integral. Cada um respondeu ao mesmo chamado que o Salvador fez a Seus discípulos:

"Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo;

Ensinando-os a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos." (Mateus 28:19–20)

Vocês tiveram o privilégio de ir a muitas partes do mundo para levar a mensagem do Salvador — um convite para nos achegar a Ele e desfrutar das bênçãos do evangelho. Foram privilegiados por morarem em países diferentes e aprenderem outros idiomas. Foi também a época de edificarem seu testemunho pessoal do ministério de Jesus Cristo.

Tive a honra de visitar ex-missionários ao longo dos anos — muitos dos quais tinham grande desejo de rever as pessoas a quem tiveram o privilégio de servir. Vocês têm um grande desejo de compartilhar as experiências que tiveram no campo missionário. Em seu convite de casamento e em seus currículos de empregos vocês inserem uma linha que os identifica como ex-missionários. Embora não usem mais uma plaqueta de missionário, vocês ficam ansiosos para contar que serviram ao Senhor como missionários. Além disso, vocês têm boas recordações porque descobriram a alegria de servir na causa do evangelho.

Soube também, pelas várias conversas que tive com vocês, que a adaptação após saírem do campo missionário e o retorno ao mundo que haviam deixado para trás é às vezes complicado. Talvez tenha sido difícil para muitos de vocês manter vivo o espírito do trabalho missionário por não estarem mais servindo como missionários de tempo integral d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Gostaria de dar-lhes algumas sugestões.

Uma das lembranças mais significativas que tenho como missionário é a de como me aproximei do Senhor pela prática constante da oração. Na minha época, a Casa da Missão situava-se na State Street em Salt Lake City. Ficava numa casa grande que se transformara num centro de treinamento missionário. Havia dormitórios amplos com talvez dez camas. Chegamos num domingo à noite.

A semana anterior à minha chegada ao campo missionário foi bastante agitada. Houve muitas festas e despedidas. Creio que não descansei nem me preparei o suficiente para o treinamento que iria receber na Casa da Missão. No fim da noite do nosso primeiro dia na Casa da Missão, eu estava exausto. Enquanto esperava os outros missionários se prepararem para dormir, deitei-me na cama e caí no sono. Meu sono, contudo, foi interrompido pela sensação de estar rodeado por pessoas. Quando comecei a acordar, ouvi as palavras de uma oração. Abri um olho e, para minha surpresa, vi todos os élderes do meu dormitório ajoelhados em volta da minha cama, encerrando o dia com uma oração. Fechei rapidamente o olho e agi como se estivesse dormindo. Fiquei muito sem graça de me levantar e juntar-me a eles. Embora como missionário minha primeira experiência acerca da oração tivesse sido embaraçosa, esse foi o início de dois anos maravilhosos de orações constantes, pedindo a orientação do Senhor.

Durante minha missão, eu orava com meu companheiro todas as manhãs para começar o dia. O processo repetia-se todas as noites antes de dormirmos. Orávamos antes de estudar, antes de sair do apartamento para fazer proselitismo e, claro, orávamos quando precisávamos de uma orientação especial no trabalho missionário. A freqüência de nossas súplicas ao Pai Celestial deu-nos força e coragem para prosseguir no trabalho para o qual havíamos sido chamados. As respostas surgiam, às vezes de maneira extraordinariamente direta e positiva. Quanto mais orávamos ao Senhor pedindo orien-

tação maior parecia a influência do Espírito.

Quando olho para trás e vejo minha vida após a missão, sei que houve períodos em que fui capaz de manter a mesma proximidade que tinha com o Senhor no campo missionário. Houve também períodos em que as atividades do mundo me pareciam ser mais importantes, e minhas orações eram menos freqüentes e menos fervorosas.

Não seria essa uma boa oportunidade de fazer uma pequena auto-avaliação para determinar se ainda temos com o Pai Celestial a mesma relação de que desfrutávamos no campo missionário? Se o mundo nos desviou da oração, então perdemos um grande poder espiritual. Talvez seja hora de reascender o espírito missionário por meio de orações mais significativas, mais freqüentes e fervorosas.

A outra boa recordação que tenho como missionário é a de estudar diariamente as escrituras. O compromisso de seguir um plano de estudo para aprender o evangelho foi uma experiência maravilhosa e gratificante. O conhecimento dos ensinamentos das escrituras revelava-se de maneira gloriosa por meio do estudo individual. Como missionário, lembro-me de ficar maravilhado com a maneira pela qual o Senhor preparara todo um plano para que Seus filhos viessem à Terra; como, em todas as dispensações, Ele inspirara a mente de Seus profetas para que registrassem Seus procedimentos para com os homens. Suas palavras eram sempre positivas e diretas, revelando as bênçãos de cumprirmos Sua lei e procedermos à Sua maneira.

Tirávamos também uma hora ou mais, todos os dias, para estudar as escrituras juntos. O fato de dois pares de olhos examinarem a doutrina do reino parecia multiplicar nosso entendimento. Nós líamos juntos, depois trocávamos idéias.

Nosso entendimento foi ampliado por praticarmos diariamente o estudo indidivual e em dupla. Isso nos aproximou como companheiros e aumentamos nossa compreensão das doutrinas do reino.

Quando saímos do campo missionário, não temos mais companheiros para nos ajudar a disciplinar nossos hábitos de estudo, mas isso não significa que a prática deva ser interrompida. Ao voltarmos para casa, como seria maravilhoso manter, com a família, um estudo diário das escrituras. Se não estivermos morando com a família, não poderemos convidar nossos colegas de quarto ou amigos para estudar conosco? A prática de estudar regularmente nos ajudará a manter claras as doutrinas do reino em nossa mente e nos protegerá da persistente intrusão de preocupações mundanas. Claro que, quando casamos, temos companheiros eternos com quem podemos estudar e compartilhar os ensinamentos do evangelho. As escrituras estão sempre à nossa disposição para aprofundar nossa compreensão do propósito da vida e do que precisamos fazer para tornar a vida mais completa e gratificante. Por favor, mantenham viva a prática do estudo regular das escrituras tanto individual como em conjunto.

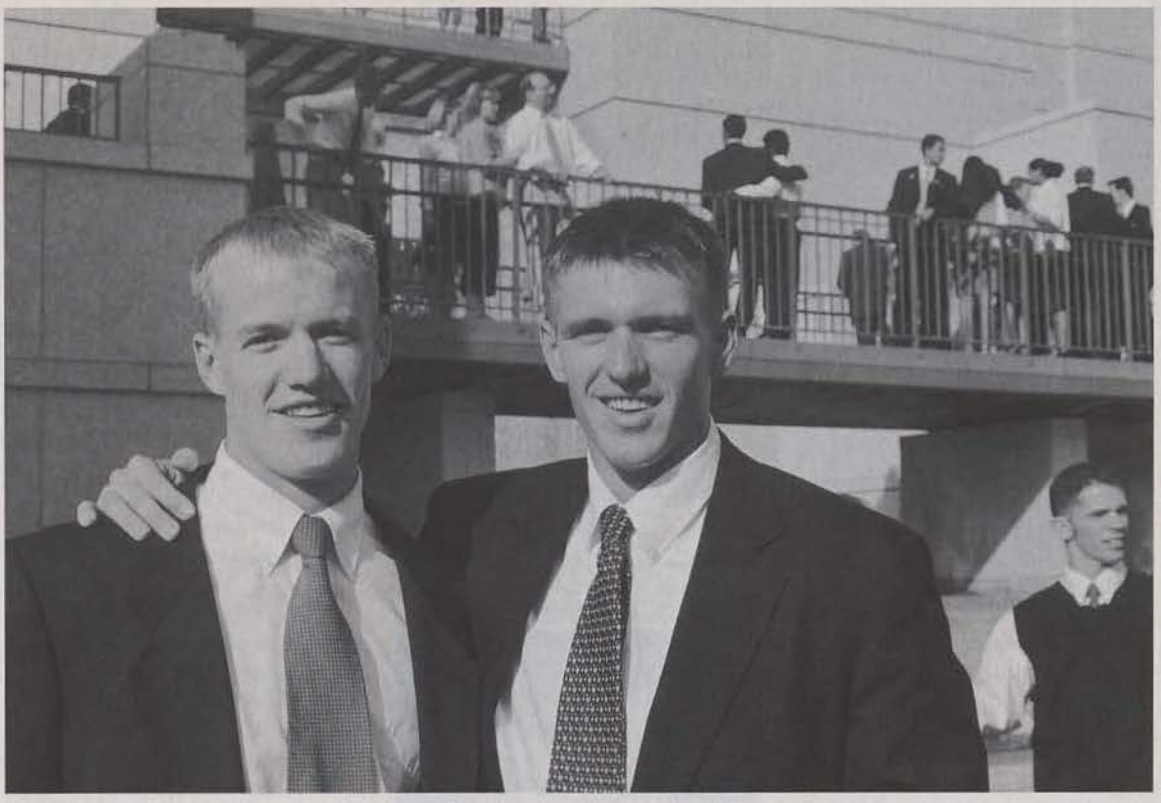
Vocês se lembram da alegria de ensinar o evangelho a alguém que nunca na vida teve acesso a esses ensinamentos, a emoção de ensinar a lei do Senhor e as bênçãos que recebemos por segui-Lo? Conseguiriam esquecer a alegria de seu primeiro batismo no campo missionário?

Na minha época, as capelas não tinham pias batismais. Meu primeiro batismo foi realizado no rio Scioto, no Estado de Ohio. Era um dia frio de outono, e a água parecia mais fria do que o ar. Lembro-me do choque de entrar naquela água gelada, enquanto encorajava nosso pesquisador a seguir-me. A temperatura fria da água e do ar, contudo, deixou de ser um incômodo quando comecei a realizar a ordenança. A visão do rosto radiante da pessoa que saiu das águas do batismo é uma imagem que jamais esquecerei.

As oportunidades de ensinar o evangelho e batizar não são exclusivas àqueles que usam uma plaqueta de missionário de tempo integral. Fico pensando por que permitimos que o desejo de trabalhar na obra missionária diminua quando voltamos para nossas atividades diárias.

Nunca houve um tempo na história da humanidade na qual estivéssemos mais bem preparados para ensinar o evangelho aos filhos do Pai Celestial aqui na Terra do que agora. E parece que eles precisam mais disso do que nunca. Vemos que a fé das pessoas está deteriorando-se. Há um amor cada vez maior pelas coisas do mundo e uma escassez de valores morais que causarão sofrimento e desespero cada vez maiores. O que precisamos é de um exército de ex-missionários dignos, realistados para servir. Embora não usem a plaqueta de missionário de tempo integral, podem ter a mesma resolução e determinação de levar a luz do evangelho ao mundo que luta para encontrar seu caminho.

Peço aos ex-missionários que se dediquem novamente, que cultivem outra vez o espírito da obra missionária e o desejo de servir. Peço-lhes que se pareçam com missionários do Pai Celestial, que sirvam e ajam como eles. Oro para que vocês renovem sua determinação de proclamar o evangelho para que estejam mais



Participantes da conferência, no terraço e na praça do Centro de Conferências, apreciam a vista.

envolvidos nessa grande obra na qual o Senhor nos chamou para trabalhar. Quero prometer-lhes que há grandes bênçãos reservadas a vocês se continuarem com o zelo que possuíam como missionários de tempo integral.

Alguns anos atrás, recebi um telefonema de meu filho, Lee. Ele me disse que o meu primeiro companheiro, na missão, estava hospedado na casa de um vizinho e que gostaria de me ver. Eu e Lee fomos visitar meu primeiro companheiro na casa de sua filha onde ele estava hospedado. Foi uma experiência muito boa estar com ele após tantos anos. Quando éramos missionários, tivemos a oportunidade de iniciar o trabalho missionário em uma cidade de Ohio. Por causa dessa designação, trabalhamos juntos durante dez meses. Foi ele quem me treinou e também foi meu primeiro companheiro. Ele veio de uma família que lhe ensinara a importância de trabalhar arduamente. Para mim era difícil acompanhá-lo, mas servindo juntos fomos aproximando-nos como companheiros.

Nosso companheirismo não terminou depois de dez meses de designação. Começara a Segunda Guerra Mundial e, quando voltei para casa, tive bem pouco tempo para adaptar-me à vida normal antes de entrar para o serviço militar. No meu primeiro domingo no campo de treinamento militar, fui a uma reunião de membros da Igreja onde vi uma pessoa de costas que me pareceu bastante familiar. Era meu primeiro companheiro. Passamos juntos a maior parte dos dois anos e meio que se seguiram. Embora as circunstâncias fossem muito diferentes para nós no exército, tentamos continuar a agir como na época de nossa missão. Sempre que possível, orávamos juntos. Quando a situação permitia, estudávamos juntos as escrituras. Lembro-me de muitas sessões de estudo em conjunto à luz de uma lanterna em minha barraca toda furada de balas. Várias vezes, nosso estudo foi interrompido pelo som de uma sirene de bombardeio. Desligávamos então rapidamente a lanterna, nos ajoelhávamos e encerrávamos nosso estudo com uma oração.

Nós dois fomos designados líderes de grupo e tivemos novamente a oportunidade de ensinar juntos o glorioso evangelho de nosso Senhor e Salvador. Tivemos mais sucesso no exército do que quando éramos missionários de tempo integral. Por quê? Porque como ex-missionários tínhamos mais experiência.

Essa visita ao meu primeiro companheiro foi a última oportunidade que tive de vê-lo. Ele estava com uma doença incurável e morreu alguns meses depois. Foi uma experiência maravilhosa reviver juntos a nossa missão e, depois, conversar sobre nossa vida após o serviço missionário. Conversamos a respeito do nosso trabalho no bispado, no sumo conselho, em presidências de estaca e,

claro, falamos com muito orgulho de nossos filhos e netos. Quando sentamos para conversar e sentimos a emoção de estarmos juntos novamente, não pude deixar de lembrar do relato que se encontra no capítulo 17 do Livro de Alma:

"E então aconteceu que quando Alma viajava da terra de Gideão para o sul, em direção à terra de Mânti, eis que, para seu assombro, encontrou os filhos de Mosias, que se dirigiam à terra de Zaraenla.

Ora, esses filhos de Mosias estavam com Alma na ocasião em que o anjo lhe apareceu pela primeira vez; portanto Alma se regozijou muito por haver encontrado seus irmãos; e o que o alegrou ainda mais foi que eles ainda eram seus irmãos no Senhor; sim, e haviam-se fortalecido no conhecimento da verdade; porque eram homens de grande entendimento e haviam examinado diligentemente as escrituras para conhecerem a palavra de Deus.

Isto, porém, não é tudo; haviam-se devotado a muita oração e jejum; por isso tinham o espírito de profecia e o espírito de revelação; e quando ensinavam, faziam-no com poder e autoridade de Deus." (Alma 17:1–3)

Gostaria que todos vocês tivessem uma experiência semelhante a que eu tive com meu primeiro companheiro de missão; que vocês pudessem parar e refletir numa época em que serviram e doaram diligentemente seu tempo e talentos para a edificação do reino do Pai Celestial na Terra. Se vocês tentarem colocar isso em prática, prometo que essa será uma das experiências mais emocionantes de sua vida. Vocês são um grande exército de ex-missionários. Prossigam com novo zelo e determinação e, por meio de seu exemplo, façam brilhar a luz do evangelho neste mundo atribulado. Esse é o trabalho do Senhor no qual estamos engajados. Deus vive. Jesus é o Cristo. Pertencemos à Sua Igreja. Esse é o testemunho que presto a vocês em nome de Jesus Cristo. Amém. □

O Sétimo Mandamento: Um Escudo

Élder Neal A. Maxwell
Do Quórum dos Doze Apóstolos

"A obediência ao sétimo mandamento é um escudo *absolutamente vital! Se o baixarmos ou o perdermos, perderemos também as muito necessárias bênçãos do céu."*

Assim como vocês, meus irmãos e irmãs, fiquei grato uma vez mais pelo ministério profético do Presidente Hinckley. Testifico que ele foi preordenado a muito, muito tempo atrás e ficamos felizes por isso.

Compartilho a relutância expressa por Jacó ao abordar a questão da promiscuidade e da infidelidade, que são a violação da lei que alguns chamam de o sétimo mandamento. Preocupado porque muitos daqueles que o ouviam tinham sentimentos "sumamente ternos e castos e delicados", Jacó não queria "aumentar as feridas dos que já estão feridos, em vez de consolá-los e curar-lhes as feridas". (Jacó 2:7, 9) Não obstante, as palavras de Jacó sobre as severas conseqüências da imoralidade são um poético diagnóstico: "Muitos corações pereceram, traspassados por profundas feridas". (Jacó 2:35) Vivemos hoje em meio a muitas pessoas que sofrem com essas feridas, e seu número continua crescendo.

Por esse motivo, as verdades consoladoras do evangelho devem ser devidamente ressaltadas, tal como a de que mesmo que seus "pecados sejam como a escarlata", eles poderão tornar-se "brancos como a neve", se as pessoas verdadeiramente se arrependerem. (Isaías 1:18) Mas os rigorosos requisitos e as ricas recompensas do arrependimento não são o propósito deste discurso. Também não me aterei ao merecido louvor dos muitos jovens e adultos valorosos que mantêm a castidade e a fidelidade, mesmo quando, apenas uma minoria cada vez menor da sociedade americana acredite atualmente que as relações sexuais antes do casamento sejam erradas. Elogiamos, portanto, aqueles que têm *fé para obedecer* a esses mandamentos, bem como os que têm "*fé para o arrependimento*", (Alma 34:15; grifo do

autor) quando esses mandamentos são quebrados.

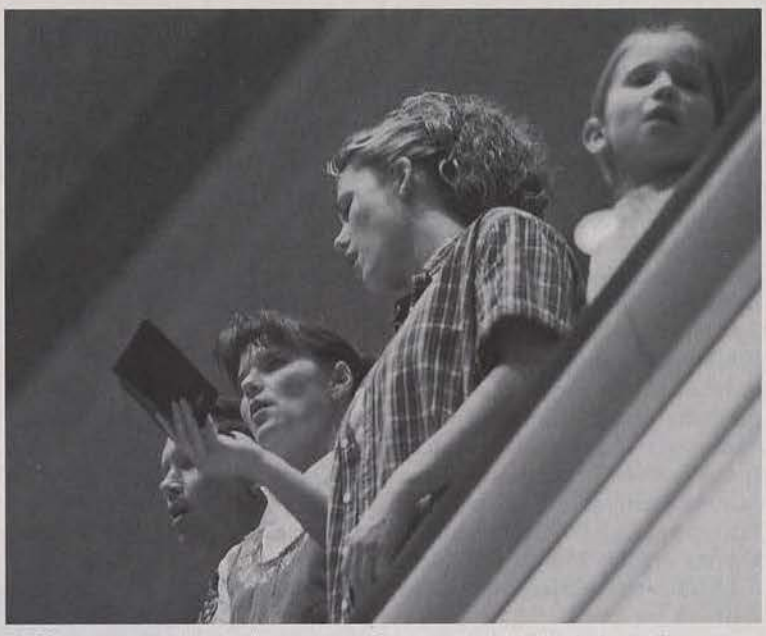
É bem evidente que a promiscuidade e a infidelidade têm graves conseqüências, como os efeitos de longo alcance e até assustadores da ilegitimidade, filhos que crescem sem pai, bem como doenças e a dissolução da família. Há muitos casamentos que "estão por um fio" ou que já foram desfeitos. Essa silenciosa mas profunda crise coexiste com as inquietantes crises de nossa época, como a guerra. Jesus falava dos últimos dias ao dizer que haveria "angústia das nações, em perplexidade" e de como todas as coisas estariam tumultuadas. (Lucas 21:25; ver também D&C 88:91; 45:26.)

A obediência ao sétimo mandamento é um *escudo* absolutamente vital! Se o baixarmos ou o perdermos, perderemos também as muito necessárias bênçãos do céu. Nenhuma pessoa ou nação pode prosperar muito tempo sem essas bênçãos.

É estranho que numa época tão obcecada pelos direitos das pessoas, tão pouco se faça por nosso direito às bênçãos do céu. Em vez disso, a crença cada vez menor por parte de certas pessoas na imortalidade final apenas intensificou a imoralidade a nossa volta, "desviando o coração de muitos (. . .) dizendo-lhes que quando o homem morria, tudo se acabava". (Alma 30:18) Um pensador japonês, observando nossa sociedade ocidental centralizada no prazer, disse de modo quase contestador:

"Se nada há além da morte, então o que há de errado em abandonar-nos totalmente ao prazer no curto tempo que temos de vida? A perda da fé num 'outro mundo' impôs à moderna sociedade ocidental um grave problema moral." (Takeshi Umehara, "The Civilization of the Forest: Ancient Japan Shows Postmodernism the Way", em *At Century's End*, ed. por Nathan P. Gardels [1995], p. 190.)

A boa cidadania, portanto, inclui sermos bons, como por exemplo, sabermos claramente a diferença entre cobiçar o próximo e amar o próximo! Matthew Arnold observou sabiamente que "a natureza não se importa [com] a castidade, (. . .) mas a natureza humana (. . .) se importa, e muito". (*Philistinism in England and America*, vol. 10 de *The Complete Prose Works of Matthew Arnold*, ed. R.H. Super [1974], p. 160) Ao que eu acrescento: A natureza divina se importa infinitamente mais!



Os hinos proporcionam à congregação a oportunidade de levantar-se e participar das sessões da conferência.

As influentes tendências do homem natural são hostis ao sétimo mandamento e envolvem coisas "carnais, sensuais e diabólicas" que são prejudiciais ao próprio homem. (Mosias 16:3; ver também Mosias 3:19; Moisés 5:13.) Se essas três palavras soam muito forte atentem, irmãos e irmãs, para o terrível objetivo do adversário: "(. . .) tornar todos os homens tão miseráveis como ele próprio". (2 Néfi 2:27) A miséria sempre adora companhia!

Uma das melhores maneiras de "[despojar-nos] do homem natural" é deixá-lo faminto. (Mosias 3:19) Estando enfraquecido, será mais fácil removê-lo. Caso contrário, ele insistirá em manifestar-se em todas as ocasiões em que a tentação aparecer. Infelizmente, palavras de repreensão geralmente não ajudam o homem natural, porque "as ambições (. . .) sufocam a palavra". (Ver Marcos 4:19.)

Infelizmente, a violação do sétimo mandamento se torna mais fácil quando sofistas astuciosos persuadem alguns de que nada que as pessoas façam seja "crime". (Alma 30:17) Alguns ouvem com avidez, tendo até comichão nos ouvidos para ouvirem algo que esteja aquém da verdade, e por isso, seguem aqueles que procuram amenizar os mandamentos que consideram inconvenientes. (Ver II Timóteo 4:3.) Não obstante, este Provérbio continua verdadeiro: "O que adultera (. . .) é falto de entendimento". (Provérbios 6:32) Os mandamentos são ignorados também por outros que têm seu enfoque voltado para outras coisas. Dostoiévsky fez um de seus personagens dizer: "Eras se passarão, e a humanidade proclamará pela boca de seus sábios que não existe crime e, portanto, não há pecado; só existe a fome". (Fyodor Mikhailovich Dostoevsky, *Os Irmãos Karamazov*, trans. Constance Garnett [1952], pp. 130–131).

O adversário também ampliou artificialmente o conceito de privacidade, facilitando ainda mais às

pessoas de fugirem das responsabilidades pessoais! Afinal de contas, uns poucos cliques do mouse de um computador pode levar, com privacidade e rapidez, qualquer pessoa ao território inimigo, sem passar por nenhum posto de verificação de passaportes, tendo como única restrição uma consciência entorpecida.

Mas Deus não tem dois conjuntos de Dez Mandamentos, um para a vida privada e outra para a vida pública! Também não existem dois caminhos aprovados para o arrependimento. Na verdade, um fim de semana de remorso pode produzir algum tipo de "pesar dos condenados", mas não a "vigorosa mudança" que somente a "tristeza segundo Deus" produz. (Mórmon 2:13; Mosias 5:2; Alma 5:13–14; ver também II Coríntios 7:10.)

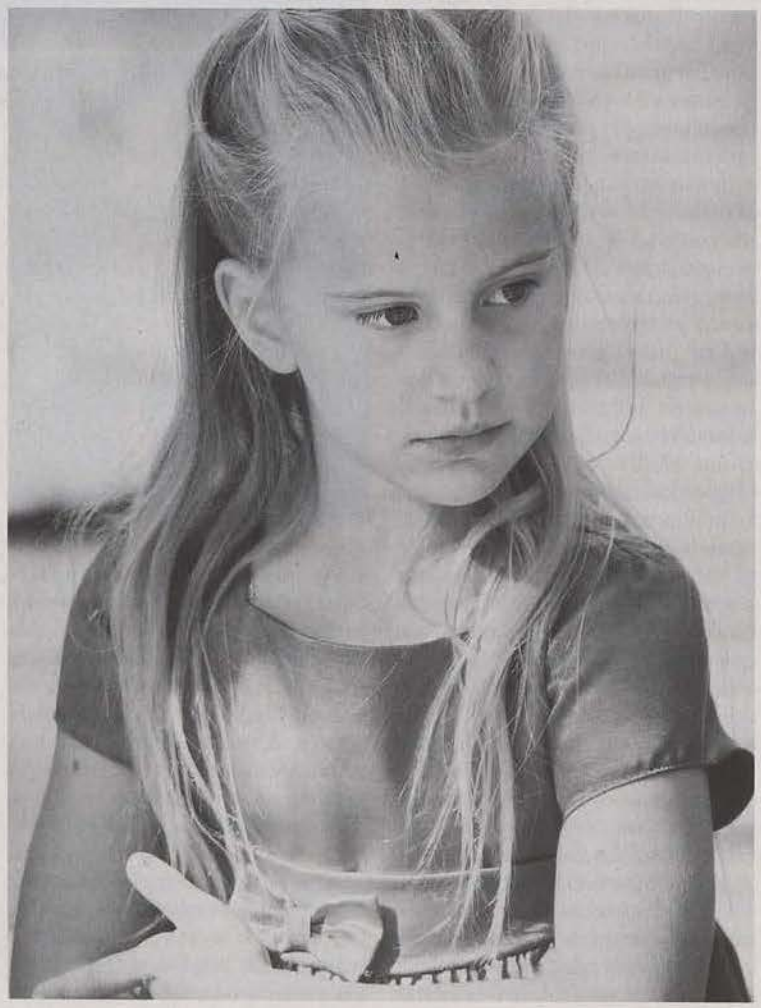
Sim, nós mortais ainda somos livres para escolher. Sim, houve até uma guerra nos céus para preservar nosso arbítrio moral. Mas aqui na mortalidade, freqüentemente as pessoas abdicam desse grande dom do arbítrio, quase sem nenhuma reclamação!

Há muitas maneiras de mantermos o escudo do sétimo mandamento firmemente em seu lugar. De modo instrutivo, por exemplo, a queda de Davi, pelo menos em parte, foi facilitada pelo fato de ele não estar empenhado no cumprimento de um dever: "E aconteceu que, tendo decorrido um ano, no tempo em que os reis saem à guerra, (. . .) Davi ficou em Jerusalém". (II Samuel 11:1) Foi então, como vocês sabem, que ele viu a cena de luxúria no terraço, e toda a tristeza subseqüente. No mandamento "Permanecei em lugares santos" está implícito que evitemos a ociosidade. (D&C 87:8; ver também Mateus 24:15.)

Aqueles que "vivem felizes" (2 Néfi 5:27) também sabiamente desenvolvem hábitos de proteção espiritual, que são expressos no seu modo recatado de vestir, na sua linguagem, humor e música, mostrando dessa forma que são discípulos dedicados. (Ver Provérbios 23:7.)

Além do mais, evitar dificuldades posteriores inclui não levar para o casamento pecados pelos quais não houve arrependimento, fazendo com que o casal comece com um "jugo desigual". (II Coríntios 6:14) Da mesma forma, marido e mulher podem deliberadamente evitar seu afastamento um do outro recusando-se a deixarem de ser leais e não sendo apanhados nas fortes correntezas que levam a uma cachoeira. Igualmente a ser evitado são os pântanos estagnados da autocomiseração. Neles, as pessoas podem facilmente racionalizar qualquer resquício de responsabilidade, deixando de lado as restrições tanto da consciência quanto dos convênios, procurando "justificar [a si mesmas] diante dos homens [por algo que] (. . .) perante Deus é abominação". (Lucas 16:15)

Ver além das enganosas armadilhas da sensualidade é outra precaução vital. Por exemplo, alguns daqueles que violam o sétimo mandamento com seu estilo de vida imoral são como Caim, que declarou "estou livre" (Moisés 5:33), depois de quebrar o sexto mandamento ao matar Abel. Esse pensamento errôneo sobre a liberdade faz-nos lembrar as palavras de advertência de Pedro: "(. . .) De quem alguém é vencido, do tal faz-se também servo". (II Pedro 2:19; ver também 2 Néfi 2:26–30.) Na verdade, almas histéricas podem até fingir que riem em meio ao cativeiro



do pecado, mas outro Provérbio se aplica a essa situação: "Até no riso o coração sente dor e o fim da alegria é tristeza". (Provérbios 14:13)

Numa era justificadamente preocupada com a verdade nas propagandas, alguns rótulos enganosos são um insulto à inteligência: *Ecstasy* deveria se chamar *Miséria*; *Rave* na verdade são as *lamúrias* que emanam da sensualidade desenfreada. Alguns daqueles que participam dessas coisas tolamente imaginam que dançar de modo sensual é algo inofensivo. Essas pessoas não pecam "por ignorância". (3 Néfi 6:18) Ao imitarem e subestimarem o inimigo, acabam comprometendo a si mesmas e deixando seus amigos confusos e desapontados!

Já se perguntaram por que as cenas sensuais freqüentemente são acompanhadas de luzes faiscantes que vão perdendo o brilho. Ou qual a razão de todo aquele brilho como reforço? Ou por que o volume muito alto substitui a música? Porque, temendo o raiar do sol, o mal não pode suportar o escrutínio da verdade que brilha, nem pode suportar a calma reflexão proveniente do fundo da alma!

Por isso, o rufar dos tambores da insensibilidade amortece os sensores da alma reagindo *ilegitimamente* à necessidade *legítima* de ser parte de um grupo e de ser amado, enquanto que predadores e vítimas infelizmente acabam "[perdendo] o sentimento". (1 Néfi 17:45; Efésios 4:19; Morôni 9:20)

Henry Fairlie escreveu que "a pessoa dominada por desejos sensuais geralmente tem um terrível vazio no centro de sua vida". (Henry Fairlie, *The Seven Deadly Sins Today* [1978], p. 187) Ainda assim, alguns jovens ingênuos falam em "encher o cantil," contudo, este permanecerá vazio tendo apenas restos de areia, cascalho e lembranças ruins. "O desejo sensual", escreveu também Fairlie, "não se interessa pelos seus companheiros, mas apenas pela satisfação de seus próprios anseios. (. . .) O desejo morre na manhã seguinte, e quando retorna à noite para buscar sua satisfação onde quer que a encontre, já apagou todo o seu passado". (Henry Fairlie, *The Seven Deadly Sins Today*, p. 175.)

Por mais fantasiada ou produzida que esteja, a luxúria não substitui o amor; na verdade, irmãos e irmãs, ela sufoca o desenvolvimento do verdadeiro amor, fazendo com que "o amor de muitos esfrie". (Mateus 24:12) Não é de se admirar que nos tenha sido dito: "Faze também com que todas as tuas paixões sejam dominadas, para que te enchas de amor". (Alma 38:12) Caso contrário, o espaço vazio na alma será preenchido por paixões passageiras, não sendo possível ali caberem duas coisas ao mesmo tempo.

No passado, a sociedade geralmente dispunha de mecanismos úteis, porém sutis, para equilibrar e restringir, que incluíam a família, a igreja e a escola, de modo a refrear o comportamento pessoal impróprio. Mas, muito freqüentemente, alguns desses mecanismos estão ausentes, defeituosos ou equivocados.

Além disso, as tendências atuais estão sendo ainda mais aceleradas pela atitude não condenatória, tão em voga atualmente, que tolera todo o mal cometido pelas pessoas, desde que estas façam alguma outra coisa digna de louvor. Afinal de contas, Mussolini não fazia os trens chegarem no horário? Aqueles que violam o sétimo mandamento podem fazer contribuições úteis, mas pagam um preço oculto e pessoal. (Ver Alma 28:13.) Sobre o rei Moriânton, lemos: "E ele fez justiça ao povo, mas não a si mesmo, por causa de sua extrema devassidão". (Éter 10:11) Sendo aparentemente um líder justo e que não fazia acepção de pessoas, Moriânton não respeitava a si mesmo! As feridas que infligiu a si mesmo estavam mascaradas pelo adorno externo de riquezas e edifícios. (Ver Éter 10:12.)

O que foi dito é tão grave que é preciso se dizer o que vem a seguir, e eu não exito em dizê-lo. As revelações dizem que, de modo proporcional a seus próprios pecados, os pecadores que não se arrependerem "terão que sofrer assim como [Jesus sofreu]" pelos nossos pecados, quando um dia tiverem pessoalmente que sentir a plena justiça de Deus. (Ver D&C 19:16–18.) E também aqueles que de muitas formas insistentemente promoveram e intensificaram esse drama da imoralidade, freqüentemente incentivado pelas drogas, seja como promotores ou facilitadores, permitindo essas coisas ou lucrando com isso, terão que encarar e sentir toda a miséria que causaram na vida de inúmeras outras pessoas!

Por fim, irmãos e irmãs, em certos momentos e situações, ser um discípulo exige que estejamos dispostos a ficar sozinhos! Nossa disposição de fazê-lo, aqui e agora, é condizente com a ocasião em que Cristo Se ajoelhou sozinho, no Getsêmani. Nos momentos finais do processo de expiação "ninguém estava [com Ele]". (D&C 133:50; ver também Mateus 26:38–45.)

Ao assumirmos nossa posição, o fiel jamais ficará sozinho — não daquela forma. O anjo que ficou ao lado de Cristo no Getsêmani para fortalecê-Lo teve que deixá-Lo sozinho. (Ver Lucas 22:43.) Mas se erguermos o escudo da fé em Deus e em Seus mandamentos, Seus anjos estarão "ao [nosso] redor para [nos] suster" e "[guardar]". (D&C 84:88; 109:22) Dessa promessa eu testifico. E agora, no que diz respeito a suportar as provações em nossa alma, irmãos e irmãs, eu testifico que somos nós que ajustamos o controle. Assim, determinamos o grau de nossa felicidade neste mundo e no mundo vindouro. Também testifico que a nossa observância aos mandamentos de Deus, incluindo o sétimo, convida Deus a colocar a Sua mão sobre as nossas ao ajustarmos o controle. É Sua mão que deseja nos dar tudo o que Ele tem. (Ver D&C 84:38.) Em nome de Jesus Cristo. Amém. □

"O Primeiro e Grande Mandamento"

Élder Robert F. Orton
Dos Setenta

"Dado o propósito de nossa existência, se não amarmos a Deus e ao próximo, tudo o mais que fizermos terá pouca importância eterna."

A atenção das pessoas no mundo inteiro voltou-se nas últimas quatro semanas para os destrutivos, intencionais e obstinados atos de terrorismo e ódio.

O ódio é a antítese do amor. Lúcifer é seu principal proponente e perpetrador desde que sua atitude acerca do Plano de Salvação foi rejeitada pelo Pai. Foi ele quem influenciou Judas a entregar Jesus aos príncipes dos sacerdotes por trinta moedas de prata. É ele, o inimigo de toda a retidão e o pai da contenda, que "anda em derredor, bramando como leão, buscando a quem possa tragar". (I Pedro 5:8)

Por outro lado, foi aquele Jesus, a quem Judas entregou aos príncipes dos sacerdotes, que disse: "Amai a vossos inimigos, (. . .) e orai pelos que vos maltratam e perseguem". (3 Néfi 12:44; ver também Mateus 5:44.) Foi Ele também que suplicou pelos soldados que O crucificaram, dizendo: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem". (Lucas 23:34)

Durante muitos anos, pensei que o amor fosse uma qualidade. Mas é mais do que isso. É um mandamento. Numa conversa com um doutor da lei, um fariseu, Jesus disse:

"Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento.

Este é o primeiro e grande mandamento.

E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo.

Destes dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas". (Mateus 22:36–40; ver também Gálatas 5:14.) O Presidente Hinckley disse que "o amor é como a Estrela Polar. Num mundo mutável, é uma constante. É a própria essência do evangelho.

Sem o amor, (. . .) há poucas razões mais para se recomendar o evangelho como um modo de vida". (*Teachings of Gordon B. Hinckley* [1997], pp. 317, 319). O Apóstolo João disse que "Deus é amor". (I João 4:8) Assim, Dele, a personificação do amor, dependem toda a lei e os profetas.

O Apóstolo Paulo ensinou que a fé, o primeiro princípio do evangelho, opera pelo amor. (Ver Gálatas 5:6.) Que valiosa doutrina para compreendermos! O amor é a força propulsora da fé. Assim como o fogo da lareira numa noite fria de inverno aquece a casa, assim também o amor a Deus e ao próximo dá-nos fé, com a qual tudo é possível.

Muitos de nós professam amar a Deus. O desafio, segundo observei, é amar o próximo. O termo *próximo* inclui a família, as pessoas com quem trabalhamos, aqueles que moram perto de nossa casa, os que encontramos na Igreja, até o inimigo, embora não aprovemos o que ele faça. Se não amarmos todos esses, nossos irmãos e irmãs, será que podemos realmente dizer que amamos a Deus? O Apóstolo João declarou: "Quem ama a Deus, ame também a seu irmão", e acrescentou: "se alguém diz: Eu amo a Deus, e odeia a seu irmão, é mentiroso". (I João 4:21, 20) O amor a Deus e ao próximo, portanto, devem permanecer inseparavelmente ligados.

Nosso progresso eterno depende muito do quanto amamos. O dicionário define o *amor* como uma "preocupação altruísta, leal e benevolente pelo bem do outro; afeto baseado na admiração, benevolência ou interesses comuns". (*Longman Webster English College Dictionary*, overseas edition.) Morôni refere-se aos termos "puro amor de Cristo" e "caridade" como sinônimos. (Ver Morôni 7:47.) Demonstramos melhor o nosso amor a Deus, guardando os mandamentos. Podemos também mostrar que amamos a Deus e ao próximo, praticando a caridade.

Gostaria de dar dois exemplos. Nos Alpes da Transilvânia, na Romênia, um homem foi batizado na Igreja juntamente com a mulher e os dois filhos. Ele tornou-se o líder de seu ramo. Contudo, devido a pressões financeiras e familiares, ficou inativo por algum tempo. Depois de voltar à atividade, contou que ao sair da água, após o batismo, alguém lhe sussurrou ao ouvido: "Eu amo você". Ninguém

jamais lhe dissera isso. Sua lembrança dessa manifestação de amor, a caridade e o afeto dos membros de seu ramo trouxeram-no de volta. Vários anos atrás, um jovem enveredou-se pelos caminhos do mundo. Durante algum tempo, seus pais não exerceram nenhuma influência sobre ele. Dois sumos sacerdotes, que eram vizinhos e membros de sua ala, mas que não tinham nenhum chamado específico de servi-lo, junto com um tio e mais algumas pessoas, colocaram o braço ao redor de seu ombro e deram-lhe as boas-vindas. Eles o reintegraram, trazendo-o de volta à atividade e encorajaram-no a servir como missionário. Disseram que o amavam e demonstraram esse amor pela forma como o tratavam. Isso mudou a vida do jovem. É necessário que haja amor em abundância e cooperação para educar uma criança.

"Ninguém pode participar desta obra, a menos que seja humilde e cheio de amor." (D&C 12:8) "Servi-vos uns aos outros pelo amor." (Gálatas 5:13) Assim como o serviço é uma conseqüência natural do amor, o amor é uma conseqüência natural do serviço. Maridos, sirvam sua esposa. Mulheres, sirvam seu marido. Maridos e mulheres, sirvam seus filhos. E a todos dizemos: Sirvam a Deus e ao próximo. Se assim fizermos, amaremos o objeto de nossa devoção, e assim seremos obedientes ao primeiro e grande mandamento do amor.

Após Sua Ressurreição em Jerusalém, Jesus apareceu aos nefitas nas Américas. Depois de ensinar a respeito do batismo, advertiu-os em relação à raiva e à contenda, dizendo: "E não haverá disputas entre vós. (. . .) Pois em verdade, em verdade vos digo que aquele que tem o espírito de discórdia não é meu, mas é do diabo, que é o pai da discórdia e leva a cólera ao coração dos homens, para contenderem uns com os outros". (3 Néfi 11:22, 29)

Irmãos e irmãs, se formos obedientes ao mandamento do amor, não haverá disputas, contendas nem ódio entre nós. Não falaremos mal uns dos outros, mas trataremos as pessoas com bondade e respeito, conscientes de que todos somos filhos de Deus. Não haverá nefitas, lamanitas ou qualquer espécie de "itas" entre nós, e todo homem, mulher e criança tratará o próximo com justiça.

Certa manhã, bem cedo, em Bucareste, enquanto fazia uma caminhada no Parque Cismigiu, notei uma velha árvore que lutava para produzir novos ramos, para recomeçar a vida. O símbolo da vida é a doação. Doamos tanto para a família e os amigos, a comunidade e a Igreja que às vezes, como a árvore velha, podemos pensar que a vida é extremamente difícil, que doar continuamente é uma carga pesada demais para carregarmos. Mas não devemos nem iremos desistir. Por quê? Porque devemos continuar a doar como Cristo e aquela velha árvore. Ao doarmos algo, mesmo que ínfimo, pensemos Nele que deu Sua vida para que pudéssemos viver.

Jesus, perto do fim de Sua vida mortal, ensinou novamente a doutrina do amor quando instruiu Seus seguidores dizendo que, como Ele os amou, também deviam amar uns aos outros. "Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros." (João 13:35)

Concluo que, dado o propósito de nossa existência, se não amarmos a Deus e ao próximo, tudo o mais que fizermos terá pouca importância eterna.

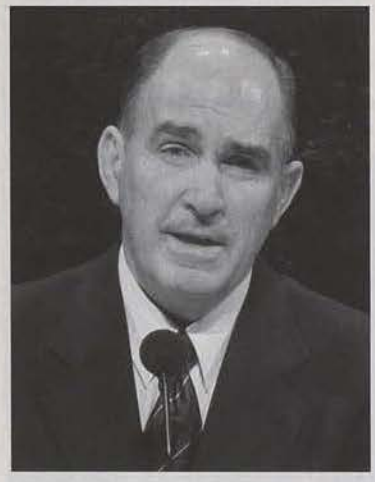
Testifico da divindade de Cristo e da realidade de Sua missão de levar a efeito a imortalidade e a vida eterna do homem. Que amemos como Ele amou e continua a amar, é minha oração, em nome de Jesus Cristo. Amém. □

O Presidente Hinckley despede-se acenando à congregação com sua bengala, enquanto deixa o Centro de Conferências.

Nossas Ações Determinam Nosso Caráter

Élder Wayne S. Peterson
Dos Setenta

"Na maior parte das vezes, podemos determinar o tipo de experiência que teremos dependendo de nossa reação."



Há muitos anos, quando eu estava em férias com minha família, tive uma experiência que me ensinou uma grande lição. Num sábado, minha esposa e eu decidimos levar as crianças para um passeio e fazer algumas compras. Durante o trajeto, as crianças pegaram no sono e, não querendo acordá-las, disse que ficaria no carro enquanto minha esposa entrava na loja para fazer as compras.

Enquanto esperava, olhei para o carro estacionado em frente. Estava cheio de crianças e elas olhavam para mim. Meus olhos encontraram-se com os de um menininho de uns seis ou sete anos. Quando nossos olhos se encontraram, ele imediatamente mostrou a língua para mim.

Minha primeira reação foi mostrar a língua para ele também. Pensei: *"O que foi que eu fiz para merecer isso?"* Felizmente, antes de reagir, lembrei-me de um princípio ensinado na conferência geral da semana anterior pelo Élder Marvin J. Ashton. (Conference Report, outubro de 1970, pp. 36–38; ou *Improvement Era*, dezembro de 1970, pp. 59–60.) Ele ensinou como é importante agir, em vez de reagir aos eventos que nos cercam. Por isso, acenei para o menininho. Ele mostrou-me a língua novamente. Sorri, e acenei novamente. Dessa vez, ele acenou de volta.

Logo, o irmãozinho e a irmãzinha também acenaram, animados. Acenei de volta de diversas maneiras até que meu braço se cansou. Repousei o braço no volante e continuei a acenar de todas as maneiras que consegui inventar, desejando o tempo todo que os pais deles voltassem logo ou que minha esposa acabasse logo as compras.

Os pais deles finalmente voltaram e, quando foram embora, meus novos amiguinhos continuaram a acenar até que o carro desapareceu na distância.

Foi uma experiência simples, mas demonstrou que, na maior parte das vezes, podemos *determinar* o tipo de experiência que teremos dependendo de nossa reação. Fico grato por ter decidido agir, em vez de reagir, de maneira amigável ao comportamento infantil do meu amiguinho. Ao fazê-lo, evitei os sentimentos negativos que teria tido caso seguisse meu instinto natural.

Ao dar instruções aos nefitas, o Salvador ensinou: "Portanto tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-o também a eles (. . .)". (3 Néfi 14:12)

Imaginem o efeito que isso teria no mundo, se todos praticassem essa Regra de Ouro. Mas isso parece contrário à natureza humana. O rei Benjamim declarou que "o homem natural é inimigo de Deus" e continuará a sê-lo até que "ceda ao influxo do Santo Espírito e despoje-se do homem natural", aprendendo a ser "submisso, manso, humilde, paciente [e] cheio de amor". (Mosias 3:19)

No mundo agitado de hoje, parece haver maior tendência de as pessoas agirem de maneira agressiva para com as demais. Algumas ofendem-se rapidamente e reagem com rancor às afrontas reais ou imaginárias. Todos já experimentamos ou ouvimos falar de atitudes violentas ao volante ou outros exemplos de comportamento insensato e grosseiro.

Infelizmente, esse comportamento acaba chegando a nossa própria casa, gerando discórdias e tensões entre os familiares.

Pode parecer natural reagirmos a uma situação, agindo como outros agem para conosco. Mas isso não precisa acontecer desse modo. Ao refletir sobre suas terríveis experiências durante a guerra, Viktor Frankl lembra-se: "Nós, que estivemos em um campo de concentração, lembramo-nos de homens que andavam pelos barracões consolando os outros, dando-lhes seu último pedaço de pão. Eles podem ter sido poucos em números, mas constituem prova suficiente de que tudo pode ser tirado

de um homem, exceto uma coisa, a última das liberdades humanas: *a escolha de sua própria atitude em dadas circunstâncias*, a escolha de seu próprio caminho". (*Man's Search for Meaning* [1985], p. 86; grifo do autor.)

Trata-se de um comportamento nobre e constitui um alto nível de expectativa, mas Jesus não espera menos do que isso de nós. "Amai a vossos inimigos", disse Ele, e "bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem (. . .)". (Mateus 5:44)

Há um hino bem conhecido [em inglês] que reforça esses ensinamentos:

Controla os teus sentimentos, irmão;
Treina a tua alma acalorada e impulsiva.
Mas não sufoca as emoções que dela brotam,
Antes, deixa a voz da sabedoria assumir o controle.

("School Thy Feelings", *Hymns*, nº 336)

As decisões que tomamos e o modo como nos comportamos são os elementos que moldam nosso caráter. Charles A. Hall descreve bem esse processo nestas linhas: "Semeamos nossos pensamentos e colhemos nossas ações. Semeamos nossas ações e colhemos nossos hábitos. Semeamos nossos hábitos e colhemos nosso caráter. Semeamos nosso caráter e colhemos nosso destino". (Citado em *The Home Book of Quotations*, comp. Burton Stevenson, 1934, p. 845.)

É no lar que nosso comportamento é mais significativo. É o lugar em que nossas ações têm o maior impacto, seja para o bem ou para o mal. Algumas vezes ficamos tão à vontade que nem mesmo controlamos nossas palavras. Esquecemos as mais simples cortesias. Se não tomarmos cuidado, podemos desenvolver o hábito de criticar uns aos outros, perdendo a paciência ou comportando-nos de maneira egoísta. Por nos amarem, nosso cônjuge e nossos filhos podem vir a perdoar-nos rapidamente mas, com freqüência, guardam em silêncio ferimentos invisíveis e mágoas que não mencionam.

Há muitos lares em que os filhos temem os pais, e a esposa teme o marido. Nossos líderes lembram-nos que "o pai deve presidir a família com amor e retidão" e advertem-nos que aqueles que "maltratam o cônjuge ou os filhos (. . .) deverão um dia responder perante Deus". ("A Família: Proclamação ao Mundo", *A Liahona*, junho de 1996, pp. 10–11.) O adversário sabe que, caso incentive uma atmosfera de contendas, conflitos e medos em casa, o Espírito Se magoa, e os laços que deveriam unir a família acabam por enfraquecer-se.

O próprio Senhor ressuscitado declarou: "Pois em verdade, em verdade vos digo que aquele que tem o espírito de discórdia não é meu, mas é do diabo, que é o pai da discórdia e leva a cólera ao coração dos homens, para contenderem uns com os outros". (3 Néfi 11:29)

Quando estivermos com raiva ou sentirmos o espírito de contenda em nosso lar, devemos imediatamente reconhecer qual poder está no controle de nossa vida e o que Satanás está esforçando-se para conseguir. Salomão deu-nos esta sábia fórmula: "A resposta branda desvia o furor, mas a palavra dura suscita a ira". (Provérbios 15:1)

Nosso lar deve, de forma ideal, ser um refúgio em que todos os familiares sintam-se seguros, amados e protegidos das duras críticas e contendas que tão comumente encontramos no mundo.

Cristo deu o exemplo perfeito ao manter o controle em todas as situações. Ao ser levado diante de Caifás e Pilatos, cuspiram-Lhe no rosto, esbofetearam-No e zombaram Dele. (Mateus 26; Lucas 23) A grande ironia é que humilharam Seu Criador, que sofreu por amor a eles.

Diante desses maus-tratos injustos, Jesus manteve a serenidade, recusando-Se a agir de maneira grosseira. Mesmo na cruz, enquanto passava por uma agonia inimaginável, Sua súplica foi: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem". (Lucas 23:34)

Ele espera o mesmo de nós. Àqueles que O seguiriam, disse Ele: "Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros". (João 13:35)

Mostremos que somos discípulos fortalecendo nosso lar de modo amoroso e gentil. Lembremo-nos de que "a resposta branda desvia o furor" e tentemos, por intermédio de nossos relacionamentos e das coisas com as quais nos deparamos, moldar um tipo de caráter que seja aprovado pelo Salvador.

Jesus Cristo é o exemplo perfeito. Ele é nosso Salvador e Redentor. Dele testifico! Somos hoje guiados por um profeta vivo. Em nome de Jesus Cristo. Amém. □

Os membros do Coro do Tabernáculo cantam durante uma sessão da conferência.

Acautelem-se dos Murmúrios

Élder H. Ross Workman
Dos Setenta

"A obediência é fundamental para se obter as bênçãos do Senhor."

Como missionários recém-chegados ao campo, meu companheiro e eu testificamos que Deus fala por meio de profetas no tempo atual. Um homem perguntou: "Então, o que foi que o seu profeta disse esta semana?" Tentei lembrar a mensagem mais recente do profeta na última edição da *Improvement Era*, a revista mais importante da Igreja na época. Constatei então a importância de conhecermos e cumprirmos os ensinamentos do profeta vivo.

Hoje, espero persuadi-los a seguir o profeta vivo e alertá-los sobre o estratagema que o adversário engendrou para evitar que o sigam. As escrituras referem-se a esse estratagema como o "murmúrio".

O Salvador citou uma parábola para admoestar-nos do caminho traiçoeiro em direção à desobediência, por meio do "murmúrio". Na parábola, aprendemos sobre um homem nobre que possuía um pedaço de terra muito bom. Ele pediu aos seus servos que plantassem doze oliveiras e construíssem uma torre para vigiar a vinha. O propósito da torre era o de permitir que o atalaia avisasse sobre a vinda do inimigo. Dessa forma, a vinha estaria protegida.

Os servos não construíram a torre. O inimigo veio e derrubou as oliveiras. A desobediência dos servos acarretou uma catástrofe na vinha. (Ver D&C 101:43–62.)

Por que os servos não construíram a torre? As sementes da tragédia foram plantadas pelo murmúrio.

Conforme a parábola do Senhor, o murmúrio consiste de três passos, um levando ao outro no caminho em direção à desobediência.

Primeiro, os servos começaram a questionar. Eles decidiram exercer o seu próprio julgamento em detrimento das orientações dadas pelo seu mestre. "Que necessidade tem meu senhor desta torre, sendo que é tempo de paz?" disseram eles. (D&C 101:48) Primeiro arrazoaram em sua própria mente e depois incitaram o questionamento na mente dos outros. O questionamento foi o primeiro passo.

Segundo, eles começaram a racionalizar e a escusar-se de seguir as instruções que haviam recebido. Disseram: "Não poderia este dinheiro ser dado aos banqueiros? Pois não há necessidade destas coisas". (D&C 101:49) E assim, eles justificaram sua desobediência.

O terceiro passo foi inevitável: A preguiça de seguir as ordens de seu mestre. A parábola diz: "(. . .) tornaram-se muito preguiçosos e não deram ouvidos às ordens de seu senhor". (D&C 101:50) Assim, o palco para a tragédia estava armado.

Deus abençoou Seus filhos com profetas para instruí-los em Seus caminhos e prepará-los para a vida eterna. Os caminhos de Deus não são facilmente compreendidos pelo homem. "Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os meus caminhos, diz o Senhor." (Isaías 55:8) A obediência é fundamental para se obter as bênçãos do Senhor, mesmo que o propósito do mandamento não seja compreendido.

O adversário sussurra convites enganosos ao murmúrio para, dessa forma, destruir o poder advindo da obediência. Um exemplo de murmúrio pode ser claramente percebido no seguinte relato a respeito dos filhos de Israel:

O Senhor prometeu aos filhos de Israel que enviaria um anjo e dispersaria os cananeus, e que Israel herdaria uma terra que manava leite e mel. (Ver Êxodo 33:1–2.) Quando Israel chegou à fronteira de Canaã, Moisés enviou espias à terra, e estes, ao retornarem, relataram que o exército de Canaã era forte — até mesmo mais forte que Israel. Então começaram a murmurar.

Questionaram a ordem dada por intermédio de Moisés, seu profeta vivo, e levaram outros a questionar também. Como Israel poderia derrotar os gigantes de Canaã, se os próprios filhos de Israel comparavam-se a gafanhotos diante deles? (Ver Números 13:31–33.)

O questionamento transformou-se em racionalização e justificações. Alegaram temer por suas mulheres e filhos. "Quem dera tivéssemos morrido na terra do Egito!" declararam eles. (Ver Números 14:2–3.)

O murmúrio tornou-se deso-

bediência quando Israel quis nomear um capitão que pudesse liderá-los de volta ao Egito. (Ver Números 14:4.)

Simplesmente se recusaram a seguir o profeta vivo. Por causa de seu murmúrio, o Senhor retirou a bênção prometida aos filhos de Israel de que Ele destruiria os cananeus e daria a Seu povo a terra prometida. Em vez disso, Ele mandou Israel para o deserto, onde vaguearam por quarenta anos.

Um exemplo bem conhecido de murmúrio é encontrado também na família de Leí.

Quando o profeta Leí mandou seus filhos a Jerusalém para buscar as placas de latão, eles tiveram muitos obstáculos. Primeiro, Lamã foi expulso da casa de Labão simplesmente por perguntar pelas placas. Depois que os filhos de Leí ofereceram ouro e prata para pagar pelas placas, Labão quis tirar-lhes a vida e confiscou seus bens. Os irmãos esconderam-se na cavidade de uma rocha para avaliar a situação.

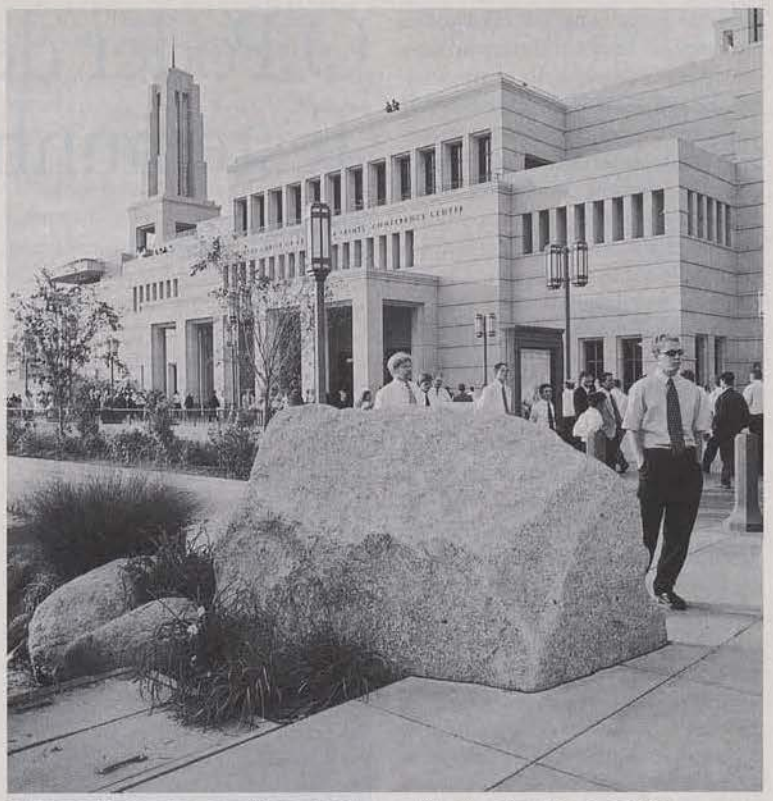
Lamã e Lemuel murmuraram. Tudo começou, como sempre, com o questionamento: "Como é possível que o Senhor entregue Labão em nossas mãos?" (1 Néfi 3:31)

Depois, a justificação: "Eis que ele é um homem poderoso e pode comandar cinqüenta, sim, ele pode mesmo matar cinqüenta; por que não a nós?" (1 Néfi 3:31)

Finalmente, eles foram preguiçosos. Cheios de fúria, ressentimento e desculpas, Lamã e Lemuel esperaram fora das muralhas de Jerusalém, enquanto Néfi, fiel, concluiu o trabalho do Senhor. (Ver 1 Néfi 4:3–5.)

O Senhor condenou essa atitude em nossos dias: "Mas o que nada faz até que seja mandado e recebe um mandamento com o coração duvidoso e guarda-o com indolência é condenado". (D&C 58:29)

Levantamos o braço em sinal de apoio aos profetas vivos. Regozijamo-nos com o privilégio de ouvir a palavra revelada por Deus a nossos profetas em nossos dias. O que fazemos quando eles nos falam? Seguimos rigorosamente suas orientações ou murmuramos?



Os portadores do sacerdócio chegam para a sessão do sacerdócio, realizada na noite do sábado.

É mais fácil seguir um profeta vivo em nossa época do que o foi nos dias de Moisés e Néfi? Os que murmuraram contra Moisés e Néfi fariam o mesmo hoje? As mesmas perguntas podem ser feitas no sentido contrário. Os que murmuram hoje teriam murmurado também como Lamã e Lemuel ou os filhos de Israel contra seu profeta, causando as mesmas conseqüências desastrosas?

A mais simples das instruções pode revelar a tendência ao murmúrio. Assisti a uma reunião certa vez, onde a autoridade presidente convidou os membros da congregação a sentarem-se mais à frente da sala. Alguns se moveram; a maioria, não. Por quê?

Tenho certeza de que houve aqueles que questionaram por que deveriam sair de seu lugar confortável. "Por que devo fazer isso?" Essa pergunta foi, sem dúvida, logo seguida de uma desculpa ou racionalização quanto ao fato de não importar se a pessoa mudou ou não de lugar. Acredito que alguns se irritaram pelo fato de a autoridade presidente ter feito esse pedido. O último passo, óbvio aos que estavam presentes, foi a preguiça de atender ao pedido. Poucos se mexeram. Foi uma coisa simples? Sim. Mas refletiu uma falta muito grande de disposição de obedecer. Refletiu um espírito de desobediência. Isso não é um fato sem importância.

Recentemente, eu estava em uma reunião da Igreja no oeste da África quando um líder do sacerdócio convidou os irmãos a sentarem-se mais à frente e ocuparem as três primeiras fileiras da capela. Todos se levantaram imediatamente e sentaram-se conforme a orientação. Uma coisa simples? Sim. Mas refletiu a disposição de obedecer. Isso não é um fato sem importância.

Convido-os a darem atenção especial ao mandamento, dos

profetas vivos, que for mais difícil para vocês. Vocês questionam se o mandamento se aplica a vocês? Encontram desculpas prontas para não cumprir o mandamento agora? Sentem-se frustrados ou irritados quando alguém os lembra desse mandamento? Vocês têm preguiça de guardá-lo? Acautelem-se das armadilhas do adversário. Acautelem-se do murmúrio.

Um pai afortunado sente a alegria especial proveniente da obediência genuína de seu filho. Não é assim com Deus?

Posso entender de forma ínfima a felicidade que o Senhor deve sentir quando Seus servos obedecem sem murmurar. Recentemente, minha querida esposa e eu participamos de uma reunião durante a qual deveríamos expor nossas responsabilidades. Não fazíamos idéia, na ocasião, de qual seria nossa designação ou onde serviríamos. Fui informado em particular que seríamos chamados para servir no oeste da África. Fiquei surpreso e feliz com a designação, mas então comecei a imaginar o que passaria inevitavelmente na mente da minha companheira por quase trinta e nove anos. Como ela receberia essa designação? Sabia que ela concordaria em ir. Em todos esses anos juntos, ela nunca recusou um chamado do Senhor. Mas o que ela estaria pensando no fundo do coração?

Quando sentei-me ao seu lado, ela percebeu em meus olhos que eu sabia qual era a nossa designação. Ela disse: "Bem, para onde vamos?" Eu disse simplesmente: "África". Seus olhos brilharam, e ela disse, animada: "Não é maravilhoso?" Fiquei muito feliz.

Assim também nosso Pai Celestial se alegra, quando seguimos de boa vontade os profetas vivos. Testifico que Jesus, o Cristo, vive. Ele fala aos profetas atualmente. Que possamos seguir nossos profetas vivos sem murmurar, é a minha oração em nome de Jesus Cristo. Amém. □

O Poder de um Forte Testemunho

Élder Richard G. Scott
Do Quórum dos Doze Apóstolos

"Sua segurança e felicidade pessoais dependem da força de seu testemunho, pois ele guiará suas ações em momentos de provação ou incerteza."

Neste mundo incerto, há algumas coisas que nunca mudam: o amor perfeito de nosso Pai Celestial por todos nós; a certeza de que Ele está lá e sempre nos ouvirá; a existência de verdades absolutas e imutáveis; o fato de que há um plano de felicidade; a certeza de que o sucesso na vida se alcança por meio da fé em Jesus Cristo e da obediência a Seus ensinamentos devido ao poder redentor de Sua Expiação; a certeza da vida após a morte; a realidade de que nossa condição lá será determinada por nossa maneira de viver aqui. O fato de uma pessoa aceitar ou não essas verdades não altera sua realidade. Elas são os elementos fundamentais de um testemunho vivo. Um forte testemunho é o alicerce inabalável de uma vida segura e significativa em que a paz, a confiança, a felicidade e o amor podem florescer. Ele está ancorado na convicção de que um Deus onisciente está à frente de Sua obra. Ele não falhará. Ele cumprirá Suas promessas.

Um forte testemunho é o poder que sustém uma vida bem-sucedida. Está centrado na compreensão dos atributos divinos de Deus nosso Pai, Jesus Cristo e o Espírito Santo. É conservado por uma confiança diligente Neles. Um forte testemunho baseia-se na certeza pessoal de que o Espírito Santo pode guiar e inspirar nossas ações cotidianas para o bem.

O testemunho é fortalecido por impressões espirituais que confirmam a validade de um ensinamento, de um ato justo ou da advertência de um perigo iminente. Muitas vezes, essa orientação vem acompanhada de emoções fortes que fazem com que tenhamos dificuldade para falar e nos trazem lágrimas aos olhos. Mas o testemunho não é emoção. É a própria essência do caráter, formada a partir de inúmeras decisões corretas. Essas escolhas são feitas com uma fé confiante nas coisas em que se crê e, pelo menos inicialmente, não se vêem.[1] Um forte testemunho traz paz, consolo e segurança. Gera a convicção de que, à medida que os

ensinamentos do Salvador forem seguidos com consistência, a vida será bela, o futuro será seguro e conseguiremos superar as dificuldades que surgirem em nosso caminho. O testemunho cresce à medida que compreendemos a verdade, revelada ao orarmos e ponderarmos a doutrina das escrituras. É nutrido pela prática dessas verdades com fé e a confiança segura de que os resultados prometidos serão alcançados.

Um forte testemunho foi o sustentáculo dos profetas ao longo da história e fortaleceu-os para que agissem com coragem e determinação em épocas de dificuldade. Um forte testemunho pode fazer o mesmo por você. Ao fortalecer seu próprio testemunho pessoal, você terá o poder de fazer escolhas corretas para assim poder permanecer inabalável diante das pressões de um mundo cada vez mais pernicioso. Sua segurança e felicidade pessoais dependem da força de seu testemunho, pois ele guiará suas ações em momentos de provação ou incerteza.

Avalie honestamente sua vida pessoal. Qual é a força de seu próprio testemunho? Ele é verdadeiramente um poder que dá sustento à sua vida ou é somente uma esperança de que o que você aprendeu é verdade? Ele é mais do que uma vaga crença de que conceitos e padrões de vida louváveis parecem razoáveis e lógicos? Essa mera aceitação mental não o ajudará quando se deparar com os sérios desafios que inevitavelmente lhe sobrevirão. Seu testemunho o guia para decisões corretas? Para que isso aconteça, as verdades fundamentais precisam tornar-se parte de cada fibra de seu caráter. Elas devem constituir uma parte essencial de seu ser, algo a ser mais valorizado do que a própria vida. Se uma avaliação honesta de seu próprio testemunho confirmar que não é tão forte quando deveria ser, como ele pode ser fortalecido?

Seu testemunho será fortalecido quando você exercer fé em Jesus Cristo, em Seus ensinamentos e em Seu poder ilimitado de cumprir o que Ele prometeu.[2] As palavras-chave são "exercer fé". A fé verdadeira tem um poder enorme, mas há princípios que devem ser seguidos para ativar esse poder. Morôni ensinou: "(. . .) fé são coisas que se esperam, mas não se vêem; portanto, não disputeis porque não vedes, porque não recebeis testemunho senão *depois da prova de vossa fé*".[3] Isso quer dizer que você precisa praticar a verdade ou o princípio no qual tem fé. Ao viver esse preceito com consistência, receberá um testemunho de sua veracidade pelo poder do Espírito Santo. Em geral, é um sentimento de paz. Pode ser uma comoção dentro de você. Pode evidenciar-se abrindo as portas para outras verdades. Quando buscar pacientemente uma confirmação, ela virá. Reconheça que o Senhor lhe dará a capacidade de compreender e provar por meio de experiências pessoais a veracidade de Seus ensinamentos. Ele confirmará a certeza de que Suas leis produzirão os resultados prometidos quando seguidas com disposição e consistência.

Um testemunho vigoroso provém de momentos serenos de oração e reflexão à medida que você reconhecer as impressões que acompanharão tal esforço. A oração humilde e confiante traz consolo, alívio, conforto, direção e paz que os indignos jamais poderão conhecer.

Algumas verdades relacionadas à oração podem ajudá-lo. O Senhor ouvirá suas orações em momentos de necessidade. Ele invariavelmente as responderá. Contudo, a resposta Dele em geral não virá enquanto você estiver de joelhos orando, mesmo quando você estiver suplicando por uma resposta imediata. Há um padrão que deve ser seguido. É-lhe pedido

que busque resposta para suas orações e então confirme que ela é correta.[4] Obedeça ao conselho Dele de "[estudar] bem [na] mente"[5]. Com freqüência você conseguirá pensar em uma solução. Então, busque a confirmação de que sua resposta é correta. Esse auxílio pode vir por meio da oração e da meditação sobre as escrituras, às vezes pela intervenção de outras pessoas[6], ou de sua própria capacidade, por meio da orientação do Espírito.

Em certas ocasiões o Senhor vai querer que você siga avante apenas confiando, antes de receber uma resposta com a confirmação. A resposta Dele costuma vir por meio de auxílio em etapas. À medida que cada parte é seguida com fé, ela se unirá com outras para dar-lhe a resposta completa. Esse padrão exige o exercício da fé. Embora por vezes seja muito difícil, isso resulta em um crescimento pessoal significativo. Às vezes o Senhor lhe dará uma resposta antes que peça. Isso ocorre quando você não se dá conta de um perigo ou está fazendo a coisa errada confiando ser a certa.

Alma demonstrou como o jejum e a oração podem fortalecer seu testemunho. Ele declarou:

"(. . .) Eis que vos testifico que sei que estas coisas de que falei são verdadeiras. E como supondes que eu tenho certeza de sua veracidade?

(. . .) Eis que jejuei e orei durante muitos dias, a fim de saber estas coisas por mim mesmo. E agora sei por mim mesmo que são verdadeiras, porque o Senhor Deus mas revelou por seu Santo Espírito (. . .)".[7]

O Presidente Romney ensinou a respeito do poder das escrituras no fortalecimento do testemunho com o seguinte exemplo:

"Exorto-os a se familiarizarem com [o Livro de Mórmon]. Leiam-no para seus filhos. Eles nunca serão pequenos demais para entenderem-no. Lembro-me de lê-lo com um dos meus garotos quando ele ainda era muito pequeno. (. . .) deitei na parte inferior do beliche e ele na parte superior. Estávamos nos alternando na leitura, cada um lia um parágrafo dos três últimos capítulos maravilhosos de Segundo Néfi. Ouvi a voz dele falhar e achei que estava com gripe. (. . .) Ao terminarmos ele disse (. . .), 'Papai, alguma vez você já chorou ao ler o Livro de Mórmon?'

'Sim, meu filho, (. . .) algumas vezes o Espírito do Senhor testifica de tal forma à minha alma que o Livro de Mórmon é verdadeiro, que eu choro.'

"'Bem', disse ele, 'é isso que aconteceu comigo esta noite.'"[8]

Seu testemunho será fortalecido por meio da obediência diligente à lei do dízimo e pelas ofertas de jejum e o Senhor o abençoará imensamente por isso. À medida que seu testemunho se fortalecer, Satanás se esforçará ainda mais para tentá-lo. Resista às suas investidas. Você se fortalecerá e a influência dele sobre você enfraquecerá.[9] A influência crescente de Satanás no mundo é permitida para que se propicie uma atmosfera para sermos provados. Embora ele cause destruição hoje, o destino final de Satanás foi determinado por Jesus Cristo por meio de Sua Expiação e Ressurreição. O destino de Lúcifer então foi selado.

Ele não triunfará. Mesmo agora, Satanás precisa atuar dentro dos limites estabelecidos pelo Senhor. Ele não pode retirar nenhuma bênção que tenhamos merecido. Não pode alterar o caráter que foi moldado a partir de decisões justas. Não tem o poder de destruir os laços eternos forjados no templo entre marido, esposa e filhos. Não pode extinguir a fé verdadeira. Não pode retirar seu testemunho. Mas sim, essas coisas podem perder-se caso sucumbamos às suas tentações. Contudo, ele não tem nenhum poder nele ou dele mesmo para destruí-las.

Essas e as outras verdades são certezas. Entretanto, sua convicção da realidade delas, deve vir de sua própria compreensão da verdade, de

sua própria aplicação da lei divina e sua disposição de buscar o testemunho confirmador do Espírito. Seu testemunho pode começar com o reconhecimento de que os ensinamentos do Senhor fazem sentido. Mas ele deve crescer com a prática dessas leis. Então, sua própria experiência confirmará a validade delas e produzirá os resultados prometidos. Essa confirmação não virá toda de uma vez. Um forte testemunho vem linha sobre linha, preceito sobre preceito. Exige fé, tempo, obediência consistente e disposição para sacrificar-se.

Um forte testemunho não pode estabelecer-se sobre um alicerce frágil. Portanto, não finja acreditar em alguma coisa da qual não tenha certeza. Procure receber um testemunho que confirme sua veracidade. Entregue-se a orações fervorosas, viva em retidão e peça uma confirmação espiritual. A beleza dos ensinamentos do Senhor é que eles são verdadeiros e que você pode confirmá-los por si mesmo. Refine sua sensibilidade espiritual estando constantemente alerta à orientação que virá por meio da voz mansa e delicada do Espírito. Permita que o Pai Celestial conheça seus sentimentos, necessidades, preocupações, esperanças e aspirações. Fale com Ele com total confiança, sabendo que Ele ouvirá e responderá. Então, pacientemente dê continuidade à sua vida, fazendo as coisas que você sabe serem corretas, andando com a confiança nascida da fé e retidão, esperando pacientemente a resposta que virá do modo e no momento que o Senhor considerar mais oportuno.[10]

Por que Joseph Smith conseguiu fazer o que transcendia sua capacidade pessoal? Foi por causa de seu vigoroso testemunho. Isso levou-o à obediência, à fé no Mestre e à determinação inabalável de fazer a Sua vontade. Testifico que à medida que seu testemunho crescer em força, quando precisar e merecer, poderá desfrutar da inspiração de saber o que fazer e, quando necessário, da capacidade ou do poder divino para realizá-lo.[11] Joseph Smith aperfeiçoou sua habilidade de seguir a orientação do Senhor por meio da prática de disciplina pessoal. Ele não permitia que seus próprios desejos, sua conveniência ou as persuasões dos homens interferissem com essa decisão. Sigam seu exemplo.

Para ter paz e segurança duradouras, em alguma ocasião da vida, em momentos muito serenos de reflexão, você precisa adquirir a certeza de que existe um Deus no céu que o ama, de que Ele está no comando e vai ajudá-lo. Essa convicção é a essência de um forte testemunho.

Dentro de alguns instantes, o Presidente Gordon B. Hinckley proferirá a mensagem final da conferência. Nós o ouvimos esta manhã, como o profeta do Senhor, dar conselhos sensatos e tranqüilizadores quanto aos desafios que enfrentamos. Pediu-nos que orássemos, com humildade, ao nosso Pai Celestial, buscando orientação e forças para combater o mal. Nossa segurança está Nele e em Seu Filho Amado, Jesus Cristo. Sei que o Salvador os ama. Ele confirmará sua determinação de fortalecer seu testemunho para que se torne um poder consumado para o bem em sua vida, um poder que irá sustê-los em todos os momentos de necessidade e que irá dar-lhes paz e segurança nesses tempos de incerteza.

Como um de Seus Apóstolos, autorizado a prestar testemunho Dele, solenemente testifico que sei que o Salvador vive, que Ele é um ser ressurreto e glorificado de amor perfeito. Ele é nossa esperança, nosso Mediador, nosso Redentor. Em nome de Jesus Cristo. Amém. □

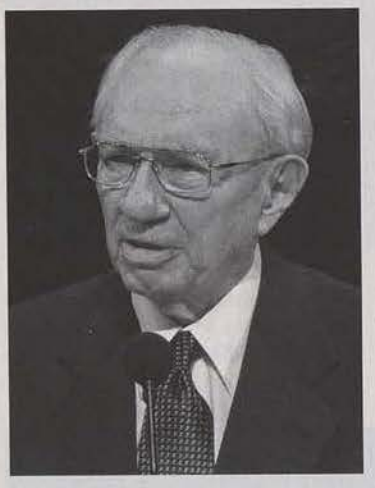
NOTAS

1. Éter 12:6; Hebreus 11:1.
2. Ver Alma 26:22; D&C 3:1–10; D&C 82:10.
3. Éter 12:6, grifo do autor.
4. D&C 6:23,36; D&C 8:2–3, 10; D&C 9:9.
5. D&C 9:8.
6. Ver Spencer W. Kimball, *The Teachings of Spencer W. Kimball*; editado por Edward L. Kimball [1982]; p. 252.
7. Alma 5:45–46.
8. Conference Report, abril de 1949, p. 41.
9. Ver David O. McKay; "Let Virtue Garnish Your Thoughts", *Improvement Era*, junho de 1969; p. 28.
10. Ver David O. McKay; "The Times Call for Courageous Youth and True Manhood", *Improvement Era*, junho de 1969; p. 117.
11. Ver D&C 43:16.

"Até Que Nos Encontremos Novamente"

Presidente Gordon B. Hinckley

"Nossa segurança repousa na virtude de nossa vida. Nossa força reside em nossa retidão. Deus deixou bem claro que se não O abandonarmos, Ele não nos abandonará."



Queridos irmãos e irmãs, estou muito feliz por contarmos com a presença, ontem e hoje, da irmã Inis Hunter, viúva do Presidente Howard W. Hunter. Agradecemos por tê-la aqui conosco.

Chegamos agora ao encerramento desta grande conferência. O coro cantará "Deus Vos Guarde" (*Hinos*, n° 85). Sou grato por esse hino. Diz ele:

Deus vos guarde com o seu poder;
Sempre esteja ao vosso lado,
Vos dispense seu cuidado (. . .)

Deus vos guarde bem no seu amor,
Consolados e contentes, na verdade diligentes (. . .)

Deus vos guarde para o seu louvor
Para seu eterno gozo, seu serviço glorioso.
Deus vos guarde para o seu louvor.

Cantei esse hino em inglês enquanto outras pessoas o cantaram em inúmeros outros idiomas. Elevei a voz para entoar essas palavras simples e maravilhosas em ocasiões memoráveis em todos os continentes da Terra. Cantei-as, com lágrimas nos olhos, em despedidas de missionários. Cantei-as com homens em uniformes de combate durante a guerra do Vietnã. Em milhares de lugares e em inúmeras circunstâncias ao longo desses quase incontáveis anos, cantei com tantos outros essas palavras de despedida, entoadas por pessoas que amam umas às outras.

Éramos estranhos quando nos conhecemos. Éramos irmãos e irmãs quando nos despedimos.

Essas palavras simples tornaram-se uma oração coletiva oferecida ao trono do céu pelo bem-estar uns dos outros.

E é nesse espírito que nos despedimos ao concluir esta, que foi uma conferência extraordinária e histórica.

Espero que, ao ouvirmos os irmãos e irmãs discursarem, nosso coração tenha sido tocado e nossas resoluções tenham atingido um patamar mais elevado. Espero que cada homem casado tenha dito a si mesmo: "Serei mais gentil e generoso com minha esposa e com meus filhos. Controlarei meu temperamento". Espero que a amabilidade substitua a aspereza em nossas conversas uns com os outros. Espero que cada esposa veja o marido como seu querido companheiro, a estrela de sua vida, seu apoio, sua proteção, o companheiro com quem caminha de mãos dadas, dividindo igualmente o fardo. Espero que veja seus filhos como filhos e filhas de Deus, e a contribuição mais significativa que ela deu ao mundo; que sua maior preocupação seja com as realizações deles e isso seja mais precioso do que qualquer coisa que tenha ou que sonhe ter.

Espero que os rapazes e as moças saiam desta conferência sentindo mais gratidão pelos pais, tendo mais amor no coração por aqueles que os trouxeram ao mundo, por aqueles que mais os amam e mais se preocupam com eles.

Espero que o nível de ruído de nosso lar diminua em alguns decibéis, que abaixemos nosso tom de voz e que conversemos uns com os outros com maior apreço e respeito.

Espero que todos nós, membros desta Igreja, sejamos absolutamente leais a ela. A Igreja precisa de seu apoio fiel e vocês necessitam do apoio fiel da Igreja.

Espero que a oração adquira um novo brilho em nossa vida. Nenhum de nós sabe o que está à frente. Podemos fazer prognósticos, mas não sabemos. Podemos ser acometidos de enfermidades. Podemos ser surpreendidos pelo infortúnio. Podemos nos sentir angustiados pelo medo. A morte poderá visitar-nos ou a um ente querido com seu toque frio e sinistro.

A despeito do que venha a acontecer, oro para que a fé, inamovível e constante, brilhe sobre

todos nós como a estrela polar. Hoje, neste momento, defrontamo-nos com problemas especiais, graves e destruidores, difíceis e de grande preocupação para todos nós. Certamente precisamos do Senhor.

Quando fui almoçar em casa, liguei a televisão, assisti o noticiário por alguns momentos e parafraseei em minha mente as palavras encontradas em Salmos: "Por que as nações se amotinam?" (Ver Salmos 2:1.) Passei por todas as guerras do século XX. Meu irmão mais velho foi sepultado sob o solo da França, vítima da Primeira Guerra Mundial. Atravessei a Segunda Guerra Mundial, a Guerra da Coréia, a Guerra do Vietnã, a Guerra do Golfo e outros conflitos menores. Temos sido como um povo difícil e hostil nos conflitos em que nos envolvemos uns contra os outros. Precisamos voltar-nos para o Senhor e depositar nossa esperança Nele. Penso nas grandes palavras de Kipling:

Chamadas ao longe nossas frotas se desvanecem;
Na duna e no promontório esmorece a chama —
Veja! Toda nossa pompa de outrora
Uniu-se a Nínive e a Tiro!
Juiz das Nações, poupa-nos ainda,
Para que não esqueçamos—Para que não esqueçamos!

(Rudyard Kipling, "Recessional", in *Masterpieces of Religious Verse*, ed. James Dalton Morrison [1948], p. 512)

Nossa segurança repousa na virtude de nossa vida. Nossa força reside em nossa retidão. Deus deixou bem claro que se não O abandonarmos, Ele não nos abandonará. Ele, o guarda de Israel, não tosquenejará nem dormirá. (Ver Salmos 121:4.)

E agora, ao concluirmos esta conferência, ainda que tenhamos a oração de encerramento, eu gostaria de oferecer uma breve oração devido a estas circunstâncias:

Ó Deus, nosso Pai Eterno, Tu, ó grande Juiz das Nações, Tu és o governante do universo, Tu és nosso Pai e nosso Deus, de quem somos filhos, voltamo-nos a Ti com fé nesta hora sombria e solene. Por favor, Pai querido, abençoa-nos com fé. Abençoa-nos com amor. Abençoa-nos com caridade em nosso coração. Abençoa-nos com um espírito de perseverança para extirpar os terríveis males que estão neste mundo. Dá proteção e orientação àqueles que estão ativamente empenhados na batalha. Abençoa-os, preserva sua vida; salva-os do perigo e do mal. Ouve as orações dos entes queridos que pedem pela segurança deles. Oramos pelas grandes democracias da Terra, as quais Tu tens supervisionado na criação de seus governos, onde a paz, a liberdade e os processos democráticos prevalecem.

Ó Pai, olha com misericórdia para isto, para nossa própria nação e seus amigos neste momento de necessidade. Poupa-nos e ajuda-nos a caminhar sempre com fé em Ti e em Teu Filho Amado, com cuja misericórdia contamos e em quem confiamos como nosso Salvador e Senhor. Abençoa a causa da paz e traze-a rapidamente de volta para nós, rogamos humildemente a Ti, pedindo-Te que perdoes nossa arrogância, que passes por cima dos nossos pecados, que sejas bondoso e indulgente conosco e faças com que nosso coração se volte para Ti com amor. Oramos humildemente em nome Daquele que ama a todos nós, sim, o Senhor Jesus Cristo, nosso Redentor e nosso Salvador. Amém. □

Reunião Geral da Sociedade de Socorro
29 de setembro de 2001

Constante e Imutável

Mary Ellen W. Smoot
Presidente Geral da Sociedade de Socorro

"Não podemos abandonar nossa fé quando encontramos dificuldades na vida. Não devemos nos afastar, não devemos recuar, não devemos ficar desanimadas."

Existem pessoas e acontecimentos em nossa vida que deixam fortes marcas em nosso coração, depois do que, não somos mais os mesmos.

Hoje à noite, como presidência, oramos para que as palavras aqui proferidas deixem uma forte marca em nosso coração e nos mantenham firmes, constantes e imutáveis, como filhas de Deus.

Em minhas viagens pelo mundo, as fiéis irmãs desta grande organização da Sociedade de Socorro deixaram sua marca em meu coração. Observei seu empenho dedicado em auxiliar e servir umas às outras, aqui e em todo o mundo. Jamais serei a mesma depois disso.

Peço que suas orações estejam comigo ao dizer-lhes algumas coisas que espero que entrem em seu coração e as aproximem de nosso Salvador e Redentor.

Decidimos ser constantes e imutáveis em nossa fé por causa das promessas de glória eterna, progresso eterno e um relacionamento familiar contínuo no reino celestial. Amamos nossa família e sabemos que temos nossas maiores alegrias e paz ao vermos cada membro da família enfrentar as provações da vida e tomar as decisões certas para vencer o mundo.

De vez em quando, tomo nas mãos o rosto de um de meus filhos ou netos, quando eles estão fazendo algo que irá prejudicá-los ou feri-los a curto ou longo prazo. Olho profundamente em seus olhos e explico-lhes cuidadosamente o quanto são amados e estimados. Depois, descrevo o mal que pode resultar das ações que eles escolheram.

Posso visualizar o Salvador segurando nosso rosto em Suas mãos e pedindo a cada uma de nós, individualmente, que permaneçamos constantes, imutáveis e fiéis ao Deus que nos criou.

Irmãs, gostaria de poder tomar seu rosto em minhas mãos, olhar profundamente em seus olhos e transmitir-lhes uma clara visão de seu papel vital como filhas amadas de Deus, cuja "vida tem significado, propósito e direção". Somos mulheres que "aumentamos nosso testemunho de Jesus Cristo por meio da oração e do estudo das escrituras", que "buscamos força espiritual seguindo os sussurros do Espírito Santo", que "dedicamos-nos ao trabalho de fortalecer o casamento, a família, consideramos nobre a maternidade e somos felizes por sermos mulheres".[1] Somos mulheres da organização da Sociedade de Socorro da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Antes de virmos a este mundo mortal, vivemos juntas na presença de um amoroso Pai Celestial. Imagino que um dos assuntos favoritos de nossas conversas era o que aconteceria quando passássemos pelo véu e entrássemos nesta existência terrena.

Agora estamos aqui. Embora, sem dúvida alguma, tenhamos sido instruídas sobre como a vida na Terra seria difícil, duvido que compreendêssemos ou pudéssemos saber como a existência mortal seria árdua e desafiadora, cansativa e até dolorosa, às vezes. Sem dúvida todas já tivemos momentos na vida em que as coisas pelas quais estávamos passando pareciam difíceis demais de suportar. Mas, tal como ensinou o Profeta Joseph Smith: "Quando [nos] filiamos à Igreja, [nós nos apresentamos] para servir a Deus. Quando o fizemos, saímos (. . .) do terreno neutro e jamais poderemos voltar atrás. Caso [nos] esqueçamos do Mestre ao qual [nos apresentamos] para servir, será por influência do maligno, [e passaremos] então a seguir o que ele [nos] ordenar e [nos tornaremos] servos dele."[2]

Posso imaginar o Salvador tomando nosso rosto em Suas mãos, olhando profundamente em nossos olhos e prometendo uma irmandade, uma Sociedade de Socorro, para ajudar-nos em nossas provações. Esta organização para todas as mulheres da Igreja visa ajudar-nos a conduzir-nos ao Salvador e auxiliar-nos umas às outras na assistência aos enfermos e pobres. As irmãs da Sociedade de Socorro devem abraçar as irmãs

recém-batizadas, fazer com que todas se sintam necessárias e cuidar delas, sejam quais forem suas condições de vida. Elas devem dar boas-vindas às novas moças que chegam e torná-las parte integrante de todas as atividades. Utilizem-nas. Não podemos perdê-las. Todas devem ser enaltecidas e amadas. Todas devem seguir seus líderes do sacerdócio, que irão guiar-nos pelo caminho estreito para um porto seguro, para a pura verdade e para um estilo de vida adequado à nossa condição de filhas de Deus.

O Presidente Gordon B. Hinckley aconselhou o seguinte às mulheres da Igreja: "Estejam à altura do grande potencial que está em vocês. Não peço que façam nada que esteja além de sua capacidade. Espero que não se preocupem demais com idéias de fracasso. Espero que não tentem estabelecer metas que estejam muito além de sua capacidade. Espero simplesmente que façam o que podem fazer da melhor forma possível. Se assim o fizerem, testemunharão milagres".[3]

Quando ouço algumas irmãs dizerem: "É difícil demais fazer minhas visitas de professora visitante" ou "Simplesmente não tenho tempo para orar e ler as escrituras!" ou "Tenho muito o que fazer e não posso ir às reuniões de aprimoramento pessoal, familiar e doméstico", tenho vontade de repetir o que o Presidente Hinckley aconselhou: "Estejam à altura do grande potencial que está em vocês". Talvez precisemos fazer uma pausa para analisar se nossas ações condizem com as coisas que são mais importantes para nós. Se colocarmos as coisas mais importantes em primeiro lugar, viveremos cada dia sem arrependimentos.

Comparecemos à Sociedade de Socorro todas as semanas não apenas para sermos espiritualmente nutridas, cuidadas e amadas, mas também para prestar contas de nossos deveres. Muitas vezes o dever mais importante está dentro de nosso próprio lar.

Lúcifer está fazendo todo o possível para desviar-nos das coisas mais importantes. Um de seus métodos mais eficazes é convencer-nos de que é impossível manter-nos concentradas nas coisas espirituais quando somos tão pressionadas pelas exigências da vida.

Quando um doutor da lei perguntou ao Salvador, qual era o maior de todos os mandamentos, Jesus respondeu sem hesitar: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento.(. . .) E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo".[4] Esses são os dois grandes mandamentos. Deles dependem toda a lei e os profetas. Essas são as coisas de maior importância. Se nos esforçarmos em cumprir esses mandamentos, os outros serão cumpridos sem grande dificuldade.

Como está nosso relacionamento com o Pai Celestial? Será que O amamos com todo o poder, mente e força? Como estamos amando nossa família, nossos vizinhos, nossas irmãs da Sociedade de Socorro e nosso próximo? Essas perguntas ajudam-nos a reconhecer quais são as coisas mais importantes e servem como um padrão pelo qual podemos julgar as atividades de nosso dia-a-dia, para ver como nos estamos saindo.

Será que amamos o Senhor se passamos nosso tempo assistindo a filmes impróprios, lendo material pornográfico ou participando de atividades degradantes ou indevidas para uma filha de Deus? Mostramos nosso amor ao Senhor se não nos vestimos de modo recatado? Falei recentemente para um grande grupo de jovens, e um rapaz entregou-me um bilhete após a reunião que dizia: "Por favor, diga às mulheres da Igreja o quanto aprecio seu recato no vestir. Sei que é difícil encontrar roupas recatadas no mundo de hoje. Mas diga-lhes que isso é algo que vale a pena para mim e para os homens dignos com quem irão se casar".

Não podemos abandonar nossa fé quando encontramos dificuldades na vida. Não devemos nos afastar, não devemos recuar, não devemos ficar

desanimadas. Devemos seguir adiante com destemor e determinação, sendo um exemplo para todas as pessoas a nosso redor, no recato, humildade e fé. Manter-nos constantes e imutáveis é uma jornada pessoal que tem recompensas eternas, porque se assim o fizermos: "Cristo, o Senhor Deus Onipotente, [pode selar-nos] como seus, a fim de que [sejamos] levados ao céu e [tenhamos] salvação sem fim e vida eterna".[5]

Há alguns anos, em sua mensagem de despedida para as irmãs da Sociedade de Socorro, a irmã Belle Spafford disse: "Em minha opinião, as mulheres de hoje, de modo geral, bem fariam em avaliar seus interesses e suas atividades, e depois tomar as medidas necessárias para simplificar sua vida, colocando as coisas mais importantes em primeiro lugar, dando ênfase às coisas que terão maior recompensa e serão mais duradouras, e livrando-se das atividades menos compensadoras".[6]

Muitas vezes é preciso um acontecimento trágico para ajudar-nos a entender as coisas que são mais importantes. Há poucas semanas passamos por um desses acontecimentos trágicos que mudou nossa vida para sempre e que ajudou-nos a dar-nos conta de que precisamos estar preparadas. O sentimento mais freqüentemente expresso por aqueles que foram diretamente afetados pelos recentes ataques terroristas na costa leste dos Estados Unidos foi que tudo o que queriam era ter sua família reunida novamente. Compreendo essa reação.

No início do ano, fui submetida a uma cirurgia delicada e passei muitos dias no hospital. Ao ponderar minha vida e o que iria relatar ao Senhor se fosse chamada para junto Dele, percebi com absoluta clareza que a família é uma das responsabilidades mais importantes. Percebi que minha maior alegria seria ver meus filhos, netos e futuros bisnetos permanecerem firmes, constantes e imutáveis no evangelho. Naqueles momentos solitários que passei num quarto escuro do hospital, percebi que aquilo que fazemos dentro de nosso lar é muito mais importante do que as coisas que fazemos fora dele.

Sim, há ocasiões em que vemo-nos cercadas de problemas, sofrimento e tristeza. Mas não devemos desistir. Não podemos retroceder. Eliza R. Snow, a segunda presidente da Sociedade de Socorro escreveu estas palavras:

"Seguirei adiante. (. . .) Sorrirei em meio à tempestade e navegarei destemida e triunfalmente pelo tumultuado oceano das vicissitudes. (. . .) E o *testemunho de Jesus* acenderá uma luz que guiará minha visão através dos portais da imortalidade e transmitirá à minha mente as glórias do reino celestial."[7]

Oh, como eu gostaria de ficar face a face, com cada irmã, olhando nos olhos, fazendo com que ela captasse todo o entusiasmo dessas palavras e compreendesse verdadeiramente quem é e o que é capaz de realizar. Oh, que as palavras de nossa declaração possam enraizar-se profundamente em cada uma de nós: "Somos amadas filhas (. . .) de Deus. (. . .) Somos unidas em nossa devoção a Jesus Cristo. (. . .) Somos mulheres de fé, virtude, visão e caridade".[8]

O desânimo, a tristeza, a dor e o sofrimento podem nos afligir e provar. Mas, minhas amadas irmãs no evangelho, embora seja muito tarde para voltarmos atrás, podemos permanecer firmes e constantes e deixar nossa marca na vida das pessoas a quem influenciamos. Podemos sorrir em meio à tempestade e navegar triunfalmente pelo tumultuado oceano das vicissitudes. Podemos ter o testemunho de Jesus Cristo como uma luz que irá guiar-nos através dos portais da imortalidade.

Que possamos terminar gloriosamente, que concentremos nossas energias nas coisas de maior importância, que possamos encontrar-nos do outro lado do véu e abraçar-nos com o triunfante conhecimento de que permanecemos constantes e imutáveis, é minha esperança e oração para vocês, queridas irmãs, em nome de Jesus Cristo. Amém. □

NOTAS

1. Declaração da Sociedade de Socorro, Mary Ellen Smoot, "Alegra-te, Ó Filha de Sião", *A Liahona*, janeiro de 2000, p. 112.
2. "Recollections of the Prophet Joseph Smith", *Juvenile Instructor*, 15 de agosto de 1892, p. 492.
3. *Motherhood: A Heritage of Faith* (1995), p. 9.
4. Mateus 22:37–39.
5. Mosias 5:15
6. *A Woman's Reach*, 1974, p. 23.
7. "The Lord Is My Trust", *Poems, Religious, Historical and Political*, vol. I, 1856, pp. 148–149; grifo do autor.
8. *A Liahona*, janeiro de 2000, p. 112.

Permaneçam Firmes

Virginia U. Jensen
Primeira Conselheira na Presidência Geral da Sociedade de Socorro

"Jamais esqueçamos que estamos edificando um alicerce para e com nossa família sobre a rocha de nosso Redentor."

Minha filha mais nova e seu marido passaram vários anos procurando seriamente as melhores orientações médicas e os mais recentes avanços científicos para terem um filho. Jejuaram, oraram e aguardaram ansiosamente.

Por fim, o tão esperado resultado foi alcançado, e ela está esperando seu primeiro filho. Recentemente, o médico marcou um exame minucioso para verificar a saúde do bebê que estava por nascer. Minha filha estava muito preocupada com esse exame. Quando o dia marcado se aproximava, ela ficou sabendo que o marido não poderia acompanhá-la; então pediu-me que fosse com ela. Disse: "Mamãe, depois de tudo que passei, se algo der errado, vou precisar de alguém a meu lado".

Fiquei maravilhada com a oportunidade de ver pelo ultrassom alguém que irei amar e estimar por toda a eternidade. Tive vontade de dizer-lhe que tudo ficaria bem, mas em meu coração, também estava preocupada.

Depois que o médico analisou o vídeo feito pelo técnico, entrou na sala para conversar conosco sobre os resultados. Suas primeiras palavras foram: "Gostaria que todos os bebês fossem tão perfeitos quanto o seu!" Mal pude conter minha alegria. Quando fomos para o carro, não consegui conter a emoção e comecei a chorar. Chorei desejando que toda futura mãe pudesse ouvir essas mesmas palavras. Chorei por todas as mulheres que gostariam de ter um filho, mas não puderam. Derramei lágrimas por todas as mulheres que queriam filhos, mas não encontraram um marido. E, por fim, chorei de gratidão, desejando imensamente que nossa família possa dar um lar digno a esse bebê.

O poeta inglês Wordsworth descreveu parte de meus sentimentos sobre esse neto e seu lar ao lembrar-nos de que:

"Nosso nascimento é como um sono
e um esquecimento (. . .)
Trilhando nuvens de glória
Viemos de Deus, que é nosso lar."
(William Wordsworth, Ode: Intimations of Immortality from Recollections of Early Childhood)

Nosso lar é sagrado por causa de sua relação com nosso Pai Celestial e nosso lar celestial. A experiência que tive com minha filha fez com que novamente me lembrasse, de modo claro, a prioridade e a vital importância do lar e da família. Também me fez recordar que, sendo mulheres, com a tendência natural de amar, nutrir e ensinar, fomos chamadas para proteger e abençoar todas as pessoas de nossa família. Ao enviar bebês para esta Terra, o Senhor precisa que permaneçamos firmes e inabaláveis, seja qual for nossa situação, e continuemos a criar um lar que seja uma fortaleza contra as crescentes influências do mal. É nosso encargo sermos defensoras do lar e da família, onde quer que estejamos nesta Terra.

"De todo o coração, creio que o melhor lugar para que nos preparemos para (. . .) a vida eterna é o lar", disse o Presidente David O. McKay. ("Blueprint for Family Living", *Improvement Era*, abril de 1963, p. 252.) Mas como podemos criar filhos justos em um mundo que cada vez mais se assemelha a Sodoma e Gomorra?

O Presidente Howard W. Hunter recontou o seguinte relato histórico que me ajuda a responder a essa pergunta.

A batalha final e decisiva das guerras napoleônicas foi travada em 18 de junho de 1815, perto de Bruxelas, Bélgica, na vila de Waterloo. O que hoje conhecemos como a Batalha de Waterloo foi um momento decisivo da história moderna e provocou mudanças drásticas nas fronteiras políticas e no equilíbrio de poder na Europa. Num momento crítico dessa grande batalha entre as forças do imperador francês Napoleão e as forças aliadas sob o comando do general inglês Arthur Wellesley, mais conhecido como Duque de Wellington, um oficial nervoso entrou correndo no escritório do Duque com a mensagem de que, a menos que as tropas batessem imediatamente em retirada, elas teriam de render-se ao exército francês, numericamente superior.

O Duque ordenou: "Permaneçam firmes!"

"Mas iremos todos morrer", respondeu o oficial.

"Permaneçam firmes!" foi novamente a resposta do Duque. (Howard W. Hunter, *That We Might Have Joy*, p. 148)

"Permaneçam firmes!" foi a ordem do Duque, e o resultado foi a vitória! Essas duas palavras de comando — permaneçam firmes — são um conselho para mim e dão-me coragem. Irmãs, estamos atualmente travando uma batalha feroz pela mente, coração e até pela alma de nossos filhos, netos e outros familiares. Nessa luta, temos armas e armaduras muito mais potentes do que aquelas que as tropas do Duque de Wellington possuíam, pois temos a nosso dispor a força que advém da fé no Senhor Jesus Cristo e o poder das ordenanças do evangelho. Para sermos vitoriosas, precisamos armar-nos com a fé no Senhor Jesus Cristo e permanecermos firmes em nossas convicções.

No Livro de Mórmon, lemos sobre os lamanitas "que se haviam convertido à verdadeira fé; e não se afastaram dela, pois eram firmes e constantes e inabaláveis, desejando guardar com todo o empenho os mandamentos do Senhor". (3 Néfi 6:14)

Sua fé forte e inabalável no evangelho de Jesus Cristo, Seu plano para vocês e sua família e o conhecimento dessas coisas serão uma grande proteção contra os pontos de vista conflitantes e as influências malignas. Sua obediência e fidelidade aos convênios eternos e mandamentos podem trazer-lhes paz e até felicidade, em meio ao caos deste mundo. Armadas com a fé, vocês podem permanecer firmes e criar um lar digno dos filhos do Pai Celestial.

Certa vez, ao viajar para uma região assolada pela violência e problemas sociais, fiquei muito preocupada. Um atencioso líder do sacerdócio percebeu meu temor e compartilhou comigo algumas palavras que me deram alento.

Quando ele era menino, sua mãe, que de um momento para o outro ficou sozinha e sem recursos, conseguiu forças ao ler as seguintes palavras num antigo livro: "Eu disse ao homem que estava junto ao portal do tempo: 'Dê-me luz para que eu possa caminhar com segurança para o desconhecido', e ele respondeu: 'Caminhe para dentro da escuridão e coloque sua mão nas mãos de Deus. Isso será melhor do que uma luz e mais seguro do que um caminho conhecido'". (Minnie Louise Haskins, no *The Oxford Dictionary of Quotations*, 4th editado por Angela Partington [1996], p. 328)

A mãe de meu amigo reconstruiu sua vida e criou um alicerce sólido seguindo esse conselho. Também fui fortalecida em minhas preocupações rumando para o desconhecido armada com o conhecimento de que a companhia do Senhor é melhor do que qualquer proteção mortal.

Para permanecermos firmes, precisamos saber no fundo de nossa alma que o Senhor sempre será nosso apoio, se estivermos firmemente alicerçadas na rocha de nosso Redentor. Esse conceito é fervorosamente expresso no quinto capítulo

As irmãs lotam o Centro de Conferências para participar da Reunião Geral da Sociedade de Socorro, na noite do sábado, 29 de setembro de 2001.

de Helamã. "E agora (. . .) lembrai-vos de que é sobre a rocha de nosso Redentor, que é Cristo, o Filho de Deus, que deveis construir os vossos alicerces; para que, quando o diabo lançar a fúria de seus ventos, sim, seus dardos no torvelinho, sim, quando todo o seu granizo e violenta tempestade vos açoitarem, isso não tenha poder para vos arrastar ao abismo da miséria e angústia sem fim, por causa da rocha sobre a qual estais edificados, que é um alicerce seguro; e se os homens edificarem sobre esse alicerce, não cairão." (Helamã 5:12)

As promessas do Senhor são garantidas. Ele investiu Sua vida em nossa salvação.

Para manter-nos sobre um firme alicerce e ajudar outras pessoas a permanecerem firmes, a mensagem do evangelho restaurado deve estar firmemente plantada em nosso coração e ser ensinada em nosso lar. Em seu próprio lar, dê a seus filhos e entes queridos a armadura espiritual de que precisarão quando saírem a cada dia para se aventurarem para fora da fortaleza segura do lar. Ensine seus entes queridos a invocarem os poderes do céu por meio do jejum e oração. Ensinem que a santificação do Dia do Senhor irá protegê-los do mundo. Ensinem-nos a serem obedientes. Ensinem-nos a buscarem a aprovação de Deus, e não do homem. Ensinem a eles que o único caminho de volta a nosso lar celestial é amar e seguir o Salvador e fazer e cumprir convênios e mandamentos sagrados. As verdades do evangelho e o conhecimento do plano de salvação são as armas que os membros de sua família podem usar para alcançarem vitória contra as forças malignas de Satanás.

Em nosso papel de esposa, mãe, avó, irmã e tia, devemos permanecer firmes como um exemplo de vida. Devido ao amor que temos por eles, queremos proporcionar a nossos familiares um padrão seguro e justo para que o sigam. Em tudo o que fazemos e dizemos, em nosso modo de vestir, na forma como despendemos nosso tempo, em todas as escolhas que fazemos, nós demonstramos em que acreditamos, e isso se torna o padrão a ser seguido por eles.

Lucy Mack Smith, a mãe do Profeta Joseph Smith, escreveu em sua história que na primavera de 1803, ela e o marido estavam muito preocupados com religião. Escreveu sobre sua própria busca da verdade: "Retirei-me para um bosque próximo, onde orei ao Senhor para que o verdadeiro evangelho pudesse ser revelado". (*History of Joseph Smith*, ed. Preston Nibley [1958], p. 43.) Isso não soa muito familiar?

Dezessete anos depois, na primavera de 1820, o Profeta Joseph Smith, em busca da verdade, "[chegou] à conclusão de que teria de (. . .) pedir a Deus. Assim, (. . .) retirei-me para um bosque a fim de fazer a tentativa". (Joseph Smith — História 1:13–14)

Será coincidência que mãe e filho tenham escolhido um bosque como o local de pedirem a Deus que lhes revelasse a verdade? A oração de Joseph abençoou o mundo inteiro por meio da restauração do evangelho de Jesus Cristo. O exemplo digno de uma mulher que permanece firme em sua fé, abençoa um número incontável de pessoas.

Por mais que eu goste imensamente de ser mulher e mãe, reconheço que nem sempre é fácil. Posso compreender os sentimentos expressos por uma menina do curso primário, quando sua professora pediu à classe que escrevesse cartas para Deus. Sharon escreveu: "Querido Deus, aposto que é muito difícil para o Senhor amar todas as pessoas do mundo. Há apenas cinco pessoas em minha família e simplesmente não consigo amar todas elas". Tenho certeza que meus familiares podem dizer-lhes que nem sempre é fácil me amar. No entanto, concordo com o Élder Loren C. Dunn, que disse: "Não há nada mais precioso ou duradouro do que a família". ("Our Precious Families", *Ensign*, novembro de 1974, p. 11.) Por mais difícil que a vida familiar possa ser às vezes, o trabalho que fazemos em nossa família é da mais alta importância.

Quando estiverem desanimadas e as coisas em sua família não estiverem indo da forma que desejariam, permaneçam firmes, com fé, e digam o mesmo que outra menina escreveu em sua carta para Deus: "Querido Deus, estou fazendo o melhor que posso". Não permitam que as dificuldades inerentes à vida familiar as desanimem demasiadamente ou influenciem negativamente o amor que pode ser compartilhado na família.

Armemo-nos com a fé e permaneçamos firmes em nossas convicções. Jamais esqueçamos que estamos edificando um alicerce para e com nossa família sobre a rocha de nosso Redentor. Coloquemos nossa mão nas mãos de Deus. Com a ajuda do Senhor podemos edificar um lar que será uma fortaleza de retidão.

Que o Senhor as abençoe em seu empenho de permanecerem firmes na defesa do lar e da família, é minha oração em nome de Jesus Cristo. Amém. □

Não Somos Todas Mães?

Sheri L. Dew
Segunda Conselheira na Presidência Geral da Sociedade de Socorro

"A maternidade é mais do que se dar à luz um filho. (. . .) É a essência de quem somos como mulheres."

Neste verão, quatro sobrinhas e eu tivemos uma tensa noite de domingo, quando saímos de um hotel no centro da cidade que estávamos visitando, para caminhar até uma capela próxima, onde eu iria falar. Eu já havia feito aquele trajeto muitas vezes, mas naquela noite subitamente nos vimos cercadas por uma multidão de pessoas embriagadas que tinham ido assistir a um desfile. Não era um lugar adequado para quatro moças adolescentes e nem para sua tia, devo acrescentar. Mas como as ruas estavam fechadas para o trânsito, não tivemos outra escolha a não ser continuar andando. Em meio à balbúrdia, gritei para as moças: "Fiquem bem ao meu lado". Enquanto atravessávamos aquela multidão, a única coisa que eu tinha em mente era a segurança de minhas sobrinhas.

Felizmente, conseguimos, por fim, chegar até a capela. Mas durante uma hora preocupante, compreendi melhor o que devem sentir as mães que se esquecem da própria segurança para protegerem um filho. Minhas irmãs tinham deixado as filhas sob minha responsabilidade, e eu as amo e faria qualquer coisa para conduzi-las para um lugar seguro. Da mesma forma, nosso Pai Celestial confiou a nós, mulheres, os Seus filhos e pediu-nos que os amássemos e os conduzíssemos em segurança, através dos perigos da mortalidade, de volta para nosso lar.

Amar e *conduzir* essas palavras resumem não apenas o trabalho do Pai e do Filho, mas também a essência do nosso trabalho, pois nosso trabalho é ajudar o Senhor em Seu trabalho. Como, então, nós, mulheres santos dos últimos dias, podemos ajudar melhor o Senhor em Seu trabalho?

Os profetas responderam muitas vezes essa pergunta, tal como o fez a Primeira Presidência há seis décadas, quando chamou a maternidade de "o mais elevado e santo serviço (. . .) assumido pela humanidade".[1]

Vocês já se perguntaram por que os profetas ensinaram a doutrina da maternidade — pois ela *é* uma doutrina — tão repetidamente? Eu já. Pensei muito e por muito tempo a respeito do trabalho das mulheres de Deus. Refleti bastante sobre o que a doutrina da maternidade significa para *todas* nós. Essa questão fez-me orar, pesquisar as escrituras e ir ao templo, tudo isso ensina a exaltadora doutrina do mais importante papel que desempenhamos como mulheres. É uma doutrina sobre a qual precisamos ser claras, se esperamos permanecer "firmes e inamovíeis"[2] em relação às questões que estamos constantemente enfrentando como mulheres, pois Satanás declarou guerra à maternidade. Ele sabe que a mão que embala o berço pode abalar seu império terreno. E sabe que sem mães dignas, que amem e conduzam a próxima geração, o reino de Deus irá fracassar.

Quando compreendemos a magnitude da maternidade, vemos claramente por que os profetas foram tão zelosos em relação ao papel mais sagrado da mulher. Embora *nós* tenhamos a tendência de igualar a maternidade ao ato de dar à luz um filho, na linguagem do Senhor a palavra *mãe* tem muitos significados. De todas as palavras que eles poderiam ter escolhido para definir seu papel e sua essência, tanto Deus, o Pai, quanto Adão chamaram "Eva de mãe de todos os viventes"[3], e fizeram isso *antes* que ela tivesse tido um filho. Tal como aconteceu com Eva, nossa maternidade começou antes de nascermos. Assim como os homens justos foram preordenados para possuir o sacerdócio na mortalidade,[4] as mulheres justas receberam antes da mortalidade o privilégio da maternidade.[5] A maternidade é mais do que dar à luz um filho embora isso certamente esteja incluído. É a essência de *quem somos como mulheres*. Ela define nossa própria identidade, nossa condição e natureza divinas, e as características especiais que nosso Pai nos concedeu.

O Presidente Gordon B. Hinckley declarou que "Deus plantou algo de divino nas mulheres".[6] Esse algo é o dom da maternidade e os dons da mulher em seu papel como mãe. O Élder Matthew Cowley ensinou que "os homens precisam receber algo [na mortalidade] para tornarem-se

salvadores de homens, mas as mães e as mulheres, não. [Elas] nascem com um direito inato, uma autoridade inata de serem salvadoras de almas humanas (. . .) e a força regeneradora na vida dos filhos de Deus".[7]

A maternidade não foi algo que sobrou depois que nosso Pai abençoou Seus filhos com a ordenação ao sacerdócio. É a mais exaltadora investidura que Ele poderia ter dado a Suas filhas, uma responsabilidade sagrada que proporcionou às mulheres um papel inigualável na obra de ajudar Seus filhos a guardarem seu segundo estado. Conforme declarou o Presidente J. Reuben Clark Jr., a maternidade é "um chamado divino, tão eternamente importante em sua esfera quanto o sacerdócio".[8]

Não obstante, o assunto da maternidade é muito delicado, pois evoca algumas das maiores alegrias e tristezas da vida. Foi assim desde o princípio. Eva "alegrou-se" depois da Queda, percebendo que de outra forma "jamais [teriam] tido semente".[9] Mas imaginem sua angústia em relação a Caim e Abel. Algumas mães sofrem por causa dos filhos que geraram; outras sofrem por não gerarem filhos nesta vida. A esse respeito o Élder John A. Widtsoe foi bem claro: "As mulheres que por motivos alheios à sua vontade não puderem exercer diretamente o dom da maternidade, poderão fazê-lo vicariamente".[10]

Por razões que só o Senhor conhece, algumas mulheres precisam esperar para ter filhos. Essa espera não é fácil para nenhuma mulher digna. Mas o cronograma do Senhor para cada uma de nós não nega nossa natureza. Algumas de nós, portanto, precisam simplesmente encontrar outras maneiras de nos tornarmos mãe. E ao nosso redor existem muitos que precisam ser amados e conduzidos.

Eva estabeleceu o padrão. Além de gerar filhos, ela tornou-se mãe de toda a humanidade ao tomar a decisão mais corajosa já tomada por uma mulher. Com Adão, ela abriu o caminho para que pudéssemos

progredir. Ela foi um exemplo de mulher a ser respeitado pelos homens e seguido pelas mulheres, ilustrando as características com as quais todas nós fomos dotadas: fé heróica, aguçada sensibilidade ao Espírito, aversão ao mal e total altruísmo. Tal como o Salvador, "o qual, pelo gozo que lhe estava proposto, suportou a cruz"[11], Eva, pela alegria de ajudar a dar início à família humana, suportou a Queda. Ela nos amou a ponto de ajudar a conduzir-nos.

Como filhas de nosso Pai Celestial e como filhas de Eva, todas somos mães e sempre fomos mães. E cada uma de nós tem a responsabilidade de amar e ajudar a conduzir a nova geração. Como nossas jovens irão aprender a viver como mulheres de Deus a menos que vejam como são as mulheres de Deus, isto é — como nos vestimos, o que assistimos e o que lemos; como ocupamos nosso tempo e nossa mente; como enfrentamos a tentação e a incerteza; onde encontramos verdadeira alegria e por que o recato e a feminilidade são as características marcantes das mulheres justas? Como nossos rapazes aprenderão a valorizar as mulheres de Deus se não lhes mostramos a virtude de nossas virtudes?

Cada uma de nós tem a suprema obrigação de ser um exemplo de mulher justa, porque nossos jovens talvez não encontrem esse exemplo em nenhum outro lugar. Toda irmã da Sociedade de Socorro, que é a mais importante comunidade de mulheres deste lado do véu, tem a responsabilidade de ajudar nossas moças a fazer uma transição agradável para a Sociedade de Socorro. Isso significa que nossa amizade precisa começar muito antes de elas completarem dezoito anos. Todas podemos ser mãe de alguém, começando por nossa própria família, mas não se limitando a ela. Todas podemos mostrar por palavras e ações que o trabalho das mulheres no reino do Senhor é magnífico e santo. Repito: Somos todas mães em Israel, e nosso chamado é o de amar e ajudar a conduzir a próxima geração através das perigosas ruas da mortalidade.

Poucas de nós atingiríamos nosso potencial sem os cuidados da mãe que nos deu à luz e das mães que têm paciência conosco. Fiquei emocionada recentemente ao rever uma das minhas líderes de jovens que não via há muito tempo. Quando eu era uma adolescente sem nenhuma autoconfiança, ficava sempre junto daquela mulher, porque ela colocava o braço em meu ombro e dizia: "Você é mesmo a melhor das moças!" Ela me amava, por isso deixei que ela me conduzisse. Quantas moças e rapazes estarão desesperadamente necessitados do amor e liderança que *vocês* podem oferecer? Será que compreen-

demos plenamente que nossa influência como mães em Israel é insubstituível e eterna?

Quando eu estava crescendo, não era incomum que minha mãe me acordasse no meio da noite e dissesse: "Sheri, pegue seu travesseiro e vá lá para baixo". Eu sabia o que isso significava. Era um tornado que estava-se aproximando, e eu imediatamente ficava com medo. Mas então, minha mãe dizia: "Sheri, tudo vai ficar bem". Suas palavras sempre me acalmavam. Hoje, décadas depois, sempre que a vida parece assoberbante e assustadora, telefono para minha mãe e espero que ela diga: "Tudo ficará bem".

Os terríveis acontecimentos que ocorreram recentemente nos Estados Unidos ressaltaram que estamos vivendo em um mundo de incertezas. Jamais houve tamanha necessidade de mães justas: Mães que abençoem os filhos com um senso de segurança, proteção e confiança no futuro; mães que ensinem aos filhos onde podem encontrar paz e verdade, que o poder de Jesus Cristo é sempre mais forte que o poder do adversário. Toda vez que edificamos a fé e reforçamos a nobreza de uma moça ou rapaz, toda vez que amamos ou conduzimos alguém, mesmo que seja por um pequeno passo no caminho, estamos sendo fiéis à nossa investidura e a nosso chamado como mães, e com isso edificamos o reino de Deus. Nenhuma mulher que compreenda o evangelho jamais poderia considerar outro trabalho mais importante ou dizer: "Sou *apenas* uma mãe", porque as mães curam a alma dos homens.

Olhem à sua volta. Quem precisa de vocês e de sua influência? Se quisermos realmente fazer algo digno de nota, devemos exercer nosso papel de mãe em relação aos filhos que dermos à luz e àqueles que estivermos dispostas a ensinar e guiar com paciência. Se estivermos sempre ao lado de nossos jovens — ou seja, se os *amarmos* — na maioria dos casos eles ficarão ao nosso lado — ou seja, deixarão que nós os *conduzamos*.

Como mães em Israel, nós *somos* a arma secreta do Senhor. Nossa influência provém de uma investidura divina que nos foi concedida desde o princípio. No mundo pré-mortal, quando o Pai descreveu nosso papel, imagino que ficamos maravilhadas ao saber que Ele nos abençoaria com uma responsabilidade tão sagrada e tão importante em Seu plano, e que nos concederia dons essenciais para que amássemos e conduzíssemos Seus filhos. Imagino que devemos ter gritado de alegria[12] em parte por causa da elevada condição que Ele nos proporcionou em Seu reino. O mundo não nos dirá isso, mas o Espírito, sim.

Não podemos desapontar o Senhor. E se chegar um dia em que venhamos a ser as únicas mulheres da Terra que consideram a maternidade nobre e divina, não importa, porque *mãe* será a palavra que definirá uma mulher justa que se tornou perfeita no mais alto grau do reino celestial, uma mulher que se qualificou para ter progresso eterno em descendência, sabedoria, alegria e influência.

Sei, sei com certeza, que essas doutrinas sobre nosso divino papel são verdadeiras e que, quando compreendidas, elas trarão paz e propósito a todas as mulheres. Minhas queridas irmãs a quem amo mais do que consigo expressar, ficarão à altura do desafio de serem mães nestes tempos perigosos, embora isso venha a prová-las até o limite de sua resistência, coragem e fé? Permanecerão constantes e imutáveis como mães em Israel e mulheres de Deus? Nosso Pai e Seu Filho Unigênito concederam-nos uma sagrada mordomia e uma coroa sagrada em Seu reino. Que possamos nos regozijar com isso. E que sejamos dignas de Sua confiança. Em nome de Jesus Cristo. Amém. □

NOTAS

1. "The Message of the First Presidency to The Church", *Improvement Era*, novembro de 1942, pp. 761.
2. Mosias 5:15.
3. Moisés 4:26.
4. Ver Alma 13: 2–4, 7–8.
5. Ver Spencer W. Kimball, "The Role of Righteous Women", *Ensign*, novembro de 1979, p. 102.
6. *Teachings of Gordon B. Hinckley*, Deseret Book [1997], p. 387.
7. *Matthew Cowley Speaks*, Deseret Book [1954], p. 109.
8. "Our Wives and Our Mothers in The Eternal Plan", *Relief Society Magazine*, dezembro de 1946, p. 801.
9. Moisés 5:11.
10. *Priesthood and Church Government*, comp. John A. Witsoe (1939), p. 85.
11. Hebreus 12:2.
12. Ver Jó 38:7.

"Sê o Exemplo"

Presidente Thomas S. Monson
Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

"Preencham sua vida com a verdade, seu coração com amor e sua vida com serviço."

Esta noite fomos inspirados pelas mensagens arrebatadoras da presidência geral da Sociedade de Socorro da Igreja. Seu apelo para que sejamos constantes e imutáveis é um conselho sábio, para enfrentarmos as provações de nossa época e, de fato, para sermos baluartes de constância em meio a um mar de mudanças.

Examinemos as palavras de sabedoria escritas pelo Apóstolo Paulo a seu estimado Timóteo:

"Mas o Espírito expressamente diz que nos últimos tempos apostatarão alguns da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores, e a doutrinas de demônios;

Pela hipocrisia de homens que falam mentiras, tendo cauterizada a sua própria consciência."[1]

Em seguida vem o chamado inspirador de Paulo a Timóteo — que se aplica igualmente a cada um de nós: "(. . .) sê o exemplo dos fiéis, na palavra, no trato, no amor, no espírito, na fé, na pureza".[2]

A vocês, queridas irmãs aqui reunidas no Centro de Conferências e em congregações espalhadas pelo mundo, vou dar uma fórmula com três componentes para que sirva como guia infalível para enfrentar esse desafio apresentado pelo Apóstolo Paulo:

1. Preencham sua mente com a verdade;

2. Preencham seu coração com amor;

3. Preencham sua vida com serviço.

Primeiro, *Preencham sua mente com a verdade*. Não encontramos a verdade quando estamos cercados pelo erro. A verdade é encontrada por meio de busca, estudo e ao viver a palavra revelada por Deus. Adotamos o erro quando nos misturamos com o erro. Aprendemos a verdade quando nos envolvemos com a verdade.

O Salvador do mundo instruiu: "(. . .) nos melhores livros buscai palavras de sabedoria; procurai conhecimento, sim, pelo estudo e também pela fé".[3] Ele acrescentou: "Examinais as Escrituras, porque vós cuidais ter nelas a vida eterna, e são elas que de mim testificam".[4]

Ele convida a cada um de nós "Aprende de mim e ouve minhas palavras; anda na mansidão de meu Espírito e terás paz em mim".[5]

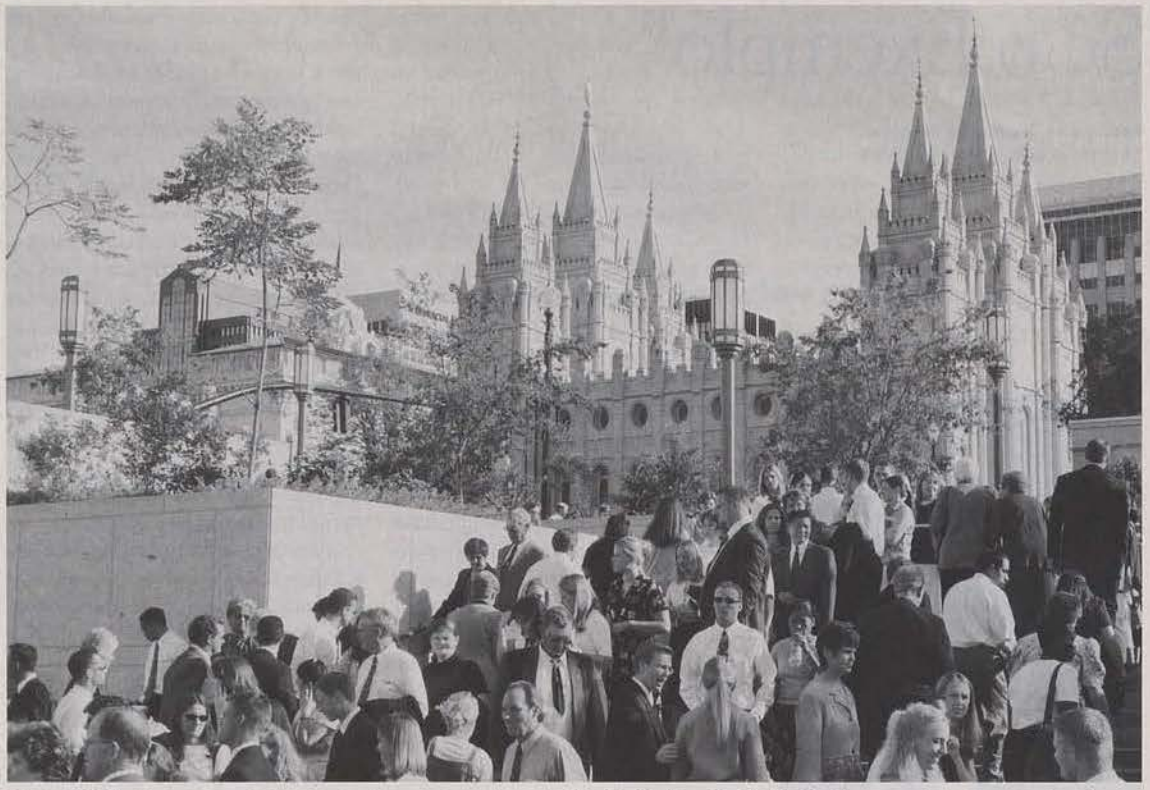
Uma pessoa que viveu na época dos pioneiros e exemplificou o desafio que recebemos esta noite para que sejamos constantes e imutáveis e que preenchia o coração, a mente e a alma com a verdade, foi Catherine Curtis Spencer. Seu marido, Orson Spencer, era um homem sensível e bem-educado. Ela crescera em Boston e era culta e refinada. Tinha seis filhos e sua pouca saúde piorou ainda mais devido à exposição ao frio e às dificuldades encontradas depois de deixarem Nauvoo. O élder Spencer escreveu aos pais dela e pediu-lhes se ela poderia voltar a viver com eles até que ele estabelecesse um lar para ela no oeste. A resposta deles foi: "Permita que renuncie à sua religião degradante e ela poderá retornar, mas nem um minuto antes que o faça".

A irmã Spencer não rejeitaria sua religião. Quando leram-lhe a carta dos pais, ela pediu ao marido que pegasse a Bíblia e lesse para ela o seguinte, no livro de Rute: "(. . .) Não me instes para que te abandone, e deixe de seguir-te; porque aonde quer que tu fores irei eu, e onde quer que pousares, ali pousarei eu; o teu povo é o meu povo, o teu Deus o meu Deus".[6]

Lá fora a tempestade estava violenta, a cobertura do carroção tinha goteiras e os amigos seguravam baldes sobre a cabeça da irmã Spencer para mantê-la seca. Nessas condições e sem qualquer reclamação, ela cerrou os olhos pela última vez.

Embora não precisemos, necessariamente, ser instados a sacrificarmos nossa vida, lembremo-nos de que Ele ouve nossas orações silenciosas. Ele, que observa as coisas que fazemos em segredo, irá abençoar-nos abertamente quando a necessidade surgir.

Vivemos em uma época turbulenta. O futuro, com freqüência, é desconhecido; portanto, é necessário que nos preparemos para as incertezas. As estatísticas revelam que em algum ponto, devido a doença ou falecimento do marido ou devido a necessidades econômicas, talvez se vejam no papel do provedor financeiro. Exorto-as a estudarem e a aprenderem profissões que estejam em demanda no mer-



Os participantes que entram e saem cruzam-se no exterior do Centro de Conferências e na rua que conduz à Praça do Templo.

cado de trabalho e que as ajude a conseguir um emprego se houver uma emergência.

Seus talentos irão expandir-se ao estudar e aprender. Poderão ajudar melhor seus filhos com os estudos e terão paz de espírito por saber que se prepararam para as eventualidades que venham a ocorrer na vida.

Para ilustrar a segunda parte de nossa fórmula — que é, "*Preencham seu coração com amor*" — recorro a um lindo relato encontrado no livro de Atos a respeito de uma discípula chamada Tabita, que vivia em Jope. Ela era descrita como sendo uma mulher "cheia de boas obras e esmolas que fazia."

"E aconteceu naqueles dias que, enfermando ela, morreu; e, tendo-a lavado, a depositaram num quarto alto.

E, como Lida era perto de Jope, ouvindo os discípulos que Pedro estava ali, lhe mandaram dois homens, rogando-lhe que não se demorasse em vir ter com eles.

E, levantando-se Pedro, foi com eles; e quando chegou o levaram ao quarto alto, e todas as viúvas o rodearam, chorando e mostrando as túnicas e roupas que Dorcas fizera quando estava com elas.

Mas Pedro, fazendo sair a todos, pôs-se de joelhos e orou: e, voltando-se para o corpo, disse: Tabita, levanta-te. E ela abriu os olhos, e, vendo a Pedro, assentou-se.

E ele, dando-lhe a mão, a levantou e, chamando os santos e as viúvas, apresentou-lha viva.

E foi isto notório por toda a Jope, e muitos creram no Senhor."[7]

Para mim a referência escriturística a Tabita, que a descreve como uma "mulher cheia de boas obras e esmolas que fazia", define algumas das responsabilidades fundamentais da Sociedade de Socorro; a saber, o alívio ao sofredor, o cuidado ao pobre e a tudo o que isso envolve. Mulheres da Sociedade de Socorro, vocês são verdadeiramente anjos de misericórdia. Isso é demonstrado em grande escala na ajuda humanitária ao desamparado, ao faminto e ao sofredor onde quer que sejam encontrados. Suas obras são vistas também, em grande destaque, em nossas alas, estacas e missões. Todo bispo na Igreja poderia testificar essa verdade.

Lembro-me de quando era diácono e percorria uma parte da ala na manhã do domingo de jejum entregando um pequeno envelope a cada família, aguardando a contribuição ser colocada nele e devolvendo o envelope ao bispo. Em uma dessas ocasiões, um membro idoso, o irmão Wright, deu-me as boas-vindas à sua porta e, com as mãos envelhecidas, abriu o envelope com dificuldade, colocando uma pequena quantia em dinheiro dentro

dele. Seus olhos brilhavam ao fazer a contribuição. Ele convidou-me para sentar e contou-me de uma época, muitos anos antes, em que sua despensa estava completamente vazia. Faminto, ele orara ao Pai Celestial pedindo alimento. Pouco depois, olhou pela janela e viu alguém aproximar-se de sua casa, puxando uma pequena carroça vermelha. Era a irmã Balmforth, presidente da Sociedade de Socorro, que puxara a carroça por quase um quilômetro sobre os trilhos do trem até a porta da casa dele. A carroça estava carregada com alimentos doados pelas irmãs da Sociedade de Socorro da ala, que a irmã Balmforth usou para encher as prateleiras da despensa na cozinha do irmão Wright. Ele descreveu-a para mim como "um anjo enviado pelo céu".

Irmãs, vocês são a síntese do amor. Vocês alegram seu lar, guiam os filhos com bondade; e apesar de seu marido ser o cabeça da família, vocês seguramente são o coração. Juntas, com respeito mútuo e compartilhando as responsabilidades, vocês formam uma equipe imbatível.

É significativo para mim que, quando os filhos necessitam de cuidados e de atenção, eles se voltam para vocês — a mãe deles. Até o filho indisciplinado ou a filha negligente, ao sentir a necessidade de voltar para a proteção da família, quase que inevitavelmente eles procuram a mãe, que nunca desistiu de seu filho ou de sua filha.

O amor da mãe revela o que há de melhor em um filho. Vocês se tornam o modelo que seus filhos seguirão.

A primeira palavra que uma criança aprende e pronuncia é, usualmente, a doce expressão "Mamã". É-me significativo que, quer nos campos de batalha ou durante a paz, freqüentemente, quando a morte está para roubar um filho, sua palavra final é normalmente "Mamãe". Irmãs, que papel nobre é o seu. Testifico que seu coração é preenchido com amor.

A terceira parte de nossa fórmula — a saber, *Preencham sua vida com serviço* — cito dois exemplos distintos. O primeiro destaca uma professora e a profunda influência que ela ainda tem na vida daquelas a quem ensinou, enquanto que o outro refere-se a um casal missionário cujo serviço ajudou a levar a luz do Evangelho àqueles que viviam na escuridão espiritual.

Há muitos anos havia uma jovem, Baur Dee Sheffield, que ensinava na Mutual. Ela não tinha filhos, embora ela e o marido sonhassem em tê-los. Seu amor era demonstrado por meio da dedicação às suas jovens queridas a quem, todas as semanas, ensinava verdades eternas e lições de vida. Então chegou a doença, seguida por seu falecimento. Ela tinha apenas vinte e sete anos de idade.

A cada ano, no dia de finados, suas jovens da Organização das Moças faziam uma peregrinação de oração até a sepultura da professora, deixando sempre flores e um cartão assinado "Para Baur Dee, de suas garotas". No início eram dez jovens que faziam isso, depois cinco e finalmente apenas uma, que continua a visita a cada finados, sempre colocando na sepultura um buquê de flores e um cartão, com a mesma inscrição "Para Baur Dee, de suas garotas".

Certo ano, quase vinte e cinco anos após o falecimento de Baur Dee, a única de "suas garotas" que continuava a visitar o túmulo dela, percebeu que estaria fora no dia de finados e resolveu visitar o túmulo alguns dias antes. Apanhou as flores, amarrou-as com uma fita, juntou um cartão e estava colocando sua jaqueta para sair quando a campainha da porta tocou. Ela abriu a porta e deparou-se com uma de suas professoras visitantes, Colleen Fuller, que disse estar tendo dificuldades de se reunir à sua companheira de professoras visitantes e resolvera ir sozinha e sem avisar às visitas, para completá-las antes do final do mês. Ao ser convidada a entrar, ela notou a jaqueta e as flores e desculpou-se por estar obviamente interrompendo algo que fora planejado.

"Não tem problema," foi a resposta. "Só estou a caminho do cemitério para colocar flores no túmulo da mulher que fora minha professora na Mutual e exerceu uma profunda influência em mim e nas outras jovens que ensinou. Originalmente cerca de dez de nós visitávamos seu túmulo todos os anos para expressar nosso amor e nossa gratidão a ela, mas agora eu represento o grupo."

Colleen perguntou: "O nome de sua professora teria sido Baur Dee?"

"Era sim," foi a resposta. "Como soube?"

Com emoção na voz, Colleen disse: "Baur Dee era minha tia — irmã de minha mãe. Todo dia de finados desde a sua morte, minha família encontrava um buquê de flores e um cartão com a inscrição das garotas de Baur Dee sobre o túmulo. Eles sempre quiseram saber quem eram essas garotas para que pudessem agradecer-lhes por se lembrarem de Baur Dee. Agora posso contar a eles".

Thornton Wilder, um autor americano, disse: "O maior tributo prestado aos mortos não é o pesar, mas a gratidão".

O segundo exemplo de vidas

preenchidas com serviço, com o qual encerrarei minha mensagem, é a experiência missionária de Juliusz e Dorothy Fussek, que foram chamados para uma missão de 18 meses na Polônia. O irmão Fussek nascera na Polônia. Ele falava a língua. Ele amava o povo. A irmã Fussek era inglesa, pouco conhecia a respeito da Polônia e nada sabia de seu povo.

Confiando no Senhor, iniciaram sua designação. As dependências onde viviam eram primitivas, o trabalho solitário, sua tarefa imensa. Uma missão ainda não havia sido plenamente estabelecida na Polônia. A designação dada aos Fussek era a de preparar o caminho para que a missão se expandisse e se tornasse permanente, para que outros missionários fossem chamados a servir, para que pessoas fossem ensinadas, conversos batizados, ramos organizados e capelas construídas.

O élder e a irmã Fussek se desesperaram diante da importância de sua designação? Nem por um segundo. Eles sabiam que o chamado vinha de Deus, oraram por Sua ajuda divina, e dedicaram-se com entusiasmo ao seu trabalho. Permaneceram na Polônia não por 18 meses, mas sim por cinco anos. Todos os objetivos estabelecidos foram cumpridos. E a certeza disso ocorreu em uma reunião dos Élderes Russell M. Nelson, Hans B. Ringger e eu, acompanhados pelo élder Fussek, com o Ministro Adam Woptka do governo polonês e o ouvimos dizer: "Sua igreja é bem-vinda aqui. Podem construir seus edifícios, podem enviar seus missionários. São bem-vindos na Polônia. Este homem", apontando para Juliusz Fussek, "serviu sua igreja bem, o mesmo aconteceu com a esposa dele. Podem agradecer pelo exemplo e pelo trabalho deles."

Como os Fussek, façamos o que devemos fazer no trabalho do Senhor. Então poderemos, juntamente com Juliusz e Dorothy Fussek, ecoar o Salmo: "O meu socorro vem do Senhor (. . .)".[8]

Minhas queridas irmãs, vocês são de fato "exemplos dos fiéis". Que o Pai Celestial abençoe cada uma de vocês, casadas ou sozinhas, em seu lar, em sua família, em sua vida — que possam merecer a saudação gloriosa do Salvador do Mundo: "Bem está, servo bom e fiel".[9] Por isso eu oro, assim como as abençôo, em nome de Jesus Cristo. Amém. □

NOTAS

1. I Timóteo 4:1–2.
2. I Timóteo 4:12.
3. D&C 88:118.
4. João 5:39.
5. D&C 19:23.
6. Rute 1:16.
7. Atos 9:36–42.
8. Salmos 121:2.
9. Mateus 25:21.

Participantes da conferência passam pela Praça do Templo a caminho do Centro de Conferências.

Eles Falaram para Nós

Relatório para as crianças da Igreja a respeito da 171ª Conferência Geral Semestral de 6 e 7 de outubro de 2001

Presidente Gordon B. Hinckley: Estes são tempos perigosos? São. Mas não há razão para temer. Podemos ter paz em nosso coração e paz em nosso lar. Podemos ser uma influência para o bem neste mundo, cada um de nós pode.

Presidente Thomas S. Monson, Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência: Que possamos, deste dia em diante fazer com que nosso coração esteja repleto de amor. Que possamos caminhar a segunda milha e incluir em nossa vida os solitários e deprimidos e os que sofrem por alguma razão.

Presidente James E. Faust, Segundo Conselheiro na Primeira Presidência: A maravilhosa mensagem da Expiação é o amor perfeito que o Salvador tem por todos nós. É um amor cheio de misericórdia, paciência, graça, eqüidade, longanimidade e, acima de tudo, perdão.

Presidente Boyd K. Packer, Presidente Interino do Quórum dos Doze Apóstolos: Amo este Livro de Mórmon: Outro Testamento de Jesus Cristo. Se o estudarmos, compreenderemos tanto o Velho Testamento quanto o Novo Testamento na Bíblia. Sei que ele é verdadeiro.

Élder Dallin H. Oaks do Quórum dos Doze Apóstolos: O Senhor ama todos os Seus filhos. Ele deseja que todos tenham a plenitude de Sua verdade e uma profusão de Suas bênçãos. Sabe quando eles estão prontos e deseja que ouçamos e atendamos Suas orientações ao compartilharmos Seu evangelho.

Élder Joseph B. Wirthlin do Quórum dos Doze Apóstolos: Sua única preocupação deve ser a de esforçarem-se para serem o melhor que puderem. E como fazer isso? Mantenham os olhos nas metas mais importantes da vida e sigam em sua direção passo a passo.

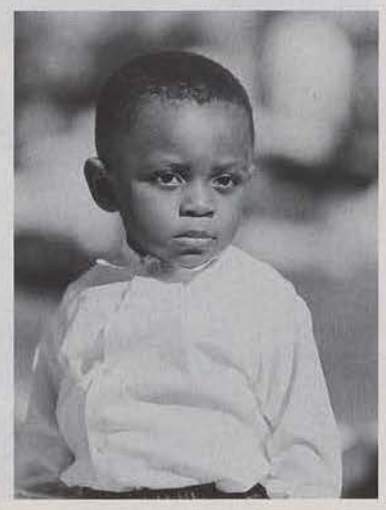
Élder Richard G. Scott do Quórum dos Doze Apóstolos: Para ter paz e segurança duradouras, em alguma ocasião da vida, em momentos muito serenos de reflexão, você precisa adquirir a certeza de que existe um Deus no céu que o ama, de que Ele está no comando e vai ajudá-lo. Essa convicção é a essência de um forte testemunho.

Élder Jeffrey R. Holland do Quórum dos Doze Apóstolos: Devemos pagar nossos dízimos e ofertas. Devemos pagá-los como expressão pessoal de amor por um Pai Celestial generoso e misericordioso. Por meio de Sua graça, Deus reparte o pão com o faminto e veste o pobre. Isso incluirá todos nós diversas vezes durante nossa vida.

Élder Henry B. Eyring do Quórum dos Doze Apóstolos: Se ponderarem sobre as escrituras e passarem a cumprir os convênios que fizeram com Deus, posso prometer que amarão a Deus e sentirão muito mais o Seu amor por vocês.

Élder H. Ross Workman dos Setenta: Deus abençoou Seus filhos com profetas para instruí-los em Seus caminhos e prepará-los para a vida eterna. (. . .) A obediência é fundamental para se receber as bênçãos do Senhor, mesmo que o propósito do mandamento não seja compreendido.

Bispo H. David Burton, Bispo Presidente: Entre os jovens, termos vulgares e grosseiros parecem fluir naturalmente ao se expressarem. Meus jovens amigos, agora é a hora de serem grandes e eliminarem essas palavras de seu vocabulário.(. . .) Busquem força com o Pai Celestial para sobrepujá-las. □



Ensinamentos para os Nossos Dias – 2002

As reuniões do Sacerdócio de Melquisedeque e da Sociedade de Socorro no quarto domingo deverão basear-se nos "Ensinamentos para os Nossos Dias". Todos os anos, a Primeira Presidência determina dez tópicos, com as respectivas referências, para serem utilizados nessas reuniões. A seguir, encontram-se os tópicos e referências designados para 2002. Mais dois tópicos deverão ser determinados pela presidência das estacas e distritos.

As discussões nas reuniões do quarto domingo devem pautar-se em uma ou talvez duas referências designadas que melhor se adaptem às circunstâncias e necessidades do quórum ou dos membros da classe; os professores não precisam usar todas as referências. Incentivamos os líderes e instrutores a não fazerem mera leitura ou apresentação durante essas oportunidades de discussão. Eles devem definir o melhor meio de motivar o quórum e os membros da classe a aplicarem os princípios discutidos. Para mais sugestões no preparo e desenvolvimento das discussões em classe, consulte o manual *Ensino, Não Há Maior Chamado* e o *Guia de Ensino*.

1. Jesus de Nazaré, Salvador e Rei

Mt. 1:18–21; At. 4:8–12; 3 Né. 11:7–17.

"Testemunhas Especiais de Cristo", *A Liahona*, abril de 2001, pp. 2–24 (vídeo opcional: *Testemunhas Especiais de Cristo*, código 53584 059).

Russell M. Nelson, "Jesus O Cristo: Nosso Mestre e Muito Mais", *A Liahona*, abril de 2000, pp. 4–19.

"Jesus Cristo, Nosso Alicerce Seguro", lição 1 do *Manual Básico da Mulher SUD, Parte B*.

2. Tornar-se Realmente Convertidos como Famílias e Indivíduos

Lc. 18:18–30; Mos. 4:6–7; 5:2; Al. 5:14–35.

Gordon B. Hinckley, "O Milagre da Fé", *A Liahona*, julho de 2001, pp. 82–85.

L. Tom Perry, "Discipulado", *A Liahona*, janeiro de 2001, pp. 72–74.

Dallin H. Oaks, "O Desafio de Tornar-se", *A Liahona*, janeiro de 2001, pp. 40–43.

"Caridade", capítulo 30 de *Princípios do Evangelho*.

3. Permanecer Fiéis ao Nosso Convênio Batismal

Mt. 3:13–17; 2 Né. 31:5–20; Mos. 18:7–10.

James E. Faust, "Nascer de Novo", *A Liahona*, julho de 2001, pp. 68–71.

Robert D. Hales, "O Convênio do Batismo: Estar no Reino e Ser do Reino", *A Liahona*, janeiro de 2001, pp. 6–9.

"Batismo, um Convênio Constante", lição 29 de *Deveres e Bênçãos do Sacerdócio, Parte A*.

4. Encontrar Felicidade e Paz por Intermédio da Expiação

Isa. 1:16–20; 2 Né. 9:18–21; Al. 34:14–16; 38:8–9; D&C 18:10–13.

Boyd K. Packer, "'O Toque da Mão do Mestre'", *A Liahona*, julho de 2001, pp. 25–28.

Richard G. Scott, "O Caminho da Paz e Alegria", *A Liahona*, janeiro de 2001, pp. 31–33.

"Arrependimento", capítulo 19 de *Princípios do Evangelho*.

5. Desenvolver um Testemunho das Verdades do Evangelho

Jo. 7:17; Al. 5:44–46; 32:27–28; Ét. 12:6; Morô. 10:4–5; D&C 6:20–23.

James E. Faust, "Um Testemunho Crescente", *A Liahona*, janeiro de 2001, pp. 69–71.

Joseph B. Wirthlin, "Testemunho Puro", *A Liahona*, janeiro de 2001, pp. 27–30.

"Um Testemunho do Evangelho de Jesus Cristo", lição 26 de *Deveres e Bênçãos do Sacerdócio, Parte A*.

6. Deixar aos Filhos uma Herança de Fé

Prov. 22:6; Mat. 5:13–16;

Tit. 2:1–8; 1 Né. 1:1; D&C 68:25–28.

Gordon B. Hinckley, "Conselhos e Oração do Profeta para os Jovens", *A Liahona*, abril de 2001, pp. 30–41.

David B. Haight, "Ser um Elo Forte", *A Liahona*, janeiro de 2001, pp. 23–25.

"A Família Pode Ser Eterna", capítulo 36 de *Princípios do Evangelho*.

7. Fortalecer o Lar e a Família Contra o Mal

Isa. 52:11; Jo. 15:1–4; Jacó 3:10–12; D&C 121:45.

Thomas S. Monson, "Pornografia – Inimigo Mortal", *A Liahona*, novembro de 2001, pp. 2–6.

Neal A. Maxwell, "As Tentações e Seduções do Mundo", *A Liahona*, janeiro de 2001, pp. 43–46.

"Pureza Moral", lição 34 de *Deveres e Bênçãos do Sacerdócio, Parte A*.

8. Participar do Serviço Missionário como Famílias e Indivíduos

Mc. 16:15; D&C 18:15–16; 34:4–6; 60:1–2; 88:81; 123:12.

M. Russell Ballard, "Os Membros São a Chave", *A Liahona*, setembro de 2000, pp. 12–21.

Jeffrey R. Holland, "'Ser-me-eis Testemunhas'", *A Liahona*, julho de 2001, pp. 15–17.

"A Obra Missionária", capítulo 33 de *Princípios do Evangelho*.

9. Encontrar e Apascentar as Ovelhas Perdidas do Senhor

Lc. 10:25–37; Ef. 2:19; Al. 31:34–35; D&C 18:15–16.

Thomas S. Monson, "Sua Viagem Eterna", *A Liahona*, julho de 2000, pp. 56–59.

Henry B. Eyring, "'Velai Comigo'", *A Liahona*, julho de 2001, pp. 44–47.

"Integração: Uma Responsabilidade do Sacerdócio", lição 10 de *Deveres e Bênçãos do Sacerdócio, Parte B*.

10. Receber as Bênçãos do Templo

Salm. 24:3–5; D&C 109:12–23; 110:6–10.

Boyd K. Packer, "O Templo Sagrado", *A Liahona*, junho de 1992, pp. 14–23.

Russell M. Nelson, "Preparação Pessoal para as Bênçãos do Templo", *A Liahona*, julho de 2001, pp. 37–40.

"Nossa Responsabilidade Quanto ao Templo e à História da Família", lição 8 de *Deveres e Bênçãos do Sacerdócio, Parte B*. □

Reuniões de Aprimoramento Pessoal, Familiar e Doméstico*

Ao planejar suas reuniões de aprimoramento pessoal, familiar e doméstico, avalie cuidadosamente as necessidades das irmãs. Se for o caso, assegure-se de que essas reuniões incluam aulas que ajudem a desenvolver habilidades na criação dos filhos e no relacionamento familiar. O *Guia da Família* (31180 059) e o *Manual do Instrutor do Curso de Relacionamento Conjugal e Familiar* (35865 059) podem ser utilizados como recursos e encontram-se à disposição nos centros de distribuição da Igreja.

Apresentações	Sugestão de Assuntos para as Mini-Aulas**
Desenvolvimento Espiritual (D&C 88:63)	• Adoração no templo • Oração pessoal e estudo das escrituras • Guardar o Dia do Senhor (D&C 59)
Habilidades Domésticas (Provérbios 31:27)	• Cultivo, preparação e conservação de alimentos • Organização e limpeza da casa • O Valor do trabalho
Relacionamento Conjugal e Familiar (Malaquias 4:6; Mosias 4:15)	• "A Família: Proclamação ao Mundo" (*A Liahona*, outubro de 1998, p. 24) • Noite familiar, oração familiar e estudo das escrituras • Ser pai e mãe
Fortalecer os Relacionamentos (Mateus 5:38–44; 25:40)	• Comunicação e resolução de conflitos • Arrependimento e perdão • Liderança eficaz
Autoconfiança (D&C 88:119)	• Armazenamento doméstico e preparação para emergências • Educação e administração de recursos • Saúde e higiene
Serviço (Provérbios 31:20; Mosias 4:26)	• Prestar serviço à família e aos vizinhos • Serviço na Igreja • Projeto de serviço comunitário
Saúde Física e Emocional (Mosias 4:27; D&C 10:4)	• Exercícios físicos e nutrição • Controle do estresse e recreação • Sentir gratidão e reconhecer as bênçãos do Senhor
Desenvolvimento Pessoal e Educação (D&C 88:118; 130:18–19)	• Bênção patriarcal • Desenvolver talentos e criatividade • Aprendizado em todas as idades
Alfabetização (Daniel 1:17; Moisés 6:5–6)	• Alfabetização no evangelho • Histórias e testemunhos escritos • Educação na primeira infância e literatura infantil
Arte e Cultura (D&C 25:12)	• Importância da música no lar • Literatura e belas artes • Entender outras culturas

* As diretrizes para as reuniões de aprimoramento pessoal, familiar e doméstico foram distribuídas com a carta da Primeira Presidência enviada em 20 de setembro de 1999.

** Os recursos contendo assuntos para as mini-aulas incluem o manual *Princípios do Evangelho* e o *Manual Básico da Mulher SUD, Parte A e Parte B*.

Guia de Recursos para o *Manual 3* do Sacerdócio Aarônico

Para ser utilizado em 2002, lições de 1 a 25

Os recursos a seguir podem ser utilizados para complementar, mas não substituir, as lições de 1 a 25. Pede-se que as lições sejam ministradas na ordem em que foram impressas. (A = *O Amigo*) *Nota: O manual não inclui uma lição específica para a Páscoa. Se você deseja dar uma aula especial na Páscoa (31 de março), sugerimos utilizar discursos de conferência, artigos e hinos que se relacionem com o Sacrifício Expiatório, a Ressurreição e a vida e missão do Salvador.*

Lição 1: A Trindade

Gordon B. Hinckley, "O Pai, o Filho e o Espírito Santo", *A Liahona*, março de 1998, pp. 2–9.

James E. Faust, "Que Te Conheçam, a Ti Só, por Único Deus Verdadeiro, e a Jesus Cristo", *A Liahona*, fevereiro de 1999, pp. 2–6.

S. Michael Wilcox, "'Não Terás Outros Deuses Diante de Mim'", *A Liahona*, fevereiro de 1998, pp. 26–33.

Lição 2: O Plano de Salvação

Joseph B. Wirthlin, "Um Tempo de Preparação", *A Liahona*, julho de 1998, pp. 14–16

Henry B. Eyring, "A Família", *A Liahona*, outubro de 1998, pp. 12–23.

John B. Dickson, "Os Dons Incomparáveis", *A Liahona*, outubro de 1999, pp. 18–24.

"Sou um Filho de Deus", *Hinos*, nº 193.

Lição 3: Filhos do Deus Vivente

Boyd K. Packer, "'Sois o Templo de Deus'", *A Liahona*, janeiro de 2001, pp. 85–88.

Russell M. Nelson, "Somos Filhos de Deus", *A Liahona*, janeiro de 1999, pp. 101–104.

"Eu Sei Que Deus Vive", *Hinos*, nº 195.

Lição 4: Tenho Capacidade e Liberdade de Escolher

Joseph B. Wirthlin, "A Escolha É Sua", *A Liahona*, novembro de 1998, pp. 46–48.

Richard G. Scott, "Faze o Bem", *A Liahona*, março de 2001, pp. 10–17.

"Faze o Bem, Escolhendo o Que É Certo", *Hinos*, nº 148.

Lição 5: "Como Caíste deste Céu, Ó Lúcifer!"

James E. Faust, "O Inimigo Interior", *A Liahona*, janeiro de 2001, pp. 54–57.

Richard C. Edgley, "Os Maçaricos de Satanás", *A Liahona*, janeiro de 2001, pp. 52–53.

Dennis Largey, "Não Adorar as Imagens de Escultura Modernas", *A Liahona*, março de 1998, pp. 16–23.

Lição 6: A Queda de Adão

Russell M. Nelson, "A Expiação", *A Liahona*, janeiro de 1997, pp. 35–38.

Dallin H. Oaks, "O Grande Plano de Felicidade", *A Liahona*, janeiro de 1994, pp. 78–81.

"O Conflito Mortal", *A Liahona*, setembro de 2001, pp. 30–31.

Lição 7: A Expiação Traz Vitória sobre a Morte e o Inferno

Gordon B. Hinckley, "A Maravilhosa e Verdadeira História do Natal", *A Liahona*, dezembro de 2000, pp. 2–6.

D. Todd Christofferson, "A Redenção dos Mortos e o Testemunho de Jesus", *A Liahona*, janeiro de 2001, pp. 10–13.

Richard D. Draper, "O Papel de Cristo como Redentor", *A Liahona*, dezembro de 2000, pp. 10–17.

Lição 8: A Ressurreição e o Julgamento

Gordon B. Hinckley, "Não Está Aqui, Mas Ressuscitou", *A Liahona*, julho de 1999, pp. 82–85.

Dallin H. Oaks, "A Ressurreição", *A Liahona*, julho de 2000, pp. 16–19.

"Vencer o Mundo", *A Liahona*, setembro de 2000, pp. 26–27.

Lição 9: Justiça e Misericórdia

Richard G. Scott, "O Caminho da Paz e da Alegria", *A Liahona*, janeiro de 2001, pp. 31–33.

Jeffrey R. Holland, "Vinde e Vede", *A Liahona*, agosto de 1998, pp. 44–48.

Lição 10: Uma Poderosa Mudança

James E. Faust, "Nascer de Novo", *A Liahona*, junho de 1998, pp. 2–6.

Dallin H. Oaks, "O Desafio de Tornar-se", *A Liahona*, janeiro de 2001, pp. 40–43.

Robert L. Millet, "Despojar-se do Homem Natural", *A Liahona*, agosto de 2000, pp. 6–10.

"Sim, Eu Te Seguirei", *Hinos*, nº 134

Lição 11: Fé Suficiente para Obter a Vida Eterna

James E. Faust, "O Escudo da Fé", *A Liahona*, julho de 2000, pp. 20–23.

Jeffrey R. Holland, "Como Pombas nas Janelas", *A Liahona*, julho de 2000, pp. 90–93.

Taylor Hartley, "A Prova de Minha Fé", *A Liahona*, outubro de 1999, pp. 40–42.

"Deve Sião Fugir à Luta?", *Hinos*, nº 183.

Lição 12: Arrependimento

Boyd K. Packer, "Purificados", *A Liahona*, julho de 1997, pp. 8–10.

Henry B. Eyring, "Não Deixem para Depois", *A Liahona*, janeiro de 2000, pp. 38–41.

"Como Encontrar a Paz Interior", *A Liahona*, junho de 2000, pp. 32–33.

"Vinde a Cristo", *Hinos*, nº 69.

Lição 13: Receber Perdão ao Perdoar

Gordon B. Hinckley, "'De Vós Se Requer Que Perdoeis'", *A Liahona*, novembro 1991, pp. 2–7.

Henry B. Eyring, "Para Que Sejamos Um", *A Liahona*, julho de 1998, pp. 76–78.

Yessika Delfin Salinas, "'Orai por Vossos Inimigos'", *A Liahona*, setembro de 2000, pp. 8–10.

Aurora Rojas de Álvarez, "Unidos pelo Perdão", *A Liahona*, outubro de 1999, pp. 44–46.

Roderick J. Linton, "Cultivar o Perdão", *A Liahona*, junho de 1998, pp. 28–33.

Lição 14: O Sacramento

Robert D. Hales, "Em Memória de Jesus", *A Liahona*, janeiro de 1998, pp. 28–30.

"Dar Valor ao Sacrifício do Salvador", *A Liahona*, junho de 2001, 26–27

"Como Sei Se Estou Tomando o Sacramento Dignamente?", *A Liahona*, abril de 1999, pp. 22–24.

Lição 15: Perseverar Até o Fim

Neal A. Maxwell, "Suportar Bem", *A Liahona*, abril de 1999, pp. 10–17.

Robert D. Hales, "'Eis Que Temos por Bem-Aventurados os Que [Perseveram]'", *A Liahona*, julho de 1998, pp. 83–86.

"Firmes Segui", *Hinos*, nº 41.

Lição 16: Jesus Cristo, a Vida e a Luz do Mundo

Russell M. Nelson, "Jesus o Cristo: Nosso Mestre e Muito Mais", *A Liahona*, abril de 2000, pp. 4–19.

Sharon G. Larsen, "Sua Luz no Deserto", *A Liahona*, julho de 1999, pp. 106–108.

"Jesus, Minha Luz", *Hinos*, nº 44.

Lição 17: O Espírito Santo

Boyd K. Packer, "Línguas Repartidas Como Que de Fogo", *A Liahona*, julho de 2000, pp. 7–10.

Sheri L. Dew, "Não Estamos Sós", *A Liahona*, janeiro de 1999, pp. 112–114.

"Santo Espírito de Deus", *Hinos*, nº 80.

Lição 18: Oração

Henry B. Eyring, "'Escreva em Meu Coração'", *A Liahona*, janeiro de 2001, pp. 99–102.

Julieta Arevyan de Álvarez, "Gratidão em um Dia de Chuva", *A Liahona*, maio de 2000, pp. 26–28.

"Com Fervor Fizeste a Prece?", *Hinos*, nº 83.

Lição 19: Jejum

Thomas S. Monson, "Construir Seu Lar Eterno", *A Liahona*, outubro de 1999, pp. 2–7.

Joseph B. Wirthlin, "A Lei do Jejum", *A Liahona*, julho de 2001, pp. 88–91.

Brigada Acosta de Pérez, "As Bênçãos do Jejum", *A Liahona*, outubro de 1999, pp. 46–48.

Diane K. Cahoon, "Um Milagre para a Irmã Stratton", *A Liahona*, maio de 1999, pp. A6–7.

Lição 20: Dízimo—Um Teste Espiritual

James E. Faust, "Abrir as Janelas do Céu", *A Liahona*, janeiro de 1999, pp. 67–70.

Theodor G. Baalman, "Pôr à Prova a Promessa do Senhor", *A Liahona*, dezembro de 1998, pp. 26–27.

"Eu Devo Partilhar", *Hinos*, nº 135.

Lição 21: O Papel do Quórum

M. Russell Ballard, "Estamos Acompanhando o Ritmo?", *A Liahona*, janeiro de 1999, pp. 6–9.

D. Todd Christofferson, "O Quórum do Sacerdócio", *A Liahona*, janeiro de 1999, pp. 47–49.

"Ó Élderes de Israel", *Hinos*, nº 203.

Lição 22: Deveres dos Sacerdotes

Thomas S. Monson, "O Sacerdócio: Um Poderoso Exército do Senhor", *A Liahona*, julho de 1999, pp. 56–59.

Dallin H. Oaks, "O Sacerdócio Aarônico e o Sacramento", *A Liahona*, janeiro de 1999, pp. 43–46.

Lição 23: Preparar-se para o Sacerdócio de Melquisedeque

Thomas S. Monson, "O Presente Determina o Futuro", *A Liahona*, janeiro de 1999, pp. 55–58.

Joseph B. Wirthlin, "Crescer no Sacerdócio", *A Liahona*, janeiro de 2000, pp. 45–49.

Jeffrey R. Holland, "'Santificai-vos'", *A Liahona*, janeiro de 2001, pp. 46–49.

Lição 24: Siga o Profeta

Gordon B. Hinckley, "Conselhos e Oração do Profeta para os Jovens", *A Liahona*, abril de 2001, pp. 30–41.

Clyde J. Williams, "Seguir o Profeta: Uma Perspectiva do Livro de Mórmon", *A Liahona*, junho de 2000, pp. 18–23.

"Vinde ao Profeta Escutar", *Hinos*, nº 10.

Lição 25: Todo Rapaz Deve Servir como Missionário

Thomas S. Monson, "Quem Honra a Deus É por Ele Honrado", *A Liahona*, janeiro de 1996, pp. 52–55.

Lance B. Wickman, "Você no Futuro", *A Liahona*, novembro de 2000, pp. 22–24.

"Chamados a Servir", *A Liahona*, agosto de 1999, pp. 26–31.

Janet Peterson, "Ainda Andando de Bicicleta", *A Liahona*, abril de 1999, pp. 26–28.

"Ó Filhos do Senhor", *Hinos*, nº 201. □

Guia de Recursos para o *Manual 3 das Moças*

Para ser utilizado em 2002, lições de 1 a 25

Os recursos a seguir podem ser utilizados para complementar, mas não substituir, as lições de 1 a 25. Pede-se que as lições sejam ministradas na ordem em que foram impressas. (A = *O Amigo*) *Nota: O manual não inclui uma lição específica para a Páscoa. Se você deseja dar uma aula especial na Páscoa (31 de março), sugerimos utilizar discursos de conferência, artigos e hinos que se relacionem com o Sacrifício Expiatório, a Ressurreição e a vida e missão do Salvador.*

Lição 1: Deus, o Pai

Gordon B. Hinckley, "O Pai, o Filho e o Espírito Santo", *A Liahona*, março de 1998, pp. 2–9.

James E. Faust, "Que Te Conheçam a Ti Só, por Único Deus Verdadeiro, e a Jesus Cristo", *A Liahona*, fevereiro de 1999, pp. 2–6.

S. Michael Wilcox, "'Não Terás Outros Deuses Diante de Mim'", *A Liahona*, fevereiro de 1998, pp. 26–33.

Lição 2: Conhecer o Salvador

Russell M. Nelson, "Jesus Cristo: Nosso Mestre e Muito Mais", *A Liahona*, abril de 2000, pp. 4–19.

Jeffrey R. Holland, "Vinde e Vede", *A Liahona*, agosto de 1998, pp. 44–48.

Sheri L. Dew, "Nossa Única Chance", *A Liahona*, julho de 1999, pp. 77–79.

"Vinde a Cristo", *Hinos*, nº 69.

Lição 3: Viver o Evangelho Diariamente

Jeffrey R. Holland, "'Não Rejeiteis Pois, a Vossa Confiança'", *A Liahona*, junho de 2000, pp. 34–42.

Laury Livsey, "Bem-Vindos à Escola Rizal", *A Liahona*, maio de 1998, pp. 10–15.

Linda Van Orden, "Pôr o Senhor em Primeiro Lugar", *A Liahona*, novembro de 1998, pp. 42–45.

Lição 4: Preparar-se para Ser uma Companheira Eterna

Gordon B. Hinckley, "Andar na Luz do Senhor", *A Liahona*, janeiro de 1999, pp. 115–118.

Richard G. Scott, "A Alegria de Viver o Grande Plano de Felicidade", *A Liahona*, janeiro de 1997, pp. 78–81.

"Casamento Celestial", *A Liahona*, outubro de 1998, p. 25.

Lição 5: Criar um Ambiente Espiritual no Lar

M. Russell Ballard, "Como Chama Inextinguível", *A Liahona*, julho de 1999, pp. 101–104.

"Como Posso Fazer com Que Meu Lar Seja Mais Feliz e Espiritual", *A Liahona*, agosto de 1998, pp. 26–28.

"Pode o Lar Ser Como o Céu", *Hinos*, nº 189.

Lição 6: A Responsabilidade Que a Mulher Tem de Ensinar

Gordon B. Hinckley, "Seu Maior Desafio, Mãe", *A Liahona*, janeiro de 2001, pp. 113–116.

Boyd K. Packer, "Ensinar as Crianças", *A Liahona*, maio de 2000, pp. 14–23.

Ronald L. Knighton, "Tornar-nos os Maiores Professores de Nossos Filhos", *A Liahona*, junho de 2001, pp. 36–45.

"Pai, Inspira-me ao Ensinar", *Hinos*, nº 143.

Lição 7: Nosso Propósito na Vida

Thomas S. Monson, "Sua Jornada Celestial", *A Liahona*, julho de 1999, pp. 114–116.

Russell M. Nelson, "Somos Filhos de Deus", *A Liahona*, janeiro de 1999, pp. 101–104.

"Aonde Mandares Irei", *Hinos*, nº 167.

Lição 8: Famílias Eternas

Henry B. Eyring, "A Família", *A Liahona*, outubro de 1998, pp. 12–23.

Alfonso Castro Vázquez, "'Quero uma Família Eterna'", *A Liahona*, agosto de 2000, pp. 26–28.

"As Famílias Poderão Ser Eternas", *Hinos*, nº 191.

Lição 9: Encorajar a Unidade Familiar

Thomas S. Monson, "Construir Seu Lar Eterno", *A Liahona*, outubro de 1999, pp. 2–7.

Henry B. Eyring, "Para Que Sejamos Um", *A Liahona*, julho de 1998, pp. 73–76.

Robert E. Wells, "Unir as Famílias Mistas", *A Liahona*, junho de 1999, pp. 28–35.

Tammy Munro, "Uma Leitura com

Ben", *A Liahona*, maio de 2000, pp. 10–12.

"Com Amor no Lar", *Hinos*, nº 188.

Lição 10: Incentivar Atividades Familiares Agradáveis

Primeira Presidência, "Carta da Primeira Presidência", *A Liahona*, dezembro de 1999, p. 1.

Paul J. Rands, "A Noite Familiar Não Precisa Ser Perfeita", *A Liahona*, agosto de 1999, pp. 44–47.

D. Ray Thomas, "Idéias para Fortalecer a Família", *A Liahona*, dezembro de 1999, pp. 30–32.

Lição 11: Relacionamento com os Parentes

Robert D. Hales, "Fortalecer as Famílias: Nosso Dever Sagrado", *A Liahona*, julho de 1999, pp. 37–40.

Dennis B. Neuenschwander, "Elos e Recordações Eternas", *A Liahona*, julho de 1999, pp. 98–100.

Lição 12: As Bênçãos do Sacerdócio

Boyd K. Packer, "O Que Todo Élder Deveria Saber e Toda Irmã Também", *A Liahona*, novembro de 1994, pp. 14–24.

Ray H. Wood, "'Sendo Feito Semelhante ao Filho de Deus'", *A Liahona*, julho de 1999, pp. 48–49.

Kerstin Saffer e Birgitta Strandberg, "O Leonardo Afogou-se", *A Liahona*, novembro de 1999, pp. 10–11.

Fuco Rey, "O Sacerdócio em Minhas Mãos", *A Liahona*, setembro de 1998, pp. 32–33.

Lição 13: O Sacerdócio Pode Abençoar as Famílias

Russell M. Nelson, "Pastores, Ovelhas e Mestres Familiares", *A Liahona*, abril de 1999, pp. 42–48.

D. Lee Tobler, "O Sacerdócio e o Lar", *A Liahona*, julho de 1999, pp. 51–52.

Lição 14: Temos um Maravilhoso Legado

Jeffrey R. Holland, "Como Pombas nas Janelas", *A Liahona*, julho de 2000, pp. 90–93.

Stephen B. Oveson, "Nosso Legado", *A Liahona*, janeiro de 2000, pp. 34–36.

"Um Anjo Lá do Céu", *Hinos*, nº 6.

Lição 15: As Bênçãos da Casa de Israel

James E. Faust, "'Sonda-me, Ó Deus e Conhece o Meu Coração'", *A Liahona*, julho de 1998, pp. 17–20.

Russell M. Nelson, "Filhos do Convênio", *A Liahona*, julho de 1995, pp. 33–37.

Marvin K. Gardner, "'A Um de uma Cidade, e a Dois de uma Família': O Início da Igreja em Chernigov, Ucrânia", *A Liahona*, abril de 1999, pp. 36–41.

Lição 16: A Investidura do Templo

Boyd K. Packer, "O Templo Sagrado", *A Liahona*, junho de 1992, pp. 14–23.

Julia Hardel, "Uma Viagem ao Templo", *A Liahona*, fevereiro de 1997, pp. 8–9.

Kuteka Kamulete, "Do Zaire para a Casa do Senhor", *A Liahona*, agosto de 1997, pp. 8–9.

Lição 17: Preparação para Ir ao Templo

James E. Faust. "A Eternidade Está em Nós", *A Liahona*, julho de 1997, pp. 18–21.

Barbara Jean Jones, "Vidas em Construção", *A Liahona*, novembro de 2000, pp. 8–13.

Tamara Leatham Bailey "Freqüentadora do Templo", *A Liahona*, maio de 1999, pp. 46–48.

Lição 18: O Casamento no Templo

Richard G. Scott, "Receber as Bênçãos do Templo", *A Liahona*, julho de 1999, pp. 29–31.

"Cuidar do Casamento", *A Liahona*, maio de 2000, p. 25.

"Casamento Celestial", *A Liahona*, outubro de 1998, p. 25.

Lição 19: Herança

David B. Haight, "Ser um Elo Forte", *A Liahona*, janeiro de 2001, pp. 23–25.

Richard G. Scott, "Remover as Barreiras à Felicidade", *A Liahona*, julho de 1998, pp. 95–97.

Donald L. Hallstrom, "Cultivar Tradições Virtuosas", *A Liahona*, janeiro de 2001, pp. 34–35.

Lição 20: Entender as Responsabilidades de um Missionário

L. Tom Perry, "Aceitar o Desafio", *A Liahona*, setembro de 1999, pp. 44–47.

Roger Terry, "Só Mais Um", *A Liahona*, março de 2000, pp. 46–48.

Laury Livsey, "Eu Irei e Cumprirei", *A Liahona*, fevereiro de 1998, pp. 8–11.

Lição 21: Aprender a Compartilhar o Evangelho

M. Russell Ballard, "Os Membros São a Chave", *A Liahona*, setembro de 2000, pp. 12–21.

Mary Ellen Smoot, "Somos Instrumentos nas Mãos de Deus", *A Liahona*, janeiro de 2001, pp. 104–107.

Shane Wise e Christie Giles, "Olhar e Ver", *A Liahona*, março de 2000, pp. 8–10.

Lição 22: Perspectiva Eterna

Jeffrey R. Holland, "'O Sumo Sacerdote dos Bens Futuros'", *A Liahona*, janeiro de 2000, pp. 42–45.

Jay. E. Jensen, "Mantenha a Perspectiva Eterna", *A Liahona*, julho de 2000, pp. 32–34.

"Vinde, Ó Santos", *Hinos*, nº 20.

Lição 23: Como Vencer a Oposição

Neal A. Maxwell, "As Tentações e Seduções do Mundo", *A Liahona*, janeiro de 2001, pp. 43–46.

L. Aldin Porter, "'Nós, Porém, Não Lhes Demos Atenção'", *A Liahona*, abril de 1999, pp. 30–34.

"Firmes Segui", *Hinos*, nº 41

Lição 24: Arbítrio

Joseph B. Wirthlin, "A Escolha É Sua", *A Liahona*, novembro de 1998, pp. 46–48.

Richard G. Scott, "Faze o Bem", *A Liahona*, março de 2001, pp. 10–17.

Sharon G. Larsen, "Livre-Arbítrio — Uma Bênção ou um Fardo", *A Liahona*, janeiro de 2000, pp. 12–14.

"Faze o Bem, Escolhendo o Que É Certo", *Hinos*, nº 148.

Lição 25: Obediência

James E. Faust, "Obediência: O Caminho Que Conduz à Verdadeira Liberdade", *A Liahona*, julho de 1999, pp. 53–56.

Robert D. Hales, "O Convênio do Batismo: Estar no Reino e Ser do Reino", *A Liahona*, janeiro de 2001, pp. 6–9.

Denalee Chapman, "As Três Perguntas", *A Liahona*, novembro de 2000, pp. 46–47. □

Presidência Geral das Auxiliares

ESCOLA DOMINICAL

Élder John H. Groberg
Primeiro Conselheiro

Élder Cecil O. Samuelson Jr.
Presidente

Élder Richard J. Maynes
Segundo Conselheiro

RAPAZES

Élder Glenn L. Pace
Primeiro Conselheiro

Élder F. Melvin Hammond
Presidente

Élder Spencer J. Condie
Segundo Conselheiro

SOCIEDADE DE SOCORRO

Irmã Virginia U. Jensen
Primeira Conselheira

Irmã Mary Ellen W. Smoot
Presidente

Irmã Sheri L. Dew
Segunda Conselheira

MOÇAS

Irmã Carol B. Thomas
Primeira Conselheira

Irmã Margaret D. Nadauld
Presidente

Irmã Sharon G. Larsen
Segunda Conselheira

PRIMÁRIA

Irmã Sydney S. Reynolds
Primeira Conselheira

Irmã Coleen K. Menlove
Presidente

Irmã Gayle M. Clegg
Segunda Conselheira

Mudanças nos Setenta, nos Rapazes e na Escola Dominical

As mudanças na Presidência dos Setenta, anunciadas previamente em junho de 2001, foram apoiadas pelos membros da Igreja durante a sessão da tarde de sábado da conferência. Além dessas mudanças, 9 membros dos Setenta foram desobrigados, 24 Setentas–Autoridades de Área foram desobrigados, 3 novos Setentas-Autoridades de Área foram chamados, e a presidência da Escola Dominical e a presidência dos Rapazes foram reorganizadas.

O Élder Charles Didier e o Élder Cecil O. Samuelson Jr., foram apoiados como novos membros da Presidência dos Setenta, substituindo o Élder L. Aldin Porter e o Élder Marlin K. Jensen. O Élder Porter foi desobrigado e recebeu a condição de emérito e o Élder Jensen foi chamado em agosto de 2001 para servir na Presidência de Área da Europa Central.

O Élder Samuelson foi apoiado como o novo presidente geral da Escola Dominical, tendo o Élder John H. Groberg e o Élder Richard J. Maynes como conselheiros. O Élder Jensen foi desobrigado do cargo de presidente geral da Escola Dominical juntamente com seus conselheiros o Élder Neil L. Andersen e o Élder John H. Groberg.

O Élder F. Melvin Hammond dos Setenta foi apoiado como o novo presidente geral dos Rapazes, tendo o Élder Glenn L. Pace e o Élder Spencer J. Condie como conselheiros. O Élder Robert K. Dellenbach, que vinha servindo como presidente geral dos Rapazes, foi chamado para servir na Presidência de Área das Ilhas do Pacífico em agosto. Ele foi desobrigado nesta conferência juntamente com seus conselheiros o Élder Hammond e o Élder John M. Madsen.

Além do Élder Porter, o Élder John K. Carmack, o Élder Vaughn J. Featherstone, o Élder L. Lionel Kendrick e o Élder Rex D. Pinegar foram desobrigados do Primeiro Quórum dos Setenta e receberam a condição de eméritos.

Também desobrigados como Autoridades Gerais encontram-se quatro membros do Segundo Quórum dos Setenta: o Élder Richard E. Cook, o Élder Wayne M. Hancock, o Élder Richard B. Wirthlin e o Élder Ray H. Wood. □

O Presidente Gordon B. Hinckley fala durante a cerimônia memorial realizada no Tabernáculo, em 14 de setembro de 2001.

A Igreja Oferece Consolo e Ajuda Humanitária após os Ataques Terroristas

Os líderes da Igreja ofereceram mensagens de paz e consolo após os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 em Nova York, Washington, D.C. e na Pensilvânia. Cinco santos dos últimos dias perderam a vida nos ataques.

Carolyn Meyer-Beug, 48, membro da Ala Santa Mônica II, Estaca Los Angeles Califórnia Santa Mônica, e a mãe, Mary Alice Wahlstrom, 75, da Ala Kaysville 17, Estaca Kaysville Utah Leste, estavam a bordo do primeiro avião que atingiu o World Trade Center na Cidade de Nova York. As duas mulheres estavam voltando para casa depois de levarem as filhas gêmeas da irmã Beug para a faculdade.

Ivhan Luis Carpio Bautista, 24, do Ramo Richmond Hill III, Distrito Richmond Hill Nova York, trabalhava em um restaurante do 107º andar de um dos edifícios do World Trade Center quando os ataques ocorreram. Ele planejara tirar o dia 11 de setembro de folga por ser seu aniversário, mas depois concordara em substituir um colega.

Brady Howell, 26, membro da Ala Crystal City, Estaca Mount Vernon Virgínia, e Rhonda Rasmussen, 44, da Ala Lake Ridge II, Estaca Mount Vernon Virgínia, morreram no ataque ao Pentágono em Washington, D.C. O irmão Howell, funcionário do governo, porém civil, trabalhava para a Marinha dos Estados Unidos. A irmã Rasmussen trabalhava como analista de orçamentos para o Departamento da Marinha. O marido, com quem estava casada há 26 anos também trabalhava no edifício, mas saiu ileso.

Pouco depois de ouvir a respeito dos ataques, a Primeira Presidência emitiu um comunicado expressando "profundo pesar por aqueles cujos entes queridos, amigos e conhecidos foram mortos ou feridos nos atos de violência insensatos de hoje. Oferecemos nossas orações em prol das vítimas inocentes desses ataques maldosos. Pedimos a nosso Pai Celestial que guie o Presidente [dos E.U.A.], [George W.] Bush e seus assessores na resposta a esses incidentes devastadores.

Unimo-nos a outros em orações para que a paz e o amor do Salvador nos console e guie durante este momento difícil".

Na noite de 11 de setembro, o Presidente Gordon B. Hinckley falou durante um concerto do Coro do Tabernáculo Mórmon que se transformou em uma reunião em homenagem às vítimas. "Apesar de ser um momento sombrio", disse o Presidente da Igreja, "e muito embora possamos estar envolvidos pelas nuvens de medo e ira, ainda podemos sentir a solene e maravilhosa presença do Salvador. É para Ele que nos voltamos nestas circunstâncias".

O Presidente Hinckley transmitiu mensagens semelhantes de fé e consolo tanto quando participou do programa *Larry King Live* como na reunião em memória às vítimas no Tabernáculo de Salt Lake no dia 14 de setembro, dia em que o Presidente Bush estabeleceu como sendo um dia nacional de oração e recordação. "Não podemos trazer os mortos de volta", disse o Presidente Hinckley, mas podemos "pedir a nosso Pai Celestial que leve consolo e alívio àqueles que têm sofrido tanto". Ele expressou também a esperança de que o Pai Celestial apressasse o dia em que os homens converteriam as espadas em arados e "[não aprenderiam] mais a guerrear". (Ver Isa. 2:4.) Também participando dessa reunião em memória às vítimas, estavam a Primeira Presidência e o Quórum dos Doze Apóstolos, outras Autoridades

Gerais e o Coro do Tabernáculo. A reunião foi transmitida para as capelas da Igreja nos Estados Unidos.

Em 20 de setembro o Presidente Hinckley e outros 26 líderes religiosos reuniram-se com o Presidente Bush na Casa Branca a convite do presidente dos Estados Unidos. "Jamais me senti tão forte", disse o Presidente Bush, "e essa força vem de Deus". Ele pediu que as pessoas orassem pela segurança da nação e para que ele fosse abençoado com sabedoria, força e clareza de pensamento.

Quando o Presidente Bush pediu que as pessoas lá reunidas se pronunciassem, o Presidente Hinckley declarou: "Quero que saiba, sr. Presidente, que o apoiamos. Oramos pelo senhor. Nós amamos esta 'nação guiada por Deus'".

Por solicitação da Primeira Presidência, as unidades da Igreja nos Estados Unidos realizaram uma reunião especial em homenagem às vítimas no domingo 16 de setembro. Por todo o mundo, os membros da Igreja estenderam a mão com amor e serviço aos que haviam perdido seus entes queridos. Muitos membros receberam em sua casa e nas capelas as pessoas que ficaram em dificuldades em Nova York e em aeroportos.

Os fundos de ajuda humanitária que a Igreja doou para a Cruz Vermelha americana foram usados amplamente para contribuir nos trabalhos de busca e resgate, com abrigos e alimentos de emergência e em outras necessidades. A sede local da Cruz Vermelha em Salt Lake usou parte do dinheiro para ajudar viajantes em dificuldade em Salt Lake City a conseguirem alimento e abrigo. Uma ajuda adicional foi também dada às famílias de vítimas na cidade de Nova York.

Em 9 de outubro, a Primeira Presidência aprovou a distribuição de cobertores, *kits* de higiene, suprimentos médicos e *kits* de recém-nascidos para os refugiados afegãos. □

A *home page* www.mormon.org oferece aos visitantes inúmeras opções para obter respostas acerca da Igreja.

Compartilhar o Evangelho por meio de Novo *Site* na *Web*

A Igreja tem um novo recurso para ajudar a propagar o evangelho. Um *site* oficial da Igreja na *web*, **www.mormon.org**, permite que as pessoas aprendam mais a respeito do evangelho pesquisando por conta própria em total anonimato.

O *site*, anunciado em 5 de outubro de 2001, foi mencionado pelo Élder Dallin H. Oaks do Quórum dos Doze Apóstolos durante a conferência geral. "Por seu potencial, esse novo recurso é tão empolgante quanto a publicação de folhetos no século XIX ou o uso do rádio, televisão e filmes no século XX", disse o Élder Oaks durante a conferência. "(. . .) Para os membros da Igreja, ele ajudará a responder as perguntas dos amigos, diretamente ou indicando-lhes o *site*".

Três dias após o anúncio do **mormon.org**, o *site* registrou 93.433 acessos, incluindo 151 solicitações de uma cópia do Livro de Mórmon e 36 solicitações para visitas dos missionários. Os usuários eram da África, Ásia, Austrália, Pacífico Sul, Caribe, Europa, Oriente Médio, e Américas do Norte, Sul e Central.

Mormon.org utiliza uma combinação de elementos audiovisuais e textos escritos para explicar os princípios básicos da Igreja em termos simples e diretos. O sumário é dividido em quatro categorias principais: a Igreja, as famílias, a natureza de Deus e o propósito da vida.

As conexões automáticas para assuntos relacionados em cada categoria levam a informações básicas a respeito do assunto; outras conexões levam a assuntos relacionados e a segmentos de áudio ou vídeo de vídeos da Igreja e discursos feitos por um membro da Primeira Presidência ou do Quórum dos Doze Apóstolos. As pessoas que quiserem aprender mais podem solicitar um encontro com os missionários, literatura ou fitas de vídeo da Igreja, ou podem utilizar o localizador de capelas (atualmente disponível para os Estados Unidos e Canadá) para localizar a congregação mais próxima de sua residência.

Outras informações disponíveis em **mormon.org** incluem respostas a questões freqüentes relativas a temas sociais, teologia e normas da Igreja; recursos para pais, relações familiares e comunicação; uma ferramenta de busca e um glossário para auxiliar os usuários a compreenderem os termos do evangelho.

Os membros da Igreja podem utilizar o *site* para enviar as páginas da *Web* via correio eletrônico a um amigo ou enviar cartões eletrônicos com temas do evangelho gratuitamente.

Mormon.org está disponível atualmente somente em inglês, mas os líderes da Igreja informam que o *site* estará disponível em muitas línguas no futuro. □

***O Batismo de Cristo*, de Robert T. Barrett**

"Então veio Jesus da Galiléia ter com João, junto do Jordão, para ser batizado por ele. Mas João opunha-se-lhe, dizendo: Eu careço de ser batizado por ti, e vens tu a mim? Jesus, porém, respondendo, disse-lhe: Deixa por agora, porque assim nos convém cumprir toda a justiça. Então ele o permitiu." (Mateus, 3:13–15)

"Nossa segurança repousa na virtude de nossa vida. Nossa força reside em nossa retidão. Deus deixou bem claro que se não O abandonarmos, Ele não nos abandonará."

— Presidente Gordon B. Hinckley,
Tarde de sábado,
7 de outubro de 2001

RELATÓRIO DA 171ª
CONFERÊNCIA GERAL SEMESTRAL
6 E 7 DE OUTUBRO DE 2001

22981 059